SARA ESTER

DIGA meu NOME

Eu vou DEVORAR tudo o que você me der,
e ROUBAR tudo o que se recusa a entregar

Copyright © 2025 Sara Ester
Revisão: Sara Ester
Capa: Babi Dameto
Diagramação: Babi Dameto

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa na pessoa de seu editor
(Lei 9.610 de 19/02/1998).
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.
Todos os direitos desta edição reservados pela autora.

Para você, que não resiste a um protagonista tóxico, impiedoso, intenso e capaz de ultrapassar todos os limites, até os que ninguém ousaria tocar...

Seja bem-vinda, querida leitora.Nolan Sullivan está à sua espera.

E ele não tem intenção de ser gentil.

"Diga Meu Nome" é o primeiro livro da série **Herdeiros Irlandeses**, uma série de histórias independentes, onde cada volume poderá ser lido separadamente. Embora, ao conhecer um dos herdeiros, você provavelmente vá querer descobrir mais sobre todos.

Neste início, somos apresentados a **Lila e Nolan**, dois adolescentes marcados por sentimentos profundos e feridas mal cicatrizadas. Lila tem um passado misterioso, pesado demais para sua idade. Ela é doce, sensível e vive com o constante receio de decepcionar o pai, o que a torna cautelosa, quase retraída diante das próprias vontades.

Nolan, por outro lado, tem tudo o que muitos desejam: nome, dinheiro, fama, e um histórico de pegador. Mas por trás da imagem de herdeiro popular, há um garoto que só quer uma coisa: **Lila**.

Mais do que tê-la, Nolan quer que ela **lembre**.

Do quê? Bom… isso, você vai precisar descobrir pelas páginas.

Dedicatória

Aviso

Sumário

Prólogo

Lila Byrne

1

Lila Byrne

2

Lila Byrne

3

Nolan Sullivan

4

Lila Byrne

5

Lila Byrne

8

Nolan Sullivan

9

Lila Byrne

10

Lila Byrne

11

Nolan Sullivan

12

Lila Byrne

13

Lila Byrne

14

Nolan Sullivan

15

Lila Byrne

16

Nolan Sullivan

17

Lila Byrne

18

Nolan Sullivan

19

Lila Byrne

20

Nolan Sullivan

21

Lila Byrne

22

Nolan Sullivan

23

Lila Byrne

24

Nolan Sullivan

25

Lila Byrne

26

Nolan Sullivan

27

Lila Byrne

28

Lila Byrne

29

Nolan Sullivan

30

Lila Byrne

31

Nolan Sullivan

Epílogo

Lila Byrne

Curiosidades

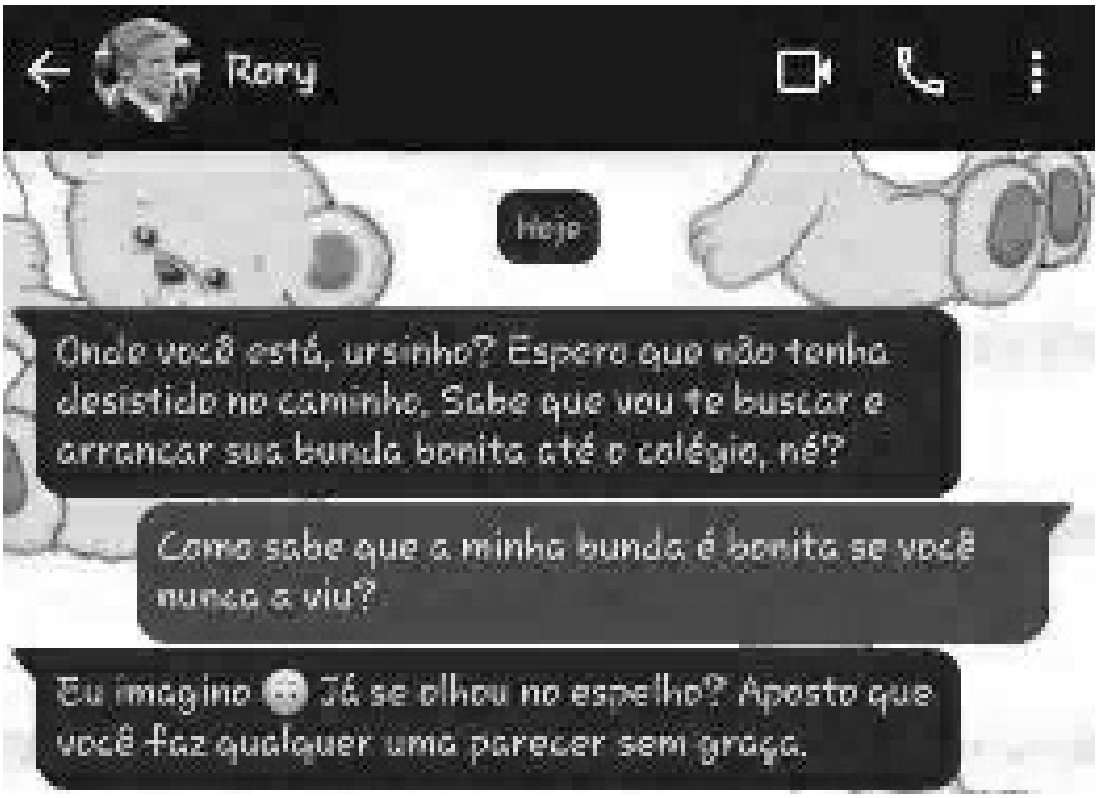
Agradecimentos

Patética.

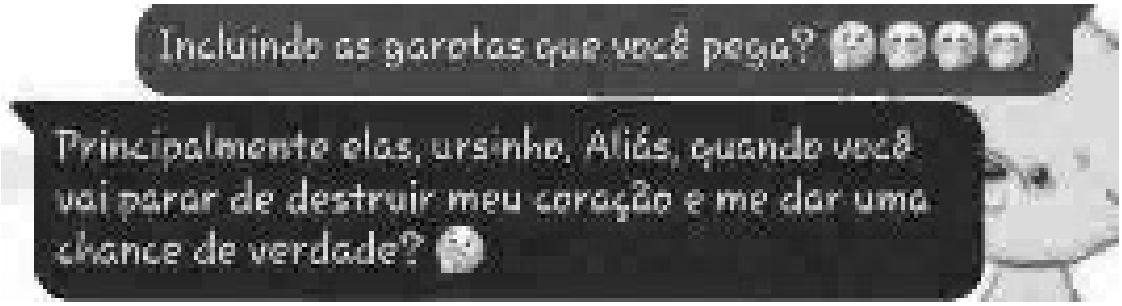
Não conseguia encontrar outra palavra para me descrever naquele instante, enquanto minhas mãos permaneciam firmes no volante e eu me afundava no banco do carro já fazia mais de quinze minutos.

Quando cheguei, o estacionamento estava cheio, mas agora, com alguns alunos se dissipando, ficou claro que o início das aulas estava se aproximando.

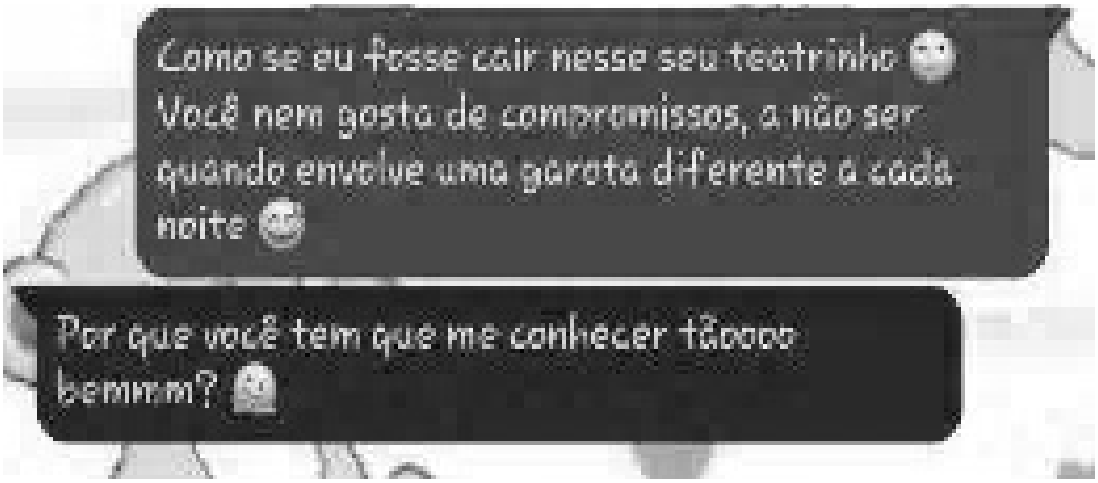
Meu celular vibrou no bolso, fazendo-me sobressaltar. Respirei fundo e com um suspiro baixo, tirei o aparelho, lançando um olhar rápido para a tela. Um sorriso involuntário se formou em meus lábios cobertos de batom suave ao ver o nome de Rory.


Rory
Hoje
Onde você está, ursinho? Espero que não tenha desistido no caminho. Sabe que vou te buscar e arrancar sua bunda bonita até o colégio, né?
Como sabe que a minha bunda é bonita se você nunca a viu?
Eu imagino 😁 Já se olhou no espelho? Aposto que você faz qualquer uma parecer sem graça.

Minhas bochechas esquentaram com o elogio gratuito.


Incluindo as garotas que você pega? 😒😒😒😒
Principalmente elas, ursinho. Aliás, quando você vai parar de destruir meu coração e me dar uma chance de verdade? 😔

Revirei os olhos.


Como se eu fosse cair nesse seu teatrinho
Você nem gosta de compromissos, a não ser quando envolve uma garota diferente a cada noite
Por que você tem que me conhecer tãoooo bemmm?

Ri baixinho, enquanto finalmente reunia coragem para pegar minha mochila, abrir a porta e sair do carro.

Enchi os pulmões com o ar fresco e ergui o olhar para a vasta propriedade à minha frente. A brisa suave trazia consigo o cheiro da grama recém-cortada, misturado ao aroma de café da cafeteria próxima.

Avondale era tão grande que meus olhos mal conseguiam acompanhar sua extensão. Na verdade, o colégio acoplava o ensino primário, médio e superior. E isso explicava os vários edifícios em diferentes estilos arquitetônicos, alguns clássicos, outros modernos.

O prédio principal, imponente, exibia uma fachada de arenito e telhados de ardósia, mesclando o charme tradicional irlandês com um toque contemporâneo. As janelas altas e arqueadas refletiam a luz do sol, criando um brilho quase encantado, como se o lugar tivesse saído de um conto de fadas.

Meu celular vibrou outra vez, mas decidi ignorar. Provavelmente era mais uma mensagem de Rory.

Minha amizade com ele não era das mais antigas, porém, tinha se tornado importante para mim, especialmente pelas circunstâncias que nos uniu. O pai dele era um juiz respeitado na cidade, enquanto o meu trabalhava como advogado.

Rory estudava em *Avondale* há alguns anos, mas curiosamente, ele se mudou para Dublin logo depois que eu fui embora. Ainda assim, minha memória era uma névoa densa quando se tratava do passado.

Mesmo tendo crescido ali e vivido em Dublin até os sete anos, não consegui conservar quase nada. Depois do acidente, minha mente simplesmente bloqueou boa parte dessas lembranças. Minha terapeuta dizia que era um mecanismo de proteção, uma forma do cérebro de me poupar do que, talvez, eu ainda não estivesse pronta para encarar.

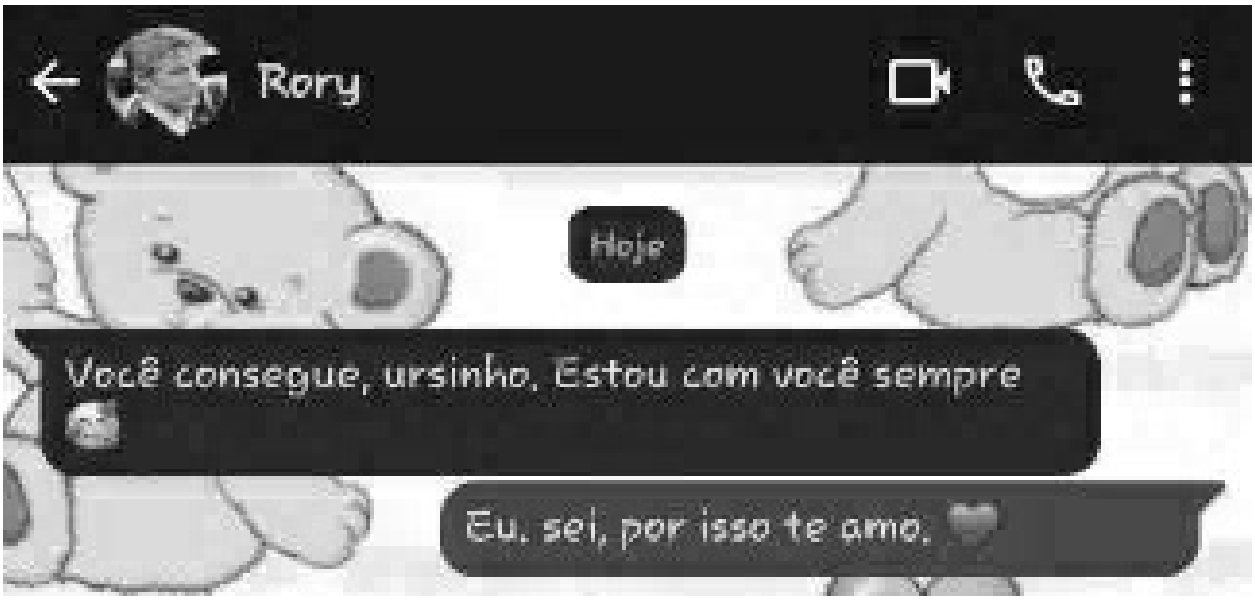
Proteção contra a dor de perder minha mãe.

Ajustei a mochila no ombro e caminhei em direção a entrada doprédio principal, mantendo uma postura firme, apesar do desejo de sair correndo. Este era o colégio onde estudei até meus pais decidirem mudar da cidade, ainda na minha infância. Dez anos longe. E apenas oito meses desde que saí da clínica psiquiátrica.

Papai me assegurou que ninguém ali sabia dessa parte feia da minha vida; ele sempre fazia questão de abafar qualquer informação que pudesse vazar para a mídia. Essas situações me deixavam com um nó no estômago. Eu odiava ser um fardo. Odiava decepcioná-lo.

O som de risadas e conversas ao redor me puxou de volta para a realidade. Estudantes passavam por mim, alguns acenando amigavelmente, outros imersos em suas próprias vidas. Eu me esforçava para manter uma expressão neutra, tentando esconder o turbilhão de sentimentos que fervilhava dentro de mim.

Meu celular vibrou de novo. Decidi verificar dessa vez. Era Rory, como eu já esperava.



Suspirei, enquanto caminhava em direção a um dos anexos ao redor do prédio principal, que abrigava vários pavilhões dedicados a diferentes áreas de estudo. Com a cabeça baixa, acelerei o passo, buscando me tornar invisível diante de todos ao meu redor. Esse era o ano do meu retorno, mas, por sorte, o último antes de focar na faculdade.

O toque repentino do meu celular me fez piscar, arrancando-me dos pensamentos. No impulso de silenciá-lo, meus dedos falharam, e o aparelho escorregou das mãos, caindo no chão com um estalo seco. Abaixei-me apressada para pegá-lo, mas parei no mesmo instante, arfando ao ver um pé firme pressionar o telefone, impedindo que eu o alcançasse.

Ergui o olhar e me deparei com o par de olhos azuis mais intensos que já tinha visto. O dono deles, um *cara* alto e de porte atlético, parecia se divertir com o meu desconforto.

Levantei-me, desviando os olhos para os outros que o acompanhavam. Cinco *caras*. Dois deles eram idênticos, e por um segundo, pensei estar alucinando ao ver duplicações.

Lutei para manter a calma, apesar da estranha sensação que se alojou dentro de mim, como pequenas formigas me pinicando.

— Você pode tirar o pé do meu celular, por favor? — praticamente rosnei.Estava à beira de gritar com aquele filhinho de papai.

Ele ergueu uma sobrancelha, e um sorriso arrogante curvou seus lábios. Havia um piercing no seu nariz, e um brinco em uma das orelhas. Sua altura ficou bem mais evidente quando aprumei o corpo na frente dele.

O cabelo estava ligeiramente bagunçado, alguns fios caindo sobre a testa. Cruzou os braços sobre o peito musculoso, sem desviar o olhar do meu, como se estivesse me analisando, me reduzindo a algo que lhe pertencia.

E por alguns segundos, tive a sensação de que sim, eu era dele. *Que merda é essa?*

Seus amigos apenas observavam, sem esboçar nenhuma reação.

— E por que eu faria isso? — retrucou, sua voz reverberando em minhas entranhas. Por instinto, dei um passo para trás.

Fiquei boquiaberta com sua ousadia.

— Como assim, por quê? — minha voz se elevou, indignada. Todos usavam o uniforme do colégio: calça social cinza, camisa branca e um blazer com detalhes em azul nas mangas e lapelas. — O celular é meu! Você está danificando ele.

Um dos gêmeos, com olhos curiosos, interveio:

— Você é nova aqui?

Era angustiante o peso dos olhares de todos eles sobre mim.

— Não exatamente — respondi, num esforço para soar indiferente. — Só estive fora por um tempo.

O outro gêmeo sorriu de um jeito leve, mesmo diante da situação inusitada.

— Bem-vinda de volta. Sou Tyler, o mais simpático do grupo. — Ele piscou de forma brincalhona. — E este é meu irmão, Elijah.

— Sou Noah — disse o outro, com os mesmos olhos do idiota que ainda mantinha meu celular preso sob o pé. — E aquele é Ross — acrescentou, apontando para o último do grupo, que acenou de modo gentil.

— Agradeço pelas apresentações, mas será que vocês podem convencer o babaca aqui a tirar o pé de cima do meu celular? — Evitei olhar diretamente para ele, mas era difícil me livrar da sensação de estar sendo observada.

Ouvi quando ele estalou os lábios e olhou brevemente para seus amigos, que ignoraram minha súplica. No fundo, nem me surpreendi.

— Vocês podem ir na frente — disse ele ao grupo. — Eu os alcanço em breve.

— Sério, cara? — indagou Elijah, com um ar entediado. — Que jogo você está armando agora, Nolan?

Então, Nolan era o nome do cretino.

— Isso não te interessa! — rosnou, visivelmente irritado.

— Tão encantador quanto sempre — murmurou Ross, lançando-me um olhar diferente. — Boa sorte, garota. Você vai precisar. — Ele riu, passando por mim junto com os outros.

— O quê? Por que está dizendo isso? — balbuciei, desejando entender, mesmo enquanto ele se afastava.

Ross olhou para mim uma última vez.

— Porque, pelo visto, você virou o novo alvo do meu primo psicopata. — Sua risada aumentou, e um arrepio percorreu minha espinha, mas eu me obriguei a permanecer altiva.

Sozinha com Nolan, respirei fundo, sem me deixar intimidar pelo seu olhar penetrante. Antes que eu pudesse reagir, ele se abaixou e pegou meu celular.

— Me devolve. — Ameacei pegar o aparelho, mas ele recuou a mão rapidamente.

— O que eu ganho em troca? — perguntou em desafio.

Franzi o cenho, sentindo a irritação borbulhar nas veias. Cruzei os braços, frustrada por estar passando por aquilo logo no meu primeiro dia. Fiquei ainda mais incomodada quando percebi

seus olhos deslizando pelo meu corpo, parando nas minhas pernas cobertas pela meia-calça preta. A saia do uniforme ia até a metade das minhas coxas, e a camisa branca estava perfeitamente ajustada, com o blazer completando o conjunto.

— Você tem algum problema? — questionei, minha paciência se esgotando.

Ergueu a sobrancelha e um sorriso malicioso surgiu em seu rosto.

— Tenho — respondeu, com um tom de provocação. — Vários. — Deu um passo em minha direção, e eu recuei. — E um deles é você, Lila.

Ofeguei, mal processando suas palavras.

A altura dele, somada àquela aura sombria que parecia emanar de cada parte de seu corpo, começou a me sufocar, e instintivamente levei a mão ao pescoço. Odiei o jeito como ele seguiu meu movimento com os olhos, interessado no que eu queria esconder.

— *Co-como* você sabe meu nome? — Odiei que minha voz tenha soado trêmula, porque me senti ridiculamente frágil.

Aquele sorriso insano apareceu de novo em seus lábios. Por que eu tinha aquela estranha sensação de conhecê-lo de algum lugar?

— Temos duas opções, Lila — ignorou minha pergunta por completo. Na verdade, ele parecia não dar a mínima para qualquer coisa que eu dizia. — Primeira: você diz o *meu* nome. Segunda: você me deixa tocar sua cicatriz. — Seus olhos se fixaram no meu pescoço, e eu não consegui conter o arfar desesperado.

Como ele sabia da cicatriz?

Na mesma hora, tentei cobri-la com o colarinho da camisa. Minhas mãos tremiam; meu corpo inteiro estava em pânico, e eu olhava ao redor, esperando ver algum professor ou até mesmo o Rory.

— Nolan — soprei, a voz quase se perdendo num arfar. De algum jeito, a presença dele me deixava bem desnorteada. — Seu nome é Nolan.

Meu desespero se intensificou ao vê-lo balançar a cabeça, negando. Parecia... decepcionado? Ele ainda segurava meu celular, sua mão enorme envolvendo o aparelho. *Droga!* O cretino era enorme e... cheirava bem. Por que, raios, eu estava notando isso?

— Podemos tentar a outra opção, se preferir. — Esticou a mão em direção ao meu pescoço, e eu recuei como um gato assustado, sentindo meu coração bater fora de controle.

Eu devia estar pálida, suada e desnorteada.

— Vou direto ao diretor! — Apontei um dedo para aquele rosto irritantemente bonito. — Isso é apropriação indébita!

Voltou a rir, um som baixo e perturbador que fez minha pele se arrepiar.

— Boa sorte com isso. — Deu um passo para trás, ainda segurando meu celular.

— Não estou brincando! — exclamei, desejando soar perigosa, mesmo com minha voz falhando. — Você não pode simplesmente intimidar as pessoas desse jeito.

— Intimidar? — Seus olhos brilharam com uma intensidade quase hipnótica. — Isso é só o começo.

Engoli em seco, um novo arrepio percorrendo minha pele. Eu precisava sair dali, mas meus pés pareciam grudados no chão.

Nolan se inclinou, aproximando o rosto perigosamente perto do meu, a ponto de eu sentir seu hálito quente contra minha pele. Menta. Ele cheirava a menta. Por um instante, seus olhos examinaram meus traços.

— Diga *meu* nome, Lila — pediu, seu timbre agora pesado de uma emoção diferente, mais suave.

Meu peito subia e descia numa velocidade assustadora, e eu tinha certeza de que ele podia ouvir minha respiração áspera. O cheiro de menta misturava-se com seu perfume amadeirado, criando uma combinação sufocante.

— Nolan — repeti, mal conseguindo formar o som.

Ele fechou os olhos por um segundo, parecendo desapontado, mas manteve a mão firme no meu braço. Seu perfume parecia me cercar, sufocante e inebriante.

— Que pena.

Havia uma dor evidente em sua voz, algo que não consegui entender.

— Por favor, devolva meu celular. Eu prometo que não vou contar a ninguém.

Aquele sorriso cruel voltou aos seus lábios, e eu engoli em seco quando ele me puxou para mais perto, nossos corpos se tocando. O calor que emanava dele quase fez meu coração explodir.

— Tente o seu melhor, querida — zombou, divertido. — Mal posso esperar para ver do que você é capaz, Lila Byrne. — Então, repentinamente, ele me soltou. — Enquanto isso, o celular fica comigo. — Guardou o aparelho no bolso da calça, e eu segui o movimento com os olhos, sentindo uma mistura de raiva e impotência. — A menos que você queira pegá-lo aqui. — Apontou de forma maliciosa para o bolso.

O sangue subiu rapidamente ao meu rosto, minhas bochechas queimando de vergonha.

— Seu canalha! — grunhi, odiando o som de sua risada conforme eu me afastava a passos apressados.

A última coisa que eu precisava era me tornar alvo de um valentão no meu primeiro dia de aula.

O que eu fiz para merecer isso?

Com passos rápidos e a respiração acelerada, continuei me afastando, lutando para acalmar o coração que parecia querer saltar do peito. Eu precisava encontrar um jeito de recuperar meu telefone sem me submeter a joguinhos sádicos.

Mas como?

A salada mal tinha gosto enquanto eu a mastigava, lutando para controlar o nervosismo que não me deixava desde o maldito incidente de mais cedo. Cada folha crocante, misturada ao frango cremoso, parecia ecoar a humilhação, e minha mente insistia em reviver aquele momento constrangedor e frustrante repetidamente. Mal consegui me concentrar nas aulas.

Como se não bastasse, eu ainda estava sem meu celular, e tinha certeza de que meu pai já havia ligado ou mandado mensagem, preocupado em saber como estava indo. Ele sabia melhor do que ninguém o quanto eu estava ansiosa com meu primeiro dia de aula.

— Droga! — Afundei o garfo na salada com força, sentindo a raiva borbulhar em minhas veias.

— Uau! Alguém por aqui está irritada. — Ouvi uma voz em tom de brincadeira, e levantei a cabeça na hora.

Rory estava de pé ao meu lado, com aquele sorriso largo que, por um breve momento, aliviou o peso no meu peito. Sem pensar duas vezes, coloquei o pote de lado e me joguei nos braços do meu melhor — e único — amigo.

— Onde você se escondeu a manhã toda, *ursinho*? — quis saber, me apertando em seu abraço quente.

Ele era grande e alto, com os cabelos loiros espetados, sua marca registrada.

— Estava estudando, é claro — respondi, voltando a me sentar. — O que mais eu estaria fazendo?

Estávamos em um dos bancos do campus, cercados por um gramado bem cuidado, enquanto o

sol brilhava suavemente, em um contraste cruel com as emoções turbulentas que eu sentia.

— Por que parou de responder minhas mensagens? — Ele se queixou, sentando-se ao meu lado. — Eu queria te chamar para almoçar.

Mordi os lábios, ponderando se deveria contar sobre o que aconteceu mais cedo, porém, acabei decidindo não tocar no assunto. Conhecendo Rory, ele certamente arranjaria problema por minha causa, e eu não queria vê-lo se machucando para me defender. Ele tinha esse instinto protetor que, embora carinhoso, podia ser perigoso.

Dobrei as pernas no banco, buscando relaxar agora que ele estava ali comigo.

— Nenhuma garota na vez? — provoquei, observando o sorriso malicioso que se formou em seus lábios. Seus olhos verdes brilhavam como esmeraldas sob a luz do sol. — Duvido que não tenha companhia para você, Rory.

— Está com ciúmes?

Ri e belisquei sua cintura, incapaz de evitar o bom humor contagiante dele, que parecia acalmar meus nervos em frangalhos.

— Abusado!

Olhei para o pote de salada, fazendo uma careta. Não sentia fome. Meu corpo inteiro estava tenso e inquieto, uma tempestade de emoções que eu não sabia como dissipar.

— Algum problema com sua salada? —perguntou, com os olhos fixos no pote no meu colo. — Se não quiser comer, eu aceito. A comida da senhora Audrey é a melhor.

Sem hesitar, passei o pote para ele.

Soltei uma risada ao vê-lo devorar a salada como se fosse um animal faminto.

— Vai me ver jogar hoje? — questionou de boca cheia, e eu fiz uma careta diante da sua falta de modos. — E você não me contou como está sendo seu primeiro dia. Alguém te incomodou?

Baixei a cabeça na mesma hora, sentindo meu rosto queimar ao relembrar o episódio desagradável com Nolan. Tentei manter a voz firme quando respondi:

— Está sendo exatamente como eu imaginei — forcei um pigarro nervoso. — Um tédio completo!

Olhei para Rory ao ouvi-lo soltar um arquejo dramático, levando uma mão ao peito como se eu o

tivesse ferido profundamente.

— Nunca fui tão insultado em toda a minha vida, *ursinho* — lamentou, fingindo uma voz chorosa que quase me fez rir. — Você é a primeira garota que me chama de tedioso.

Foi impossível não achar graça da sua encenação exagerada.

— Não estava falando de você, bobo, e sim das aulas — murmurei, rindo, enquanto afastava sua mão do peito com um gesto leve. — Garanto que você é a melhor parte desse meu dia chato.

Um sorriso iluminou seu rosto, e seus olhos brilharam com o elogio.

— Só vou te perdoar se você me der um beijinho bem aqui — apontou para os lábios. Eu revirei os olhos, já esperando a próxima piada. — *Tá* legal, aceito que o beijo seja no meu mamilo.

Minha expressão se contorceu, e fui incapaz de conter a gargalhada que explodiu logo em seguida.

— O quê? — perguntei, ainda rindo. — No mamilo?

A sugestão era completamente absurda.

— Qual o problema? Tenho um mamilo lindo, se quer saber...

A risada preencheu o ambiente, e por um breve momento, tudo pareceu leve e descontraído. Mas, então, algo dentro de mim se agitou de forma estranha, um pressentimento incômodo. Enquanto Rory continuava tagarelando, meus sentidos ficaram em alerta. Olhei ao redor, buscando entender o que estava acontecendo, querendo identificar a origem dessa sensação esquisita.

Foi quando meus olhos se encontraram com aqueles azuis intensos e sombrios.

Nolan.

Desta vez, ele estava sozinho, parado a poucos metros de distância, com o olhar fixo em mim. Exclusivamente. E não era apenas um simples olhar, tinha algo a mais. Mesmo de longe, sua presença me dominava. Meu coração disparou e meus pensamentos se embaralharam.

Por que esse babaca estava tão obcecado por mim? *Droga!*

— Ei, o que foi? — perguntou Rory, sua expressão mudando de brincalhona para preocupada enquanto segurava minha mão. — Você está tremendo. Lila, tem certeza de que ninguém te incomodou?

Rory era o oposto de mim. Ele sempre se destacava, brilhava em qualquer lugar que estivesse. E sua popularidade no time de futebol só reforçava essa qualidade, mesmo que eu não entendesse nada sobre esportes.

— Não, de verdade — menti novamente, num esforço para evitar a preocupação crescente em seu olhar. — Só estou cansada.

Esbocei um sorriso, fazendo o possível para que parecesse convincente para afastar suas dúvidas.

— Mas e aí...? Me conta sobre o jogo. Onde devo ir para assistir? — Mudei de assunto para distraí-lo.

O sorriso voltou ao rosto dele, iluminando seus traços.

— Vou treinar depois da última aula — contou, a empolgação evidente em cada palavra. — Se você for me ver, podemos ir embora juntos. Quem sabe eu até possa assistir a um filme com você depois.

Franzi a testa, fingindo ponderar a ideia.

— Só se você quiser que meu pai te escalpele — brinquei, lembrando do jeito superprotetor e, às vezes exagerado, do meu pai.

— Mentira. O senhor Byrne me adora! — retrucou, com uma confiança que me fez rir alto.

Levantei-me em um salto, e Rory fez o mesmo, me devolvendo o pote vazio do almoço. Antes de ir embora, não resisti e olhei na direção onde Nolan estava momentos antes, mas ele havia sumido. Sua ausência era um alívio, embora meu corpo continuasse suando frio, sem que eu conseguisse entender o motivo.

Merda!

Eu não entendia nada das regras daquele esporte, mas tinha certeza de que não era normal todos os empurrões que Rory vinha recebendo desde o início do jogo. A cada choque, meu coração dava um salto, e o que mais me irritava era reconhecer o responsável por derrubar meu amigo a cada chance que surgia.

Nolan.

As arquibancadas não estavam tão cheias, mas minha atenção estava completamente presa ao campo, onde os jogadores corriam de um lado para o outro como se suas vidas dependessem disso. Claro que Rory e Nolan estavam em times opostos, o que explicava parte da rivalidade. Pelo menos, era nisso que eu queria acreditar, para não pensar em razões mais problemáticas.

— VAI, RORY! — gritei com toda a força, minha voz atravessando o campo até alcançar meu amigo. Ele olhou na minha direção por um instante, e aquele sorriso que eu tanto amava apareceu em seu rosto.

Mas, de repente, um verdadeiro trator humano o atingiu de novo, jogando-o no chão com um impacto que fez meu estômago revirar. *Nolan*. Ele parecia um tanque, implacável, decidido a causar o máximo de estrago possível.

Cobri o rosto com as mãos, sentindo uma mistura de preocupação e raiva me dominar. Rory se levantou, claramente irritado com a confusão.

— QUAL É O SEU PROBLEMA, CARA?! — berrou, encarando Nolan com um olhar feroz. O babaca não recuou nem um centímetro. Na verdade, ele parecia deliciado com a ideia de um confronto.

Antes que a situação piorasse, os outros jogadores se aproximaram e os separaram, tentando restaurar a ordem. Eu observava tudo, com o coração na garganta, conforme a tensão no campo só aumentava.

Nolan não disse uma única palavra, mas de repente seus olhos se fixaram nos meus, e eu fiquei sem ar, paralisada. Havia algo de avassalador naquele olhar, e no momento, seus olhos pareciam mais intensos do que nunca, quase como se me culpassem por algo. Quem deveria estar com raiva era eu, afinal, ele ainda estava com o meu celular.

Com o nervosismo crescendo e o clima tenso no campo, peguei minha mochila e comecei a me afastar a passos rápidos. A última coisa que eu precisava era me envolver ainda mais com esse maluco.

Meu coração batia descompassado conforme me afastava, lutando para ignorar a sensação incômoda daqueles olhos azuis que continuavam a me seguir, mesmo à distância.

A raiva fervia em minhas veias sempre que me lembrava de ter ido à direção da escola, horas atrás, para reclamar sobre o furto do meu celular. E tudo o que me disseram foi que eu deveria resolver o incidente com Nolan Sullivan, já que sua família era a maior patrocinadora de Avondale. *Que absurdo!* Era revoltante ver como o dinheiro conseguia silenciar tantas pessoas e acatar tantas vontades.

— Babaca! — rugi entre dentes, pisando firme no chão, a frustração escapando em cada passo.

Foi nesse instante que uma grande e forte mão agarrou meu braço. Num piscar de olhos, me vi prensada entre duas paredes, sendo uma delas composta por músculos quentes e suados.

O ar ficou preso na minha garganta quando me deparei com o gelo daqueles olhos, agora a poucos centímetros de distância. Nolan me mantinha contra a parede, seus braços me cercando, uma perna musculosa entre as minhas.

Ele vestia um short verde que deixava suas coxas definidas à mostra, e a camiseta colada em seu corpo revelava músculos esculpidos com perfeição. Era difícil acreditar que um simples garoto pudesse ter esse porte físico tão impressionante.

— O que você acha que está fazendo? — perguntou com a voz baixa e ameaçadora, quase um sussurro.

Meu peito subia e descia rapidamente, uma mistura de medo e raiva se agitando dentro de mim.

— Eu é quem pergunto — retruquei, querendo soar mais corajosa do que realmente era. — Me solta!

Seus olhos, frios como aço, desceram dos meus para meus lábios, e esse simples gesto fez um calor estranho subir pelo meu corpo todo. Por que ele tinha que ser tão perturbadoramente atraente?

— Você não deveria ter vindo aqui torcer por... *ele* — decretou, com os lábios retorcidos. — Eu não vou permitir isso.

A incredulidade me atingiu como uma onda violenta.

— Quem você pensa que é para me dizer o que fazer, seu cretino? — grunhi, tremendo da cabeça aos pés, a raiva crescendo dentro de mim, embora eu lutasse contra a estranha atração que sua proximidade despertava.

Seu perfume amadeirado, misturado ao suor, estava me deixando tonta.

— Você sabe quem eu sou — respondeu, num tom baixo e controlado. Por que tive a impressão de que ele falava de algo do passado?

Tentei empurrá-lo, mas ele apenas me segurou com mais firmeza, determinado a não me deixar escapar.

— Nolan... — comecei, minha voz embargada pela mistura de emoções.

Fechou os olhos por um segundo, ainda mais irritado.

— Não! — sibilou. — Não me chame assim, *inferno!*

Respirei fundo para me acalmar, mas isso só piorou as coisas, porque tudo o que eu respirava era ele. Seu tamanho me envolvia por completo, como uma sombra da qual eu não conseguia me livrar.

— Me solta!

— E por que eu faria isso? — rebateu, como um desafio.

Mais uma vez, tentei empurrá-lo, mas o *brutamontes* mal se mexia. Odiei o fato de sentir minhas mãos formigarem ao tocar seu peito suado, como uma corrente elétrica passando entre nós.

— Qual é o seu problema comigo, afinal? — perguntei, mudando de estratégia. A força não estava funcionando, então talvez a conversa ajudasse. — Eu nem te conheço. Voltei a essa escola hoje, depois de mais de dez anos fora.

— Você *não* me conhece... —repetiu, estalando os lábios em descrença.

— Sim, foi o que eu disse — confirmei, franzindo a testa.

Seus olhos escureceram, adquirindo um tom mais profundo, como um mar revolto em uma tempestade. Um calafrio percorreu minha espinha. Minha respiração travou no exato momento em que sua mão subiu até meu rosto e seu dedo percorreu minha bochecha, deixando um rastro que queimava. Ameacei desviar o rosto, mas ele o segurou, apertando minhas bochechas.

— O problema é que eu *sei* quem você é — declarou, com uma frustração tão intensa que me senti mal. — E eu odeio saber disso. Odeio com todas as minhas forças! — Ele aproximou nossos rostos, tão perto que quase me beijou, mas sem ultrapassar essa linha.

O ar sumiu dos meus pulmões.

— *Vo-você* deve estar me confundindo — balbuciei com a voz falha.

Balançou a cabeça de um lado para o outro, estalando os lábios parecendo avaliar cada palavra minha. Para meu horror, seus olhos se fixaram em meu pescoço. Eu sabia exatamente para onde ele estava olhando, e tudo o que eu queria naquele momento era desaparecer.

— Não estou confundindo nada — deslizou a mão até meu queixo, seus movimentos precisos me deixando ainda mais nervosa. — Começo a pensar que você esteja tentando me enganar, Lila. Isso é algum tipo de jogo? Porque, se for, saiba que comigo não vai funcionar.

Minha respiração ficou suspensa no instante que seu dedo tocou minha cicatriz. Tentei me soltar, mas ele prendeu minhas mãos com a outra, com uma facilidade que me deixou impotente.

— Por favor, não... — engoli o choro, determinada a não dar a ele essa satisfação. — Não faça isso. Essa parte da minha vida é só minha.

Voltou a negar com a cabeça, os olhos ainda fixos na cicatriz conforme traçava todo o contorno dela com o dedo. Era grossa e feia, uma lembrança que eu daria tudo para esquecer.

— Aí é que você se engana... — balbuciou, finalmente me encarando, os olhos pesados de emoções. — Tudo o que diz respeito a você, eu quero. Suas dores. Seus sorrisos. Seus pensamentos. Seus medos. —Respirou fundo, parecendo absorvendo cada parte de mim. — Eu vou devorar tudo o que você me der, e roubar tudo o que se recusar a me entregar.

Solucei baixo,sentindo a fraqueza me dominar ao deixar as lágrimas escorrerem. Odiei me mostrar tão vulnerável na frente dele.

— Incluindo suas lágrimas — completou, tirando a mão da minha cicatriz e levando-a ao meu rosto, limpando as gotas que teimavam em cair. Arregalei os olhos ao vê-lo levar o dedo aos lábios, provando o sal das minhas lágrimas. — Elas também são minhas.

Antes que eu pudesse reagir, ele me soltou e recuou, deixando-me aturdida em meio ao turbilhão de sentimentos que havia provocado. Pisquei, incrédula, quando ele estendeu a mão para me devolver o celular.

— Mas...

Um sorriso provocante curvou seus lábios.

— Eu cumpro minhas promessas. — Alguma coisa no tom dele mexeu comigo de um jeito estranho. Senti-me sendo acusada de algo que eu ainda não entendia.

Fiquei em silêncio, incapaz de formular qualquer palavra. Na verdade, eu estava tão atordoada, que ficou impossível pensar em uma resposta coerente.

Droga, Lila!

A cada segundo que passava, eu me xingava mentalmente enquanto meus dedos inquietos percorriam a rede social do idiota que decidiu me transformar no alvo de sua obsessão. Era patético o quanto eu estava ansiosa para ver as fotos dele e ler a biografia do seu perfil, como se isso pudesse me dar alguma pista sobre quem ele realmente era. Se é que isso fazia algum sentido.

"O tempo de miar acabou, é hora de rugir."

Li e reli a frase que ele colocou na descrição do seu Instagram. Não fiquei surpresa; combinava perfeitamente com o babaca. Sua aura era como a de um predador à espreita, sempre pronto para atacar.

Com dedos nervosos, continuei rolando o feed, ansiosa para ver mais. A maioria das fotos o mostrava rodeado por amigos, seja no campo de futebol ou em festas lotadas, mas ele nunca estava sozinho. Talvez precisasse dessas pessoas ao redor para disfarçar a solidão que eu sentia que ele carregava.

Parei em uma foto onde ele aparecia rindo ao lado de alguns primos. A legenda dizia: **"O que esses idiotas fariam sem mim na vida deles?"** Ao olhar os comentários, vi que a maioria era de garotas, todas enchendo a postagem de emojis de coração e elogios vazios.

Revirei os olhos, sem conseguir esconder o desdém. Era previsível que ele fosse o tipo de cara no centro das atenções das garotas mais superficiais, aquelas que se deixam encantar por qualquer sorriso fácil e uma pitada de charme.

Bufando, fechei o aplicativo e joguei o celular na cama. Nesse exato momento, ouvi uma batida na porta do meu quarto.

— Pode entrar.

Meu pai enfiou a cabeça pela fresta antes de entrar por completo. Keegan Byrne, aos quarenta e cinco anos, ainda exalava carisma. Eu sempre brincava que sua carreira tinha tudo a ver com ele; com a habilidade de convencer qualquer um com suas palavras, meu pai era um advogado de respeito.

Sorri ao vê-lo se aproximar da cama com um livro nas mãos. Era um romance que eu havia escolhido, e ele lia para mim quase todas as noites.

— Como foi seu primeiro dia de aula, querida? — quis saber, inclinando-se para me dar um beijo na testa enquanto eu me ajeitava sob as cobertas. — Te liguei mais cedo, na escola, mas você não atendeu. Fiquei preocupado.

Engoli em seco, sentindo uma pontada de culpa. Não podia mencionar nada sobre o problema com Nolan; isso só traria mais preocupação. Meu pai sempre foi superprotetor, especialmente quando o assunto envolvia garotos que ele não conhecia.

Forçando um sorriso, tentei soar convincente.

— Desculpa, pai — murmurei. — O ritmo na *Avondale Academy* é tão puxado que mal tive tempo de respirar hoje.

Ele riu suavemente conforme se acomodava na poltrona ao lado da cama, mas seus olhos continuavam atentos.

— Alguém te importunou? — insistiu. — Houve algum problema? Sabe que pode me contar qualquer coisa, certo? Especialmente se estiver sobrecarregada.

Eu odiava aquele olhar; o olhar de quem me via feita de vidro, frágil, prestes a quebrar. A mistura de preocupação e amor nos olhos do meu pai, em vez de me reconfortar, me fazia sentir sufocada.

Compreendia sua superproteção, principalmente depois de tudo o que nossa família passou. A perda da minha mãe deixou marcas profundas em nós dois, e ele faria qualquer coisa para me proteger, para não me perder também.

Mas, às vezes, o peso dessa proteção era esmagador.

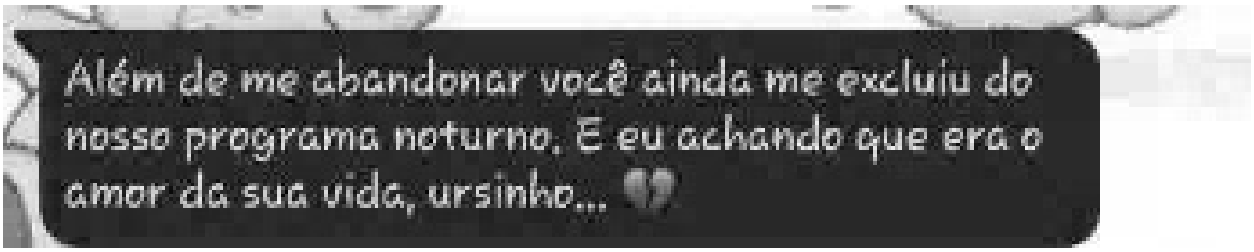
— Estou bem, pai — falei por fim, soltando um suspiro que deixou escapar uma leve exasperação. Eu queria que ele acreditasse que estava tudo sob controle, mesmo que, por dentro, eu estivesse um pouco perdida. — Que tal ler um pouco para mim? — sugeri, indicando o livro com um sorriso leve.

Sorriu de volta, seus olhos suavizando ao perceber que eu não queria continuar com a conversa.

Eu me remexia na cama, incapaz de encontrar uma posição confortável. Já fazia algum tempo desde que papai saiu do quarto. A inquietação me consumia, e eu odiava saber o motivo. Detestava admitir o quanto aquele idiota do Nolan conseguiu mexer comigo tão fácil. Minha mente não parava de reviver a cena desconcertante entre nós dois, como se estivesse presa num ciclo sem fim.

— *Droga!*

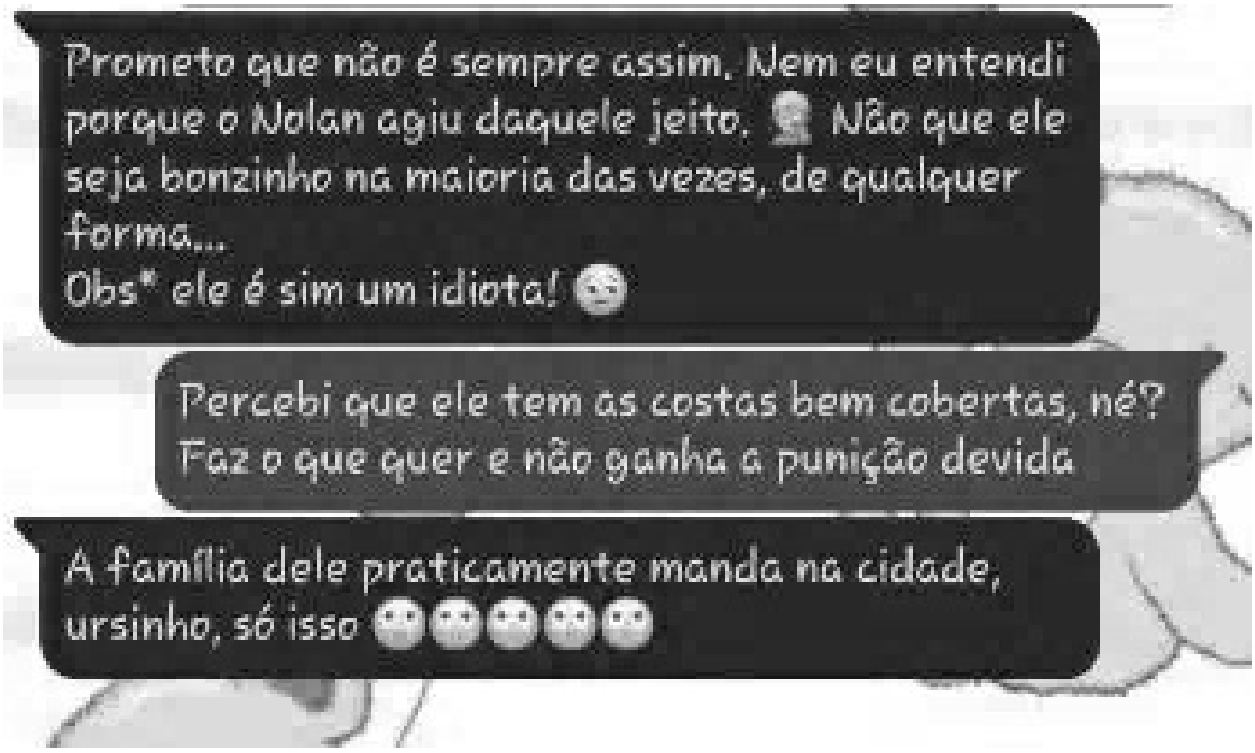
Meu celular vibrou, e eu o peguei rapidamente, com o coração acelerado de expectativa. Era quase meia-noite, e a escuridão no quarto parecia ainda mais sufocante. Uma mensagem de Rory apareceu na tela.



Mordi os lábios, mal contendo o riso diante do drama exagerado dele. Sabia que, por trás da brincadeira, Rory estava realmente chateado. Ele tinha razão, em parte, já que eu simplesmente saí correndo depois daquele encontro esquisito com Nolan no campo.

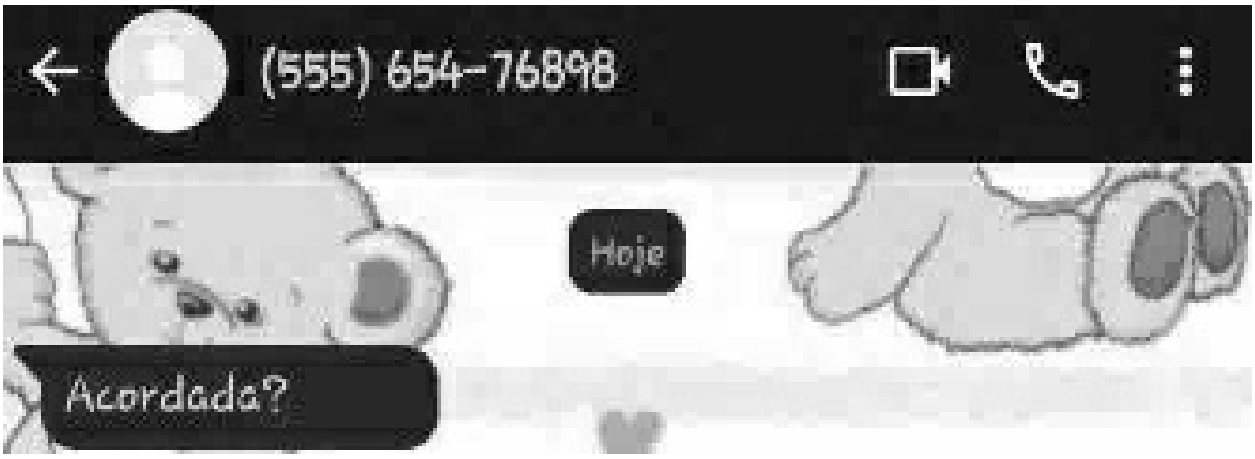
Meu corpo ainda guardava os vestígios de ter sido prensada por ele, com todos aqueles... músculos quentes, uma lembrança que eu estava lutando para apagar da mente.

Meu coração batia forte conforme eu fixava os olhos na tela, esperando pela resposta.


Prometo que não é sempre assim. Nem eu entendi porque o Nolan agiu daquele jeito. Não que ele seja bonzinho na maioria das vezes, de qualquer forma...
Obs* ele é sim um idiota!
Percebi que ele tem as costas bem cobertas, né? Faz o que quer e não ganha a punição devida
A família dele praticamente manda na cidade, ursinho, só isso

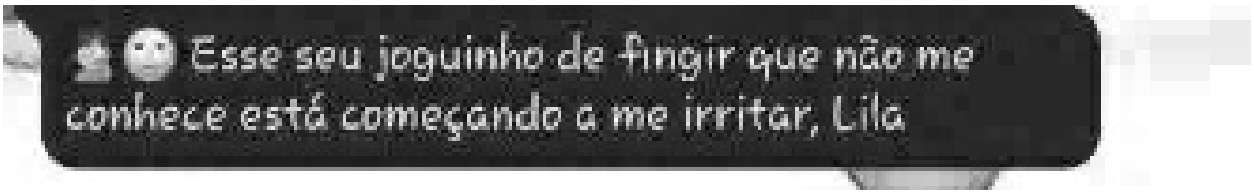
O emoji de olhos revirados descrevia bem o que eu estava sentindo naquele momento.

Estava prestes a responder quando uma nova notificação de mensagem surgiu na tela, mas não era de Rory. Era de um número desconhecido.

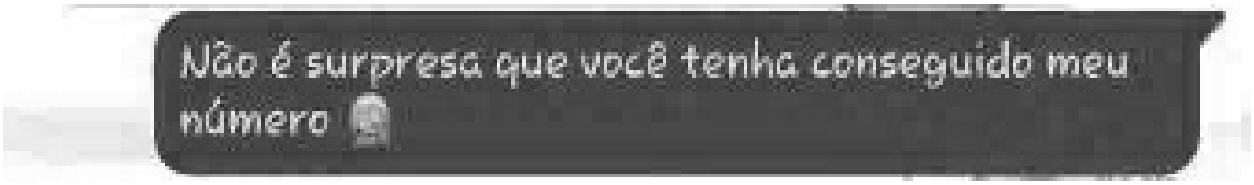


Franzi o cenho, sentindo meu coração acelerar novamente, dessa vez com um toque de apreensão.

A resposta veio quase imediatamente, como se a pessoa do outro lado estivesse aguardando.



Droga. Era *ele.*



Havia algo nas palavras dele que me incomodava, uma sensação de que ele estava sempre dois passos à frente.

Não se trata de conseguir e sim de RETOMAR o que SEMPRE FOI MEU!
Meu número nunca foi seu! Que maluco!
Eu não estava falando do telefone, Lila...

Minha respiração ficou suspensa, atordoada pelo significado oculto de suas palavras. Era como se o ar ao meu redor tivesse se tornado mais denso, cada palavra na tela piscando como um alerta silencioso. Fiquei tão nervosa que, instintivamente, fechei o aplicativo e apaguei a tela do celular, na esperança de que isso o afastasse dos meus pensamentos.

Agarrei o travesseiro e o pressionei com força contra minha cabeça, soltando um grito abafado de frustração, desejando não acordar o papai. Mas o tecido macio não era suficiente para conter o turbilhão de emoções que me dominava.

Por que justo comigo? A pergunta ecoava na minha mente, sem resposta.

Eu caminhava pelos corredores da escola, inquieta, com a cabeça mergulhada nos papéis e livros que segurava. O burburinho dos alunos ao redor parecia distante. De certa forma, focar nos estudos virou meu refúgio na última semana; uma maneira de afastar os pensamentos sobre o cretino que havia arruinado meu primeiro dia de aula, só para depois me ignorar. Não que eu ligasse, claro. Na verdade, eu estava aliviada.

É, com certeza aliviada.

— Droga! — resmunguei para mim mesma, distraída, quando esbarrei em alguém, derrubando todos os papéis e livros no chão em uma verdadeira chuva de folhas espalhadas.

— Você não olha por onde anda, sua vaca?! — uma voz feminina disparou, repleta de desprezo.

Ajoelhei-me para recolher minha bagunça, levantando o olhar apenas para encontrar uma garota me encarando com olhos cheios de acusação. Havia mais duas ao lado dela, formando uma barreira de hostilidade. Engoli o impulso de responder à altura e respirei fundo, buscando manter a calma.

— Foi só um acidente — falei, quase rosnando, enquanto continuava a juntar minhas coisas.

— Tem certeza, sua cadela? — provocou, com um tom venenoso que me fez querer levantar e bater nela. Mas eu sabia que isso só traria mais problemas para o meu pai. — Talvez você devesse pensar melhor antes de mexer com alguém como eu.

A garota tinha o cabelo castanho liso e brilhante, e seus olhos verdes cintilavam com pura maldade. As amigas ao lado dela, mesmo em silêncio, compartilhavam a mesma atitude cruel. Eu sentia que eram iguais, o tipo de gente que se alimenta das fraquezas alheias.

Abri a boca para responder, mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, outra pessoa apareceu de repente:

— Ah, todo mundo na *Avondale* já conhece muito bem a vadia que você é, Brigid — disse a recém-chegada, com uma confiança invejável. — Fica tranquila, sua fama está intacta. — Ela se colocou entre mim e a garota abusada, de braços cruzados, como uma muralha.

De canto de olho, vi Brigid apertar os lábios e semicerrar os olhos, quase como uma criança que teve seu brinquedo roubado. Visivelmente contrariada, ela girou nos calcanhares e saiu pisando forte, o som dos saltos ecoando no corredor.

— E vocês? — Continuou a garota que me defendeu, lançando um olhar afiado para as outras duas. — A *dona* de vocês já deu o fora, e eu juro que não vou pensar duas vezes se precisar chutar seus traseiros.

As duas lançaram olhares furiosos para nós, mas se apressaram para seguir Brigid, que já estava longe.

— Vagabundas! — resmungou minha defensora, olhando para mim com um sorriso de canto, satisfeito.

Pisquei algumas vezes, assimilando o que havia acabado de acontecer. As palavras ainda ecoavam na minha cabeça enquanto a adrenalina começava a se dissipar.

— Você está bem? — perguntou a garota à minha frente, inclinando-se para me ajudar a recolher as coisas. — Odeio a forma como essas cobras tratam os outros. — Sacudiu a cabeça, com os olhos faiscando de irritação. — Dá vontade de esfregar a cara delas no chão. — Sua expressão deixava claro o quanto estava indignada, as sobrancelhas franzidas em reprovação.

Um sorriso involuntário surgiu nos meus lábios conforme eu me levantava.

— Confesso que pensei exatamente nisso — admiti, querendo parecer descontraída. — Mas estou me esforçando para não arrumar confusão. — Dei de ombros. — Vivi alguns anos fora da Irlanda, e agora que voltei, só quero passar despercebida. — Sorri, meio sem jeito, sabendo que era quase impossível me manter invisível em um lugar como Avondale.

Entregou-me os papéis que havia recolhido, um sorriso compreensivo iluminando seus lábios levemente tingidos de vermelho. Seus longos cabelos negros brilhavam sob os ombros.

— Te entendo perfeitamente — disse, com um sorriso que se ampliou, revelando covinhas encantadoras. Ela era realmente bonita, embora parecesse mais nova do que eu, com meus quase dezoito anos. — Sou Maeve. — Colocou a mão no peito e continuou antes que eu pudesse falar qualquer coisa: — E antes que você pergunte, porque já vi essa desconfiança no seu rosto — riu com suavidade, os olhos castanhos brilhando de malícia —, estou adiantada dois anos. Tenho quinze, mas, modéstia à parte, sou um gênio!

O jeito com que ela jogou o cabelo para trás me fez rir, contagiada pela sua autoconfiança.

— Uau! — exclamei, impressionada. — Imagino que sua família deve estar explodindo de orgulho. Não é todo dia que nasce um pequeno gênio. — Sorri ainda mais. — A propósito, sou Lila.

— Prazer te conhecer, Lila. — Começamos a caminhar pelo corredor, nossos passos ecoando. — Você tem aula agora? Curioso, ainda não te vi por aqui nos últimos dias.

Dei um sorriso tímido, apreciando a leveza da sua companhia. Era bom imaginar ter alguém além do Rory.

— Invisibilidade, lembra? — brinquei, embora, na verdade, estivesse evitando um certo psicopata de sobrenome Sullivan.

Deixei escapar um suspiro, olhando para os papéis e livros em minhas mãos, como se eles tivessem as respostas para todos os meus problemas.

— Quanto à sua pergunta, estou no intervalo agora, mas preciso focar em um trabalho que não faço ideia de por onde começar — confessei. — Eu tinha esquecido o quanto Avondale é exigente. — Dei uma risadinha, lutando para enxergar o lado bom em meio à pressão.

Nesse momento, os olhos de Maeve brilharam.

— Ah, eu posso te ajudar! — exclamou com entusiasmo. — Enquanto te ajudava a recolher os papéis do chão, dei uma olhada rápida. Não é nada complicado, Lila. Na verdade, se me permite dizer, é bem simples.

Franzi o cenho, um pouco desconfiada.

— Simples? — repeti, quase ofendida, mas sorrindo no canto dos lábios. — Já percebi que você é do tipo que ataca com luvas de veludo, né? — brinquei, rindo. — Mas entendo, essa é a facilidade de quem tem um QI elevado.

Riu, o som suave ecoando pelo corredor, leve e contagiante.

— Que tal ir lá em casa? — sugeriu de repente, me pegando de surpresa. — Aposto que a gente vai conseguir se concentrar melhor lá do que aqui, com todo esse barulho infernal. Às vezes, dá vontade de mandar todo mundo calar a boca. — Revirou os olhos de forma dramática, me arrancando uma nova risada.

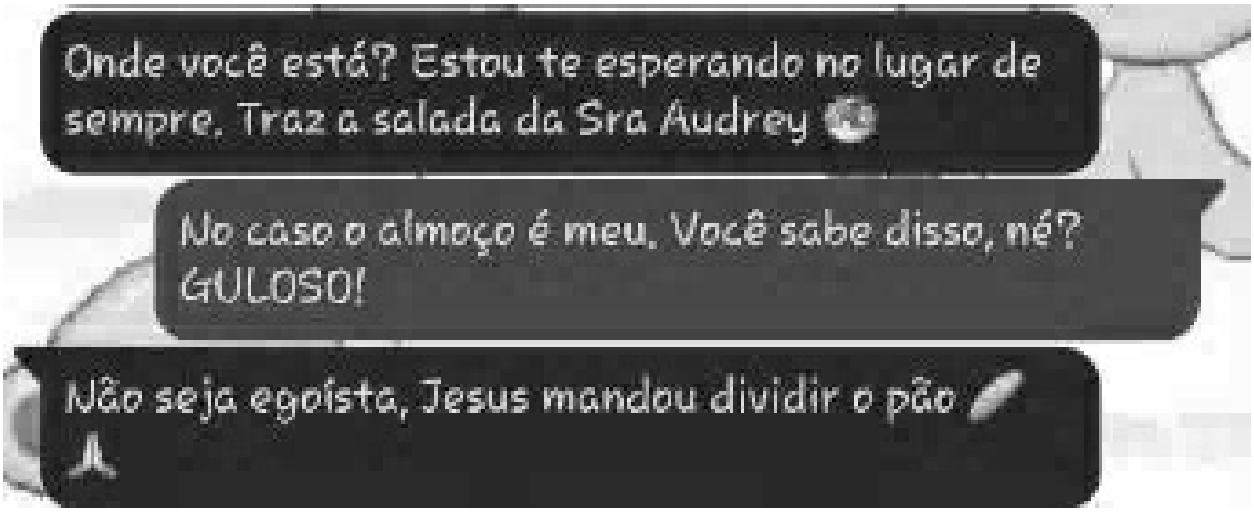
— Você é tão engraçada quanto meu amigo Rory — comentei, balançando a cabeça ao lembrar das piadas espirituosas dele.

— Rory Maguire? — perguntou, e eu confirmei com um aceno, esperando alguma reação. Para minha surpresa, ela não disse nada, apenas pegou o celular para conferir as horas. — Então, o que acha de ir até a minha casa?

Hesitei por um segundo, sentindo a ansiedade crescer no peito. Eu mal conhecia essa garota, então talvez fosse prudente ser mais cautelosa. Ao mesmo tempo, ela parecia tão inofensiva que era difícil imaginar qualquer perigo. *Céus!* Talvez eu estivesse assistindo a muitos filmes de ação.

— Claro, por que não? — respondi, forçando um sorriso conforme tentava ignorar o nervosismo.

Nesse momento, senti meu celular vibrar no bolso e, sem pensar, o peguei. Era uma mensagem de Rory.


Onde você está? Estou te esperando no lugar de sempre. Traz a salada da Sra Audrey
No caso o almoço é meu. Você sabe disso, né? GULOSO!
Não seja egoísta, Jesus mandou dividir o pão

Ri sozinha, imaginando a expressão dele enquanto escrevia aquilo.

Desliguei o telefone, já sabendo que Rory não me deixaria em paz até eu explicar exatamente para onde estava indo e com quem. Às vezes, ele era mais protetor do que meu próprio pai, uma característica que, embora irritante, também trazia certo conforto.

Por mais que tentasse disfarçar, o espanto devia estar claro no meu rosto enquanto seguia Maeve por sua imensa propriedade. Um lugar que parecia saído diretamente de um conto de fadas.

A cada esquina, avistava seguranças, o que me fez questionar várias coisas. Talvez a família dela fosse tão obcecada por segurança quanto meu pai, que insistia em trancar todas as portas e

janelas à noite, mesmo com o sistema eletrônico de segurança que ele mandou instalar.

— Por favor, ignore eles — pediu Maeve, notando minha inquietação. — Acredite, estão por aqui desde antes de eu nascer. — Ela deu uma risadinha, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Não pude evitar pensar sobre os negócios da família dela; era óbvio que eram bastante ricos. Ao passar pela porta principal, engoli em seco diante da grandiosidade do lugar. O interior era deslumbrante, com lustres brilhantes e uma decoração sofisticada. Estávamos prestes a subir a escadaria quando alguém chamou Maeve, fazendo-a parar no lugar.

Fiquei ali, sem saber o que fazer ou para onde ir.

— Me espera no quarto, Lila — pediu ela, com um sorriso tranquilizador. — É o quarto três, logo depois do primeiro corredor.

Com isso, Maeve se afastou, e eu fiquei ainda mais nervosa. Respirei fundo e continuei subindo as escadas luxuosas, tentando parecer calma, embora minhas pernas estivessem trêmulas.

Talvez fosse o nervosismo ou a imponência do lugar, mas ao chegar ao corredor, minha mente apagou. Esqueci completamente qual era o quarto.

Pensei em esperar ali mesmo até que ela voltasse, mas a ideia de ser pega por alguém e parecer uma intrusa me deixou desconfortável.

— Droga, Lila! Por que você sempre se mete em encrenca? — resmunguei para mim mesma, sentindo meu coração disparar no peito.

Lutei para me acalmar, convencendo-me de que Maeve tinha mencionado o último quarto do corredor. Girei a maçaneta e entrei, minha respiração ainda acelerada.

Fechei os olhos por um momento, num esforço para me recompor. Não havia motivo para tanta aflição, afinal, eu era uma convidada ali.

Quando consegui relaxar, me afastei da porta e olhei ao redor. O cômodo era espaçoso, mas muito diferente do que eu imaginava para uma garota como Maeve. As paredes escuras e a decoração com um toque selvagem davam um ar quase primitivo ao lugar.

Enquanto explorava o ambiente, um som atrás de mim fez meu coração parar. Virei-me rapidamente e vi alguém saindo do banheiro. Ele estava com uma toalha enrolada na cintura.

E, claro, não era qualquer pessoa, mas justamente quem eu menos esperava encontrar. Nolan Sullivan, com aquele sorriso sádico, me observava, saboreando meu desconforto.

Eu não podia acreditar na minha má sorte.

— O que você está fazendo aqui? — A pergunta dela veio em um tom engraçado, meio esganiçado.

Minha expressão se transformou em uma máscara de arrogância conforme a encarava. A garota, lutando para parecer indiferente aos meus olhos, não deveria estar ali.

Seus cabelos loiros caíam nos ombros, escondendo o pescoço de olhares curiosos como o meu. Desde o primeiro dia que voltei a vê-la, aquela maldita cicatriz me deixou obcecado; uma marca que não existia antes. E esse mistério estava mexendo com minha curiosidade de forma quase zombeteira.

— Engraçado você perguntar isso — avancei alguns passos em sua direção. Lila acompanhava cada movimento meu, como um falcão, os olhos cheios de desconfiança. — Afinal, este é o meu quarto. Será que está me perseguindo, *baby*? — provoquei, um sorriso divertido surgindo nos meus lábios.

Um rubor se espalhou pelas bochechas dela conforme seus olhos pulavam entre mim e a porta, calculando uma possível rota de fuga. Nos últimos dias, eu a observei de longe, me deliciando com a falsa sensação de segurança que ela julgava ter. Era quase cômico.

Tudo fazia parte de um jogo. A ideia era ela pensar que eu a deixei em paz, quando, na verdade, meu plano era prendê-la a mim de um jeito que jamais pudesse escapar.

Que nunca mais conseguisse me deixar.

— *E-eu* achei que este fosse o quarto da Maeve — gaguejou, tropeçando nas próprias palavras. — Não sabia que ela... — interrompeu-se, o nervosismo a impedindo de concluir a frase.

Aproximei-me um pouco mais, encurralando-a entre mim e a parede. O espaço entre nós diminuindo a cada segundo.

— Não sabia que...? — instiguei, deixando a arrogância transparecer na minha voz, alimentando-me do desconforto dela. Cada hesitação inflando meu ego.

Lila abriu e fechou a boca algumas vezes, desviando o olhar para o meu peito nu, ainda úmido do banho.

— Não sabia que ela fosse sua parente — disse finalmente. — Porque se soubesse, nunca teria entrado no covil do demônio!

Franzi o cenho, mas mantive o sorriso, saboreando o fogo em suas palavras.

— O demônio a que você se refere...

— Sim, é você! — cortou, pressionando o dedo contra o meu peito.

Seu toque, a proximidade e o aroma suave do perfume dela despertaram um instinto que eu vinha lutando para reprimir desde que ela voltou à cidade.

Era nesses momentos que eu a odiava. Porque, apesar de ter passado tanto tempo longe da Irlanda, Lila adquiriu o estranho poder de mexer comigo, de fazer meu coração acelerar e minha mente vacilar.

Em um movimento rápido, agarrei seus pulsos e os levei para trás de suas costas, deixando-a vulnerável.

Ela arfou, os olhos verdes fixos nos meus, trazendo à tona memórias de um passado onde tudo o que ela deixou foi um coração partido.O *meu*.

— Você invade meu quarto e ainda tem a audácia de me chamar de demônio? — Deixei meus dedos deslizarem pelo seu rosto corado, mesmo com sua tentativa de evitar o toque. — Algo me diz que você veio até aqui de propósito, Lila. — Um sorriso sádico curvou meus lábios. — Você queria me ver, queria ouvir minha voz... e estar exatamente onde está agora: presa entre meus braços.

Cerrou os dentes, a raiva fervilhando em seu olhar. Não pude evitar que meus olhos percorressem seus traços com calma, absorvendo cada pequena mudança que o tempo deixou em seu rosto. Anos atrás, na minha ingenuidade de menino, eu sonhava em crescer e tê-la ao meu lado, como minha esposa, como meu tudo.

Mas agora...

Tudo o que eu queria era destruir o coração dela.Com a mesma frieza com que ela destruiu o meu, e ainda fingia não ter feito nada.

— Você só pode estar maluco! — rugiu, indignada. — Tudo o que eu mais quero é ficar longe de você, seu doente! — Tentou se desvencilhar, o que só me fez apertá-la mais.

— Se continuar se debatendo assim, minha toalha vai acabar caindo, e você não vai gostar de ver como meu corpo está reagindo a você, *baby*.

Na mesma hora, ela parou, os olhos arregalados entre surpresa e algo mais. Lá no fundo, vi um vislumbre de desejo e curiosidade, mesmo que ela jamais admitisse.

— Me solta, Nolan! — O som do meu nome em sua boca fez meus lábios se curvarem em um sorriso. Sim, esse era o meu nome de nascimento, mas *não* para ela. — Se você não me soltar agora, eu juro que vou gritar!

A provocação corria pelas minhas veias, um impulso irresistível de testá-la até o limite.

— Grita, então! — Aproximei minha boca da sua orelha. — Mas saiba que vou dizer que você, como uma boa putinha, não resistiu à tentação de invadir meu quarto querendo se aconchegar na minha cama.

Quando voltei a encará-la, vi as lágrimas ardendo em seus olhos, embora ela se recusasse a deixá-las cair. Uma parte de mim vacilou diante da cena, mas calei essa fraqueza. Lila Byrne me feriu, e agora era a vez dela de sentir.

— Eu te odeio! — exclamou com tanta convicção que, por um breve momento, quase acreditei.

Seria muito mais simples se ela não soubesse como me desestabilizar. Antes de reaparecer na minha vida, tudo o que restava dela eram lembranças borradas de uma menina doce e frágil. Mas agora… agora havia uma mulher na minha frente. E o pior de tudo? Meu corpo sabia disso. E reagia como se tivesse vontade própria.

— Te dou duas opções — falei, enquanto meus dedos brincavam com a lapela do blazer de seu uniforme, notando os sutis tremores que traíam sua fachada de força.

— Que se dane você e suas opções de merda! — retrucou entre dentes, com o tom repleto de raiva.

Levantei uma sobrancelha, achando graça.

— Ah, então temos uma garota que gosta de falar sujo... — comentei, meu sorriso se ampliando.

Minha boca pairou perto da dela, o calor de nossos hálitos se misturando. Notei seu fôlego

vacilar, e essa hesitação só me provocou mais.

— Mal posso esperar para te ver implorar por mim, sabia? — Passei a mão pelo seu rosto todo, apertando suas bochechas, sentindo a maciez de sua pele debaixo dos meus dedos. — Vai fazer isso, não vai?

— Nunca! — protestou, e minha risada ecoou pelo quarto, divertida. — Agora me solta!

Balancei a cabeça em negativo.

— Você ainda não ouviu minhas opções — expliquei com calma, sem me abater. — Ambos sabemos que eu não faço nada de graça.

Respirou fundo, parecendo travar uma batalha interna. Meus olhos desceram até o seu blazer, e comecei a desabotoar os botões, um a um, devagar.

— Não se atreva a fazer isso, Nolan — soou trêmula e desesperada,mas com um resquício de algo que lutava para esconder.

Ignorei suas palavras, continuando meu trabalho. A primeira coisa que notei, além do ritmo acelerado de sua respiração, foram seus mamilos endurecidos sob o tecido fino do camisete branco, uma resposta involuntária que traía sua indiferença.

— *Hm*... parece que temos alguém bastante animada por aqui, não é? — provoquei, resistindo ao desejo de beliscar seus mamilos. — Estou te excitando, querida?

— Vá se foder! Eu não sou uma das suas vadias! — retrucou com acidez, mal disfarçando o tremor de vulnerabilidade.

Agarrei seus cabelos, não para machucá-la, mas para afirmar meu controle. Senti a textura sedosa dos fios entre meus dedos. Seu arquejo aumentou, e eu podia jurar que um gemido abafado escapou de sua garganta, uma melodia que acelerou meu sangue.

— Me solta! — insistiu, com a voz mais fraca.

Observei seu rosto com mais atenção, gravando em minha mente cada novo detalhe dos traços que há tempos estavam guardados em um lugar especial nos meus pensamentos. Não sabia se ela tinha me esquecido ou se estava fingindo, mas ambas as possibilidades faziam minha raiva crescer.

— Vamos simplificar — soprei, com meu olhar fixo em seus lábios, capturando o momento em que ela os umedeceu. O gesto quase me fez perder o raciocínio. — Ou você me beija, ou eu beijo sua cicatriz.

Tentou escapar outra vez, mas era inútil. Seus olhos, marejados, encontraram os meus.

— Qual é o seu problema comigo, hein?!

Suspirei com impaciência.

— Sério, Lila? Ainda estamos nisso? — Deslizei meus dedos por seu maxilar até a orelha, observando os arrepios que percorriam sua pele clara, uma reação que só reforçava o efeito que eu tinha sobre ela. — Posso tomar a decisão por você, se estiver em dúvida.

Inclinei-me para beijar sua cicatriz, mas sua voz ansiosa me interrompeu:

— Na boca! — exclamou, com a voz trêmula. — Prefiro que me beije na boca.

Minha boca se entreabriu de surpresa, e meus olhos se voltaram para os lábios dela, que estavam sendo mordidos com nervosismo, ou apenas contendo algum xingamento. Coloquei a mão em seu peito, sentindo o ritmo acelerado de seu coração enquanto me aproximava um pouco mais, colando nossos corpos.

— Nolan...

— Se não for para dizer meu nome direito, é melhor ficar quieta, querida.

Então, meus lábios encontraram os seus, primeiro com suavidade. Mas quando nossas línguas se tocaram, o controle que eu mantinha se desfez, como se uma faísca elétrica passasse por nós. A situação ficou ainda mais intensa quando Lila soltou pequenos gemidos, que instantaneamente afetaram meu corpo. *Caralho!*

Ela era irresistível. Tão doce que eu queria mantê-la sob meus lábios para sempre. Mas ela ainda não se lembrava de mim, ou fingia não lembrar. E enquanto essa memória não voltasse e ela não me pedisse perdão, eu faria de sua vida um inferno.

Com esforço, interrompi o beijo, mordendo seu lábio inferior antes de soltá-lo, saboreando a mistura de dor e prazer em sua expressão.

— Ai! — Gemeu, lambendo o sangue. — Isso doeu!

Suas bochechas estavam ainda mais coradas, e os olhos, pesados de desejo. Dei um passo para trás, deixando-a livre. Quase ri ao vê-la se apoiar na parede, como se o chão tivesse sumido sob seus pés.

— Como prometido, estou cumprindo minha parte — falei, apontando para a porta enquanto deixava a toalha cair, provocando um olhar rápido que ela não conseguiu disfarçar, fixando-se no

meu corpo nu.

— Você é um cretino, psicopata Sullivan! — grunhiu, passando por mim em um rompante. Sua raiva me arrancou uma risada divertida.

— Psicopata Sullivan? — repeti, ainda rindo, um toque de ironia na voz.

Abriu a porta e me lançou um olhar gelado.

— Pode ficar com esse nome, combina com você!

E saiu, batendo a porta com força.

A música alta pulsava nos meus ouvidos de forma incômoda, cada batida me lembrando que eu deveria estar relaxando, mas não conseguia.

Como em todas as festas que organizávamos, o lugar estava tomado pelo caos habitual. A sede da irmandade Sullivan era sempre o cenário dessas reuniões.

Sendo herdeiro da liderança da máfia da minha família, havia regras que eu precisava seguir, limites que não podia cruzar. Meu pai e meus tios mantinham distância dos assuntos do colégio, mas isso não significava que não estavam sempre atentos. E essa vigilância constante era a parte que mais me irritava: saber que, além de lidar com meus próprios fantasmas, havia olhos sempre me observando.

— Você está agindo de forma esquisita ultimamente. — Observou meu primo Ross, sentando-se ao meu lado no sofá da sala espaçosa, um verdadeiro santuário de luxo e excessos. Por escolha própria, Ross seria meu consigliere, minha mão direita nos negócios. — Isso tem a ver com aquela garota estranha?

Lancei-lhe um olhar frio, mas ele permaneceu impassível. O idiota era tão psicótico quanto eu; nada, além da nossa família, parecia interessá-lo de verdade, especialmente sua irmã Dara, que já estava na faculdade.

— Lila não é estranha — respondi, e ele apenas deu de ombros, num gesto indiferente que sempre me irritava.

— Tanto faz! — Levou a garrafa de cerveja à boca. — Você mudou desde que ela voltou para a

cidade.

Franzi o cenho, surpreso com sua percepção.

— Você a reconheceu? — perguntei. Ele assentiu, um movimento quase imperceptível.

Estalou os lábios e se ajeitou quando uma garota se jogou em seus braços, interrompendo nossa conversa por um momento.

— E então, qual é o seu plano? — quis saber, afastando o rosto da garota quando ela ameaçou beijá-lo.

Ross transava com a garota que queria, mas evitava beijos na boca, achando-os íntimos demais, um traço peculiar dele.

Cerrei o maxilar, sentindo a tensão se acumular no peito.

— Vou levá-la ao limite — respondi sua pergunta com um sorriso malicioso, uma promessa de que Lila não escaparia de mim tão fácil.

Logo, meus outros primos chegaram, cheios de energia, jogando uma bola de um lado para o outro, transformando a sala em um campo de risadas e brincadeiras. Cillian e os gêmeos, Tyler e Elijah,estavam no quinto ano da Sênior Cycle, assim como meu único irmão, Noah. Já Maeve estava no terceiro ano da Junior Cycle.

Em seguida, Brigid apareceu com seu habitual joguinho de sedução. As garotas mal conseguiam esconder o entusiasmo de estar por perto, como mariposas atraídas pela luz. Não era segredo nenhum que os Sullivan dominavam a cidade e, por extensão, a Avondale Academy.

— Que cara de bunda é essa? — perguntou Noah, se jogando ao meu lado. Com um movimento brusco, arranquei o cigarro de maconha da sua mão.

— Ei! Me devolve isso!

Minha expressão fechada revelava o tamanho da minha irritação, uma tempestade prestes a desabar.

— Quem te deu essa merda? — grunhi, cheio de fúria.

— Experimenta me obrigar a falar — desafiou ele, soltando uma risada irritante. — Para de ser um babaca, Nolan!

Num piscar de olhos, agarrei sua gola, puxando-o para perto, nossos rostos a centímetros de

distância.

— Você está me desafiando? — sibilei entre os dentes. — Isso não vai acabar bem. E se eu tiver que envolver nosso pai nisso, nem nossa mãe vai poder te salvar.

O sorriso desapareceu de seu rosto, e ele se desvencilhou do meu aperto com um movimento rápido.

— Vai se ferrar, porra!

Desviei o olhar para o caos ao nosso redor, fixando-me em Brigid, que me observava com aquele olhar faminto que eu conhecia bem. Fiz um sinal com o dedo, e ela se aproximou, jogando-se no meu colo como se aquele fosse o seu lugar natural. O vestido curto subiu, revelando suas coxas pálidas, agora à mercê das minhas mãos.

— Senti sua falta na aula hoje — disse com uma voz manhosa que só fez aumentar minha irritação. Seus cabelos castanhos caíam desordenadamente pelo generoso decote. — Aconteceu alguma coisa?

O calor de sua mão no meu peito, somado ao jeito como esfregava o corpo contra o meu, deixava claro que ela não tinha vergonha de nada. Embora fosse filha de um político influente, Brigid parecia não se importar com quem estivesse envolvida.

— Não finja que somos namorados — rosnei, segurando sua mão quando tentou tocar meu rosto. Era uma barreira que eu precisava manter. — Não te devo satisfações.

Engoliu em seco, mal disfarçando a mágoa que minhas palavras provocaram. Mas eu não me detive nisso. Minha atenção foi imediatamente atraída por algo inesperado que surgiu diante dos meus olhos.

— O que diabos aquela pirralha está fazendo aqui? — rugiu Cillian, apontando para sua irmã, Maeve.

Só que para mim, o problema era outro.Maeve não estava sozinha; ela estava acompanhada de Lila, que ousava se apoiar no ombro do maldito Maguire.

Como ela tinha a audácia de se empoleirar em outro *cara* depois de ter me beijado?

Vê-la ao lado de Rory era um insulto, uma provocação descarada que eu simplesmente não podia ignorar.

O medo e o pânico se misturavam em mim conforme eu me dava conta de onde estava, amaldiçoando-me por ter entrado nessa loucura. Aquele ambiente me era estranho, e, de maneira desconfortável, eu parecia ser o centro das atenções.

Céus, eu não devia ter vindo. Deveria ter interpretado o que aconteceu mais cedo como um sinal de que *este*, definitivamente,*não* era o meu dia de sorte.

As últimas horas foram tomadas por lembranças do instante em que invadi o quarto de Nolan e fui reduzida ao nada. Ainda sentia na pele, a marca da forma como ele impôs sua presença. Aquela aura crua, selvagem, que me atraía num nível quase visceral... e, ao mesmo tempo, me dava vontade de correr sem olhar *pra* trás.

A forma como aquele bastardo me dominou ali, entre quatro paredes, foi mais do que um jogo de poder. Foi um aviso. Um lembrete cruel do quanto ele poderia me despedaçar com facilidade, se quisesse.

E eu mal conseguia juntar os cacos que ficaram após a perda da minha mãe.

— Acho que foi um erro ter vindo — disparei, nervosa, minhas palavras soando inaudíveis em meio à música alta e às risadas que enchiam o ambiente. — Eu nem conheço essas pessoas.

Puxei a barra da minha saia curta, desejando cobrir mais pele, mesmo sabendo que isso não resolveria. Combinei com uma blusa de alças finas, estampada com flores, e deixei meu cabelo solto, sem nada elaborado.

— Mas essa é a graça, Lila! — exclamou Maeve, com uma animação que eu estava longe de compartilhar. — Te convidei justamente para te apresentar a todos eles. Não há ninguém na *Avondale Academy* que eu não conheça.

Olhei para a garota ao meu lado, admirando seu visual. Maeve usava um vestido azul até os joelhos, que deixava suas coxas lisas à mostra. Seu cabelo negro estava solto, adornado com presilhas discretas, e a maquiagem leve realçava seus lindos olhos castanhos, que brilhavam de entusiasmo.

Depois do constrangimento que vivi mais cedo, tudo o que desejei foi sair correndo daquela mansão e ficar o mais longe possível de Nolan. Mas Maeve era uma garota doce, e eu não podia culpá-la por ter o mesmo sangue daquele imbecil.

Mesmo assim, não contei nada do que havia acontecido. Só de pensar em admitir que fui pressionada contra a parede e beijada por seu primo psicopata — e o pior, tê-lo visto sem roupa —, eu já sentia o calor do constrangimento subindo para o meu rosto.

— Tenho que te parabenizar, garota. Faz tempo que tento convencer essa teimosa a sair de casa, mas nunca consigo — brincou Rory, beliscando a ponta do meu nariz com um sorriso travesso. — Ela prefere se trancar no quarto como se fosse um vampiro.

— Ei! — protestei, fingindo estar brava, mas não conseguindo segurar o riso. — Então, não te convido mais para as nossas maratonas de filmes, já que você reclama depois.

— Não me faça parecer o vilão, *ursinho*. Nunca disse isso — retrucou ele, piscando para mim.

Eu estava prestes a responder quando uma voz grave e irritada surgiu ao meu lado, me assustando e interrompendo nosso momento:

— O que você está fazendo aqui, Maeve?

O *cara* era atraente, mas sua postura era bem intimidante. Piorava o corte de cabelo sendo bem rente a raiz. Os braços cruzados destacavam os músculos abundantes.

— Isso não é da sua conta, Cillian! — retrucou ela, sua voz cheia de revolta. — Pare de se meter na minha vida!

— Escuta aqui, *pirralha*...

Antes que ele pudesse continuar, me intrometi, segurando o braço dele quando ele apertou Maeve, um impulso de proteção surgindo dentro de mim.

— Qual é o seu problema?! Solte a Maeve agora!

Meu corpo inteiro tremia, a adrenalina correndo em minhas veias. Ele me olhou com frieza, os olhos azuis me analisando com uma curiosidade silenciosa que me deixou desconfortável. Mesmo assim, ele não disse nada.

— Está tudo bem, Lila. — Maeve disse, tocando meu ombro com um gesto tranquilizador. — Esse *brutamontes* aqui é meu irmão. — Ela revirou os olhos, querendo minimizar a situação. — Não se preocupe, vou ficar bem. — Forçou um sorriso, mas eu ainda podia ver a tensão em seus olhos.

— Vamos, Lila... — Rory me puxou para longe, enquanto eu continuava a observar a discussão entre Maeve e seu irmão ignorante. — Se quer um conselho — sussurrou enquanto nos afastávamos —, fique longe dessas brigas. Principalmente, quando envolvem os Sullivan. Eles só trazem problemas.

Engoli em seco, minha mente invadida pelas lembranças do Nolan, de seus malditos olhos azuis que pareciam me perseguir, mesmo quando eu estava longe.

— Fica aqui — pediu, visivelmente agitado. — Vou buscar uma bebida *pra* gente.

Assenti, vendo meu melhor amigo se afastar e interagir com quem cruzava seu caminho, especialmente as garotas, que pareciam ser atraídas por ele como se fossem magnetizadas.

Em um instante, eu estava sorrindo, mas logo meu humor azedou ao ver Rory se deixar envolver por uma das vadias que o interceptou. Isso significava que eu ficaria sozinha numa festa que, para começo de conversa, eu nem queria vir.

Suspirei baixinho, me perguntando, mais uma vez, o que diabos eu estava fazendo naquele caos, onde o barulho parecia me sufocar.

De repente, um arrepio percorreu minha espinha ao sentir que estava sendo observada. Não demorou muito para que meus olhos vagassem pelo salão, e uma cena em particular prendeu minha atenção.

Nolan estava me encarando, com aquele olhar intenso e intimidador de sempre. Ele não estava sozinho. Brigid estava praticamente jogada em seu colo, se esfregando nele de maneira descarada.

Como ele teve a audácia de me beijar daquele jeito mais cedo, se estaria com ela agora?

Filho da mãe!

Passei o resto do dia lutando para processar toda essa loucura, tentando entender essa obsessão dele comigo, e as minhas próprias reações sempre que ficávamos cara a cara. E para quê? No fim das contas, não significou nada. Aquele beijo, que eu revivi na minha cabeça como uma idiota, não teve importância nenhuma para ele. Era só um jogo, uma diversão cruel.

Então, que se dane!

— Voltei! — Rory anunciou, surgindo com duas garrafas de cerveja, seu sorriso largo dissipando a tensão que eu sentia.

Aceitei uma das garrafas, num esforço para esconder o nervosismo causado pelo que tinha acabado de ver.

— Parece que você andou desentupindo alguma pia — brinquei, notando a marca de batom vermelho nos lábios dele. — Não perde tempo, hein, safado?!

Rimos juntos, e eu estendi a mão para limpar a mancha dos lábios dele, enquanto ele me olhava com um sorriso zombeteiro.

— Você precisava ver o traseiro dela — disse, fazendo um gesto exagerado com as mãos. — Já estou criando vários cenários para mais tarde.

Fiz uma careta e revirei os olhos.

— *Argh,* Rory! Que nojo, eu não precisava dessa imagem na minha cabeça!

Sua risada ressoou, me contagiando por um momento.

Infelizmente, nossa conversa foi interrompida quando dois *caras* se aproximaram. Eram os gêmeos que viviam com Nolan. Tyler e Elijah. Eles se destacavam na multidão com seus cabelos loiros e olhos verdes, como se tivessem saído de um conto de fadas.

— Por que não se juntam a nós? — Tyler apontou para a sala onde os outros estavam reunidos, incluindo Nolan. — Você é do time, Rory, é bem-vindo na nossa roda, *cara*. — Ele sorriu, exibindo covinhas.

Olhei de um para o outro, espantada com o quanto eles eram idênticos.

— Agradeço, mas estamos bem aqui — respondi, me aproximando de Rory.

— Ah, não seja estraga-prazeres, Lila — provocou Elijah, colocando um braço ao redor dos ombros de Rory e já o empurrando em direção à sala. — Tenho certeza de que Rory está louco *pra* se divertir com a gente.

Eu sabia que meu melhor amigo adorava esse tipo de atenção, mas algo dentro de mim se revoltou. A última coisa que eu queria era ficar sob o olhar psicótico de Nolan.

— Rory...

Ele me olhou com aquele sorriso doce.

— Relaxa, Lila, vai ser divertido! — prometeu, seguindo Elijah, e eu não tive escolha a não ser acompanhá-los.

— Pessoal, olhem quem nós trouxemos! — anunciou Tyler, com um sorriso largo, atraindo a atenção dos demais.

— Ora, ora, a novata esquisita! — A voz venenosa de Brigid soou clara, seguida pelas risadas das amigas. — Se perdeu de casa, querida?

Senti meu rosto esquentar na hora.

— A única coisa que eu vou perder é a minha paciência se você não calar essa maldita boca e me deixar em paz, sua vadia! — rosnei entre os dentes.

O ambiente ao redor se encheu de murmúrios de incredulidade. No instante seguinte, me arrependi das palavras que deixei escapar movida pela raiva. Não era do meu feitio ser tão grosseira, e talvez o fato de aquela vagabunda estar sentada no colo do Nolan tenha sido o estopim para minha explosão.

Babaca de merda!

— Depois de uma resposta dessas, faço questão de que você se sente aqui do meu lado, Lila — disse Ross, empurrando a garota ao seu lado para abrir espaço. Ela resmungou algo que não ouvi direito, mas ele a ignorou, seus olhos sádicos cravados em mim. — Não sabia que você tinha esse temperamento tão explosivo, garota. — Ele riu de forma debochada.

Senti o peso de vários olhares, porém, tentei sorrir e parecer tranquila, mesmo com o nervosismo crescendo no meu estômago.

— Na minha opinião? Ela só quer chamar a atenção — reclamou Brigid, estalando a língua em desdém.

— Chamar a atenção? — retrucou Rory, cruzando os braços. — Quem parece fazer isso é você, Brigid. Que vive se esfregando em mais caras do que conseguimos contar.

Fiquei espantada com a franqueza dele. Mas Rory nunca deixaria que me humilhassem.

— Como você se atreve, Maguire? — sibilou ela, trêmula.

Meu amigo apenas deu de ombros e se jogou num dos sofás, com uma tranquilidade que eu estava longe de sentir.

— E aí, Lila? — Tyler interrompeu a pequena discussão, trazendo minha atenção de volta. — Já

se acostumou com o retorno à nossa escola ou ainda está se adaptando? — Sorriu de forma amigável, embora seus olhos sugerissem outra coisa. Na verdade, nenhum deles parecia ter uma mente sã.

— Ah, ainda estou me adaptando, acho — respondi, aprumando o corpo rígido.

— Então você cresceu aqui na Irlanda e se mudou ainda criança, é isso? — Ross quis saber, seus olhos verdes cravados nos meus.

Franzi o cenho, processando suas palavras.

— É, basicamente isso — respondi, distraída por pensamentos confusos. Minha infância era um borrão na minha cabeça, mas preferi não entrar em detalhes sobre isso. — De qualquer forma, é bom estar de volta.

Ross logo desviou sua atenção, e outra conversa se iniciou entre o grupo. Senti um misto de alívio e decepção, de certa forma me sentindo excluída.

Inquieta, meus olhos percorreram o ambiente, observando as expressões animadas, as roupas caras, as interações. Mas eu evitava olhar para Nolan.

Ele ainda estava ali, com Brigid jogada sobre ele. Porém, de forma estranha, eu tinha certeza de que sua atenção não estava nela. Sentia seus olhos em mim, queimando minha pele e acelerando meu coração.

Tyler e Elijah mantinham Rory ocupado, alheio ao desconforto que eu tentava esconder. Procurei por Maeve e seu irmão, mas não os vi em lugar algum. Fiquei preocupada, imaginando se ela estava enfrentando algum problema.

De repente, meu celular vibrou no bolso. Meu coração deu um salto. Peguei o aparelho, torcendo para que não fosse a mensagem de quem eu temia.

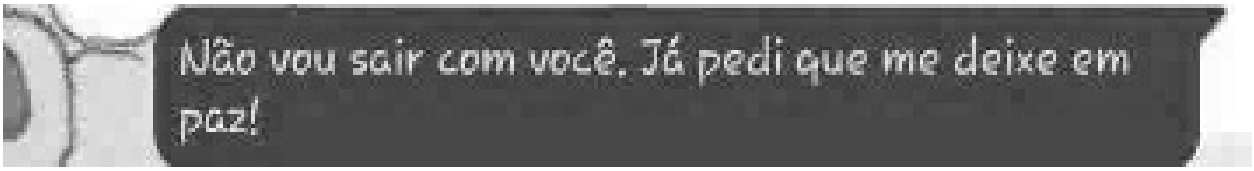
Com um aperto no peito, abri a mensagem:

Engoli em seco, sentindo meu estômago revirar. O primeiro impulso foi olhar em sua direção, para confirmar se ele realmente estava me observando. Para minha surpresa, ele estava conversando com outra pessoa.

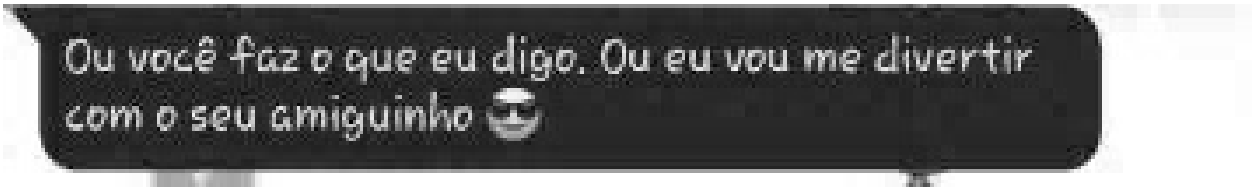
O que diabos estava acontecendo?

Minha irritação aumentou diante do riso estridente de Brigid. Ela parecia tão à vontade no colo dele, enquanto eu lutava para decidir o que fazer.

Respirei fundo e, com os dedos trêmulos, digitei rapidamente:



Esperei que a mensagem fosse o suficiente para ele entender, mas sua resposta chegou quase instantaneamente, congelando meu sangue por um segundo:



Suas palavras me gelaram por dentro. “Divertir” não era exatamente o que ele queria dizer, e eu sabia disso. Nolan já tinha me mostrado o quanto podia ser imprevisível, e o tom ameaçador da mensagem deixou bem claro que ele estava disposto a ir até as últimas consequências para conseguir o que queria.

Olhei para Rory, que continuava entretido na conversa com os gêmeos, completamente alheio ao perigo que pairava sobre ele.

Um sentimento de impotência tomou conta do meu peito, e meus olhos voltaram a Nolan. Embora ele não estivesse me encarando, o sorriso malicioso em seus lábios dizia tudo. O bastardo sabia que tinha me encurralado e estava se divertindo com isso.

Com os nervos à flor da pele, levantei-me e me afastei do grupo com passos hesitantes. Não fazia ideia se Rory percebeu minha saída, mas o avisaria depois. O que mais importava no momento era mantê-lo longe de qualquer perigo. Ele era meu único amigo, meu porto seguro depois que minha mãe se foi.

Ao sair para o lado de fora, inspirei o ar fresco, lutando para acalmar a tempestade que se acumulava dentro de mim. Caminhei até estar bem longe da casa, sentindo a brisa noturna acariciar meu rosto.

Com a mão no peito, inclinei a cabeça para trás, respirando lenta e profundamente, buscando algum alívio.

No entanto,minha tranquilidade foi brutalmente interrompida quando braços fortes e possessivos envolveram minha cintura. Arfei ao reconhecer o toque e o perfume que dominavam o ar a minha volta.

Virei-me devagar e dei de cara com Nolan, seus olhos famintos e malvados cravados nos meus. Tentei me afastar, só que suas mãos não permitiram, mantendo-me presa contra seu corpo quente.

— O que você quer agora? — grunhi, o coração disparado no peito.

Odiei-me por estremecer quando ele passou uma das mãos pelo meu rosto, descendo até a nuca, deixando um rastro de arrepios desconfortáveis por todo meu corpo traidor. Fraca. Era assim que eu me sentia perto dele.

— Por que você veio a essa festa com *ele*? — sua voz saiu como um rosnado baixo. — O que passou pela sua cabeça ao ficar pendurada naquele otário do Maguire depois de ter sido beijada por mim, Lila?

Pisquei, me esforçando para processar o que ele disse. No fim, deixei escapar uma risada incrédula.

— Ah, me desculpe — zombei. — Eu não sabia que aquela porcaria de beijo forçado seria algum tipo de "feito especial", algo para guardar como um tesouro precioso. — Revirei os olhos, tentando empurrá-lo, mas ele apenas me apertou mais. — Se toca, garoto! Você e eu não somos nada. Eu sou só uma obsessão passageira *pra* você.

Ele continuava me olhando com aquela intensidade desconcertante.

— Me solta! — Deixei um suspiro exasperado escapar, odiando a sensação de ter minhas mãos trêmulas contra seu peito. — Por que você não vai atrás da Brigid, hein? Aposto que ela está bem mais disposta do que eu.

Arrependi-me das palavras assim que elas saíram da minha boca.

Droga!

— Isso é ciúmes? — indagou, um sorriso sádico surgindo em seus lábios.

— Vai *pro* inferno! — bradei, lutando para manter o pouco de dignidade que me restava.

Nesse momento, ele apertou minhas bochechas, forçando-me a encarar seus olhos gelados. Um arrepio percorreu cada centímetro do meu corpo.

— Vou sim, querida — garantiu, com um sorriso cruel. — Mas vou te levar junto.

Antes que eu pudesse reagir, pressionou nossas bocas, mordendo meu lábio inferior com força. Em seguida, começou a me arrastar para algum lugar desconhecido.

O gosto metálico de sangue se espalhou pela minha boca, enquanto minha mente só conseguia pensar no tipo de jogo sádico que esse psicopata estava prestes a começar comigo.

Oh, céus!

Mesmo eu me esforçando para lutar contra, era impossível ignorar o perfume de Nolan, uma fragrância que parecia impregnada no interior luxuoso daquele carro. Era uma mistura de madeira e especiarias que, pouco a pouco, se infiltrava na minha pele. Quanto mais tempo eu passava ali, mais o cheiro dele se fixava em mim.

Por que, afinal, eu concordei em sair com esse *cara* perturbado?

De canto de olho, observei o perfil dele conforme ele dirigia. A luz suave que entrava pelas janelas destacava os traços de seu rosto. O maluco não disse uma única palavra desde que me arrastou para dentro do carro e saiu em disparada, sabe-se lá para onde. Já fazia alguns minutos.

Nolan tinha uma beleza sombria, que, de forma inexplicável, me atraía como um ímã, despertando em mim uma curiosidade perigosa sobre sua mente conturbada. Os ombros largos estavam tensos sob a camiseta preta, e a forma como apertava o volante deixava claro que estava irritado.

— Para onde você está me levando? — quebrei o silêncio sufocante, num esforço para disfarçar minha inflação, embora fosse evidente. — Isso é um sequestro, sabia?

Minhas palavras fizeram com que ele soltasse uma risada baixa, o som reverberando no interior do veículo.

— Não finja que não quer estar comigo— alegou com aquele tom arrogante que me irritava demais. — Nós dois sabemos que você estava morrendo de ciúmes ao ver a Brigid jogada no meu colo. Admita — ele me lançou um olhar de relance, um sorriso malicioso se formando em seus lábios atraentes —, você queria estar no lugar dela.

Senti o calor subir ao meu rosto, um misto de raiva e vergonha.

— Você tem algum tipo de complexo de superioridade, né? Não é possível ser tão presunçoso assim!

Voltou a rir, e meu corpo reagiu ao som, como se cada célula estivesse sintonizada a ele. Sem perceber, levei a mão aos lábios doloridos, ainda marcados pelo beijo bruto que ele me deu minutos atrás. Estranhamente, algo dentro de mim ansiava por mais, uma curiosidade esquisita que eu não podia evitar.

De repente, Nolan parou o carro. Pisquei, surpresa ao perceber onde estávamos. O nervosismo me dominava tanto que nem notei que estávamos no campus de *Avondale*. A propriedade era tão grande, que para chegar a certas áreas, era necessário usar o carro.

Tremendo, observei Nolan sair do carro e dar a volta, enquanto eu permanecia sentada, paralisada. Arfei quando ele abriu a porta ao meu lado.

— Não vou sair deste carro.

Soltou o ar com frustração, quase impaciente.

— Quer que eu te tire à força? — Inclinou-se contra a porta, estalando os lábios de forma irritante e, ao mesmo tempo, sedutora.

Seus olhos examinaram cada detalhe do meu rosto, parecendo querer desvendar os pensamentos que eu mantinha ocultos.

— Às vezes, acho que você gosta do meu lado mais malvado, Lila. Estou certo? — Chegou mais perto, deslizando a mão sobre minha perna nua, o toque quente e invasivo.

Com o coração disparado e aflita pela direção que aquilo estava tomando, afastei sua mão com um tapa, lutando contra o desejo traiçoeiro que meu corpo sentia ao menor toque desse infeliz.

— Pare com isso! — exclamei, detestando o fato de que ele sempre conseguia me afetar de maneiras que eu não compreendia. — Eu vou sair, *droga!*

O babaca voltou a rir e se afastou, me forçando a segui-lo. Meus olhos logo se prenderam ao lago à nossa frente.

Arfei ao fixar minha atenção a imponente árvore que se erguia ali, parecendo proteger o lago. Suas raízes antigas se espalhavam pela margem, formando um trono natural, no qual Nolan se sentou, como se aquele lugar lhe pertencesse.

A escuridão ao redor apenas aumentava a beleza do cenário, iluminado apenas pela luz suave da lua banhando o lago.

— Por que me trouxe aqui? — indaguei, me aproximando, mas mantendo uma distância segura. Não confiava nele, muito menos em mim mesma quando estava tão perto. — O lugar é lindo, mas não entendo por que você me traria *pra* cá.

— Sente-se aqui. — Ele bateu no chão entre suas pernas, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Arregalei os olhos, espantada com sua ousadia.

— Nem pensar!

— Não quer respostas? — Arqueou uma sobrancelha, um sorriso sutil se formando em seus lábios. — Não está curiosa sobre o porquê do meu interesse em você?

— Vai me explicar sua insanidade?

Sua risada misturou-se ao suave som das folhas movidas pelo vento.

— É assim que você vê tudo o que aconteceu entre nós?

Bufei, levantando as mãos, desejando controlar a frustração crescente.

— Que "nós", Nolan? Não existe um "nós"!

Ele não respondeu, e eu, irritada, criei coragem para me aproximar. Cada passo que eu dava, ele me observava atentamente, feito um predador analisando sua presa. O som do meu coração era tudo o que eu conseguia ouvir, batendo forte, misturado à minha respiração pesada.

Sentei-me de costas para ele, cercada por suas pernas grossas, determinada a manter certa distância. Mantive meus braços ao lado do corpo, evitando qualquer contato com ele. Mas Nolan percebeu e, ignorando minha resistência, puxou-me mais para perto, fazendo com que eu sentisse o calor de seu corpo em minhas costas e seu perfume.

Um arrepio percorreu minha pele quando ele aproximou o rosto do meu pescoço, e seus lábios roçaram minha orelha, enviando uma onda de calor por todo o meu corpo.

— Por que manter tanta distância, querida?

Engoli em seco, mal suprimindo o gemido que ameaçou escapar, enquanto lutava contra a atração irresistível que ele exercia sobre mim.

— Você não tem o direito de me tocar assim — soprei, sentindo o calor se espalhar por cada centímetro da minha pele, conforme suas mãos deslizavam pelos meus braços. — Nós não somos

nada um do outro, Nolan. Há poucos minutos, você estava com outra garota.

— Brigid? Ela não significa nada para mim.

Pisquei, espantada pela facilidade com que ele disse isso.

— Eu não ligo. Não é da minha conta! — rebati, desejando parecer indiferente, embora soubesse que ele via além da minha fachada barata.

Óbvio que ele riu de novo, o som tão próximo aos meus ouvidos que provocou uma reação íntima que eu não queria admitir.

— Você mente muito mal, Lila — afirmou, ainda rindo. — Por que não admite que ficou com ciúmes?

Voltei a revirar os olhos, apenas para disfarçar o quanto ele estava certo.

— Você está me distraindo — comentei, bufando, enquanto virava o rosto para encará-lo. Nossos rostos ficaram perigosamente próximos, e agora eu podia sentir o calor de sua respiração misturada à minha.

— Por que essa obsessão por mim?

Vi seu maxilar se contrair, mas seus olhos continuaram fixos nos meus. Ele parecia ponderar o quanto deveria me revelar.

— Tem certeza de que essa é a pergunta certa a se fazer? — retrucou, depois de um momento. — Eu só vou responder a uma.

— Esse não era o combinado.

— Eu não fiz acordo nenhum.

Franzi o cenho, irritada pela sensação de estar sendo manipulada.

— Isso não é justo! — exclamei.

Não pude evitar observar seus lábios, que se curvaram em um sorriso provocante.

— O mundo não é justo, Lila. — Afastou uma mecha do meu cabelo para trás da orelha, o toque suave contrastando com a intensidade de suas palavras. Eu tentei me afastar, mas ele não deixou, seu semblante ficando mais sombriamente sério. — Não faça isso!

Pisquei, confusa.

— Fazer o quê?

— Me impedir de te tocar — respondeu, a voz baixa fazendo meu coração bater mais depressa. — Porque quanto mais você me afasta, mais eu quero te tocar.

Bufei, exausta da batalha constante que ele me forçava a travar sempre que estávamos juntos.

— Isso é loucura!

Negou com a cabeça, os dedos roçando meus lábios de leve, enviando arrepios pela minha espinha.

— Você ainda não viu nada — afirmou, com um tom de voz enigmático. — E sei o quanto você deseja se perder nesse meu lado malvado.

— Não sei do que você está falando — balbuciei, nervosa, sentindo meu corpo tremer, embora uma parte de mim soubesse exatamente o que ele queria dizer.

Novamente quis me afastar, olhando para frente, mas Nolan agarrou meus cabelos com uma das mãos e firmou a outra em minha barriga, forçando-me contra seu peito. Sua boca deslizou até minha nuca, arrancando gemidos suaves de meus lábios.

— No momento que te segurei no meu quarto, vi a loucura brilhando nos seus olhos, Lila — passou a língua pela minha nuca e orelha. — Você ficou excitada com a ideia de eu tomar o controle. A adrenalina de ser obrigada a ceder à minha vontade te dá prazer.

— Não! — ditei, envergonhada. — Eu não sou assim. Você está errado.

— Estou errado? — Um gemido escapou de mim quando sua língua mergulhou em meu ouvido, cada palavra enfraquecendo minha resistência. — Então, o que explica esse cheiro que estou sentindo? Tem certeza de que não vou encontrar sua boceta molhada *pra* mim, *baby?*

Tentei fechar as pernas, mas ele não permitiu. Antes que eu pudesse reagir, seus dedos já brincavam com minhas dobras por cima da calcinha, acariciando-me com a experiência de alguém que sabia o que estava fazendo. *Oh, céus!*

— *Hmm*... veja como sua boceta está me recebendo — soprou no meu ouvido, intensificando meu rubor. — Está escorrendo, Lila, pulsando contra meus dedos.

Não resisti quando sua outra mão encontrou meus seios, apertando e beliscando meus mamilos. Por que eu estava sendo tão fraca? Cada toque desse demônio parecia uma batalha que eu estava fadada a perder.

— Isso não é...

Minha voz morreu assim que ele afastou minha calcinha para o lado e me tocou diretamente, sem barreiras. Mordi o lábio inferior, lutando para conter o grito que ameaçava escapar, perdida entre o desejo e o senso de realidade.

— O que foi, *baby?*

Deixei minha cabeça cair sobre seu ombro, sentindo o peso das emoções conflitantes que fervilhavam dentro de mim.

— Isso não é certo — balbuciei, mesmo fraca, dominada pela intensidade do momento. — Você é louco.

Ele riu, um som rouco e divertido que reverberou pela minha pele, como se não houvesse nada de errado no mundo. Como se ele não estivesse transformando minha vida em uma bagunça.

— Eu sou tudo o que você precisa, Lila.

— Por quê? — Revirei os olhos, numa luta para ignorar o prazer que seus dedos estavam me proporcionando, misturado aos beliscões nos meus mamilos, enviando ondas de calor por todo o meu corpo.

— Porque você prometeu.

Não consegui entender o que ele quis dizer com isso, especialmente considerando o turbilhão de sensações que me dominavam. Era humilhante o quanto eu estava molhada, o quanto eu estava entregue.

Meu corpo inteiro foi tomado por um calor intenso, suor escorrendo e tremores incontroláveis. Abri as pernas um pouco mais, ignorando qualquer sinal de alerta que minha mente tentava enviar, qualquer último resquício de razão tentando me proteger. Tudo o que eu queria era alcançar o clímax que parecia tão próximo.

Mas então, Nolan parou. Ele retirou a mão da minha calcinha, me deixando à beira do abismo.

— Mas... — murmurei, a frustração presa na garganta —, por que você parou?

— Por que você continua fingindo que não me conhece? —disparou, seus olhos, antes sedutores, agora ferozes e acusadores. — Por que insiste em se mostrar com aquele idiota do Maguire, quando deveria ser só minha?

Pisquei, desejando processar suas palavras, mas minha mente continuava turva pelo quase

orgasmo, pela confusão de sentimentos que ele sempre provocava em mim.

— Eu... eu não... — lambi os lábios, procurando as palavras certas a dizer —, não sei do que você está falando, Nolan.

— Para de me chamar assim, *caralho!*

Atordoada, mas também furiosa, consegui me soltar de seu agarre e me levantar, apesar de minhas pernas ainda tremerem de fraqueza. Felizmente, ele continuou onde estava, me observando com uma intensidade que me fez querer desaparecer dali.

— Por que você sempre faz isso? — intimei, com a voz embargada pela emoção. — O que você ganha ao me humilhar assim?

Não esperei por resposta. Virei as costas e corri, mesmo com os protestos dele ecoando atrás de mim.

Eu poderia ligar para o Rory vir me buscar, mas não queria estragar a noite dele. Ou talvez só não quisesse explicar o que tinha acabado de acontecer entre mim e Nolan.

Mesmo sabendo que ouviria uma bronca, não tive escolha senão ligar para o meu pai.

Droga, Lila!

Minha noite foi um completo desastre.

— *Inferno!* — Saí do carro às pressas, mais atrasada do que nunca.

Tentei me convencer de que o atraso fosse o problema do meu mau humor, porque era mais fácil do que encarar a verdadeira razão: aquela que me manteve acordada a noite toda.

Nolan.

Era cruel como ele conseguia mexer comigo, mesmo à distância. Era cruel que o toque dele ainda queimasse minha pele como se estivesse marcado a ferro. Eu não conseguia acreditar que tinha deixado as coisas irem tão longe, mais longe do que com qualquer outro já foi.

Meu rosto corava só de lembrar como foi encarar meu pai depois que ele chegou para me buscar. A mentira já estava pronta, porque jamais conseguiria contar a verdade. Meu pai certamente caçaria Nolan e o castraria por ter desonrado sua única filha.

Céus, que vergonha!

Esfreguei o rosto numa tentativa de afastar os pensamentos enquanto caminhava pelo campus, acelerando o passo. Minha cabeça estava um caos, resultado de uma noite em claro.

De repente, percebi olhares estranhos e cochichos ao meu redor. Fiquei confusa, sem entender se eram dirigidos a mim. Não fazia sentido.

Continuei andando e tentando ignorar o desconforto, mas a situação só piorou quando as risadas começaram a acompanhar os cochichos. Ao virar o corredor que me levaria à primeira aula, meu telefone tocou, e quase o derrubei devido ao tremor que percorreu meu corpo todo. Aquela atenção indesejada e zombeteira estava me deixando à beira de um colapso.

O que diabos estava acontecendo?

Nervosa, atendi quando vi que era Rory ligando. Eu não tinha falado com ele desde que saí com o psicopata do Nolan na noite anterior.

— Rory, me desculpa por ontem e...

— *ONDE VOCÊ ESTÁ?* — gritou do outro lado, me fazendo afastar o telefone da orelha. — *VOCÊ ESTÁ BEM?*

— Caramba, Rory, por que você está gritando?

Seu suspiro ecoou pela linha.

— *Meu Deus, ursinho, por que você não me contou?*

Pisquei, confusa com a pergunta dele, enquanto os olhares e as risadas ao meu redor continuavam.

— Contar o quê, Rory? — rebati, sentindo a preocupação crescer. — O que está acontecendo?

Ele ficou em silêncio por alguns instantes.

— *Espera, você não viu?*

Meu coração disparou.

— Ver o quê? Pelo amor de Deus!

Antes que ele pudesse responder, Brigid e suas amigas surgiram no meu campo de visão. A vaca parou bem na minha frente, com uma postura arrogante e braços cruzados, me olhando de cima a baixo. Desliguei o telefone, mesmo sabendo que Rory ainda estava falando.

Endireitei a postura, ergui o queixo e me preparei para não deixar que ela me intimidasse.

— Perdeu alguma coisa, vadia? — rosnei.

Estalou os lábios, saboreando a provocação.

— Sabe, eu achei que você fosse do tipo certinha — insinuou, lançando um olhar cúmplice para as amigas, com aquele ar de falsa inocência. — Como é mesmo o nome daquela planta que cresce em qualquer lugar?

— *Trepadeira* — respondeu uma delas, com sarcasmo.

Brigid me lançou um olhar cheio de escárnio, um sorriso cruel surgindo em seus lábios vermelhos.

— Isso mesmo, trepadeira! — exclamou, enquanto eu franzia a testa, sem entender de imediato a ofensa. Então, ela apontou o dedo para mim. — É isso que você é para ele, sua putinha. Uma trepadeira qualquer. Ao menos tente ter um pouco de classe!

Furiosa, dei um tapa na mão dela, odiando sua audácia e o falatório cheio de risos e cochichos. Desorientada e sem entender nada do que estava acontecendo, me afastei delas apressadamente, com a mente fervendo de raiva e confusão.

Quando cheguei à sala de aula, continuei sentindo todos os olhares voltados para mim. O professor ainda não havia chegado, mas a sensação de exposição era sufocante enquanto eu procurava um lugar mais afastado para me sentar.

Senti-me pequena, sem saber o motivo para estar sendo o centro das atenções. Por que todos me olhavam com aquele ar de deboche? E por que Brigid estava tão raivosa, falando sobre trepadeiras?

Peguei o celular, decidida a falar com Rory, já que ele parecia saber o que estava acontecendo, mas o professor entrou na sala naquele exato momento, me fazendo hesitar.

— Ei, professor? — um dos garotos chamou, com um tom cheio de ironia.

— Sim? — respondeu o professor.

— Hoje vamos ter aula de biologia? — indagou, conforme risos maliciosos se espalhavam pela sala. — Estou curioso sobre as trepadeiras, especialmente aquelas que crescem perto de lagos. Ouvi dizer que elas ficam bem... *molhadas* quando são tocadas.

Oh, céus!

As gargalhadas explodiram na sala.

Meu celular vibrou com uma notificação do Rory. Minhas mãos tremeram ao desbloquear a tela. Era um vídeo — curto. Abri no modo silencioso, como se isso pudesse suavizar o impacto.Mas não suavizou.

Meus olhos já ardiam antes mesmo de apertar o play. E então, lá estava. Um cenário que eu conhecia bem. Reconheci cada detalhe... inclusive a mim mesma.Minha cabeça encostada no ombro do Nolan.A mão dele dentro da minha calcinha.

Merda.

Merda.

Merda.

Finalmente entendi. Eu realmente era o alvo da piada.

Nolan tinha feito isso comigo.

Com os olhos marejados, comecei a juntar minhas coisas rapidamente. Pedi licença ao professor e saí da sala, quase tropeçando nos meus próprios pés conforme lutava contra a dor e a humilhação que me consumiam. Como ele pôde fazer isso? Como teve coragem de expor nosso momento íntimo para toda a escola?

Atordoada e desesperada para fugir daquele pesadelo, não percebi quem estava à minha frente até colidir com algo. Ou melhor, com uma parede de músculos.

Olhos azuis. Aqueles malditos olhos azuis.

— Lila? —chamou, com o rosto se contorcendo em uma expressão que fingia preocupação. — Por que você está chorando? Quem fez isso com você?

Dissimulado. Mentiroso.

Ergueu a mão para tocar meu rosto, mas eu a afastei com um tapa forte.

— Não finja que não sabe — rugi, com a voz embargada. Passei a mão pelo rosto para secar as lágrimas que insistiam em cair. — Como você teve coragem de fazer isso comigo? O que eu fiz para você querer arruinar minha vida desse jeito, hein?

Piscou algumas vezes, parecendo genuinamente confuso.

— Do que você está falando? Eu não fiz nada, acabei de chegar na escola.

Tremendo de raiva, me aproximei dele, nossos rostos quase se tocando. Seu perfume me envolveu, mas minha atenção estava fixa em seus olhos, que agora me observavam, perdidos.

Eu o fulminei com toda a fúria que sentia, conforme as lágrimas continuavam a molhar meu rosto.

— Eu.te.odeio.

Grunhi devagar, para que ele sentisse o peso de cada sílaba, a profundidade do ódio que ele havia despertado em mim.

Não consegui ficar perto dele por mais um segundo. Eu precisava sair dali e encontrar um lugar longe. Estava claro como nunca que esse bastardo tinha o poder de me destruir.

E faria isso de dentro para fora.

Meu maxilar estava travado, e os tremores que percorriam meu corpo deixavam claro o quanto eu me sentia frustrado ao observar Lila se afastar quase correndo, fugindo de mim.

Tudo o que minha mente repetia era a imagem do seu rosto coberto de lágrimas e o ódio que brilhava em seus olhos quando ela disse que me odiava. Suas palavras cortaram como lâminas afiadas, rasgando fundo.

Não, isso não podia estar acontecendo.

Eu sabia, sentia em cada fibra do meu corpo, que ainda havia um longo caminho pela frente para nós dois. A lembrança de sua entrega durante o nosso momento no lago, horas atrás, me fez acreditar que estávamos próximos. Cada toque, cada sussurro, ainda ecoava na minha cabeça como uma melodia.

— Merda! — grunhi, odiando estar no escuro sobre o que realmente estava acontecendo.

A ideia de ir atrás dela e exigir respostas passou pela minha cabeça, mas antes que eu pudesse me mover, senti uma mão firme no meu braço. Era Ross. Seu toque frio me puxou de volta à realidade.

— Não vá atrás dela! — exclamou, balançando a cabeça e me olhando com seus olhos sempre indiferentes. — Você não vai conseguir nada agora.

Me soltei do seu aperto com um movimento brusco, a raiva queimando como fogo em minhas veias.

— E daí, *caralho?!* Como se você ligasse para isso — resmunguei, começando a andar na direção oposta à que Lila tinha tomado, o corredor ficando mais apertado e sufocante a cada passo. — Sabemos muito bem que você não se importa com ninguém.

Ele soltou uma risada baixa.

— Tem razão, eu não ligo — deu de ombros, caminhando ao meu lado. — Mas estou curioso para saber quem espalhou esse vídeo. — Acrescentou, chamando minha atenção. — Não é todo dia que alguém tem coragem de desafiar os Sullivan.

Parei no meio do corredor, sentindo a raiva pulsar em cada célula do meu corpo.

— Que vídeo? — sibilei entre dentes.

Minha mente estava acelerada, mas incapaz de processar qualquer coisa. Toda essa situação, o olhar furioso de Lila, estava me sufocando, me torturando como se eu estivesse preso em um ciclo interminável, um pesadelo sem fim.

Óbvio que eu não era nenhum santo, mas ser acusado de algo que não fiz? Isso me consumia, corroendo o pouco de sanidade que me restava.

Ross pegou o celular e me mostrou. O vídeo durava apenas dez segundos, mas era o suficiente para mostrar a silhueta de Lila, com a cabeça apoiada no meu ombro, enquanto minha mão desaparecia entre suas pernas. *Porra!*

Não precisei pensar muito para entender o que ela estava acreditando... que eu havia espalhado aquele vídeo por toda a escola para humilhá-la, depois de ter deixado claro que transformaria sua vida em um inferno.

— Por que diabos você encheu a cara ontem, depois de pegar essa gostosa? — provocou Ross, referindo-se a Lila.

Depois que ela saiu correndo e me deixou sozinho no lago, a única coisa que me restou foi voltar para a festa e beber até desmaiar. Tentando, por algumas horas, apagar da minha mente o rosto dessa garota que havia voltado à cidade só para bagunçar minha vida.

Agarrei Ross pela gravata do uniforme, trazendo nossos rostos tão perto que ele não teria como ignorar a fúria no meu olhar. Sua expressão de deboche era um reflexo direto da minha, que transbordava ódio e impaciência. Cada músculo do meu corpo estava esticado ao limite.

— Vou dizer isso uma única vez, Ross, e é bom você não me testar — rosnei, sentindo meus dentes rangerem com a intensidade da ameaça. — Fique longe da Lila. Não olhe para ela, não toque nela, e nem pense em usar seus joguinhos de merda com ela. Estou avisando.

O desgraçado levantou as mãos, rindo, como se achasse minha reação hilária. Eu sabia que isso só me traria problemas, porque agora que ele entendeu o quanto Lila me afetava, com certeza iria explorar isso para acabar comigo. E enquanto eu mal conseguia esconder minhas emoções, Ross não tinha nenhuma para disfarçar, um verdadeiro mestre em manipular qualquer situação a seu favor.

— Ok, ok... — provocou. — Sem toques. Sem mãos bobas, entendi. — Riu, se divertindo com o caos que estava causando. — Se você não quer dividir a garota, tudo bem *pra* mim.

Revirei os olhos, empurrando o idiota para longe antes de continuar caminhando. A raiva ainda fervia sob a superfície, pronta para explodir.

— SAI DA FRENTE! — berrei para um garoto magricelo que bloqueava o caminho, sentindo minha paciência se esgotar rapidamente.

Não era segredo que minha família controlava *Avondale*. Todos sabiam disso, desde os alunos até a administração. A influência dos nossos pais era poderosa, mas ali, nós havíamos conquistado nosso próprio espaço, uma reputação baseada em respeito — ou medo. Nunca gostei de viver à sombra do meu pai, e odiava ainda mais a ideia de precisar dele para resolver meus problemas.

— E agora, o que você vai fazer? — ouvi Ross perguntar, sua curiosidade mal disfarçada enquanto nos aproximávamos da sala de aula.

Lancei-lhe um olhar duro, o maxilar trincado devido à raiva que queimava dentro de mim.

— Vou descobrir quem espalhou esse vídeo e destruir a vida dessa pessoa.

Assim que entrei na sala, meus olhos varreram cada rosto, avaliando reações e tentando identificar o culpado.

Ross se aproximou de um *cara* que cochichava com outro, imediatamente chamando minha atenção.

— Que merda é essa? — Meu primo perguntou, arrancando o celular do sujeito com um movimento brusco. — *Hmm*... estudando enquanto assiste, é? — Entortou os lábios. — Aposto que você nunca viu isso de perto, não é, seu idiota? Nunca nem ao menos sentiu o cheiro de uma boceta.

Ele me entregou o celular, e lá estava o vídeo. A cena que me enchia de fúria, mostrando um momento íntimo entre mim e Lila.

Tomado pela raiva, joguei o telefone no chão com força. O estalo seco ecoou pela sala, seguido de uma onda de choque dos que estavam ali. Meu olhar vagou pelo lugar, uma promessa não dita de que eu não toleraria mais nenhuma afronta.

Sem conseguir me controlar, comecei a ir de mesa em mesa, pegando cada telefone que encontrava e lançando-os no chão. Cada impacto era um grito de frustração e impotência. Ninguém ousou me impedir ou questionar. Não eram loucos a esse ponto.

Ross ficou parado, mas eu sabia que ele estava se deliciando com o caos que ajudou a criar.

— Isso é abuso de poder — uma voz feminina resmungou de algum canto da sala.

Virei-me e vi uma garota pequena, de cabelos tingidos de vermelho e olhos verdes brilhando com indignação. Algumas sardas pontuavam seu rosto.

— Você sabe com quem está falando, garota? — Ross indagou, sua voz cheia de sarcasmo enquanto a observava. A princípio, eu não a reconheci.

— E isso importa? Porque não muda o fato de os dois estarem abusando do peso que o sobrenome da família de vocês, têm —retrucou, levantando-se e pegando suas coisas. — E não me chame de "querida", você não tem esse direito!

Ela quis passar por Ross, mas ele bloqueou a frente dela antes que pudesse sair. Os dois se encararam por alguns segundos, um duelo silencioso de vontades, até que ela se desvencilhou com um empurrão decidido e finalmente saiu, pisando duro. Notei o maxilar de Ross se contrair de leve — uma reação rara, sinal de que algo nela o havia afetado.

Interessante.

Sacudi a cabeça, voltando minha atenção para o que realmente importava. Subi em uma das mesas e encarei os rostos ao meu redor.

— É o seguinte: se eu pegar mais alguém assistindo a esse maldito vídeo ou, pior, compartilhando-o, eu juro que...

— Sente-se, senhor Sullivan! — Interrompeu-me o professor que acabou de entrar na sala, me observando com um misto de irritação e incredulidade.

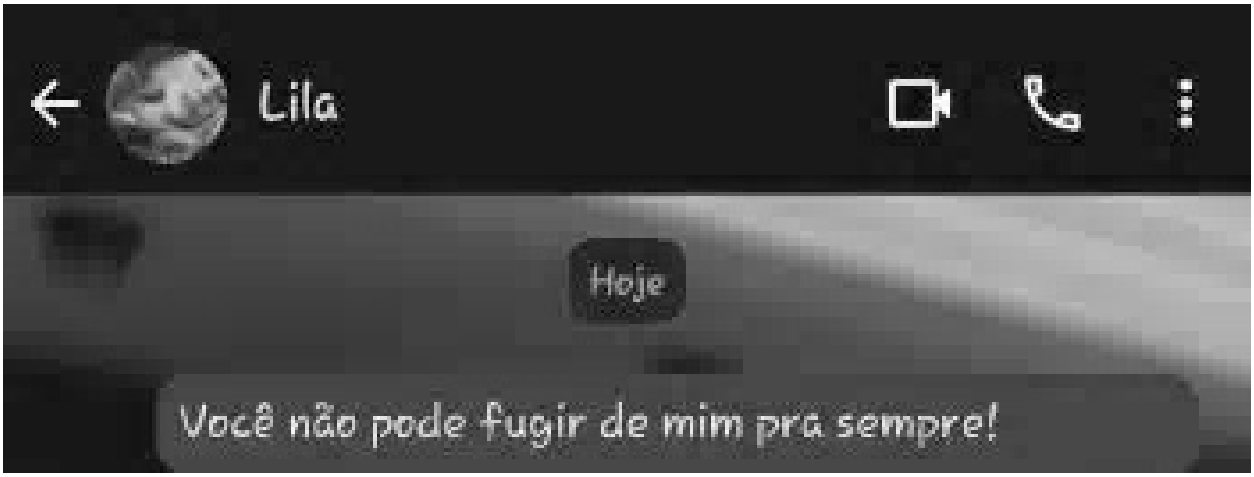
— Sentar? Que se dane! — rosnei, sem desviar o olhar de ninguém. — Isso é um aviso. Espero que se espalhe tão rápido quanto esse vídeo nojento. E saibam que já tem gente minha rastreando IPs.

Dito isso, pulei da mesa e voltei ao meu lugar, ignorando o tumulto a minha volta. O caos ao meu redor não era nada comparado à tempestade que rugia dentro de mim. Toda vez que a imagem dos olhos chorosos de Lila e seu olhar de ódio invadiam meus pensamentos, eu sentia algo se quebrar.

Ela não podia me odiar.

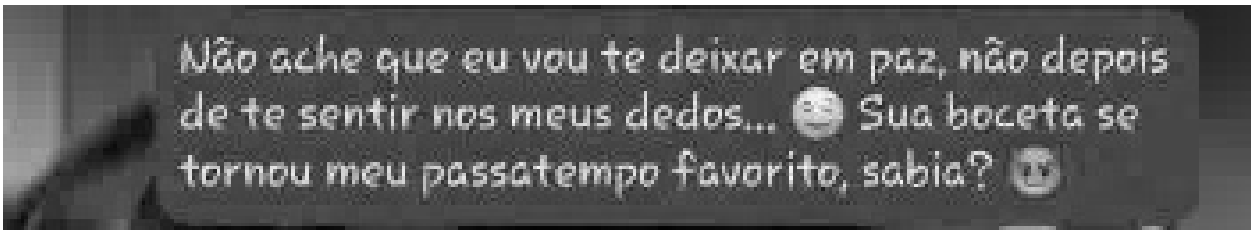
Isso simplesmente não fazia parte do plano.

Tremendo, peguei meu telefone do bolso e procurei o número dela, meu coração batendo forte enquanto digitava uma mensagem.



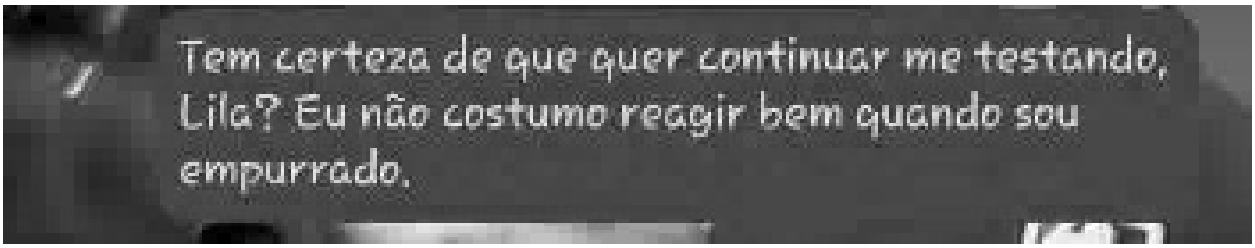
Eu olhava fixamente para a tela, esperando, mas a atrevida nem sequer visualizou a mensagem. O silêncio dela era como uma faca enfiada no meu orgulho, e a ideia de ser ignorado era insuportável.

Tentei mudar a abordagem, na esperança de provocar algum tipo de reação:


Não ache que eu vou te deixar em paz, não depois de te sentir nos meus dedos... Sua boceta se tornou meu passatempo favorito, sabia?

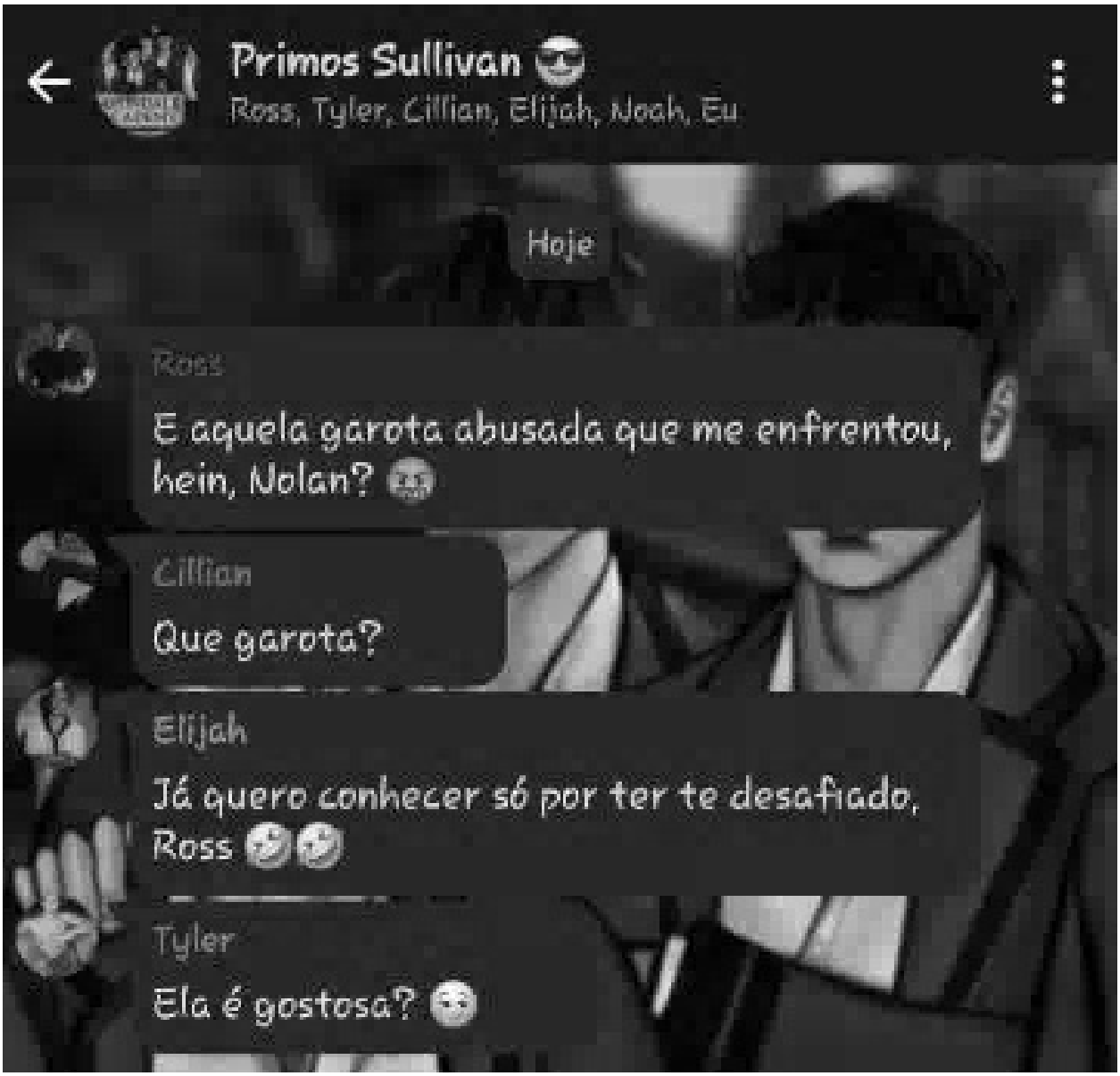
Nada.

A cada segundo sem resposta, a frustração crescia em minhas veias. Não era apenas a situação em si que me enfurecia, mas a injustiça de ter sido acusado de algo que não fiz, mesmo sabendo que eu estava longe de ser inocente.



Ainda nada. Porra, nada!

Enquanto isso, meus primos começaram a bombardear o grupo de mensagens. Eu via as notificações se acumulando, mas estava muito preso na minha própria tempestade mental para me importar.



O professor, que estava de olho na sala, percebeu minha distração e se aproximou, interrompendo meus pensamentos:

— Senhor Sullivan, não é permitido ficar no celular durante a aula.

Lancei-lhe um olhar que dizia claramente: *Sério?*

Resmunguei alguma coisa, sem me dar ao trabalho de encará-lo. Minha paciência estava no limite. Sem esperar mais palavras, levantei-me num pulo e saí da sala com passos pesados.

No corredor, me senti ainda mais sufocado. Enfiei as mãos nos bolsos e comecei a andar de um lado para o outro, tentando acalmar minha mente em ebulição. As notificações do grupo dos

primos continuavam pipocando, um ruído irritante de fundo, mas eu não tinha energia para lidar com eles agora.

Meu único pensamento era encontrar uma maneira de falar com Lila e resolver essa merda antes que tudo desmoronasse de vez

A voz do treinador ecoava, mas mal conseguia atravessar meus pensamentos turbulentos. Meus olhos estavam cravados em Rory, que retribuía o olhar com uma fúria evidente.

O fato de que ele e Lila pareciam ter uma conexão forte, como uma dupla inseparável, só aumentava minha frustração. Ver os dois juntos, agindo como se fossem perfeitos um para o outro, alimentava ainda mais meu desejo de reivindicar o que eu considerava meu.

Foi um esforço enorme não ter explodido na festa, horas atrás, e mostrar a todos quem realmente tinha lugar ao lado de Lila.

— Algum problema comigo, Maguire? — desafiei, interrompendo o treinador com uma voz cheia de provocação. Todos pararam e olharam para mim, transformando o campo de treinamento em um palco. — Eu não me intimido com olhares silenciosos — acrescentei com um sorriso frio. — Na verdade, prefiro ação.

Eu queria o caos. Precisava disso para alimentar a fúria que só crescia dentro de mim desde que Lila me confrontou mais cedo. A adrenalina corria pelas minhas veias como um veneno.

— Acha que vai escapar depois do que fez com ela? — rebateu ele, seus olhos faiscando.

Sorri com desdém, cruzando os braços conforme me mantinha relaxado no banco.

— De que parte você está falando? — provoquei. — Da parte em que ela te deixou na festa para sair comigo? Ou da parte em que ela estava gemendo meu nome?

Foi o suficiente para ele perder o controle. O soco no meu rosto veio rápido, fazendo minha visão escurecer por um segundo. Mas eu reagi no mesmo instante, a raiva me impulsionando, e devolvi o golpe.

— Desgraçado! — bradou, o que fez meu sangue correr ainda mais quente nas veias.

Meu próximo soco acertou o estômago dele, rápido e preciso. Uma pena que nos separaram,

porque eu estava gostando da briga. Era um alívio, uma fuga momentânea da tempestade que rugia dentro do meu peito.

— Foi você quem espalhou aquele vídeo, não foi? — Rory vociferou, o rosto contorcido de raiva, a acusação caindo como um golpe certeiro.

Travei o maxilar.

— Posso ser um verdadeiro desgraçado na maior parte do tempo, mas nunca faria algo assim — respondi sem pestanejar. — E quando eu descobrir quem fez isso, vou garantir que essa pessoa se arrependa amargamente.

— Lavagem de roupa suja no meu campo, Sullivan? — rugiu o treinador, os olhos frios e implacáveis. Ele já estava na casa dos quarenta anos, mas não havia perdido o vigor. — Não me importa o que vocês fazem lá fora, mas quando trazem problemas para o time, a história muda.

— Treinador, eu...

— Está fora do treino de hoje! — ele me interrompeu sem hesitar. — Maguire também!

— Mas, treinador... — tentei insistir, mas o olhar duro dele me fez recuar.

— Se quiser me ameaçar com seu pai, vá em frente, garoto! — exclamou, mantendo o tom firme. — Tenho certeza de que Owen Sullivan, assim como eu, valoriza disciplina e responsabilidade. Aposto que ele não vai gostar nada de saber que o filho mais velho dele está se metendo em brigas como um delinquente.

Fiz uma careta, engolindo os xingamentos que quase escaparam da minha boca. A raiva vibrava, mas eu sabia que precisava controlar. Entre todos, o treinador Wayne era um dos poucos que não abaixava a cabeça, e isso só me fazia respeitá-lo mais.

— Satisfeito, *porra?!* — sibilou Rory ao passar por mim, depois de pegar sua mochila, o sarcasmo escorrendo de cada palavra.

Peguei minhas coisas e o segui, decidido a resolver essa situação de uma vez por todas.

— Como ela está? — perguntei, andando ao lado dele, lutando para manter a voz sob controle. Rory me lançou um olhar impaciente, os olhos ainda reluzindo ódio. — A teimosa não responde minhas mensagens nem atende minhas ligações.

— E por que acha que eu vou falar com você sobre ela? — grunhiu com impaciência.

— Porque, no fundo, você sabe que eu *não* espalhei aquele vídeo. — Me coloquei na frente dele,

forçando-o a parar. — Posso ter sido um idiota com a Lila em outros momentos, mas isso, eu não fiz, Rory.

Ele permaneceu em silêncio, e eu engoli minha raiva. Um dos olhos dele começava a ficar roxo, assim como o meu provavelmente também estava, resultado da nossa briga.

— Vá se ferrar com essas desculpas de merda! —Passou esbarrando no meu ombro com força. — O que eu sei é que a Lila está sofrendo por sua causa. Se você acha que vou te ajudar, pode esquecer! Eu não dou a mínima para você ou para a sua maldita influência!

Num impulso, agarrei o braço dele, mas ele se desvencilhou com um movimento brusco e se chocou contra mim, o rosto a centímetros do meu. Ele tinha a minha altura, embora eu fosse mais forte.

— Eu só quero saber se ela está bem, *porra!* — rugi, mal me controlando para não desferir outro soco nele. Estava frustrado *pra* caralho.

Rory sorriu, mas foi um sorriso cínico, cheio de rancor.

— Fique longe dela, e aí sim ela vai ficar bem! — disse, antes de se afastar.

"Ficar longe? Nem fodendo," pensei em retrucar, mas me contive. Mais palavras só jogariam lenha na fogueira.

Eu precisava encontrar outra maneira de chegar até Lila e resolver essa bagunça antes que fosse tarde demais.

As mensagens continuavam chegando, uma após a outra, como marteladas implacáveis na minha mente já desgastada. Cada notificação que iluminava a tela parecia ecoar no quarto escuro, aumentando o peso sufocante que eu já carregava.

Incapaz de suportar mais uma palavra, desliguei o telefone com as mãos trêmulas.

Me encolhi no colchão, puxando as cobertas até cobrir minha cabeça, tentando me esconder do mundo e, principalmente, de mim mesma. As lágrimas começaram a cair, quentes, fruto de pura frustração e vergonha. Nunca me senti tão idiota, tão impotente. Eu deveria ter levado a sério quando Nolan ameaçou me arrastar para o inferno dele. Agora, estava presa nesse pesadelo, sem saber como escapar.

Enterrei o rosto no travesseiro e gritei, abafando o som com o tecido. Mas o alívio que eu esperava não veio. A dor e o medo estavam ali, agarrados a mim como sombras que não me deixavam em paz.

De repente, ouvi uma batida na porta. O som fez meu corpo congelar por um segundo, e então me apressei a controlar o choro, tentando me recompor, mesmo sabendo que meu rosto estava inchado e vermelho.

Fiz uma careta ao ver meu pai entrar no quarto. Ele era a última pessoa que eu queria que me visse assim, tão vulnerável.

— Ah, não acredito que a senhora Audrey te chamou, papai — ajustei-me na cama, lutando para parecer menos arrasada e odiando o fato de tê-lo feito sair do trabalho. — Estou bem, não precisava ter voltado para casa.

Balançou a cabeça, soltando um suspiro, parecendo não acreditar que eu realmente pensasse

aquilo.

— Como assim, não precisava? — Sentou-se ao meu lado e me puxou para um abraço. O calor do gesto fez com que novas lágrimas surgissem, apesar de meus esforços para segurá-las. A sensação de segurança que ele trazia era ao mesmo tempo um alívio e um lembrete do quanto a dor era real. — Nunca escolheria o trabalho no lugar da minha filha.

Afastou-se um pouco, segurando meu rosto com as mãos, seus olhos cheios de preocupação.

— O que aconteceu, querida? Quem te fez chorar? Isso tem a ver com aquelas memórias de novo?

Desde o acidente que tirou a vida da minha mãe, meu pai vivia preocupado com a forma como eu lidava com a perda. Minhas lembranças antes da tragédia eram um vazio total, um buraco que eu não conseguia preencher. Nem do acidente eu me lembrava; todos os detalhes que eu conhecia vinham do que ele me contava. Papai temia que algo do passado, algo esquecido, ainda pudesse me assombrar. Mas desta vez, o que me atormentava era algo bem presente — e muito mais perigoso.

Havia momentos, porém, em que pequenos flashes de memória surgiam, como se fragmentos do passado tentassem romper o esquecimento. Eram cenas desconexas, imagens que piscavam por um instante antes de desaparecerem, me deixando confusa e desconfortável. Eu geralmente as descartava como imaginação, já que não faziam sentido com o que me haviam contado sobre o acidente.

Funguei, odiando o fato de minhas emoções estarem tão à flor da pele. Sabia que isso só deixaria meu pai mais preocupado, e a última coisa que eu queria era vê-lo sofrendo por minha causa.

— *Nã-não* é nada, pai — menti, num esforço para soar convincente, mas seu olhar deixou claro que ele não acreditava em mim. Ele sempre soube quando algo me incomodava. Então, tentando desviar sua atenção, acrescentei: — Só estou naqueles dias, sabe?

Baixei os olhos, envergonhada pela mentira. Sabia que ele provavelmente pensaria ser algo relacionado ao meu ciclo menstrual, algo desconfortável, mas infinitamente mais fácil de lidar do que as emoções caóticas que eu queria esconder.

— Tem certeza? — insistiu, a preocupação ainda evidente. — Ninguém está te incomodando em *Avondale*? Sei que essa fase pode ser difícil, querida. Se preferir, podemos trocar de escola...

— Não, pai! — respondi, quase num impulso. — O senhor sabe que Avondale é o caminho para a faculdade dos meus sonhos. — Respirei fundo, me esforçando para acalmar a tempestade no meu peito e dar a ele algum alívio. — Já disse que estou bem, é só TPM. — Peguei suas mãos e as beijei, forçando um sorriso que eu esperava parecer mais genuíno do que realmente era. — Não precisava ter vindo para casa por isso. — Olhei para a porta entreaberta. — E a culpa é da

fofoqueira da senhora Audrey.

— Olha a boca, menina! — gritou ela de algum lugar do corredor, o que fez meu pai e eu rirmos juntos, aliviando um pouco a tensão que pairava no ar.

— Que tal passarmos o dia comendo doces e assistindo a filmes? — sugeriu ele, e eu franzi o cenho, surpresa com a proposta.

— Mas... — hesitei, absorvendo a ideia tentadora — o senhor não vai voltar para o escritório?

Negou com a cabeça, um sorriso suave e cheio de compreensão nos lábios, como se quisesse me garantir que, naquele momento, nada era mais importante do que estar ao meu lado.

— Não, querida. Hoje, meu único trabalho é cuidar de você.

Essas palavras, tão simples e ditas com tanta sinceridade, fizeram meu coração apertar. Eu tinha consciência do quanto ele se dedicava ao trabalho, e vê-lo disposto a deixar tudo de lado por mim era reconfortante e, ao mesmo tempo, doloroso. Reconfortante, porque me fazia sentir amada. Doloroso, porque sabia que ele fazia isso por causa das cicatrizes que carregávamos desde o acidente.

— Eu adoraria passar o dia com você, papai — respondi, finalmente deixando que o sorriso forçado se tornasse genuíno. Talvez, por algumas horas, eu pudesse esquecer o caos que girava dentro de mim.

Já era noite quando Rory apareceu no meu quarto sem avisar, como costumava fazer sempre que sabia que eu precisava dele. O som suave da porta se abrindo foi o suficiente para fazer minhas emoções, já à flor da pele, transbordarem. As lágrimas começaram a escorrer antes mesmo que eu dissesse qualquer coisa.

Levantei-me num impulso e corri para os braços dele, buscando o conforto que só meu melhor amigo conseguia me proporcionar.

— Estou aqui, *ursinho* — sussurrou, me apertando, suas mãos desenhando círculos reconfortantes nas minhas costas. — Não consegui vir antes por causa do maldito treino, mas estou aqui agora.

Logo estávamos na cama, com Rory encostado na cabeceira. Eu me aninhei contra ele,

colocando um travesseiro em seu colo e deitando a cabeça ali, enquanto ele entrelaçava os dedos no meu cabelo, fazendo carinho até que meu choro diminuísse.

— Meu pai deve estar realmente preocupado comigo para ter deixado você subir no meu quarto — murmurei, quebrando o silêncio, minha voz ainda fraca.

Rory soltou uma risada suave, que me fez sorrir, mesmo que de leve.

— Ele e a senhora Audrey me adoram, você precisa aceitar isso — brincou, com aquele tom que sempre conseguia arrancar risadas de mim, mesmo nos meus dias mais tristes.

Voltei a rir, o som soando estranho depois de horas de choro. Ficamos em silêncio por mais um tempo, cada um imerso em seus próprios pensamentos.

— Quer falar sobre o que aconteceu? — indagou em tom suave, um pouco cauteloso. Eu sabia que não poderia evitar o assunto para sempre, e com Rory, não havia necessidade de fingir.

Mordi os lábios, nervosa, buscando encontrar as palavras certas.

— Não tem muito o que dizer — resmunguei no fim. — Você viu o vídeo que está circulando pela escola. — Respirei fundo.

—Sim, eu vi. — Senti a tensão em seu corpo antes que continuasse: — Confesso que, num primeiro momento, fiquei feliz por você finalmente ter deixado de lado esse complexo de freira. Depois, senti ciúmes, porque você deveria saber que sou muito mais gostoso do que aquele idiota e...

Belisquei sua cintura, interrompendo-o com uma risada inesperada, mas que trouxe um alívio imediato. Essa era a mágica de ser amiga do Rory, ele sempre conseguia fazer tudo parecer mais leve, mesmo quando o mundo estava prestes a desmoronar ao meu redor.

Me ajeitei no travesseiro, virando de barriga para cima e soltando um suspiro cansado ao olhar para o teto, lutando para aliviar o peso no meu peito.

— E então, como você está? — quis saber, agora mais sério. — O que você pretende fazer? Ou melhor, o que *nós* vamos fazer?

Franzi o cenho, confusa.

— Nós? — repeti, virando o rosto para olhá-lo.

Balançou a cabeça, ignorando minha pergunta.

— Aquele bastardo magoou minha melhor amiga. Não posso simplesmente ignorar isso, *ursinho* — disse, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Talvez você tenha que ser minha cúmplice quando eu for enterrar o corpo do desgraçado!

Arregalei os olhos, incrédula com a declaração.

— Meu Deus, Rory, que horror! — exclamei, enquanto ele ria, achando graça da minha reação.

— Relaxa — disse, ainda rindo. — Só estou brincando... mais ou menos.

Me sentei, soltando o ar devagar conforme passava as mãos pelos cabelos bagunçados.

— Talvez eu não seja a melhor pessoa para falar sobre o Nolan — declarou no fim, fazendo uma careta, parecendo estar tendo dificuldade para admitir —, mas não acho que ele tenha sido o responsável por espalhar aquele vídeo.

Eu pisquei, espantada. Mal consegui processar o que ele acabou de dizer.

— Por que você acha isso? — inquiri, disfarçando o leve resquício de esperança.

Então, Rory começou a contar o que havia presenciado na escola: a reação explosiva e exagerada de Nolan ao descobrir sobre o vídeo. Ele descreveu o caos que se seguiu, incluindo a briga intensa que os dois tiveram durante o treino.

— Eu notei uma marca roxa no seu olho.

Ele fez uma careta e levou a mão instintivamente ao rosto.

— Jura? Achei que tinha apagado... Ainda dá *pra* ver?

Revirei os olhos, bufando.

— Enfim, Rory, ele pode até não ter espalhado o vídeo, mas isso não o torna inocente— declarei, inquieta, sentindo minha mente correr em todas as direções. — O mais prudente seria me afastar dele. Nolan já provou ser capaz de me machucar com facilidade.

Ficou em silêncio por alguns instantes, seus dedos brincando com uma mecha do meu cabelo quando voltei a deitar no travesseiro em seu colo.

Quando ele finalmente falou, o tom de sua voz saiu suave:

— Mas você gosta dele? — Continuou acariciando meus cabelos, o gesto reconfortante, porém desconcertante, pois sabia que ele estava me forçando a enfrentar algo que eu preferia evitar. —

E, só para constar, meu coração está partido por descobrir seu envolvimento com o rei da escola através de um vídeo… um tanto pornográfico. Achei que eu fosse o seu melhor amigo.

— Rory! — exclamei, constrangida pela forma como ele descreveu a situação. Senti meu rosto esquentar, e por puro reflexo, voltei a beliscar sua cintura, arrancando uma risada divertida dele. — Não seja um cretino!

— Não estou sendo, só estou apresentando os fatos — defendeu-se, ainda rindo, mas com a mesma ternura na voz que aquecia meu coração.

Respirei fundo, ajeitando-me no travesseiro, conforme minha mente se perdia nos pensamentos, refém daqueles olhos azuis gélidos e profundos que me perseguiam até nos meus sonhos.

— Eu nem sei como responder à sua pergunta — confessei, soltando o ar devagar, na esperança de aliviar a pressão no peito. — Nolan entrou na minha vida como um furacão, e tenho a sensação de que ele não vai me deixar em paz tão cedo.

Meu amigo parou o cafuné por um momento, sua mão repousando sobre minha cabeça.

— E isso te assusta? — quis saber em tom baixo.

Pensei por um instante, deixando a pergunta ecoar na minha mente.

— Não exatamente — respondi com sinceridade, sentindo que essa era a única resposta verdadeira que eu poderia dar. — Acho que a palavra certa é "ansiosa". Sempre fico em alerta quando Nolan está por perto, porque nunca sei o que ele vai fazer.

Rory permaneceu em silêncio, e eu agradeci por isso. Sabia que ele estava processando minhas palavras, assim como eu tentava lidar com meus próprios sentimentos. Havia tanto dentro de mim: um turbilhão de emoções conflitantes que me deixava sem rumo, sem saber o que fazer.

Droga!

Dois dias sem ir à escola, e eu estava prestes a faltar o terceiro, mesmo dizendo ao meu pai que me sentia melhor e que voltaria às aulas. A verdade era que eu não sabia como encarar minha própria covardia, muito menos todas aquelas pessoas que haviam assistido ao maldito vídeo e rido de mim pelas costas.

A simples ideia de ser julgada como "vadia" fazia meu estômago revirar, porque eu sabia da minha índole.

Terminei de aplicar a maquiagem, um pouco mais carregada do que o habitual, na tentativa de disfarçar as olheiras profundas que marcavam meu rosto. O cansaço e o medo dos últimos dias pareciam gravados na minha pele.

Ajeitei o pequeno lenço de seda ao redor do pescoço, escondendo a cicatriz que eu abominava — um lembrete constante daquilo que havia perdido e de que as coisas jamais seriam como antes.

Respirei fundo e dei um passo para trás, analisando meu reflexo no espelho. O uniforme da *Avondale*, com sua elegância forçada, até que me agradava, embora a escola em si fosse um verdadeiro inferno. A saia plissada e o blazer ajustado pareciam uma armadura, um disfarce que eu usava para esconder a vulnerabilidade que me consumia por dentro. Mas, por mais que tentasse, eu sabia que aquilo não passava de uma fachada.

Peguei minha mochila e saí do quarto, forçando minha mente a colaborar e a construir uma expressão mais serena do que a dos últimos dias. No fundo, eu sabia que não poderia fugir para sempre; em algum momento, teria que enfrentar Nolan e toda a sua turma. A simples ideia fazia meu desejo de desaparecer crescer, mas quanto mais eu pudesse adiar esse confronto, melhor seria para minha sanidade.

Com um sorriso falso nos lábios, me aproximei da escada, lutando para me convencer de que estava pronta para o que viesse. Mas nada poderia ter me preparado para a cena que me aguardava no hall de entrada.

Meu pai estava conversando com alguém. E não era qualquer pessoa, mas sim o vilão que preenchia meus dias e assombrava meus pensamentos. Nolan estava ali, parado em frente ao meu pai, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Meu coração disparou, e o ar pareceu sumir dos meus pulmões.

Como se sentisse minha presença, ele me encarou com aqueles olhos intensos, que pareciam cordas invisíveis me puxando para um abismo do qual eu não conseguia escapar. Mesmo a alguns metros de distância, eu percebi… o desafio no olhar, a confiança de quem sabia exatamente como me fazer sentir. Pequena e imensa. Assustada e segura. Perdida e completa. Tudo ao mesmo tempo.

— Ah, querida — a voz do meu pai interrompeu o contato visual, me obrigando a recuperar o fôlego enquanto ele me dirigia um sorriso tranquilizador. — Eu estava aqui conversando com esse jovem muito simpático.

Continuei descendo as escadas, degrau por degrau, lutando para manter minhas pernas firmes enquanto uma tempestade se formava dentro do meu peito. Cada passo parecia exigir um esforço monumental, e o chão parecia fugir sob meus pés.

— Por que você não me contou? — indagou papai, completamente fora de sintonia com o caos que dominava minha mente.

Franzi o cenho, sem entender a que ele se referia. Meu coração batia tão forte que eu mal podia ouvir meus próprios pensamentos. Diante deles, não tive coragem de encarar o demônio a meros centímetros de mim; minha atenção se fixou em meu pai, a única âncora que me mantinha conectada à realidade.

— Contar o quê, pai? — rebati, com a voz frágil, desesperada para não desmoronar.

— Ora, *baby*, que eu sou seu namorado! — respondeu Nolan, com uma naturalidade que me deixou paralisada. Virei a cabeça na direção dele tão rápido que senti meu pescoço protestar.

Ele sorria como o bom moço que fingia ser, usando uma máscara de normalidade que não lhe pertencia. Eu conhecia bem a crueldade por trás desse disfarce.

— Espero que você não tenha vergonha de mim, querida. — Ousado, ele me puxou pela cintura, colando nossos corpos em um gesto possessivo, e estalou um beijo em minha bochecha.

O toque de seus lábios na minha pele queimou, como se ele tivesse deixado uma marca invisível que nunca mais poderia ser apagada. Meu corpo ficou tenso, cada músculo se enrijecendo enquanto eu lutava para não ceder ao pânico crescente.

— Seu pai pode achar que eu não sou boa companhia, Lila — continuou ele, com uma falsa doçura. O bastardo sabia exatamente como manipular a situação, como virar tudo a seu favor, e eu me sentia impotente diante disso.

Eu queria gritar, queria empurrá-lo para longe, mas estava presa, congelada entre o medo e a confusão. Embora soubesse quão perigoso ele era, uma parte frágil de mim — aquela que ele controlava com seus olhos e seu sorriso — simplesmente não conseguia se libertar.

Minha mente era um turbilhão de pensamentos e emoções. Tudo o que eu podia sentir eram as mãos de Nolan apertando minha cintura, o cheiro inebriante que emanava dele, e o calor de seus lábios.

Além disso, o olhar curioso de meu pai também era impossível de ignorar. Seus olhos estavam fixos em nós dois, confusos e ansiosos para entender o que estava acontecendo.

— Isso é realmente interessante — comentou ele, com um tom estável, mas os olhos fixos em Nolan. O braço dele continuava em volta da minha cintura, determinado a não me deixar escapar. — Bem —conferiu o relógio, como se estivesse tentando ganhar tempo para entender melhor a situação —, ainda tenho alguns minutos antes de sair. Que tal tomarmos um café, e vocês dois me contam desde quando estão namorando e...

Pisquei várias vezes, num esforço para me ancorar no presente e retomar o controle da situação inesperada em que fui jogada, sem chance de me defender.

— Não, pai — respondi rapidamente, me soltando do aperto de Nolan e me lançando nos braços do meu pai. — Nolan e eu estamos atrasados. Prometo que conversamos depois. — Beijei o rosto dele com carinho, querendo acalmar a preocupação que vi em seus olhos. — Te amo.

Peguei Nolan pela mão, com uma confiança que eu mesma não sabia que tinha, e o arrastei para fora, sem olhar para trás.

— Foi um prazer conhecê-lo, senhor Byrne — disse Nolan com uma simpatia que quase me fez revirar os olhos, mas me contive. Eu não daria a ele o prazer de ver o quanto aquilo estava me afetando.

Assim que saímos e chegamos a um lugar seguro, longe do olhar atento do meu pai, soltei sua mão e o encarei, sentindo a irritação fervilhar dentro de mim.

— O que você pensa que está fazendo? Endoidou de vez? — As palavras saíram afiadas, mais do que eu planejei, mas não me arrependi.

Deu de ombros, com uma expressão calma e despreocupada, enquanto enfiava as mãos nos bolsos.

— Você não estava respondendo às minhas mensagens, nem atendendo minhas ligações. Também estava faltando às aulas — respondeu, como se isso justificasse tudo. — Não tive escolha, Lila.

— Não teve escolha? — repeti, incrédula. Como ele podia ser tão imbecil? — Não teve escolha? — Minha irritação era sufocante, e cada palavra saía com mais força. — Que tal a escolha de me deixar em paz? Talvez de esquecer que eu existo?

Um brilho sombrio surgiu em seus olhos, e um arrepio percorreu minha espinha. Era como se aquele olhar tivesse o poder de alcançar recantos do meu ser que eu nem sabia que existiam, evocando sensações que eu preferia ignorar.

— Isso nunca foi uma opção, *baby* — declarou com uma intensidade que me deixou sem palavras. — Mesmo que eu quisesse, não conseguiria te esquecer. E, de certa forma, é por isso que, às vezes, eu te odeio um pouco.

Seu olhar ficou mais escuro, parecendo estar lutando contra algo dentro de si mesmo. Balancei a cabeça, querendo afastar o turbilhão de emoções que ele sempre despertava em mim, uma luta constante entre o que eu queria e o que sabia ser certo.

Aflita, comecei a me afastar, determinada a sair dali antes que ele me envolvesse ainda mais em

seus jogos doentios. Mas, antes que conseguisse, senti sua mão me agarrar com força. Ele me puxou em direção a um carro luxuoso que reluzia sob o sol.

— Ei?! — exclamei, sem entender o que estava acontecendo, porque ele não me deu tempo para processar.

— Você vem comigo! — decretou, agindo como se minha opinião não tivesse a menor importância.

Meus olhos se arregalaram, meu corpo tenso, pronto para resistir.

— Nunca! — desafiei, embora por dentro soubesse que minha resistência estava por um fio. — Você acha que pode simplesmente aparecer na minha casa, fingir que é meu namorado e esperar que eu aja como se não tivesse acontecido nada? Depois de tudo o que você me fez passar, Nolan!?

Empurrei-o com força, mas ele nem se mexeu. Parecia uma pedra.

— Eu vivi um inferno por sua causa nos últimos dias, um maldito inferno! — Apontei o dedo para o seu rosto incrivelmente perfeito.

Seu maxilar se contraiu, e pude ouvir seus dentes rangerem enquanto ele respondia:

— Eu não divulguei aquele maldito vídeo — sibilou, respirando fundo. — Mas eu prometo que estou resolvendo isso.

Deixei uma risada amarga escapar dos meus lábios.

— E você quer que eu acredite nisso? — zombei. — A sua palavra não vale nada *pra* mim!

Foi então que ele agarrou meu braço e me puxou para perto. Tropecei contra o seu corpo, ofegante, conforme seus braços envolviam minha cintura, sem a menor intenção de me soltar.

— Deveria valer, *caralho!* — exclamou, a irritação evidente. — Eu posso ser um cretino, mas nunca iria expor você assim. Seus gemidos são só meus. — Meus olhos se arregalaram, e senti meu rosto ficar quente de vergonha. Nolan passou os dedos pelo meu rosto corado. — Mas eu entendo a sua raiva, também fiquei — continuou, seu tom mais calmo. — Acredite em mim, estou lidando com isso. É por isso que preciso que venha comigo.

Engoli em seco, mal processando tudo o que foi dito. Empurrei seu peito, querendo me afastar.

Relutante, ele me soltou.

— Você não está mentindo para mim? — minha voz saiu fraca, cheia da mágoa acumulada, à beira das lágrimas.

— Posso ser muitas coisas, Lila, mas não sou mentiroso — garantiu, apontando para a porta aberta do carro.

Respirei fundo, me forçando a superar o medo que corroia minha coragem. Quem eu estava tentando enganar? No fundo, eu sabia que estava mais atraída por esse demônio do que queria admitir. E talvez fosse isso que mais me assustava... o fato de que, mesmo sabendo o quanto ele era perigoso, uma parte de mim simplesmente não conseguia dizer não.

Engolindo meu orgulho e sufocando a voz da razão, entrei no carro.

Era impressionante como eu me perdia sempre que estava perto dela. Lila conseguia me desarmar de uma forma que ninguém jamais fez, e o mais frustrante era saber que ela nem se dava conta desse impacto em mim.

Os últimos dois dias foram um verdadeiro inferno. Eu não estava acostumado a ser ignorado, muito menos por uma garota. Meu mau humor havia atingido níveis insuportáveis, até mesmo para mim. A verdade era que ela não tinha o direito de me afastar assim. Nunca mais.

— O que você vai fazer? — sua voz soou de repente, com uma pitada de incerteza. Seu perfume impregnou o carro, tornando tudo ainda mais complicado. — Não podemos aparecer juntos na escola, isso é loucura!

Franzi a testa, incomodado com sua escolha de palavras.

— Loucura? — Olhei para ela de soslaio, meus olhos escaneando seu corpo todo, demorando-se nas pernas cobertas pela meia-calça. — Acho que você ainda não entendeu como as coisas funcionam comigo. Eu não conheço limites para o que eu quero, *baby*.

Bufou, empinando aquele nariz perfeito.

— Ah, claro, eu sou só mais uma das suas vontades passageiras, não é? — ironizou, a raiva evidente em sua voz. Eu quase ri, porque ela ficava irresistível assim, com as bochechas coradas. — Você tem ideia da confusão que causou com meu pai? Agora ele não vai me deixar em paz por causa dessa história absurda que você inventou de estarmos namorando.

Desviei o olhar, alternando entre ela e a estrada à frente.

— Quem disse que é invenção? — Seu rosto empalideceu, e ela me olhou como se eu tivesse

acabado de falar algo insano. — Achei que você fosse esperta o bastante para entender que não pode fugir de mim, Lila. Com todo esse caos em *Avondale*, nada seria mais adequado do que chegarmos juntos, de mãos dadas, para todos verem.

— O quê? — balbuciou, visivelmente nervosa. — Isso nunca! — Passou as mãos pelo rosto várias vezes, como se quisesse conter o desespero. — Eu não posso concordar com isso. Se você não tivesse aparecido na minha vida, eu ainda estaria invisível. Agora, tem um vídeo nosso, quase pornográfico, circulando por aí, e pensar nisso chegando ao celular do meu pai me dá ânsia.

Cerrei os dentes, frustrado por ainda não ter descoberto quem estava por trás dessa porra. Só de imaginar que isso a afastou de mim por dois malditos dias, meu desejo de encontrar o responsável e acabar com ele crescia, e de uma maneira bem dolorosa.

— Eu sou o rei de *Avondale*, Lila, e acho que isso já está claro — declarei, dando de ombros. — Todos temem a mim e ao meu poder. Mas não posso te proteger sem mostrar que você realmente é minha. Para isso, você precisa confiar em mim e fingir ser minha namorada.

Voltou a bufar, deixando claro o quanto estava irritada com a proposta. Cruzou os braços, seu rosto estampando o desgosto.

— Não que eu esteja considerando essa ideia absurda, mas o que exatamente isso envolve? — perguntou, suas bochechas corando ainda mais.

Um sorriso malicioso brincou nos meus lábios.

— O básico — respondi, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Beijos, abraços, amassos... e uma boa foda. — Pisquei provocativamente.

Seu rosto se contorceu, embora ela tenha optado pelo silêncio. Não pude evitar uma risada divertida.

— Ok, sem sexo por enquanto, mas o resto não é negociável — complementei, sem deixar de sorrir.

— Nem pensar! — grunhiu em tom esganiçado, suas bochechas ficando cada vez mais vermelhas.

— Tudo bem, só beijos em público — cedi, voltando a olhar para a estrada. — Quanto aos amassos, você vai acabar implorando. — Apertei sua coxa, notando como seu corpo reagiu ao meu toque. — Olha como você estremece quando te toco.

Deu um tapa na minha mão, afastando-a, mas não conseguiu esconder o quanto estava afetada.

— Você é insuportavelmente convencido e arrogante! — exclamou, lutando para recuperar o fôlego.

Assim que chegamos a *Avondale*, estacionei o carro na vaga de costume. Desliguei o motor e me virei para encará-la. Lila estava rígida ao meu lado, os olhos fixos na paisagem do lado de fora.

— Eu só queria terminar meu ano em paz, Nolan — desabafou, com a voz pesada de frustração. — Nunca pedi por isso, por toda essa exposição ao lado do maldito rei da escola.

Aproximei-me dela e segurei seu queixo entre meus dedos, forçando-a a me encarar.

— Tenho uma lista de coisas que quero, querida. E uma delas é que você comece a me chamar pelo *meu* nome. — Inclinei-me e mordi seu lábio inferior, soltando-o logo em seguida.

Lila permaneceu no carro, parecendo incapaz de enfrentar o grupo lá fora. Mas, felizmente, eu estava ali para lidar com tudo por ela. Nunca permitiria que alguém a difamasse ou a maltratasse na minha frente. E se tentassem pelas minhas costas? Bem… o monstro em mim estava sempre pronto para agir.

Dei a volta no carro e abri a porta. Lila me olhou, o pânico evidente em seus olhos.

— Eu não vou sair daqui. Você não pode me obrigar.

Um sorriso provocador surgiu em meus lábios.

— Quer apostar? — perguntei, com um toque de desafio. — Vou te dar duas opções: ou você sai como a namorada perfeita, ou eu te levo nos braços, como a garota que não consegue ficar longe de mim. A escolha é sua. — Cruzei os braços e me recostei na lataria do carro. — *Pra* ser sincero, eu prefiro a segunda opção. — Pisquei, divertido.

Deixou escapar um suspiro derrotado antes de finalmente sair do carro, com os olhos cheios de apreensão enquanto observava o ambiente ao nosso redor.

— Nem pense em se aproveitar de mim — avisou, apontando o dedo para o meu rosto, se esforçando para parecer ameaçadora.

Aproveitei a oportunidade e envolvi seu dedo com a boca, sugando-o lentamente conforme mantinha meus olhos presos aos dela, notando como suas pupilas se dilataram. Com a outra mão, puxei-a para mais perto, pressionando seu corpo contra o meu e ouvindo o leve arfar que escapou de seus lábios.

— Ah, mas eu vou me aproveitar, sim, *baby*. E mal posso esperar por isso. — Sorri de uma maneira que deixava claro minhas intenções.

Entrelaçando nossos dedos, puxei-a comigo para fora do estacionamento.

Como eu previa, todos os olhares se voltaram para nós dois enquanto caminhávamos. Eu não ligava para aquele bando de idiotas, mas sabia que Lila se importava, e muito.

— Será que dá para sossegar com suas mãos? — Ouvi seu sussurro frustrado enquanto eu mantinha meus dedos cravados em sua cintura, praticamente colando-a ao meu corpo. — Já estamos chamando atenção o suficiente.

Não consegui segurar o riso.

— Você é minha namorada agora, *baby*. Minhas mãos vão onde eu quiser.

Parou de repente, os pés cravados no chão, seus olhos cheios de fúria conectando-se aos meus. Aquilo me incendiava por dentro. Percebi que ela tinha essa capacidade de me desestabilizar, de acalmar a escuridão dentro de mim e, ao mesmo tempo, despertar um desejo incontrolável.

— De mentira, Nolan. Namorada de mentira, só para consertar a bagunça que você causou.

Arqueei uma sobrancelha, provocando.

— Eu causei? — Puxei-a para mais perto, deixando seu corpo apertado contra o meu. Suas mãos estavam espremidas contra meu peito. Inclinei-me para sussurrar em seu ouvido, sentindo sua pele arrepiar ao toque da minha respiração. — Não me lembro de te forçar a ficar molhada nos meus dedos.

Ela afastou o rosto bem rápido, o rubor subindo em suas bochechas. Mas antes que pudesse soltar as mesmas desculpas de sempre — aquelas em que fingia que eu não a afetava —, fomos interrompidos:

— *Wou,* que mudança de cenário! — provocou Ross, com aquele sorriso irritante que só ele sabia dar. — Um dia inimigos, no outro, amantes. Que parte dessa história eu perdi?

Lila tentou se afastar dos meus braços, mas eu a mantive firme ao meu lado. Levantei o dedo do meio para Ross, que riu.

— Minha vida não é um show para você acompanhar, seu imbecil! Cuida da sua.

Ele gargalhou, sem se abalar.

— Não tenho culpa se, ultimamente, a tua vida tem sido a mais interessante. — Lançou um olhar sarcástico para Lila. — Querida, não sei o que ele te prometeu, mas agora você está presa ao psicopata. Meu primo não sabe como parar.

Sem hesitar, dei um soco na costela dele, empurrando-o para longe de nós.

— Vai se ferrar, idiota!

Enquanto voltávamos a caminhar, Ross apenas riu, com um olhar que deixava claro que ele conhecia minha fraqueza.

— *O-o* que ele quis dizer com isso? — Lila indagou, a voz trêmula.

— Nada — resmunguei, mantendo o rosto impassível. — Só fique longe dele. É tudo o que você precisa saber.

Fez uma expressão divertida, quase debochada, que me fez querer rir.

— Se eu já quero ficar longe de você, imagine dos seus primos. Eles parecem versões distorcidas suas.

Não consegui segurar a risada que escapou.

Conforme caminhávamos, ninguém ousava ficar no nosso caminho; todos abriam espaço, enquanto eu mantinha Lila possessivamente presa pela cintura.

No caminho, encontramos Noah, Elijah e Tyler. Os gêmeos lançaram sorrisos maliciosos, e meu irmão apenas arqueou as sobrancelhas, confuso com a situação.

— Bem, parece que o inferno congelou hoje! — brincou Elijah, parando na nossa frente. — Ver esse babaca grudado em uma garota em público é realmente uma novidade.

Tyler estendeu a mão como se fosse para tocar Lila, mas puxei-a para longe antes que ele conseguisse, o que o fez soltar uma gargalhada debochada.

— Opa, opa… temos um espetáculo de ciúmes ao vivo? — provocou, um sorriso sarcástico nos lábios. — Caramba! Talvez devêssemos ficar de olho no nosso imbecil favorito hoje, antes que ele comece a surtar de nervoso.

Lila olhou de um para o outro, um pouco desconfortável.

— Relaxa, *baby* — sussurrei, apertando sua cintura um pouco mais forte. — Eles só estão te provocando.

Soltou um suspiro cansado, mas não disse nada.

— Isso aí é sério ou só mais uma das suas jogadas? — intimou Noah, com aquele tom

desinteressado que ele sempre usava quando queria cutucar.

Semicerrei os olhos para ele.

— Que tal cuidar da sua própria vida? — rugi, sem tirar os olhos de Lila.

— Calma, *irmãozinho* — deu de ombros, como se nada importasse. — Eu só estou curioso para saber quanto tempo isso vai durar.

— Vai durar o tempo que eu quiser — rebati em tom baixo.

Elijah riu alto, se divertindo com a situação.

— E então, você está de acordo com isso, querida? — perguntou a Lila, ainda mantendo o sorriso nos lábios. — Ou está sendo forçada?

Ela finalmente conseguiu se soltar dos meus braços, dando um passo para trás. O desconforto em sua expressão deu lugar a uma faísca de irritação.

— O que você acha? — rosnou para meu primo, antes de me encarar de novo. — Eu não sou um brinquedo — decretou, com os olhos nos meus. — E quero deixar bem claro que não vou entrar em nenhum dos joguinhos de vocês.

Os gêmeos se entreolharam, espantados com a resposta dela.

— Ei, pega leve, Lila… — começou Tyler, levantando as mãos em sinal de rendição. — Ninguém aqui está contra você ou o que quer que tenha com esse idiota — falou, apontando para mim com um sorriso debochado. — Não precisa dar uma palestra agora, minha cabeça ainda está latejando da ressaca de ontem. — Ele riu, como se aquilo fosse a coisa mais engraçada do mundo.

— Não é uma palestra —rebateu, cruzando os braços. — Só estou deixando claro que não tenho paciência para esse tipo de coisa. Não vou ficar aqui enquanto vocês fazem piadas às minhas custas.

— Relaxa — acrescentou Noah, com seu sorriso cínico. — Se vai andar com a gente, precisa se acostumar com o nosso jeito.

Lila me olhou, esperando que eu dissesse algo, mas, em vez disso, apenas dei um sorriso de canto e a puxei de volta para perto.

— Ele tem razão — comentei, aproximando meu rosto do dela. — E, para ser sincero, você fica ainda mais linda quando está brava.

Revirou os olhos, mas não fez esforço algum para se soltar enquanto eu a segurava pela cintura.

— Me solta — resmungou, contrariada. — Tenho aula daqui a pouco.

Lancei um último olhar para Noah e os gêmeos, que continuavam rindo entre si.

— Não precisam se preocupar comigo — falei, estalando os lábios com a confiança de sempre. — Sei exatamente o que estou fazendo.

Sem esperar resposta, virei-me e continuei conduzindo Lila ao meu lado, a mão firme em sua cintura. Mesmo que tentasse negar, eu sabia que, no fundo, ela gostava de estar comigo, apesar do caos que eu trazia.

Enquanto nos afastávamos, ouvi Tyler gritar, sarcástico:

— Boa sorte, Lila! Você vai precisar!

Idiota.

Lila suspirou, irritada, mas permaneceu em silêncio. E conforme avançávamos pelos corredores, meus pensamentos estavam fixos em uma única coisa: ela era minha. De uma forma ou de outra, sempre seria.

Quando finalmente chegamos à porta da sala de aula, antes que ela pudesse se afastar, puxei-a de volta, fazendo-a soltar um pequeno arquejo de surpresa.

— *O-o*que você… — tentou protestar, mas sua frase foi interrompida quando capturei seus lábios com os meus, invadindo sua boca com um beijo profundo.

Claro que estávamos atraindo olhares, e embora Lila estivesse tentando entender o que acontecia, nada disso me importava. A forma, como suas mãos se agarravam à minha camisa e como seus lábios responderam ao meu beijo era tudo o que eu precisava para continuar.

Eu não descansaria até que ela fosse completamente minha, do jeito como passei a desejar desde que ela voltou para a cidade.

Quando me afastei, suguei levemente seu lábio inferior antes de me separar por completo. Passei as costas da mão por sua bochecha corada, observando seu olhar atordoado e sua respiração entrecortada.

— Te vejo no almoço, *baby* — prometi, mantendo meu olhar fixo no dela, que mal conseguia focar.

Ela apenas assentiu, ainda sem palavras, conforme eu me afastava, satisfeito. Aquela demonstração diante de todos era mais do que suficiente para deixar nítido: Lila me pertencia. E ninguém, absolutamente ninguém, ousaria tocar no que era meu.

CAPÍTULO 9

Lila Byrne

Eu mal conseguia entender como minhas pernas ainda se moviam enquanto me dirigia a uma cadeira vazia após aquele beijo. Estava atordoada, a cabeça girando tanto que era impossível processar a loucura que estava sendo aquela manhã.

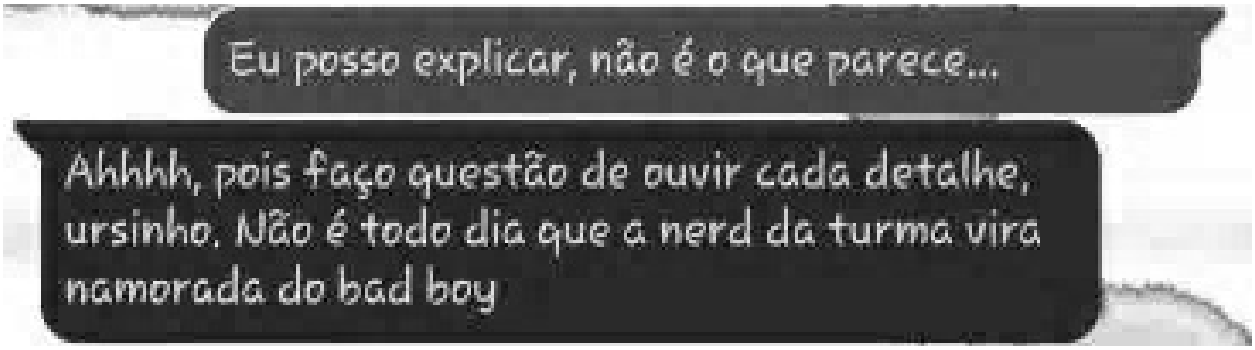
Nem me atrevi a olhar para os lados, consciente dos olhares e sussurros ao meu redor. Claro, com o espetáculo que aquele maluco tinha acabado de protagonizar, era inevitável ser o centro das atenções.

De cabeça baixa, fingi me concentrar nos materiais à minha frente, lutando para controlar as reações do meu corpo. Meu coração batia de forma descompassada, e um leve tremor percorria minha pele. Por mais que me esforçasse para afastar o pensamento, tudo o que minha mente conseguia fazer era focar no beijo. Um único, maldito beijo.

O celular vibrou no meu bolso, e eu o peguei rapidamente, já imaginando quem seria. Como esperado, o nome de Rory piscava na tela.

Ou acordei em "Nárnia" onde minha melhor amiga agora namora o rei CRUEL da escola, ou isso realmente aconteceu e você esqueceu de me contar.

Mordi o lábio, nervosa. Ele estava chateado.


Eu posso explicar, não é o que parece...
Ahhhh, pois faço questão de ouvir cada detalhe, ursinho. Não é todo dia que a nerd da turma vira namorada do bad boy

Revirei os olhos, já imaginando o sorriso idiota no rosto dele enquanto escrevia aquilo.

Não pude evitar um pequeno sorriso. Por mais caótica que a situação estivesse, a mensagem de Rory aliviou meu coração.

Guardei o celular no exato momento que o professor entrou na sala.

Respirei fundo, decidida a focar na aula e ignorar qualquer distração a minha volta.

Quase soltei um suspiro de alívio ao sair da sala e perceber que Nolan não estava me esperando como prometeu. Mas a sensação durou pouco. Assim que virei o corredor, mãos firmes me agarraram, empurrando-me contra um peito sólido.

Arfei, e quando levantei o olhar, encarei aqueles olhos azuis que roubavam meu fôlego e desmoronavam qualquer lógica em minha mente.

— Fugindo de mim, *baby?* — provocou, seus dedos deslizando pelo meu rosto quente.

Respirei fundo, buscando alguma força para me afastar do toque que só tornava minha vulnerabilidade ainda mais evidente.

— Sinto te decepcionar, mas, apesar de ser o centro das atenções nesta escola, você definitivamente não é o centro do meu mundo — resmunguei, endireitando o corpo.

Sem olhar para trás, continuei andando e tentando focar no celular em minhas mãos. Nolan, é claro, não me deixou ir tão facilmente.

— É assim que você trata seu namorado? — zombou, vindo logo atrás. — Pensei que seria mais doce comigo depois daquele beijo. Aposto que suas pernas tremeram, não foi?

Olhei para ele, sentindo meu coração acelerar. O bastardo estava rindo, com aquele sorriso autossuficiente que revelava o quanto sabia do efeito que causava em mim. Ele entendia o quanto me desestabilizava, e isso só inflava seu ego exorbitante.

— Impressionante como você é cheio de si! — repliquei, balançando a cabeça. — E, para sua informação, fui pega de surpresa na hora do beijo. Aliás, não tinha necessidade daquela cena toda. As pessoas já estão falando de nós. — Revirei os olhos, irritada.

Foi nesse momento que ele me puxou de volta, segurando minha cintura, enquanto sua outra mão mergulhava em meus cabelos, na nuca. Um arrepio percorreu meu corpo inteiro.

— Então talvez devêssemos dar mais motivos para que falem, não acha? — insinuou, a voz baixa e sedutora.

Meu coração disparou, antecipando o beijo que parecia inevitável. Mas, ao invés disso, Nolan fez algo inesperado: ele pegou o celular da minha mão.

— Ei! — protestei, tentando pegar o aparelho de volta.

— O que há de tão interessante nesse maldito celular? — bradou com irritação. — Não vou aceitar ser ignorado, *baby*.

Com isso, ele desligou meu telefone e o enfiou no bolso da própria calça, conforme eu o observava, incrédula.

— Pronto! Agora tenho certeza de que *minha* namorada vai me dar toda a atenção que eu mereço — disse, abrindo um sorriso largo, daqueles que pareciam me engolir por completo.

— Você é inacreditável! — resmunguei, chocada com o atrevimento.

Ele pegou minha mão, agindo como se nada tivesse acontecido.

— Não, eu sou o rei. E você, Lila, é minha rainha — decretou, com um tom de autoridade que não deixava espaço para discussão. — Agora, vamos dar o show que essa escola está esperando.

Por mais que eu quisesse sair correndo, sabia que não adiantaria lutar contra ele. Aceitei entrar no jogo, consciente de que Nolan não tinha intenção de me deixar em paz. E, para ser sincera, o primeiro período de aula foi mais tranquilo do que o normal. Pelo menos, ninguém me chamou de trepadeira, o que já era um alívio nessa loucura de namoro falso.

Assim que entramos na lanchonete do campus, todos os olhares se voltaram para nós, intensificando meu nervosismo. Eu mal conseguia focar em outra coisa, exceto na vontade de ver Rory. Por isso, estava com os olhos grudados no celular, antes do psicopata ao meu lado arrancar o aparelho das minhas mãos.

Com a mão entrelaçada à minha, Nolan me puxou pelo lugar até uma mesa em que alguns de seus primos estavam sentados. O problema? Não havia duas cadeiras livres. Então, como se fosse a coisa mais natural do mundo, Nolan me puxou para o seu colo. Senti meu rosto esquentar no mesmo instante, o calor subindo pelo pescoço e atingindo as orelhas.

— Nolan... — balbuciei, sem coragem de olhar ao redor. — Eu não acho que... — minha voz sumiu. Eu nem sabia o que dizer, completamente sem reação.

— O que foi? — perguntou com uma calma irritante, conforme brincava com meu cabelo. — Meu colo não é confortável?

— Talvez seja até macio demais, Nolan — zombou Ross, chamando minha atenção. Ele estava acompanhado dos gêmeos, Tyler e Elijah.

Nolan apenas levantou o dedo do meio para o primo, sem se abalar. Tive a impressão de que nenhum deles parecia muito satisfeito com minha presença ali, o que me fazia sentir uma intrusa no seleto grupinho dos "príncipes das trevas".

Respirei fundo, buscando manter a calma.

"Já que estou no inferno, vou abraçar o diabo", pensei, decidindo que, se eu estava presa nessa situação, o melhor a fazer seria jogar o jogo.

Cruzei as pernas no colo de Nolan e passei os braços ao redor de seu pescoço. Notei que ele arqueou as sobrancelhas, surpreso com minha mudança repentina.

— Na verdade, Ross, aqui está perfeito! — acrescentei, abrindo um sorriso tão falso que qualquer um ali poderia acreditar no meu ânimo. — Bem firme e.... rígido.

Ross riu alto, jogando-se para trás na cadeira.

—*Hmm*... hoje promete, hein? — provocou, usando um tom malicioso que quase me fez revirar os olhos.

Engoli a vontade de retrucar e me concentrei em Nolan, cujas mãos estavam pousadas de maneira possessiva na minha cintura. Lutei para ignorar o calor que subia pelo meu corpo, sem contar o desconforto crescente ao perceber o que eu sentia abaixo de mim. Ele estava... excitado?

— Talvez sim, — falei, acariciando o rosto de Nolan, que me olhava com uma expressão confusa, sem entender minha jogada. Voltei meu olhar para Ross. — Por quê? Está com inveja?

Os gêmeos explodiram em gargalhadas, e até Ross acabou rindo junto.

— Minha garota é esperta! — exclamou Nolan, com um sorriso satisfeito. — Isso mesmo, *baby*, acabe com eles na ironia. — Ele piscou para mim, se divertindo.

Tyler se agitou na cadeira, empolgado com a situação. Às vezes, ainda me pegava confusa, tentando distinguir ele de Elijah. Era impressionante o quanto os dois se pareciam.

— Você tem que vir à próxima festa com a gente, Lila — sugeriu, animado. — Agora você faz parte da turma.

Fiz uma careta, sentindo o nervosismo aumentar.

— Não sei... — murmurei, hesitante. — Festas não são muito a minha praia.

— Os Sullivan são os reis das festas, querida — provocou Ross, com um sorriso arrogante. — Melhor você se acostumar.

Ok, estava claro que ele tinha algum problema comigo.

— Para de encher o saco da garota, Ross — interveio Elijah, rindo. — Está parecendo ciúme. Por que você não vai infernizar outra alma inocente? Ouvi dizer que a *"furacão vermelho"* está na biblioteca. — Ele sorriu de um jeito tão malicioso que senti um arrepio percorrer minha espinha.

Céus, nenhum deles parecia ser normal.

— Furacão vermelho? — perguntei, sem perceber que minha curiosidade havia escapado em voz alta.

— Uma garota que detesta esse idiota aqui — respondeu Elijah, apontando para Ross, cujo semblante se fechou de imediato. — E ele não suporta isso. — Riu abertamente.

— Uau, já quero ser amiga dela — comentei, o que fez Nolan e os gêmeos rirem junto.

Ross, por sua vez, apenas revirou os olhos, mas havia um leve sorriso de diversão em seus

lábios.

A conversa fluiu de forma surpreendentemente tranquila, embora eu permanecesse sentada no colo de Nolan. Ele não disse nada, mas com o passar dos minutos, eu sentia cada vez mais sua ereção pressionando contra minha bunda, o que só aumentava minha ansiedade.

Minha tensão piorava toda vez que eu olhava ao redor, procurando Rory, mas sem vê-lo em lugar nenhum.

— Está procurando alguém, *baby?* — A voz baixa de Nolan, bem próxima ao meu ouvido, me fez pular de susto, enquanto um arrepio percorria minha espinha. — Porque, se não percebeu, você já está sentada em tudo o que precisa.

Meu rosto queimou de vergonha.

— Não vi o Rory — soprei, desconcertada. — E você ainda está com o meu maldito celular.

Ele segurou meu rosto, aproximando-o do seu.

— Eu não gosto de dividir o que é meu, Lila. Espero que entenda isso. — Seu olhar intenso me deixou sem palavras e sem saber como reagir.

Tentei focar no pote de salada à minha frente, embora não tivesse apetite algum. No fim, Tyler pediu para comer, e eu acabei cedendo.

Depois de um tempo, Nolan insistiu em me acompanhar até a sala de aula. De repente, sem aviso, ele me puxou contra seu corpo, me prendendo em seus braços.

— Então, quer dizer que você quer transar mais tarde? — perguntou de repente, me pegando de surpresa.

— *O-o* quê? — gaguejei, odiando a mim mesma por isso. — De onde você tirou essa ideia?

Franziu a testa, parecendo confuso.

— Ué, *baby*, você disse.

Revirei os olhos, finalmente entendendo o mal-entendido. Toda aquela encenação na mesa com os primos dele, ele havia levado a sério.

— Nolan, pelo amor de Deus! Eu estava atuando! — Balancei a cabeça, incrédula com a sua lerdeza. — Não era isso que você queria? Que eu entrasse no personagem?

Eu vi o exato momento em que seu maxilar se contraiu, claramente frustrado com minha rejeição, mas logo trocou a expressão para algo mais cínico. Sua mão agarrou meus cabelos com uma força possessiva, deixando-me desnorteada.

Antes que eu pudesse reagir, ele me beijou de novo, invadindo minha boca com a língua, como se fosse dono de cada parte de mim, como se quisesse me devorar ali mesmo, na frente de todo mundo. Meu corpo ficou paralisado, e eu fui incapaz de reagir. *Droga*, nem ao menos tentei resistir.

Quando ele finalmente interrompeu o beijo, manteve o rosto bem próximo, os olhos escuros e dilatados, quase tão intensos quanto os meus. Seus dedos deslizaram pelas minhas bochechas, traçando o contorno dos meus lábios inchados.

— Eu vou te fazer implorar, Lila — prometeu, com um brilho malicioso no olhar. — Você vai me implorar para te foder.

Fiquei tão chocada com suas palavras sujas que nem consegui responder. Me virei nos calcanhares e entrei na sala de aula, ainda atordoada.

Só quando me sentei, foi que percebi que Brigid estava lá, me olhando como se quisesse arrancar minha cabeça. Que se dane. O sentimento era recíproco.

A aula iniciou, mas, diferente do primeiro período, os cochichos ao meu redor começaram a aumentar, apesar dos meus esforços para ignorá-los. Agora, o assunto não era mais o vídeo — que, aliás, ninguém mais parecia se lembrar —, mas sim o meu suposto relacionamento com Nolan.

Revirei os olhos, respirei fundo e comecei a bater o pé no chão, num esforço de controlar a irritação que só crescia. Já não era mais ansiedade, e sim raiva. Por que, afinal, elas se importavam tanto com o meu namoro com Nolan?

"Eu aposto que ela está grávida", sussurrou uma delas. *"Todo mundo sabe que Nolan não namora."*

"Será que os pais dela obrigaram?"

"Que nojo! Ela é tão fácil. Ele vai se cansar logo e largar ela."

Minha paciência se esgotou. Não consegui mais me controlar. Levantei-me de repente, interrompendo o professor e chamando a atenção de toda a sala.

Meus olhos se fixaram em Brigid e seu grupo de seguidoras ridículas.

— Vocês poderiam, por favor, cuidar das suas próprias vidas? — disparei, minha voz repleta de

irritação. — Já pararam para pensar que Nolan nunca namorou nenhuma de vocês porque são todas umas vadias? E, não, eu não estou grávida!

O silêncio que se seguiu foi absoluto, e eu me senti uma completa idiota. Principalmente, quando o professor chamou minha atenção:

— Agradecemos seu desabafo, senhorita Byrne, mas, por favor, retire-se e vá para a detenção — disse, arrancando sorrisos maliciosos de alguns alunos. — Talvez um tempo por lá, te ajude a controlar seu temperamento.

Meu rosto queimou de vergonha, e eu me odiei mais ao ver a expressão de satisfação estampada no rosto de Brigid. Era impressionante como Nolan conseguia me meter em problemas, mesmo estando longe. De um jeito ou de outro, ele sempre deixava sua marca.

Não fazia nem cinco minutos que eu estava na sala de detenção, sozinha e frustrada, sem meu celular, quando a porta se abriu. Nolan entrou, com aquele sorriso provocador de sempre.

— Detenção? Sério? — zombou, cruzando os braços enquanto se aproximava. — Pelo que eu sei, o encrenqueiro aqui sou eu, querida.

Permiti que um suspiro irritado escapasse, sem paciência para suas provocações.

— O que você quer?

Ele se jogou na cadeira ao meu lado.

— Vim te buscar — respondeu, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Vou te levar para casa.

Cruzei os braços.

— Não posso sair agora — expliquei. — E devolva meu celular, preciso avisar meu pai. Ele vai ficar preocupado com meu atraso.

Sem discutir, Nolan me entregou o telefone. Enquanto eu desbloqueava a tela, a porta se abriu de novo, e a orientadora espiou para dentro.

— Você não pode ficar aqui, Nolan — advertiu ela. — A menos que também esteja na detenção.

Nolan olhou para mim, depois para a orientadora e, em seguida, para uma prateleira de livros no canto da sala. Num impulso, ele se levantou e foi até lá, jogando todos os livros no chão com um gesto brusco. Fiquei paralisada, sem acreditar no que acabei de presenciar.

— Pronto! — exclamou ele, com um sorriso perverso. — Acho que agora mereço um lugar aqui também!

A orientadora apenas balançou a cabeça, exasperada, e suspirou, como se já estivesse acostumada com os absurdos dele.

— Você é completamente louco, sabia? — declarei, ainda atônita. Ele voltou a se sentar ao meu lado enquanto eu me concentrava em mandar uma mensagem rápida para meu pai.

— Então, por que você está aqui? — quis saber, casualmente.

Deixei um suspiro pesado escapar.

— Não finja que não sabe. — Terminei de avisar meu pai e guardei o celular.

Continuou com os olhos em mim.

— Sei, mas quero ouvir de você — insistiu.

Revirei os olhos e me virei para ele, sentindo a raiva crescer em minhas veias.

— Culpa da sua *querida* Brigid e do grupinho dela — sibilei, contendo a vontade de gritar. — Elas passaram a aula inteira me provocando, até que eu perdi a paciência e explodi. Satisfeito? Você consegue me irritar até quando não está por perto.

O bastardo riu, e o som ecoou pela sala, aumentando mais minha frustração.

— Eu pensei que você não se importava— provocou, com um tom debochado que fez meu sangue ferver.

— *Argh!* Cala a boca! — exclamei, exausta, tanto física quanto mentalmente. Deixei minha cabeça cair para trás, fechando os olhos. — Agora, por sua culpa, vou ter uma detenção no meu histórico!

— Não é tão grave quanto parece — afirmou, me forçando a abrir os olhos e encará-lo. Aquele maldito perfume dele me deixava tonta. — Sabe o que é pior?

Pisquei, assimilando suas palavras, observando-o se aproximar um pouco mais; seu rosto perigosamente perto, seus dedos segurando meu queixo. Aquele piercing no nariz era muito atraente, especialmente combinado com o brinco em sua orelha.

— O quê? — gaguejei, meu corpo enfraquecendo sob o peso da sua proximidade.

Então, Nolan se inclinou sobre mim, seu corpo dominando o espaço ao meu redor.

— Querer te beijar e não poder — respondeu, seus dedos roçando meus lábios. — Ah, quer saber? Foda-se! Eu não preciso de permissão para pegar o que já é meu.

E, mais uma vez, ele me beijou. O terceiro beijo do dia.

Outro beijo roubado.

Era o tipo de beijo que fazia meu mundo parar. Antes que percebesse, meus braços já estavam ao redor do seu pescoço, meus dedos enroscados em seu cabelo, puxando levemente algumas mechas. O gosto dele era viciante, e a forma como sua língua dominava a minha me deixava sem forças. Eu poderia ficar assim o dia inteiro e ainda não me cansaria.

Quando um gemido suave escapou dos meus lábios, ele se afastou com um sorriso arrogante.

— Se entregando? — insinuou.

Foi como um balde de água fria. Pisquei os olhos várias vezes e fiquei um pouco constrangida. Afastei-me dele, arrumando o uniforme sem coragem de encará-lo.

— Só estou entrando no personagem — aleguei, com um pigarro nervoso.

— Sem plateia? — Ele riu. — Que adorável!

— É só um ensaio! Para de me encher, *droga!* — resmunguei, aflita, o que o fez rir mais.

Pegou meu queixo outra vez, forçando-me a olhá-lo.

— Você tem noção de como fica *sexy* quando está com vergonha? Eu adoro isso. — Traçou meus lábios com o polegar, acompanhando o movimento com o olhar.

— Porque você é um psicopata! — reclamei, tentando fingir indiferença. — Psicopatas adoram torturar e constranger suas vítimas.

Dessa vez, sua risada foi mais solta, e, para minha surpresa, acabei rindo junto.

Droga! Eu estava completamente perdida no meio de um caos do qual não fazia a menor ideia de como sair.

Era inevitável que eu tivesse uma conversa séria com meu pai assim que chegasse da escola, e, claro, isso acabou acontecendo no final da tarde, depois de perder tempo na detenção.

Ainda me sentia um tanto desnorteada com o caos daquele dia, principalmente por causa do último beijo que Nolan fez questão de roubar antes de estacionar na frente da minha casa. Seria mentira dizer que não gostei ou que não fiquei abalada. Toda vez que aquele infeliz me tocava, eu não conseguia evitar ser dominada pelo estranho poder que ele exercia sobre mim.

— Seu pai está te esperando para o jantar, querida! — anunciou a senhora Audrey, estendendo a mão para pegar minha mochila.

Soltei um suspiro baixo, sentindo a inquietação tomar conta das minhas células.

— Ele está bravo, Audrey? — perguntei, segurando a mão dela como se isso pudesse me livrar da enrascada. — Por favor, diga que ele está sorrindo e contando piadas.

Ela deu uma risadinha, apertando minha mão com afeto.

— Deixe de drama, menina. Parece até que está indo para o enforcamento — ralhou, mas logo me puxou para um abraço apertado. Fechei os olhos, sorrindo ao sentir o beijo dela na minha testa.

A senhora Audrey trabalhava para nossa família há bastante tempo, então, para mim, ela já era parte essencial da minha vida. Na maioria das vezes, sua presença tornava a ausência da mamãe um pouco mais suportável.

— Se ouvir gritos, venha me resgatar, por favor — brinquei, e ela voltou a rir, balançando a cabeça.

Com o coração disparado, caminhei em direção à sala de jantar. A cada passo, o nervosismo parecia deixar minhas pernas mais pesadas, apesar de meus esforços em manter a compostura. Eu conhecia bem meu pai e sabia que ele estava tanto curioso quanto confuso com a bomba que Nolan jogou mais cedo. Keegan Byrne detestava ser o último a saber das coisas.

Ao entrar na sala, o vi sentado à cabeceira da mesa de mogno, parcialmente escondido atrás de um jornal. Mas assim que percebeu minha presença, abaixou as folhas e focou toda sua atenção em mim.

Demorei alguns segundos para tentar decifrar sua expressão, buscando sinais de seu humor.

— Pai. — Aproximei-me dele e me inclinei para beijá-lo no rosto. — Como foi seu dia?

— Tão movimentado quanto o seu, pelo que parece — respondeu, com uma pitada de ironia que fez meu estômago se revirar.

Mordi os lábios e me sentei ao seu lado.

— Bom, eu realmente sinto muito por tudo o que aconteceu mais cedo — comecei a dizer, sentindo a ansiedade apertar meu peito. — Eu não tinha ideia de que o Nolan apareceria aqui e...

— Desde quando você está envolvida com um dos herdeiros Sullivan, Lila? — ele me interrompeu, cortando minha tentativa de suavizar a conversa. Havia algo em seus olhos, uma sombra em sua expressão que eu não soube interpretar. — Imagino que, em algum momento, você pensou em me contar isso, certo? De manhã, pego de surpresa, levei alguns segundos para associar o sobrenome dele.

Engoli em seco, nervosa, buscando encontrar as palavras certas. Negar agora só pioraria tudo.

Corando de leve, ajeitei-me na cadeira e desviei o olhar para a louça sobre a mesa.

— Não foi algo que planejei, pai... simplesmente aconteceu — balbuciei, minha voz soando trêmula pela mentira. Eu odiava mentir para ele. — A verdade é que o Nolan tem me ajudado com... *tudo*. — Levantei os olhos, esperando que ele entendesse o que eu realmente queria dizer com esse "tudo".

De certa forma, isso não era totalmente uma mentira. Quando eu estava com Nolan, o caos que ele trazia me absorvia tanto que eu quase esquecia dos traumas que passaram a me atormentar desde a morte da mamãe.

Para meu espanto, papai suspirou, apoiando a cabeça nas mãos, claramente incomodado e pensativo.

— Não acho que sua proximidade com esse rapaz seja uma boa ideia — afirmou, me pegando

desprevenida. — A família dele não tem uma boa reputação na cidade.

Fiquei em silêncio por um momento, absorvendo suas palavras, enquanto começava a servir meu prato.

— O senhor investigou sobre eles? — inquiri, embora já soubesse a resposta. Nunca conheci alguém mais controlador que meu pai. — É por isso que está me dizendo isso?

— Eles não são gente boa, querida — decretou, sem hesitar. Senti meu coração acelerar. — As histórias que ouvi... — ele parou por um momento, desviando o olhar e respirando fundo. O tom tenso de sua voz acendeu meu alerta.

— Pai...

— Quero que fique longe desse marginal! — cortou, sem rodeios. Meu coração disparou, e meus pensamentos se embaralharam sobre o que aquela decisão implicava. Não entendi por que, mas meu coração doeu com a ideia de me afastar do Nolan. — Prometa que vai encerrar qualquer coisa que tenha começado com aquele sujeito e se afastar dele.

Fiquei paralisada, repetindo suas palavras na minha mente.

— Marginal? — balbuciei, atordoada. — De onde o senhor tirou isso? Nolan não é nenhum marginal, pai. *Avondale* jamais aceitaria alguém assim.

Deixou uma risada amarga escapar, cheia de ceticismo.

— Às vezes, eu me esqueço o quanto você ainda é ingênua, filha — comentou, balançando a cabeça.

Abri a boca, pronta para responder, mas hesitei. As palavras simplesmente não vieram.

Estava abalada demais com tudo o que ele falou.

Eu tinha acabado de sair do banho e estava secando meu cabelo quando ouvi o toque alto do telefone. Por um segundo, pensei em ignorar a chamada do Rory, mas sabia que ele não desistiria tão fácil.

Infelizmente, meu melhor amigo era um verdadeiro fofoqueiro.

Respirei fundo, me preparando mentalmente antes de atender:

— *Já começo dizendo que estou profundamente ofendido, porque sei que você pensou em ignorar minha ligação* — dramatizou, sem perder tempo. — *Você está se tornando uma péssima melhor amiga, Lila. Por que não respondeu minhas mensagens? Mandei um monte durante o dia.*

Mordi o lábio inferior, cheia de culpa. Coloquei a chamada no viva-voz enquanto me vestia.

— Desculpa, Rory, estava sem meu celular — expliquei, ainda com a cabeça cheia. — E, quando cheguei em casa, papai já estava me esperando para o jantar. — Fechei os olhos, lembrando da conversa tensa que tive com ele.

— *Ah, aposto que o senhor Keegan não gostou nada dessa história de namoro, né?* — insinuou, já sabendo bem como meu pai era.

Terminei de colocar a camisola.

— Nem um pouco! Na verdade, ele me proibiu de continuar com o Nolan.

— *Não acredito!* — exclamou do outro lado da linha. — *Mas, afinal, de onde surgiu essa história de namoro? Porque, se não me falha a memória, você estava faltando aula por causa de um certo vídeo... inapropriado, que, aparentemente, foi obra do Demônio Sullivan.*

— "Demônio Sullivan"? — repeti, rindo.

— *Tem apelido melhor?* — retrucou, também rindo.

Passei os minutos seguintes contando os últimos acontecimentos; omitindo, claro, os detalhes mais íntimos. Adorava o Rory, mas não me sentia à vontade para compartilhar certas coisas com ele.

De repente, meu celular vibrou com a chegada de uma nova mensagem. Ao espiar, vi que era do Nolan. Meu coração deu um salto inevitável.

— Rory, preciso desligar — avisei. — Papai acabou de me chamar para assistir a um filme com ele — menti, sem hesitar. — Prometo que amanhã a gente conversa melhor na escola.

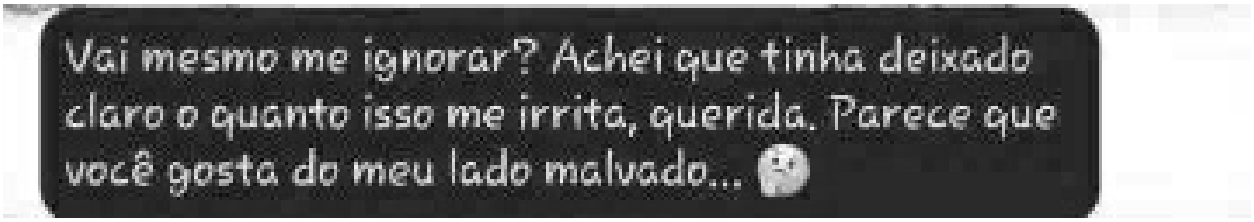
— *Promete que não vai me trocar pelo "Demônio Sullivan"?* — brincou, mas percebi uma pontinha de ciúme em sua voz. — *E não pense que esqueci que você me deixou sem a famosa salada da senhora Audrey no almoço.*

— Interesseiro! — exclamei, rindo.

Troquei mais algumas palavras com ele antes de encerrar a ligação. Meus dedos ansiosos já clicavam nas mensagens de Nolan.

Ele tinha mandado três.

Sacudi a cabeça, incrédula com a habilidade que ele tinha de transformar qualquer coisa em uma insinuação pervertida.

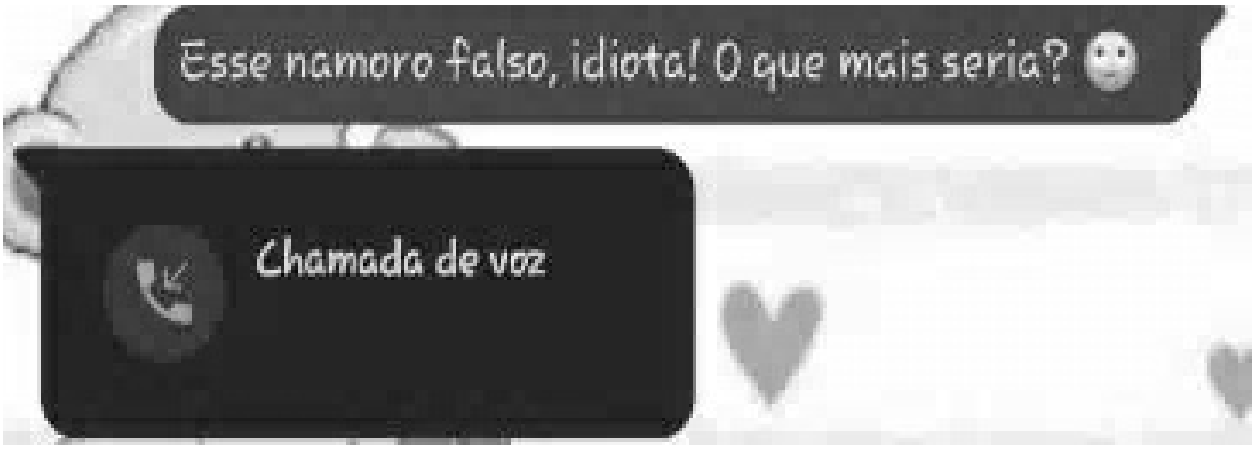

Vai mesmo me ignorar? Achei que tinha deixado claro o quanto isso me irrita, querida. Parece que você gosta do meu lado malvado...

Mordi os lábios, sentindo minhas mãos tremerem e o coração acelerar dentro do peito. Recostei-me na cabeceira da cama, lutando para organizar meus pensamentos. Porém, as palavras do meu pai ecoavam sem parar na minha cabeça.

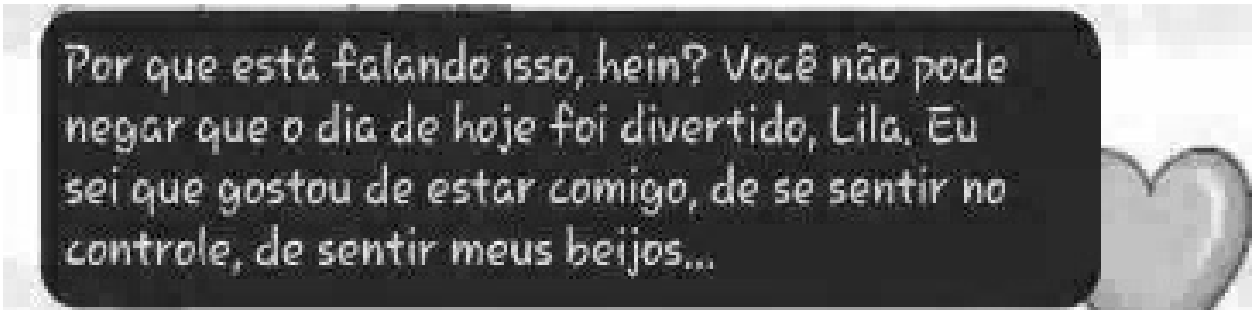
A resposta veio quase que de imediato.:

"Namorada". Será que ele estava falando sério? Afinal, tudo não passava de uma encenação. O emoji de risada no fim da mensagem só me deixou mais confusa.

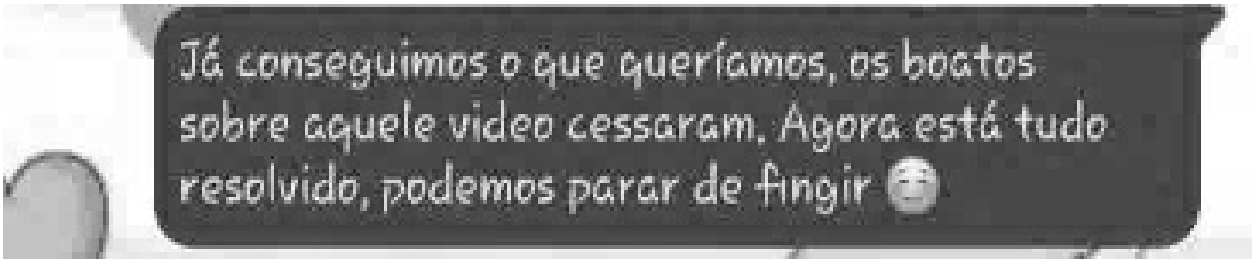
Revirei os olhos, já impaciente.



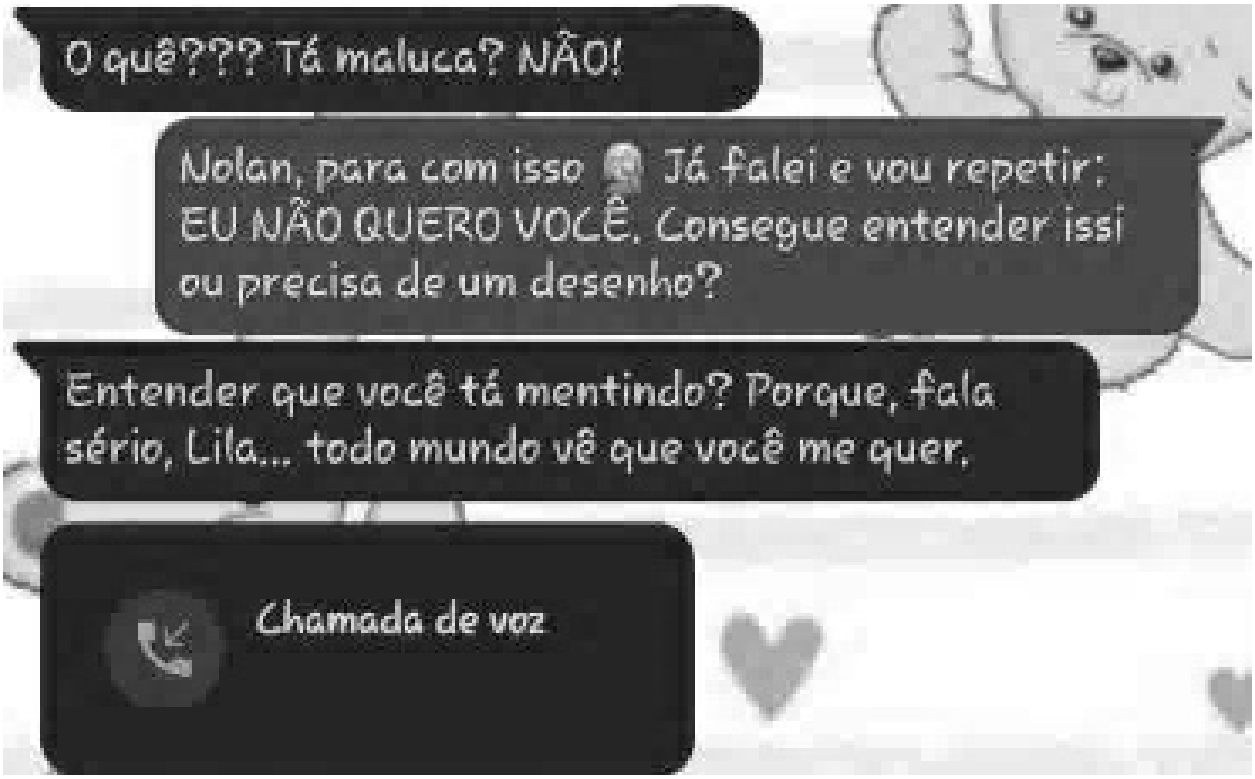
Ele tentou me ligar, mas recusei a chamada. Não estava pronta para ouvir sua voz, não agora.


Por que está falando isso, hein? Você não pode negar que o dia de hoje foi divertido, Lila. Eu sei que gostou de estar comigo, de se sentir no controle, de sentir meus beijos...

Um calor inesperado percorreu meu corpo todo, e eu estremeci.

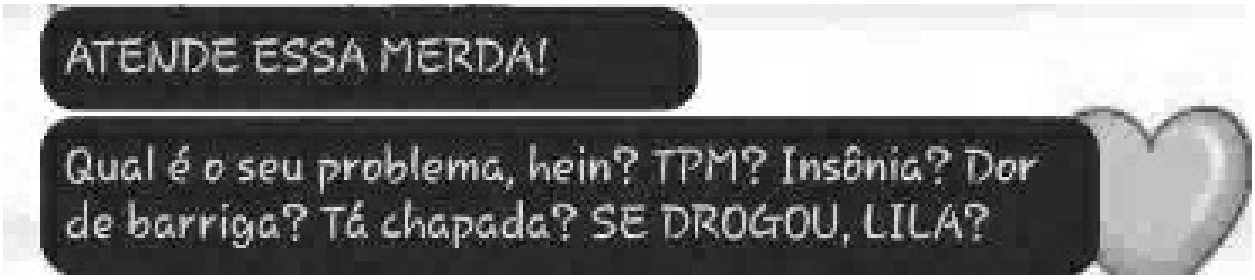

Já conseguimos o que queríamos, os boatos sobre aquele vídeo cessaram. Agora está tudo resolvido, podemos parar de fingir

Só de lembrar da decepção do meu pai, meu peito apertava.


O quê??? Tá maluca? NÃO!
Nolan, para com isso Já falei e vou repetir: EU NÃO QUERO VOCÊ. Consegue entender issi ou precisa de um desenho?
Entender que você tá mentindo? Porque, fala sério, Lila... todo mundo vê que você me quer.
Chamada de voz

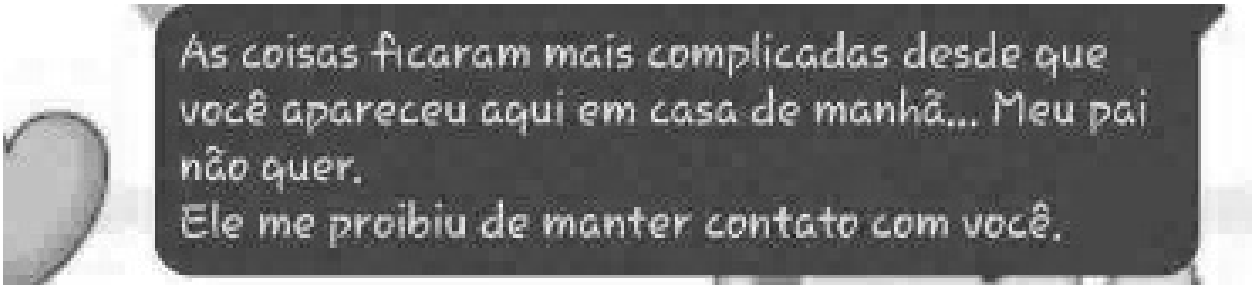
Revirei os olhos. A arrogância dele era sufocante.

O celular vibrou mais uma vez. Chamada de voz. Recusei. Outra tentativa. Recusei de novo.



Deixei o telefone cair no meu peito, esfregando o rosto com as mãos, frustrada. Estava exausta. Era exatamente assim que me sentia.

Decidi ser honesta:


As coisas ficaram mais complicadas desde que você apareceu aqui em casa de manhã... Meu pai não quer.
Ele me proibiu de manter contato com você.

Fiquei encarando a tela, esperando uma resposta. Mas nada veio.

Um minuto, dois, três, cinco, dez...

Desisti de esperar. Desliguei o celular, odiando o quanto estava ansiosa por uma mensagem dele.

— Droga! — resmunguei, irritada comigo mesma.

Levantei-me da cama e fui até a penteadeira. Sentei-me ali, secando os cabelos e passando creme na pele, tentando me distrair com algo. Qualquer coisa era melhor do que ficar remoendo o mesmo assunto.

Perdi a noção do tempo, mas quando finalmente me preparei para deitar, notei um movimento na porta da sacada. Minhas pernas congelaram, e meu corpo ficou paralisado de medo.

Eu mal consegui segurar o grito, abafando-o com as mãos, quando meus olhos se ajustaram à escuridão e eu vi Nolan. O bastardo entrou no meu quarto como se fosse dono do lugar, invadindo descaradamente um espaço que não era dele.

— Oi, *baby!* — saudou, com aquele sorriso provocador nos lábios.

— "Oi, baby?!" — balbuciei, incrédula. — O que você pensa que está fazendo aqui? Perdeu a noção do perigo? — sussurrei, apavorada com a ideia de meu pai nos ouvir. — Como você conseguiu burlar o sistema de segurança da casa? — perguntei, de olhos arregalados.

Aproximou-se ainda mais, encurtando a distância entre nós, e envolveu minha cintura com um dos braços. Seu toque fez meu corpo inteiro estremecer.

— Eu sou maluco, Lila — declarou, o sorriso se ampliando. — Pensei que você já soubesse disso, querida.

Pressionei as mãos contra o peito dele. Ofegante com a intensidade do seu toque, minhas pernas quase cederam.

— Nolan, por favor, vai embora — pedi, perdida numa confusão de sentimentos, no cheiro dele,

no calor da sua pele. — Se meu pai descobrir que você está aqui...

— Lila, querida? — Como num *timing* perfeito, a voz do meu pai cortou o silêncio, seguida por uma batida na porta. Meu coração disparou. — Está acordada?

Olhei para Nolan em desespero. Ele, por outro lado, parecia completamente despreocupado com a possibilidade de ser descoberto.

— Vai embora! — Empurrei-o em direção à sacada, mas ele sequer se mexeu.

— Não vim aqui para sair sem falar com você— decretou, seus pés plantados no chão, aumentando ainda mais minha aflição.

— Lila? — Meu pai chamou outra vez. — Posso entrar, querida?

— Só um minuto, pai! — respondi, num esforço para esconder o pânico que tomava conta de todo meu ser. Voltei a encarar Nolan. — Se esconde ali — apontei para o armário. — E não se atreva a sair até eu mandar.

Com grande esforço, o empurrei até conseguir fazê-lo entrar no armário. Meu coração estava a mil, e minha mente, um caos.

Respirei fundo para me acalmar, em seguida, fui até a porta. Ao abrir, encarei meu pai. Eu sabia bem o motivo de sua visita. Era nossa rotina: o momento em que ele me contava histórias antes de dormir.

— Está tudo bem? — quis saber, me observando com atenção. — Você parece meio... agitada, um pouco corada. — Seus olhos vagaram pelo quarto, como se procurassem algo... ou *alguém*.

Engoli em seco e passei as mãos nervosamente pelo rosto.

— Estou bem, pai — respondi, embora minha voz tenha soado mais alta do que o normal. — Acabei de secar o cabelo, acho que é isso que fez minha pele ficar quente.

Caminhei até a cama, sabendo que ele me seguiria e se sentaria na poltrona ao lado, como sempre fazia.

— Espero que não esteja chateada comigo — comentou, soltando um suspiro leve. — Não quero que esse assunto crie uma barreira entre nós, filha. No fim das contas, só quero a sua felicidade.

Seu tom sincero me tocou fundo, e eu não pude evitar sorrir. Estendi a mão e apertei a dele.

— Eu sei, pai — declarei. — Só... preciso de um tempo para processar tudo.

Assentiu, compreensivo, e pegou o livro que estava na cabeceira, abrindo na página em que havíamos parado na noite anterior.

Enquanto ele lia com a calma de sempre, dentro de mim, tudo estava um completo caos. Minhas mãos suavam de nervosismo, lembrando que Nolan estava escondido no armário ao lado. O que me deixava gelada era imaginar o que poderia acontecer se meu pai o encontrasse ali.

Depois de alguns minutos, forcei um bocejo. Meu pai notou e sorriu.

— Olha só, parece que temos uma garota com sono por aqui — brincou, fechando o livro e se levantando. Ele se inclinou para me dar um beijo na testa. — Boa noite, querida. Eu te amo mais que tudo. Sabe disso, né?

— Sim, eu sei — respondi com um sorriso. — Também te amo.

Então, ele se afastou, e assim que a porta se fechou atrás dele, finalmente consegui respirar normal.

Como se tivesse cronometrado o tempo, Nolan saiu do armário. Para meu horror, ele segurava uma calcinha minha.

— Isso aqui é incrivelmente *sexy*! Vai usar para mim? — indagou, erguendo a peça com aquele sorriso malicioso.

Num impulso, avancei e arranquei a calcinha da mão dele.

— Não tem graça, Nolan! — rosnei, entre dentes. — Você precisa sair agora. — Caminhei até a sacada, ainda me perguntando como ele havia conseguido subir até ali.

Esse garoto definitivamente não era normal.

— Engraçado como você ainda é a filhinha perfeita do papai, né? — provocou, permanecendo onde estava. — Ele ainda lê historinhas para você dormir... que adorável!

Seu tom sarcástico fez meu rosto queimar de vergonha.

— Isso não é da sua conta! — sibilei, irritada. — Agora saia do meu quarto!

Estreitou os olhos e colocou as mãos nos bolsos. Quando começou a caminhar em minha direção, senti meu fôlego vacilar.

— Nolan, por favor, não complique ainda mais as coisas... — sussurrei, mal conseguindo manter as pernas firmes.

Encostei-me à porta da sacada, querendo fugir da proximidade dele. Seus braços me cercaram, as mãos espalmadas ao redor de mim, e eu lutei para não inalar seu perfume, embora fosse impossível.

Por alguns segundos, Nolan só me olhou, ou melhor, me devorou com aqueles olhos penetrantes, parecendo querer me afogar neles.

— Você quer mesmo que eu vá embora? — quis saber, sem me tocar. E, mesmo sem contato, eu já estava completamente desarmada.

Lambi os lábios, sentindo-me uma completa idiota.

— *Si-sim.*

Oh, Deus, me ajuda...

O cretino sorriu, ciente do controle que tinha sobre mim. Então, inclinou a cabeça, seus lábios pairando próximos a minha orelha, e deu uma leve lambida na ponta.

Não pude evitar o gemido abafado, e minhas mãos se agarraram involuntariamente à sua camisa.

— Eu só vou embora quando você parar de gaguejar.

Eu estava, definitivamente, muito encrencada.

A maioria das pessoas me via como um cretino e, para ser honesto, elas estavam certas. Sempre coloquei meus interesses em primeiro lugar, e isso só se intensificava quando o assunto era sobre a garota tremendo à minha frente, tentando — sem sucesso — fingir uma indiferença que não existia quando estávamos juntos. Lila tinha essa habilidade única de me desestabilizar, mesmo quando parecia alheia ao efeito que causava.

No fundo, eu vinha me esforçando para ser paciente, aguardando o momento em que ela se abriria comigo. Mas, como sempre, sua teimosia era um obstáculo. Às vezes, parecia que seu único objetivo era me provocar. A mensagem que ela me enviou, deixando claro que queria terminar comigo, foi uma prova disso.

Para ela, nosso "relacionamento" era uma farsa. Para mim? Nunca foi.

Eu estava ali para mostrar que ela me pertencia. Nem ela, nem seu pai controlador, iriam ficar no nosso caminho. Que ele tentasse impor barreiras, pouco importava. Eu ficaria com a filha dele, quer ele aceitasse ou não.

— *E-eu* estou implorando, Nolan, vá embora — gaguejou, tropeçando nas palavras, o rosto corado chamando minha atenção. — Eu prometo que amanhã falo com você na escola, mas agora... — ela fez uma pausa, tentando recuperar o fôlego. — Agora, você precisa sair daqui antes que meu pai descubra.

— Eu não dou a mínima para o seu pai — declarei, inclinando meu corpo sobre o dela, prendendo-a entre mim e a porta da sacada. — No momento, *baby*... — toquei sua bochecha, rubra —, só consigo pensar se a sua boceta é tão rosada quanto o seu rosto está agora.

O arquejo de espanto que ela deu foi abafado pela minha boca, quando invadi seus lábios com a minha língua sedenta, tomando-a como eu já começava a me acostumar. Por mais que sua mente

lutasse contra o que sentia por mim, seu corpo dizia o contrário. Suas mãos se agarraram à minha camiseta, buscando mais proximidade.

Puxei-a para mim, uma mão segurando sua nuca enquanto a outra pressionava seu traseiro, por baixo da fina camisola que ela usava. Lila arfou, murmurando palavras desconexas.

Caímos juntos sobre a cama, e não dei a ela tempo para pensar. Eu sabia que, se ela tivesse tempo para raciocinar, as barreiras voltariam a se erguer entre nós. E, embora eu tivesse certeza de que poderia derrubar todas elas, era cansativo.

Meus lábios desceram pelo seu maxilar, parando próximo ao seu ouvido:

— Ainda quer que eu vá embora? — mordisquei sua orelha de leve, antes de continuar a trilha de beijos. Por um momento, meus lábios pairaram sobre sua cicatriz.

— *N-não* faça isso... — implorou, notando minha intenção. Segurei suas mãos acima da cabeça, meus olhos fixos na cicatriz grossa em seu pescoço.

— Quem fez isso? — perguntei, enquanto deslizava minha língua sobre a pele marcada, fazendo Lila se contorcer sob mim. — Quem se atreveu a tentar tirá-la de mim, *baby?*

Ela me encarava, seu rosto era uma mistura de pânico, raiva e desejo.

— Minha vida não é da sua conta, seu psicopata! — retrucou, buscando manter o controle, o que me arrancou uma risada baixa.

— É aí que você se engana, querida — declarei, enquanto minha boca se aproximava de seu seio, ainda coberto pela camisola. — Tudo sobre você me interessa. — Nossos olhares não se separaram conforme eu mordiscava seus mamilos enrijecidos, alternando entre um e outro.

O jeito que ela gemeu foi enlouquecedor, especialmente porque estava se esforçando para reprimir o som, como se quisesse escondê-lo de mim ou de seu pai, não tive certeza.

— Você é... — sua voz falhou, incapaz de concluir a frase, perdida nas sensações que minhas mãos e boca provocavam.

Soltei seus braços e, ao invés de me empurrar para longe, ela afundou os dedos em meus cabelos, pressionando minha cabeça contra seu corpo febril.

Levantei sua camisola até a cintura, forçando meu rosto contra sua calcinha, já úmida. Antes que ela pudesse reagir, puxei o tecido para o lado e passei minha língua em suas dobras molhadas, saboreando cada detalhe com fervor.

Lila abafou os gemidos com as mãos, para não chamar a atenção do pai com os gritos que ameaçavam escapar de sua garganta.

Impaciente com o tecido em nosso caminho, rasguei sua calcinha, e com meus braços envolvendo suas coxas, levei minhas mãos até seus seios enquanto minha boca mergulhava com intensidade em seu gosto, devorando sua boceta com uma fome insaciável.

— Rosada e deliciosa — soprei, ao sugar seu clitóris, observando o jeito como ela se contorcia abaixo de mim. — Exatamente como imaginei que sua boceta seria. — Seu corpo tremeu de leve, e Lila me encarou com um olhar confuso, parecendo estar tentando processar o que estávamos fazendo. — A partir de agora, essa boceta é minha. — Desci os lábios pela sua boceta, beijando-a com avidez, sugando cada parte dela. — E ninguém vai me impedir de possuí-la do jeito que eu quiser.

Seus dedos enredaram em meus cabelos, puxando os fios com força, enquanto seus quadris começaram a se mover por vontade própria, esfregando-se contra meu rosto.

— *E-eu*... te odeio! — exclamou, a voz enfraquecida.

Ri baixinho, saboreando a batalha interna que ela travava consigo mesma. Seu corpo já não podia resistir, mesmo que a mente tentasse.

Minhas mãos apertaram seus seios, beliscando seus mamilos com mais força, torcendo-os ligeiramente. Quando os espasmos começaram, ela tentou fechar as pernas, mas não a deixei. Aumentei o ritmo, lambendo seu clitóris com precisão, apenas o suficiente para levá-la ao êxtase. E foi lindo.

Eu poderia repetir essa cena a noite inteira.

Satisfeito, esfreguei meu rosto na parte interna de sua coxa antes de subir, cobrindo seu corpo com beijos, me concentrando um pouco mais em seus seios. Evitei sua cicatriz, não querendo quebrar o momento.

Meu pau latejava, implorando para ser liberto, mas eu sabia que ainda não era a hora.

Lila estava exausta, suada e sem forças.

— *E-eu*...

— Você gozou na minha boca! —Toquei seu rosto antes de deslizar minha língua entre seus lábios, forçando sua boca a se abrir. — Sinta o quanto sua boceta é deliciosa — murmurei, incapaz de resistir à tentação de esfregar meu pau entre suas pernas abertas, mesmo ainda estando de calças. Lila soltou um gemido audível. — Eu juro, já estou viciado. Mal posso esperar para fazer dela o lar definitivo do meu pau.

Gemeu outra vez, rendendo-se ao momento.

Mas, no fim, acabei me jogando entre os travesseiros, puxando o corpo sensível de Lila para o meu, aninhando-a sobre o meu peito.

— Nolan...

— Hm? — resmunguei, mantendo um braço dobrado sobre os olhos, enquanto o outro descansava em torno dela, apoiando sua cabeça. Meus dedos estavam ocupados acariciando seus cabelos.

— Para de ser idiota, você precisa ir embora — disse, num esforço para soar firme, mas sua voz saiu com um bocejo, e ela se aconchegou ainda mais a mim.

Um sorriso discreto surgiu nos meus lábios, mas continuei imóvel.

— Eu vou embora se você me chamar pelo meu nome.

— Nolan é seu nome.

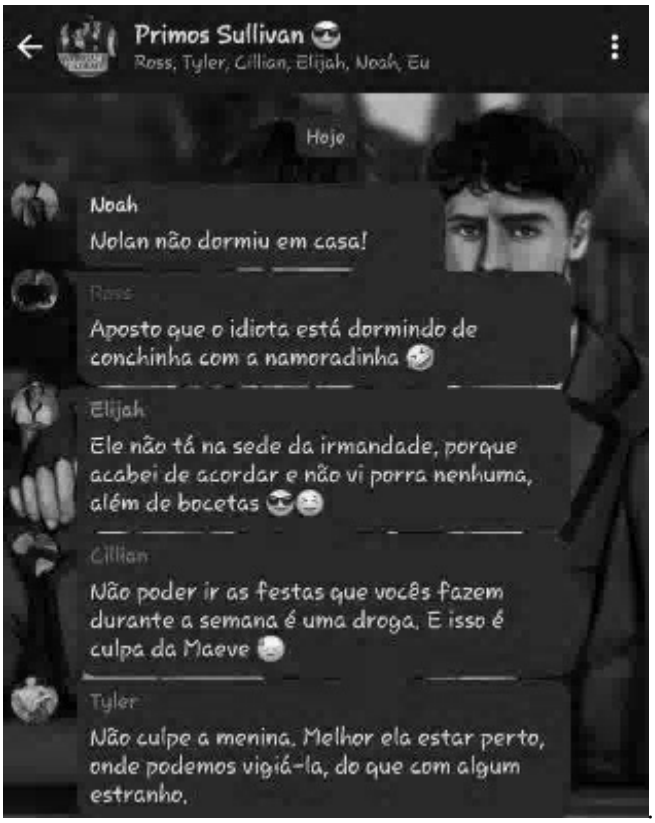
Minha mandíbula se contraiu, a frustração me invadindo.

— Não *pra* você.

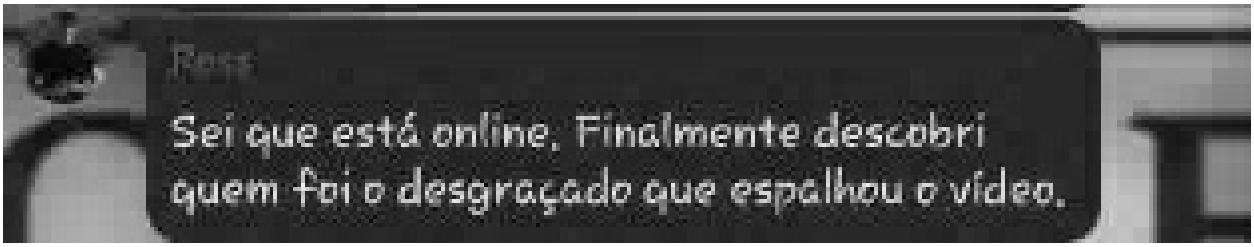
No entanto, ela não disse mais nada. E assim, eu também não fiz nenhum movimento para tirá-la do calor do meu corpo. Para ser honesto, ela também não demonstrou nenhum esforço para sair.

O som do telefone vibrando no meu bolso me tirou do meio do sono. Uma rápida olhada pela vidraça da janela me confirmou que o dia ainda não tinha amanhecido. Lila estava aconchegada contra meu peito, uma de suas pernas entrelaçada nas minhas, como se eu fosse seu travesseiro.

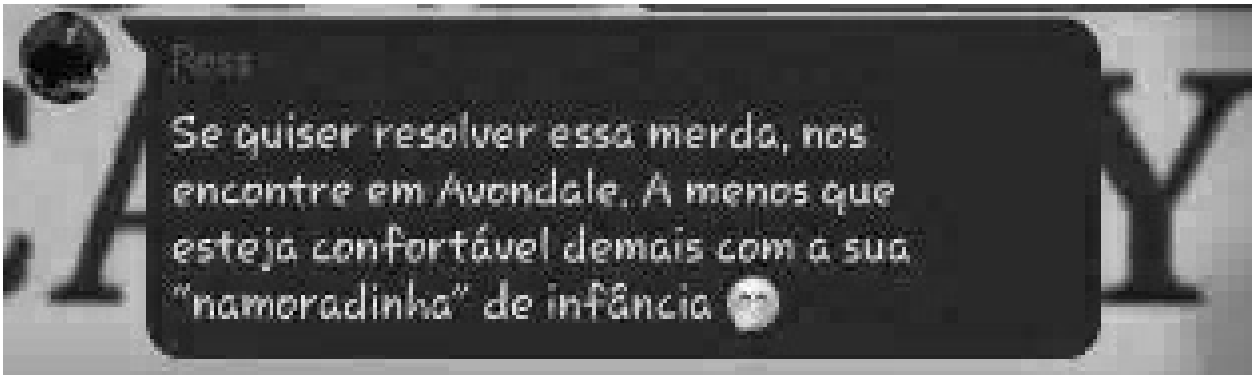
Com cuidado, consegui puxar o celular do bolso da calça e levantei o aparelho à altura dos olhos. Era o grupo.


Primos Sullivan
Ross, Tyler, Cillian, Elijah, Noah, Eu
Hoje
Noah
Nolan não dormiu em casa!
Ross
Aposto que o idiota está dormindo de conchinha com a namoradinha
Elijah
Ele não tá na sede da irmandade, porque acabei de acordar e não vi porra nenhuma, além de bocetas
Cillian
Não poder ir as festas que vocês fazem durante a semana é uma droga. E isso é culpa da Maeve
Tyler
Não culpe a menina. Melhor ela estar perto, onde podemos vigiá-la, do que com algum estranho.

As mensagens não paravam de chegar, e minha primeira reação foi ignorar o telefone. Mas, quando o nome de Ross apareceu numa mensagem privada, acabei clicando.



Meu coração deu um salto no peito, e senti meus dentes rangerem. Com cuidado, me desvencilhei de Lila, que murmurou algo, mas não acordou.


Rose
Se quiser resolver essa merda, nos encontre em Avondale. A menos que esteja confortável demais com a sua "namoradinha" de infância

Revirei os olhos, sem paciência para o idiota. Respondi rapidamente:

Desliguei o telefone e olhei para o lado. Agora, Lila estava aninhada nas cobertas, dormindo profundamente, sua respiração calma.

Inclinei-me, afastando alguns fios de cabelo que caíam sobre suas pálpebras.

— Até mais, *baby* — soprei, sabendo que ela não me ouviria. — Vou lá resolver essa merda por você.

Um sorriso de escárnio surgiu nos meus lábios. Finalmente, me levantei e me espreguicei, sentindo meu pau endurecido. Só de olhar para as pernas dela, já era suficiente para me deixar excitado, ainda mais sabendo que sua boceta estava completamente exposta.

Respirei fundo para controlar meus impulsos, e segui em direção à sacada.

— Desde quando isso virou uma festinha particular? — questionei, gesticulando para meus primos: Ross, Cillian e os gêmeos. — Nem são seis da manhã ainda, cacete! Se algum dos tios vier me encher o saco, já vou avisando que vou lavar minhas mãos.

Elijah me mostrou o dedo do meio.

— Só vim pela diversão — disse Cillian, dando de ombros, com um sorriso sádico nos lábios. —

O imbecil não mexeu só com você, mexeu com todos nós. Foi uma afronta aos Sullivan.

Assenti, enquanto olhava ao redor. Estávamos nos fundos da sala do treinador, diante de um ginásio em reforma.

— Beleza — falei, cruzando os braços. — O que descobriram, afinal? Por que estamos aqui?

— Uma das minhas fontes me garantiu que ouviu um babaca se gabando no vestiário — respondeu Ross, recostado na parede. — Ele estava rindo de como fez o vídeo e espalhou na escola, achando graça de ter saído ileso.

Senti meu maxilar trincar, a raiva crescendo dentro de mim.

— Quem é o desgraçado? — rosnei.

— Murphy. — Elijah respondeu, soltando um bocejo. — *Puta que pariu!* Preciso parar de trepar a noite toda. — Esfregou o rosto, parecendo exausto. — Já sei que o treinador vai me arrebentar no treino de hoje.

— E com razão, *porra!* — Tyler deu um tapa na cabeça do irmão gêmeo. — Você só pensa em boceta!

— Como a gente encontra esse *cara?* — voltei ao assunto que me trouxe ali. — Ele está aqui? — perguntei, gesticulando para o ginásio.

— Sim, *tá* lá dentro. — Ross apontou para o ginásio em obras. — Toda quarta-feira, ele se encontra com a Erin.

— A do segundo ano? — rebati, tentando entender.

— Ela mesma — Ross confirmou.

— Mas ela não *tá* namorando? — Cillian perguntou, confuso.

— Está, mas nas quartas é o Murphy quem come. — Ross respondeu, rindo. — E adivinha só? Hoje é quarta!

— As coisas acontecem quando têm que acontecer... — começou Elijah.

— Cala a boca, seu idiota! Não me vem com filosofia agora — ralhei, já caminhando em direção ao ginásio.

Meus primos me seguiram de perto.

Não precisamos caminhar muito para dar de cara com a cena patética. Murphy estava de costas para nós, com as calças arriadas, investindo contra a garota, que tinha os seios à mostra e a saia levantada. Pelo visto, já tinha chegado ali sem calcinha.

Tyler enfiou dois dedos na boca e soltou um assobio alto, assustando o casal.

— Ora, ora... isso aqui é melhor do que assistir pornô — insinuou, rindo.

Os dois se separaram rapidamente, a garota assustada, tentando cobrir o corpo. Lancei a ela um olhar frio.

— Se manda daqui! — rugi, sem a menor cerimônia. — E nem pense em abrir a boca, ou seu namorado vai descobrir por onde sua boceta anda nas quartas-feiras.

A vadia nem hesitou em sair correndo, sem sequer olhar para o amante.

— Se quiser me usar nas quintas, *tô* disponível, meu bem. — Ouvi Tyler provocando enquanto ela passava por eles.

— Nas segundas, eu *tô* livre, amor — completou Cillian, rindo.

As risadas deles foram unânimes, mas meu foco continuava no infeliz à minha frente.

— E aí, Nolan? — desafiou Murphy, com um sorriso cínico. — Por que atrapalhou a minha foda?

Fiz uma expressão de nojo.

— Primeiro, enfia esse pau pequeno de volta nas calças. Não vou socar um homem com o pau de fora. Seria covardia.

Observei meus primos bloqueando a saída.

— Que merda você acha que eu fiz, hein?

Estalei os lábios e me aproximei dele.

— Não acho, eu sei! — sibilei, entre dentes. — Você espalhou o maldito vídeo. E agora vai pagar por ter exposto a minha garota.

Ajeitei meu uniforme antes de apertar a campainha na casa da Lila. Só esperava que o maldito corte no meu supercílio não estivesse tão visível, porque isso certamente não ajudaria na minha situação com o pai dela. Eu tinha acabado com a cara do desgraçado do Murphy, mas o bastardo conseguiu me acertar um ou dois golpes.

Foi Keegan quem abriu a porta, e seus olhos críticos me examinaram de cima a baixo. Diferente do dia anterior, desta vez ele não me convidou para entrar.

— Bom dia, senhor! — falei, forçando meu melhor sorriso de bom moço. — Vim buscar a Lila para irmos juntos à escola.

Percebi seu olhar se tornar mais aguçado, até que ele se fixou na porra do meu supercílio cortado.

— O que aconteceu aí?

Pisquei, fingindo despreocupação ao levar a mão até meu machucado.

— Ah, isso? — comentei, querendo minimizar. — Só um acidente, nada de importante.

Exasperou fundo, ponderando as palavras antes de falar, tudo para não parecer grosseiro.

— Veja bem, rapaz — começou ele —, ontem você me pegou desprevenido.

Franzi o cenho, fingindo não entender.

— Desprevenido? — repeti. — Não estou entendendo, senhor.

Seu maxilar se contraiu, e ele me encarou diretamente nos olhos.

— Você é *problema*, e dos grandes — decretou, sem pestanejar. — Eu conheço a sua família — disse, quase rangendo. — Eu.conheço.a.sua.família — enfatizou cada palavra.

Deixei que ele visse a faísca de raiva e frustração nos meus olhos, sem disfarces. Um sorriso frio escapou pelos meus lábios.

— É claro que conhece — respondi, quase latindo.

Sem dizer mais nada, me virei nos calcanhares e caminhei de volta ao carro. Se ele achava que me afastaria da Lila, estava completamente enganado.

Se dependesse de mim, eu a faria gritar todas as noites, e bem debaixo do nariz enxerido dele!

Eu não sabia há quanto tempo estava parada diante do espelho, observando meu reflexo. Perdida nas lembranças das últimas horas, ainda era difícil acreditar no que tinha acontecido. Como eu permiti que as coisas chegassem tão longe?

Minhas bochechas ardiam toda vez que as cenas do que Nolan e eu fizemos no meu quarto invadiam meus pensamentos. Mas o pior não era isso. O pior era o calor que percorria cada parte do meu corpo.

Logo que acordei, por um breve momento, pensei que talvez tivesse sonhado com aquilo, já que me vi sozinha na cama. No entanto, bastou enterrar o rosto no travesseiro ao lado para ser imediatamente lembrada da presença dele... o psicopata que o destino colocou no meu caminho para me atormentar.

Para me fazer questionar meus próprios princípios e certezas.

Respirei fundo, abri a torneira e deixei a água fria escorrer pelas mãos antes de lavar o rosto. Lutando para colocar os pensamentos em ordem, saí do banheiro alguns minutos depois. Sentei-me em frente à penteadeira e fiz uma maquiagem rápida, esforçando-me para esconder ao máximo minha cicatriz.

Era impossível evitar que minha mente voltasse a ele. Desde o início, Nolan sempre demonstrou uma estranha fixação por essa cicatriz.

Depois de terminar, peguei minha mochila e desci para tomar café com meu pai. Mas, ao chegar à cozinha, encontrei apenas a mesa posta.

— Audrey, meu pai já saiu? — perguntei em voz alta, esperando que ela ouvisse. — Ele nem se despediu de mim.

— O senhor Byrne saiu faz alguns minutos — respondeu, aparecendo na sala. — Recebeu uma ligação, mas não entendi muito bem.

Franzi o cenho, um pouco desapontada. Embora, no fundo, sentisse certo alívio. Não sabia se conseguiria encará-lo depois do que aconteceu no meu quarto, sabendo que ele estava no cômodo ao lado.

— Ah, tudo bem. — Suspirei baixo. — Acho que vou comer alguma coisa na escola.

— Tem certeza? — insistiu, me seguindo. — Fiz suas panquecas preferidas. E, honestamente, você não tem comido direito nos últimos dias. Eu reparei.

— É só impressão sua, Audrey — murmurei, querendo tranquilizá-la. Virei-me e a abracei, aproveitando para acalmá-la. — Prometo que estou bem! Juro que te mando uma foto comendo, pode ser? — Sorri e beijei sua bochecha, vendo-a corar de leve. — Agora eu preciso ir.

Abri a porta, mas antes de sair, sua voz me fez parar:

— Ah, esqueci de te contar — disse, olhando para mim. — Um dos seus amigos apareceu aqui pouco antes de seu pai sair. Não sei o que conversaram, mas o rapaz pareceu bem irritado.

Meu coração disparou na hora. Eu já sabia de quem ela estava falando: *Nolan*.

— Por que acha que o rapaz não gostou da conversa? — inquiri, num esforço para soar casual.

— Não sei... — respondeu, dando de ombros. — Só sei que ele bateu a porta do carro com força e saiu acelerando.

Passei a língua pelos lábios secos, tentando processar tudo em meio à confusão que minha mente se tornou. Despedi-me rapidamente de Audrey e saí.

Dirigi até a escola em silêncio, com o rádio desligado. O único som no carro era o do motor, enquanto minha cabeça revivia cada detalhe do que aconteceu entre mim e Nolan.

Estacionei no lugar de sempre, mas a princípio, não saí do carro. Permaneci ali, as mãos firmes no volante, buscando acalmar minha respiração. Meu coração ainda batia rápido, não só pela conversa que Audrey mencionou, mas por tudo o que estava acontecendo na minha vida.

Fechei os olhos por alguns segundos, deixando o ar frio do ar-condicionado tocar meu rosto conforme lutava para recuperar o controle.

Depois de um tempo, finalmente desliguei o motor, abri a porta e saí do veículo. O ar fresco da manhã pouco fez para acalmar o calor que ainda queimava dentro de mim, especialmente pelas lembranças intensas de horas atrás. Mesmo com a ansiedade crescendo, comecei a caminhar para fora do estacionamento.

Foi então que ouvi passos rápidos se aproximando. Antes que pudesse reagir, Maeve apareceu na minha frente, com os olhos brilhando de curiosidade.

— Lila! Finalmente! — exclamou, sem me dar a chance de escapar ou de responder. — Tentei te procurar ontem, mas você parecia... ocupada. — Ela fez uma pausa dramática, me analisando de cima a baixo. — Então, é verdade que você e meu primo estão juntos? — Meu rosto esquentou na mesma hora. — Admito que estou confusa, especialmente depois daquele vídeo e...

Meu coração já estava acelerado.

— Olha, eu entendo sua curiosidade, mas não tenho muito o que dizer... — tentei desconversar, apressando o passo. Mas Maeve não me deixou escapar tão fácil.

— Ah, nem pense em fugir! — Ela deu um passo à frente, bloqueando meu caminho. — O Nolan praticamente te exibiu ontem na *Avondale*, algo que ele nunca fez antes. — Seus olhos brilhavam de um jeito que eu não consegui interpretar. — Não acredito que deixei isso passar... — de repente, sua expressão mudou para uma leve confusão.

— Deixar o quê passar? — inquiri, sentindo a tensão crescer.

Maeve piscou algumas vezes, como se a resposta fosse óbvia.

— Como, o quê? — repetiu. — O fato de que meu primo está completamente obcecado por você, garota. — Seu rosto se iluminou com um sorriso, enquanto eu lutava para amenizar o turbilhão de emoções se atropelando no meu peito.

Antes que eu pudesse responder, alguém se aproximou por trás de Maeve. Era Rory, com seu típico sorriso travesso.

— Que Nolan é um louco obsessivo, isso todo mundo já sabe — provocou ele, lançando-me um olhar divertido antes de me puxar para um abraço. — Bom dia, *ursinho!*

Beijou minha testa de forma carinhosa.

— Nunca disse que ele era um santo — comentou Maeve, rindo. — Na verdade, estou tentando decidir se te dou os parabéns ou se sinto pena de você, Lila.

— Você, mais do que ninguém, conhece bem o “demônio Sullivan” — murmurou Rory, com os olhos nela. — Então, acho que vamos ter que optar pela segunda opção.

— Demônio Sullivan? — Maeve repetiu, gargalhando. — Tenho que admitir, combina perfeitamente com ele.

Os dois começaram a rir.

— Vocês têm uma imaginação bem fértil — aleguei, passando por eles com uma expressão neutra, apesar do turbilhão em meu peito. — Agora, se me dão licença, tenho uma aula para ir.

Os dois trocaram olhares divertidos, se aproveitando da minha reação.

— Te vejo no almoço, *ursinho!* — Ouvi Rory dizer atrás de mim, mas eu estava tão nervosa que apenas acenei, sem olhar para trás.

Acelerei o passo, lutando para ignorar a sensação de que todos os olhares estavam sobre mim. Em menos de dois dias, eu me torneio novo foco de atenção por ser "o brinquedo" de Nolan Sullivan, o rei de *Avondale*.

E isso me aterrorizava.

O primeiro período de aula passou num borrão. Eu mal consegui prestar atenção nas palavras do professor, minha mente presa no turbilhão do caos que minha vida tinha se tornado. As palavras de Maeve e os comentários da senhora Audrey só aumentavam minha ansiedade.

Quando o sinal tocou, soltei um suspiro de alívio e comecei a guardar meus materiais rapidamente, sem entender bem por que tanta pressa. Eu precisava de ar, precisava de um momento longe de olhares curiosos e das fofocas.

Com isso em mente, peguei minha mochila e saí da sala, torcendo para encontrar um lugar onde pudesse ficar sozinha por alguns minutos.

Mas, assim que passei pela porta, lá estava ele.

Nolan.

Encostado na parede, braços cruzados e aquele sorriso de canto que estava começando a me desarmar, mesmo em tão pouco tempo. Meu coração disparou logo de cara.O rubor subiu ao meu rosto sem que eu pudesse controlar, quando as lembranças das últimas horas invadiram meus pensamentos.

— *Hmm*... que rubor adorável! — provocou, se aproximando com aquele olhar malicioso. — Aposto que está se lembrando da minha boca na sua...

Antes que ele pudesse terminar a frase, avancei e pressionei a mão contra a boca dele, desesperada para que ninguém ao redor escutasse.

— Você ficou maluco? — perguntei em um sussurro nervoso, olhando a nossa volta.

Mas o infeliz não se importava com nada disso. Em um movimento rápido, puxou-me pela cintura e me beijou, ignorando por completo o fato de estarmos no meio do corredor, à vista de todos. Meu corpo congelou por um instante, surpreendido pela intensidade do gesto. Em segundos, me vi cedendo, incapaz de resistir.

Parecia que o mundo se resumia apenas a nós dois.

Quando ele se afastou, eu estava sem fôlego, minhas mãos ainda agarradas à sua camisa, como se meu corpo não quisesse deixá-lo ir.

— Acho que já ficou bem claro que você sabe a resposta para essa pergunta, *baby* — murmurou, com aquele sorriso provocador.

— Nolan... — comecei, ainda atordoada pelo que acabou de acontecer, mas então percebi o corte em seu supercílio. — O que aconteceu com seu rosto? Você se machucou?

Ele passou a mão pelos cabelos, agindo como se não fosse nada.

— Não é algo com o que você deva se preocupar — respondeu apenas.

— Nolan — insisti, cruzando os braços. — Você brigou com alguém?

— Preocupada comigo? — Sorriu de um jeito que fez o calor subir pelo meu corpo. — Se continuar assim, vou começar a acreditar que você tem sentimentos por mim.

Revirei os olhos, ameaçando me afastar, mas suas mãos me mantiveram no lugar.

— E a conversa com meu pai mais cedo? — pressionei, mudando de assunto, mas mantendo o tom firme. — Audrey disse que você esteve lá. O que aconteceu?

Por um breve momento, algo escureceu sua expressão. Talvez fosse raiva, talvez frustração. Mas, como sempre, ele evitou a resposta.

— Não houve briga — disse com uma calma controlada, o que fez meu estômago revirar. — Seu pai acha que vai me afastar de você, mas isso não vai acontecer.

Minha respiração ficou irregular, o pânico crescendo no meu peito.

— Nolan, você não pode...

— Não posso? — interrompeu-me, franzindo o cenho. Em seguida, entrelaçou nossos dedos. — Fique de olho, *baby*.

E me puxou pelo corredor como se tivesse algo a provar, enquanto os olhares ao redor nos seguiam, cheios de curiosidade, frustração e uma pitada de inveja.

— Nolan, precisamos conversar sobre o que aconteceu — avisei, tentando soltar minha mão da dele, mas ele não me deixou ir. — Não podemos continuar com isso, é maluquice. Meu pai não aprova. Eu... eu não quero.

Parou de repente. Seus olhos azuis me prendendo no lugar.

— Você não quer? — desafiou, arqueando as sobrancelhas. — Então olhe nos meus olhos e diga que não gostou da minha visita ao seu quarto ontem à noite — soou baixo, um timbre perigoso que me atraía de um jeito constrangedor. — Diga que não gostou da minha boca na sua boceta, e eu prometo que te deixo em paz.

Abri a boca para responder, mas as palavras não saíram. Ele estava certo, claro. Eu tinha gostado. *Droga!*

Seu sorriso triunfante fez meu rosto corar um pouco mais, e ele passou as costas da mão suavemente pela minha pele quente.

— Essas bochechas vermelhas já dizem tudo — provocou, voltando a me puxar pelo corredor.

Assim como no dia anterior, ele me levou direto para a mesa em que seus primos estavam. Desta vez, estavam Ross, Noah e Elijah. Sem cerimônia, Nolan ocupou a única cadeira vaga e me puxou para o seu colo, o que me fez prender a respiração em um suspiro envergonhado.

— Já tinha me esquecido que você estava com essa cara péssima — observou Noah, dirigindo o comentário a Nolan. Os dois tinham uma semelhança perturbadora, especialmente no olhar insolente.

Nolan ergueu o dedo do meio em resposta.

Pensei em aproveitar a deixa para perguntar sobre aquilo; estava óbvio que Noah fazia referência ao machucado no supercílio do irmão. Mas qualquer intenção de abrir a boca desapareceu no instante em que senti a mão de Nolan deslizar, sutilmente, por baixo da mesa, acariciando minhas coxas.

Meu coração falhou uma batida.

Ah, por Deus...

Foi nesse momento que um funcionário da lanchonete apareceu, colocando um *chickenroll* na minha frente: uma baguete recheada com frango e alface.

— Para mim? — perguntei, piscando os olhos em surpresa.

— Sim, — respondeu Nolan, com os lábios perigosamente próximos ao meu ouvido. — Sei que você adora, e precisa se alimentar.

— Agora você vai cuidar da minha alimentação? — ironizei, lutando para disfarçar o estranho calor que essa atitude de cuidado provocou em mim. Como ele sabia que eu gostava?

— Pode apostar que sim! — declarou, enquanto sua mão novamente deslizava pelas minhas coxas, me obrigando a fechar as pernas.

De repente, um flash me fez piscar. Ross acabou de tirar uma foto nossa.

— Está maluco? O que pensa que está fazendo? — Nolan rosnou.

— Não resisti a esse *espetáculo* de amor e carinho — provocou seu primo, com um sorriso malicioso. — É emocionante demais.

— Ainda mais para você, que mal sabe o que é isso, né, seu otário? — insinuou Elijah, rindo. — Você tem uma geleira no lugar do coração, Ross.

— Não é culpa minha se não desperdiço tempo com bobagens sentimentais — retrucou ele. — Meu tempo é precioso demais para coisas inúteis.

— Engraçado você dizer isso, Ross — rebati, antes de dar uma mordida no meu sanduíche. — Porque você quase não tirou os olhos da garota de cabelos vermelhos que entrou na lanchonete há alguns minutos.

A mesa explodiu em risadas, os primos se divertindo à custa de Ross. As provocações, no entanto, foram interrompidas quando Rory se aproximou da mesa.

Tentei me levantar, mas Nolan me segurou firme no seu colo.

Revirei os olhos, irritada.

— Ele é meu melhor amigo, Nolan — declarei, com a voz cheia de frustração. — E isso não vai mudar só porque você quer.

Minhas palavras o irritaram; pude ver a tensão se concentrando em seu maxilar.

— Algumas coisas são difíceis de engolir, Sullivan — provocou Rory, com um sorriso sarcástico. — É melhor se acostumar com o fato de que sua namorada é minha melhor amiga. E arrisco dizer que ela até prefere a minha companhia à sua.

Nolan cerrou os punhos, mal se controlando.

— Rory...

— Que pena que não sobrou um lugar para mim — interrompeu Rory, me ignorando e lançando um olhar ao redor da mesa.

— Se quiser, pode se sentar no meu colo, Maguire — sugeriu Elijah, com um sorriso malicioso.

Rory o ignorou por completo e voltou sua atenção para mim.

— Tenho treino mais tarde, mas prometo te ver depois, *"ursinho"*.

— Acho que ela vai estar ocupada... comigo — cortou Nolan, com um sorriso cheio de segundas intenções.

Revirei os olhos e o cutuquei nas costelas, ouvindo-o gemer de leve.

— Vou te esperar! — falei para Rory, que piscou para mim antes de se afastar. Virei-me para Nolan, brava: — Pare de agir como um maluco.

O idiota apenas sorriu, sem se dar ao trabalho de responder.

— Pedir isso é como dizer a uma criança para não gostar de doce, querida — zombou Ross, rindo. — Aliás, estou surpreso que você não tenha feito um escândalo sobre o apelido que ele usa com ela, primo — complementou, voltando-se para Nolan com um olhar cínico. — "Ursinho" parece bem íntimo, não acha? — Deu de ombros, ansioso para semear o caos.

Meu coração disparou no peito.

— É só carinho, seu idiota! — rugi, vendo o sorriso dele se alargar. — Rory e eu temos uma história de amizade que vocês jamais vão entender, de verdade.

— Disso, eu não duvido — alegou Ross, com um olhar peculiar. — Tenho certeza de que Nolan também compreende, né, primo?

Senti o corpo de Nolan se retesar, suas mãos apertando minha cintura com um pouco mais de

força, como se quisesse me manter ali a qualquer custo.

— Ele pode chamá-la do que quiser — disse no fim, com a voz baixa e perigosa. — Mas, no fim das contas, é o meu nome que ela geme.

Arfei, tomada pela vergonha.

A mesa explodiu em gargalhadas, e eu lutei para não me engasgar com o sanduíche que ainda estava comendo. Meu rosto inteiro começou a arder.

De repente, Noah se levantou. Foi minha sorte, porque isso tirou o foco do assunto.

— A propósito, a mamãe quer que a gente chegue em casa mais cedo hoje — disse ao Nolan. — Ela está com saudades de jantar com a gente.

Nolan apenas assentiu, sem dizer uma única palavra.

Senti uma curiosidade estranha sobre a família deles. Já pisei dentro daquele "castelo do mal", mas nunca soube muito sobre o que realmente acontecia lá.

Mal tinha me enrolado debaixo das cobertas para relaxar, quando senti a presença de alguém no quarto. Meu coração disparou, e eu já estava prestes a gritar, mas o som foi abafado por uma grande mão cobrindo minha boca.

O rosto de Nolan surgiu, pairando sobre o meu, enquanto seu corpo me prendia contra a cama. Devagar, afastou a mão da minha boca, e seu cheiro familiar me envolveu.

— *O-o* que você está fazendo aqui? — consegui murmurar, mesmo com a voz trêmula. Minhas mãos repousaram em seu peito, pronta para empurrá-lo. Embora, no fundo, essa fosse a última coisa que eu realmente desejava fazer. — Achei que você tinha um jantar para ir.

Sorriu de um jeito tão malicioso que meu fôlego falhou por um instante.

— E eu fui. — Os olhos dele brilhavam com malícia. — Mas o problema é que o prato principal é você, *baby*.

Nem tive tempo de processar direito o que ele disse, pois sua boca encontrou a minha com tanta urgência que qualquer pensamento coerente desapareceu.

“Por favor, mamãe, não faça isso comigo. Está me machucando muito. Por favor, por favor...”

Acordei sobressaltada, suada e com o coração disparado. Ergui o tronco da cama, apoiando as mãos no colchão, lutando para distinguir a realidade do pesadelo que ainda pairava na minha mente. Pisquei várias vezes, precisando me certificar de que tudo não passou de um sonho ruim, ou talvez apenas um fragmento da minha imaginação.

Ainda sentindo um nó apertando minha garganta,tornando difícil, inclusive, engolir a saliva, passei os dedos pelos cabelos bagunçados. Pressionei a mão no peito, onde o coração batia acelerado. As lembranças eram confusas, e a sensação angustiante permanecia. Eu estava tão atordoada que quase pulei de susto ao ouvir uma batida na porta do quarto.

— Espero que não esteja sem roupa, porque vou entrar do mesmo jeito — brincou Rory, entre risadas. Assim que abriu a porta e me viu ainda na cama, fez uma careta de desapontamento. — Ah, que pena! Eu jurava que meu dia começaria com um vislumbre do seu corpo esbelto, *ursinho*.

Eu ri, jogando um travesseiro nele.

— Seu idiota! — exclamei, mal contendo o riso.

— Idiota, não, apenas um bom apreciador — corrigiu, com um sorriso travesso. Ele já estava com o uniforme da escola. — Você ainda não está pronta? Vim te buscar para irmos juntos hoje.

— Papai não implicou com você subindo ao meu quarto? — perguntei, franzindo a testa enquanto colocava os pés no chão. — Ou você veio escondido? — O encarei com desconfiança.

— Ai, que ofensa! — dramatizou, levando a mão ao peito. — O senhor Byrne me adora, e a

senhora Audrey tenta resistir ao impulso de me agarrar toda vez que me vê.

Fiz uma careta divertida.

— O quê?

Ele se jogou na minha cama, rindo.

— Você sabe, o sonho dela é me ter como filho para me paparicar e mimar — continuou brincando, apontando para si mesmo cheio de arrogância fingida. — Com esse loirinho irresistível aqui? Sou a definição de um *"princeso aristocrático",* Lila.

Dessa vez, a gargalhada escapou livre.

— Você é inacreditável, sério! — exclamei, enquanto me dirigia ao banheiro. A sensação ruim que o pesadelo havia deixado ainda estava presente, mas, como sempre, Rory conseguia amenizar tudo.

— Sou o amor da sua vida, admita! — replicou, conforme eu me olhava no espelho. Liguei a torneira e lavei o rosto. — Muito melhor do que aquele "demônio Sullivan"! E não pense que não percebi que ele anda te roubando de mim aos poucos nesse último mês.

Meu coração deu um salto no peito, mas desta vez por um motivo completamente diferente. A imagem de Nolan, o psicopata que vinha invadindo meus dias e noites, preencheu meus pensamentos.

Nolan não desistia. Quanto mais eu tentava afastá-lo, mais ele se aproximava, cravando suas garras em mim. E, às vezes, eu temia que, sem ele, eu me sentisse vazia. Porque de certo modo, comecei a me habituar à sua presença nas últimas semanas, aos seus beijos, aos toques ousados e às palavras sujas que sussurrava.

Suspirei fundo, odiando-me por isso, sentindo a culpa corroer meu peito por estar quebrando a promessa que fiz ao meu pai de que ficaria longe de Nolan.

— Não acredito que está com ciúmes — declarei, apenas para disfarçar as reações que Nolan me provocava, mesmo à distância. — Eu não reclamo quando você me troca pelas suas "vadias".

— Mentirosa!

Voltei a rir, saindo do banheiro com a escova de dentes na mão.

— Ok, eu tenho ciúmes, mas sou discreta — brinquei, apreciando seu riso satisfeito. Respirei fundo e, de repente, uma realização me atingiu. — Ai, droga!

— O que foi? — quis saber, parecendo preocupado.

— Tenho que ir à terapia — respondi, com o semblante frustrado. — Faz semanas que não apareço, e minha terapeuta já entrou em contato com meu pai para perguntar sobre o meu sumiço. — Estalei a língua. — Não quero dar mais motivos para decepcioná-lo, então preciso ir.

Rory franziu a testa, pensativo.

— Você não decepciona seu pai, Lila. Não fale assim.

As palavras dele apertaram meu coração, mas preferi ficar em silêncio e voltar ao banheiro para terminar de escovar os dentes.

— Eu te levo na terapia — disse ele, decidido. — E depois vamos para a escola.

Coloquei apenas a cabeça para fora da porta.

— Tem certeza? Eu posso demorar, Rory.

Deu de ombros, tranquilo.

— Quem disse que estou com pressa?

Seu sorriso refletiu o meu. Eu realmente adorava esse garoto exibido!

Não fazia ideia de quanto tempo estava ali, com os olhos vagando por todos os cantos da sala, menos para a mulher à minha frente. Sabia que ela me observava por cima dos óculos, esperando com paciência. A verdade era que, se eu pudesse, sairia correndo. Não estava pronta para falar. E, pior, eu nem sabia o que dizer.

— Você ficou ausente por algumas semanas, senhorita Lila — disse ela, quebrando o silêncio. — Imagino que tenha algo novo para compartilhar comigo.

Levantei os olhos, notando o sorriso gentil da senhora Fiona. Ela sempre foi uma ótima ouvinte, e eu me lembrava de que esse detalhe foi importante para que a aceitasse como minha terapeuta.

— Eu achei que estivesse bem emocionalmente — confessei, soltando de uma vez, porque era a

verdade. — Mas... — minha voz morreu, enquanto meus pensamentos se embaralhavam diante de tudo o que vinha acontecendo na minha vida.

Era Nolan. Meu pai. Os sonhos vagos que eu vinha tendo...

— Mas...? — incentivou-me a continuar. Ela tinha aquela voz gentil de psicologia comportamental que queria me trazer calma.

Desviei o olhar para minhas mãos; estavam trêmulas sobre colo e eu não conseguia parar de estralar os dedos.

— Comecei meu último ano em Avondale — revelei, nervosa. — E conheci um *cara*. — Mordi os lábios, sentindo meu coração acelerar. — Não fazia parte dos meus planos nada disso, porque tudo o que eu queria era terminar o ano e ir para a faculdade.

— Me fale sobre esse rapaz.

Observei-a enquanto ela anotava algo na ficha.

— Papai não gosta dele. — Balancei a cabeça, revirando os olhos. — E, sinceramente, eu nem posso culpá-lo, porque o Nolan é... — franzi o cenho, procurando as palavras certas a dizer.

Respirei fundo, soltando o ar devagar.

— Ele é como uma montanha-russa. Quando estou com ele, nunca sei o que vou sentir ou o que pode acontecer. — Mordi o lábio inferior de novo. — E, por mais que eu tente negar, eu gosto disso. Gosto, porque, por um momento, me faz esquecer dos meus traumas, dessa confusão de lembranças na minha cabeça.

Nesse momento, os olhos claros de Fiona se encontraram com os meus.

— Você ainda tem essas lembranças confusas?

Assenti com a cabeça.

— Hoje, acordei de um sonho estranho... eu pedia para minha mãe não me machucar — respondi, sentindo aquele aperto familiar no peito. — Não entendo isso. Não faz sentido. Por que minha mãe me machucaria? Por que eu não consigo me lembrar de nada, Fiona? Estou cansada de vir aqui e ficar só falando ou, pior, em silêncio, sem sair do lugar. — Levei os dedos à cabeça, pressionando as têmporas com força. — Minha mente não coopera. Parece inútil!

Ela parou de escrever e deixou um suspiro baixo escapar.

— Calma — pediu, com voz tranquila. — Você precisa entender que estamos em um processo de cura, Lila. Depois da morte da sua mãe, sua mente criou um mecanismo de defesa para tentar atenuar a dor.

— Mas isso só me prejudica! — exclamei, frustrada. — Vivo presa em um limbo de memórias confusas. Nem consigo me lembrar da minha infância! Tenho até o pressentimento de que conheci Nolan quando criança, mas não me lembro dele.

Fiona arqueou as sobrancelhas.

— Essa é a segunda vez que você fala sobre esse rapaz — comentou, com uma expressão leve. — Acho que ele deve ser alguém realmente importante, talvez até no seu inconsciente.

Meu coração disparou.

— *O-o* que quer dizer? O que isso significa? — gaguejei, aflita.

Deu de ombros.

— Significa que ele pode ser a chave, querida. Ou, pelo menos, um caminho para você finalmente se libertar.

Eu mal acreditei quando saí da terapia e, em vez de Rory me esperando na sala de espera, dei de cara com Nolan.

Ele estava sentado de forma relaxada em uma das cadeiras, fingindo interesse em uma revista de fofocas. Por um instante, fiquei parada, observando-o. O uniforme realçava seus músculos, apesar de ele não estar usando o blazer.

— Vai ficar aí parada por muito tempo? — perguntou ele, de repente. — Eu entendo que sou irresistível, *baby*, mas tenho planos e não pretendo perder mais tempo aqui. — Ergueu os olhos e encontrou os meus, descartando a revista sobre a mesa de centro.

Prendi a respiração ao encarar seus olhos. O impacto era sempre inevitável. Nunca me acostumava.

Aflita, olhei ao redor, procurando Rory.

— Ele não está aqui — informou, me obrigando a voltar meu olhar para ele. — Seu *amiguinho* foi embora. — Ficou de pé, e eu quase arfei diante de sua presença. — Garanti que cuidaria pessoalmente da sua carona.

Semicerrei os olhos, incomodada com sua audácia.

— Você é insuportável! — Sacudi a cabeça. — Não cansa de invadir a minha vida?

Sem esperar pela resposta, comecei a caminhar em direção à saída, furiosa por Rory ter me deixado nas mãos daquele lunático. E justo no lugar onde eu fazia terapia, um espaço tão íntimo para mim.

Quem eu estava tentando enganar? Nolan já estava mergulhado na minha vida de forma muito mais íntima... todas as noites, bem debaixo do nariz do meu pai. Que tipo de privacidade eu ainda achava que tinha? Eu estava completamente perdida!

— Ei, espera aí! — Segurou minha mão, me puxando de volta. Acabei esbarrando no seu peito e fui forçada a inalar seu cheiro inebriante. — Por que está tão nervosa? Não há vergonha alguma em fazer terapia, *baby*. — Acariciou meu rosto com as pontas dos dedos. — Eu jamais te julgaria por isso.

— Eu nem estava preocupada com o que você pensa — menti, querendo soar firme, e ele riu. Limpei a garganta, livrando-me do seu toque que me enfraquecia. — Agora vamos logo, estamos atrasados.

Tentei me afastar de novo, mas, sem surpresa, ele me puxou outra vez, prendendo-me em seus braços como se eu fosse sua prisioneira.

— Sim, estamos atrasados — concordou, com a mão ainda no meu rosto. — Mas não é para o que você está pensando. Tenho uma surpresa preparada.

— Surpresa? — Eu pisquei, sem entender, com o coração já acelerado. — Do que você está falando?

Abriu um sorriso malicioso, do tipo que sempre me deixava sem ar. Então, apertou minhas bochechas, formando um biquinho nos meus lábios.

— Você vai ver, querida, vai ver — murmurou antes de se inclinar e morder levemente meus lábios. Em seguida, entrelaçou nossos dedos e me puxou para seu carro.

— De quem é este apartamento? — indaguei, assim que Nolan abriu a porta da cobertura e me permitiu entrar. Estava atordoada com a grandiosidade do prédio e o luxo que me cercava. As perguntas se atropelavam na minha cabeça, mas nenhuma delas conseguia escapar pela minha boca.

— É meu! — Fechou a porta atrás de nós.

— Seu? — Ergui as sobrancelhas, incrédula.

— Por que o espanto? Achei que você já soubesse que sou o típico filhinho de papai, querida. — Ele piscou para mim, um sorriso travesso pairando em seus lábios carnudos.

Não consegui segurar a risada.

Eu ainda tentava processar tudo: a cobertura, o luxo, a vista que parecia abraçar toda a cidade. O ambiente era moderno, decorado com uma perfeição quase fria, como se ninguém realmente vivesse ali.

— Vai me dar um tour? — intimei, mal disfarçando o deslumbramento.

Deu de ombros, caminhando em direção à sala principal.

— Só se você pedir com carinho — brincou, usando um tom provocador.

Rolei os olhos, mas segui seus passos. Nolan começou a me guiar pela cobertura, mostrando cada detalhe: a sala de estar com janelas imensas que iam do chão ao teto, a cozinha equipada com o que parecia ser a mais alta tecnologia, e o corredor que levava a quartos que mais pareciam cenários de uma revista de arquitetura.

Algo me incomodava. Enquanto observava cada canto, tentando não parecer tão impressionada, uma pergunta insistente começou a martelar na minha cabeça: Será que ele já levou mais alguém ali?

— Você... já trouxe outras garotas *pra* cá? — perguntei, a maldita insegurança traindo minha voz.

Nolan parou e me lançou um olhar que mesclava surpresa e diversão.

— Por que a pergunta? — Inclinou a cabeça de leve. — Está com ciúmes?

— Só curiosidade — respondi, cruzando os braços, num esforço para parecer indiferente.

Ele deu um passo em minha direção, sem nunca desviar o olhar dos meus olhos. A diversão em seu rosto só fazia aumentar a sensação de nervosismo no meu estômago.

— Se quer saber... — fez uma pausa, e senti meu coração acelerar. — Eu não costumo trazer qualquer pessoa aqui.

Revirei os olhos, fingindo não dar muita importância à resposta, mas uma parte de mim relaxou.

— Vem, vou te mostrar algo que vai fazer você esquecer essa pergunta tola.

Me deixei guiar por ele, a curiosidade crescendo no meu peito. Passamos por um corredor até que ele abriu a porta de um dos quartos. O lugar era tão luxuoso quanto o resto da cobertura, com uma cama king size virada estrategicamente para a vista panorâmica da cidade. Mas o que realmente chamou minha atenção foi a sacada.

— Vem cá — pediu, me puxando para as portas de vidro que levavam para fora.

A sacada espaçosa estava adornada com uma pequena mesa de café e duas cadeiras de ferro forjado. A vista era de tirar o fôlego: o horizonte da cidade se estendia até onde os olhos podiam alcançar, e o sol espalhava tons de laranja e rosa pelo céu.

— Uau... — foi tudo o que consegui dizer enquanto absorvia a cena.

Nolan se apoiou na grade da sacada, observando minha reação com um sorriso satisfeito.

— Bonito, não é? — Olhou para a vista por um momento, depois voltou o olhar para mim. — Quando preciso de um lugar para pensar, é aqui que venho.

Fiquei em silêncio, absorvendo suas palavras. Era difícil imaginar Nolan, sempre tão impetuoso e confiante, precisando de um refúgio para se isolar e refletir.

Sentei-me em uma das cadeiras. Nolan puxou a outra e se sentou na minha frente, com os olhos fixos nos meus.

— E então, o que achou? — quis saber, com um leve sorriso.

— É maravilhoso! — admiti, ainda com os olhos fixos na vista. — Mas... por que você me trouxe aqui? O que tudo isso significa?

Observei quando ele tirou algo do bolso.

— Hoje faz um mês que estamos "juntos" — disse, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Não acredito que você se esqueceu. Sou eu quem deveria ser o esquecido, não? — brincou, com um sorriso provocador.

Balancei a cabeça, incrédula.

— Nolan, o nosso relacionamento é uma farsa, lembra?

Ignorou completamente minhas palavras e, com um gesto despreocupado, revelou uma pequena caixinha de veludo. Dentro dela, havia um colar de ouro branco, e, no pingente, nossos nomes estavam gravados, separados por um coração cravejado de diamantes.

— Um mês de farsa, é isso? — Levantou-se e se posicionou atrás de mim. — Se é o que você acredita, tudo bem. — Seus dedos ágeis prenderam o colar em volta do meu pescoço. Em seguida, se inclinou até seus lábios ficarem próximos ao meu ouvido: — Feliz "falso" um mês de namoro.

Um arrepio percorreu todo o meu corpo, me deixando sem palavras por um momento.

— É lindo! — exclamei, abalada. — Mas eu não posso usar isso.

— Ah, pode sim! — rebateu, com um tom firme. — Uma porra que não pode!

— Meu pai, Nolan... — falei, aflita com a situação. — Eu já me sinto estranha por estar mentindo para ele.

O atrevido puxou minha camisa, escondendo o colar sob o tecido.

— Pronto, problema resolvido! — disse em tom satisfeito. — Em casa, você usa assim. Mas aqui fora... quero que todos saibam que você é minha! — Trouxe o colar de volta à superfície, um sorriso de triunfo no rosto.

Com o coração acelerado, peguei o pingente e comecei a observar cada detalhe. Ele tinha razão: aquilo não parecia mais uma mentira.

— Isso deve ter custado uma fortuna!

— Nada que você não mereça, querida. — Ele piscou, voltando a se sentar com aquele ar despreocupado.

Senti minhas bochechas corarem de leve.

— Eu não comprei nada para você — lamentei.

— Não precisa. Deixa comigo o trabalho de te mimar. — Piscou novamente, travesso. — Agora, por que não aproveita essa mesa linda e cheia de coisas boas que preparei para você? — Fez um gesto, indicando a mesa à nossa frente.

— Você fez tudo isso por mim? — inquiri, sem ter processado direito toda situação.

— Estamos comemorando um mês, lembra?

Revirei os olhos, desacreditada.

— Ok, ok, já entendi — resmunguei, fingindo tédio.

Ele riu.

— Estou me esforçando aqui, acho que mereço uma recompensa mais tarde... — abriu um sorriso malicioso.

Semicerrei os olhos, desconfiada.

— O intuito de tudo isso foi só para me levar para a cama?

Parou de se servir e me olhou, avaliando minha expressão.

— Talvez — respondeu, com um estalo dos lábios. — E aí, vai me dar?

— Idiota! — Sacudi a cabeça, embora um sorriso pairasse nos meus lábios.

— Estou brincando, relaxa — murmurou, soltando o ar devagar. Seus ombros subiram e desceram. — Não sei, Lila. Eu só gosto de fazer coisas especiais para você.

Mordi o lábio inferior, sentindo meu coração batendo acelerado.

— Eu faço terapia, Nolan — soltei, sem nem entender o porquê de ter mencionado isso. — E não é por capricho, eu realmente preciso. Desde que perdi minha mãe... minha mente bloqueou muitas lembranças.

Ficou em silêncio, absorvendo minhas palavras.

— Então, você realmente não se lembra de nada do passado. — Ele não fez uma pergunta, apenas afirmou. Neguei com a cabeça, sem conseguir desviar os olhos dele. — E a morte da sua mãe... tem a ver com sua cicatriz? — perguntou, curioso.

Franzi o cenho, olhando para minhas mãos.

— Sim, tem. Meu pai disse que foi em um acidente de carro, há dois anos.

— Disse? — Arqueou uma sobrancelha. — Você não se lembra disso também?

Balancei a cabeça de novo.

— Tudo o que sei sobre o acidente que ocasionou a morte dela, meu pai me contou quando acordei no hospital.

— Isso faz muito sentido — comentou ele de maneira despreocupada, enquanto mordia um pedaço de pão.

Pisquei, me esforçando para entender o que ele quis dizer.

— Do que você está falando? — perguntei, atordoada.

Ele apenas balançou a cabeça, como se a importância do assunto não fosse grande, apesar do peso da conversa.

— Nada demais — respondeu finalmente. — Por que não come alguma coisa? Pode não parecer, mas deu um certo trabalho organizar tudo isso. — Disse em tom brincalhão, apontando para a mesa.

Deixei um suspiro escapar, incrédula com a facilidade com que ele desviava o foco de nossas conversas.

— Nolan, isso é uma loucura! — Esfreguei o rosto, desejando organizar os pensamentos. — Você está levando essa história de namoro falso a sério demais.

Em resposta, ele afastou a cadeira e, sem aviso, me puxou para o seu colo. Sem oferecer resistência, me deixei ser aninhada, com minhas pernas ao redor dele. Nolan me olhou nos olhos, e eu prendi a respiração.

Pegou minha mão e a pressionou contra seu peito.

— Sente isso? — perguntou, com a voz baixa. — Meu coração bate assim toda vez que estou com você, Lila. Descompassado, ansioso, eufórico. — Sua mão acariciou meu rosto enquanto a outra segurava minha cintura. — Eu não estou fingindo. Para mim, isso é real. O que sinto por você é real.

Fiquei alguns segundos o encarando, sem saber o que dizer.

Então, sem pensar, me inclinei e o beijei. Eu estava cansada de fingir que não sentia nada, cansada de me enganar, de fingir que não gostava do jeito como ele me tocava, do cheiro dele, da presença dele.

Soltei um arquejo contra sua boca no instante em que senti sua ereção pressionando contra mim. Nolan, percebendo minha falta de ar, afastou meu rosto, mas manteve uma das mãos segurando meus cabelos.

— Eu estava brincando, querida — sussurrou, a respiração pesada. — Por mais que eu queira, você não precisa fazer isso... agora.

O encarei por alguns segundos, traçando os contornos de seu rosto com meus dedos.

— Eu quero — declarei, sem hesitar, ciente do que estava sentindo. — Eu quero isso.

Como se minhas palavras tivessem o poder de acender algo dentro dele, Nolan inclinou minha cabeça para trás e segurou meu rosto com a outra mão. Seus olhos, antes cheios de compreensão, agora estavam tomados por uma faísca intensa.

Um desejo incontrolável.

Antes que seus lábios tomassem os meus de novo, eu soube que não havia mais volta. Se já me sentia dele, a partir daquele momento, ele teria cada parte de mim.

— Eu nunca fiz isso, Nolan — sua voz tremulou ao confessar.

Segurei seus cabelos novamente, firmando sua cabeça, para que nossos olhares se encontrassem. Queria que ela visse em meus olhos, a intensidade dos sentimentos que despertava em mim.

— Você tem ideia do quão significativo é ser o seu primeiro e único? — murmurei, rouco, lutando para manter o controle sobre o desejo que me dominava.

Com ela ainda em meu colo, a carreguei até o quarto.

— Único? — repetiu, quando a deitei sobre a cama. — O que te faz pensar que será o único? Sua arrogância me irrita, sabia?

Um sorriso enviesado surgiu em meus lábios. Comecei a desabotoar a camisa, seguido pelo cinto.

— Me acha arrogante só por dizer a verdade? — provoquei, o sorriso se alargando, apreciando a maneira como ela tentava manter a postura de autoconfiança, mas eu podia sentir sua hesitação. — Não há mais ninguém na sua vida, e nem vai haver. — Puxei suas pernas até a beirada da cama, deslizando sua saia para fora.— Porque *não* vou permitir!

Antes que eu pudesse reagir, Lila me agarrou e me beijou de forma faminta, como se estivesse com medo de eu desaparecer a qualquer momento. Nas últimas semanas, essa foi a primeira vez que ela tomou a iniciativa, permitindo-se mostrar que me desejava também.

Claro que eu queria transar com ela, mas esse não era o plano inicial quando pensei em trazê-la ao meu apartamento.

Mais cedo, ao convencer o idiota do Maguire a me dar o endereço da clínica em que Lila fazia terapia, não imaginei que terminaríamos assim, na minha cama. Muito menos que eu começaria a encaixar os pequenos fragmentos que formavam o quebra-cabeça dessa história.

Talvez... apenas talvez, Lila estivesse tão machucada com algo, sua mente tão confusa, que ela mesma tenha se sabotado, apagando-me de sua vida.

Eu poderia perdoar isso.

— Espera... — de repente, ela parou e se afastou, olhando ao redor. Seu peito subia e descia rápido demais, conforme lutava para recuperar o fôlego. — Você já transou com outra garota nesta cama?

O rubor em suas bochechas era tão encantador quanto o ciúme que ela tentava, em vão, esconder.

Terminei de tirar a calça, ficando apenas de cueca.

Ameaçou se afastar, mas eu a empurrei contra o colchão, prendendo seu corpo com o meu. Ela ainda estava de lingerie.

— Não, *baby*, você é a única que colocou seus pezinhos neste apartamento — confessei, observando o brilho lindo que apareceu em seus olhos verdes. — A partir de agora, o único cheiro por aqui será o da sua boceta.

— Que nojo, Nolan! — Pareceu chocada com o meu jeito direto.

Dei risada, antes de começar a beijar seu rosto, deslizando minha língua ao longo de seu maxilar e descendo até o pescoço, onde lambi sua cicatriz de propósito. Ainda estava confuso com os poucos detalhes que ela mencionou antes, mas decidi guardar minhas perguntas para outro momento.

Com minhas mãos em suas costas, abri o fecho do sutiã, liberando seus seios. Mesmo já tendo visto seu corpo nu, esta seria a primeira vez que ela me deixaria ir até o fim. Eu estava mais atento, mais ansioso, e minha fome por ela crescia a cada segundo.

— Nolan...

— O que foi? — murmurei, enquanto chupava um de seus mamilos. — Está com pressa, *baby?* — Suas pernas se agitavam debaixo de mim, e o aroma de excitação da sua boceta, ainda coberta pela calcinha, só aumentava meu tesão. — Porque eu mal comecei.

Ela agarrou meus cabelos, puxando-os com força. Aproveitei o momento e deslizei um dedo por dentro de sua calcinha, sentindo a suavidade de sua pele molhada.

— Porra, você está encharcada *pra* mim — rosnei, sugando seu seio com mais vontade ao ouvir seus gemidos aumentarem quase em desespero. — Sente como meus dedos deslizam... — mergulhei um deles, devagar, apenas para provocá-la.

Lila arqueou as costas, se contorcendo de prazer. Por um instante, fiquei observando-a, minha mente inundada de pensamentos confusos sobre nosso passado.

Sem conseguir resistir, rasguei sua calcinha e me lancei sobre ela, arreganhando suas pernas para garantir que não se fechassem. Lila passou a gritar mais alto conforme eu a devorava, chupando e saboreando cada parte.

Eu já estava tão viciado nela e no seu gosto que, nas últimas semanas, invadi seu quarto várias vezes à noite, só para senti-la de novo e de novo..., enquanto aproveitávamos juntos.

De alguma forma, desde que voltou a cidade, essa garota me enfeitiçou de um jeito que eu não podia evitar.

— Nolan, oh, meu Deus! — Apertou minha cabeça contra seu corpo, e eu ri diante do seu descontrole.

— Se quiser me chamar de Deus, querida, eu aceito. Combina comigo — brinquei, mordiscando seu clitóris de leve.

Foi o empurrão que ela precisava para gozar.

Enquanto ela ainda se recuperava do orgasmo: deitada, cabelos bagunçados, bochechas vermelhas, lábios entreabertos e olhos lacrimejando, tirei a cueca e rapidamente vesti uma camisinha. Quando voltei a me posicionar sobre ela, febril e trêmula, nossos olhares se encontraram, pesados de emoção.

— Você tem certeza de que quer isso? — perguntei, em tom baixo. — Porque uma vez que eu fizer você minha, não vai ter mais volta, Lila. Será só eu, em todos os sentidos.

Observou-me por alguns instantes, então levantou a mão e tocou meu rosto com carinho.

— Tenho certeza — respondeu firme, mas suave. — Quero isso.

A intensidade de seu olhar abalou minhas estruturas. Ela não fazia ideia do quanto me desmontava e me deixava vulnerável.

Com delicadeza, afastei suas pernas com a minha e fiz com que ela me envolvesse pela cintura, abrindo-se completamente para mim.

— Relaxa — pedi contra seus lábios. — Pode ser desconfortável no começo, mas eu vou devagar.

— Tudo bem — respondeu com uma ansiedade evidente, agarrada a mim. — Estou pronta.

Com um suspiro profundo, comecei a me afundar nela, encostando nossas testas, sentindo a proximidade de nossos lábios.

— Vai me deixar em paz depois disso? — quis saber, ofegante, as mãos ao redor do meu pescoço.

— Nunca! — respondi, com toda a paixão que pude reunir.

Assim que avancei alguns centímetros, senti Lila se tensionar, o corpo endurecendo sob mim.

— Está doendo, para! — grunhiu, cravando as unhas nas minhas costas.

— Ok! — murmurei, parando de imediato.

Mas quando tentei me afastar para olhar seu rosto, ela não deixou.

— NOLAN, PELO AMOR DE DEUS, PARA DE SE MEXER! — gritou, apertando minha cabeça contra seu pescoço.

— Tudo bem, tudo bem... — falei, mal controlando o desejo. Ainda não tinha avançado muito, mas o aperto de sua boceta ao redor do meu pau já era de tirar o fôlego. — Me avise quando eu puder continuar. — Eu respirava fundo, e percebi que ela estava soluçando. — Você está chorando?

— Claro que estou! — retrucou, irritada. — Você é enorme! — Segurei o riso, quase impossível de conter. — Pode continuar — disse, um tempo depois. — Mas vai devagar.

Afastei-me um pouco de seu pescoço, o suor já escorrendo por todo o meu corpo. Eu estava nervoso, mais do que ela podia imaginar. Não era minha primeira vez com uma garota, mas queria que fosse especial.

Devagar, avancei mais um pouco, observando cada expressão de dor no rosto dela, úmido pelas lágrimas.

— NOLAN, VOCÊ ESTÁ ME RASGANDO! — rugiu, cravando as unhas em meus braços. — PARA!

Parei de novo, gemendo com o esforço de me conter.

Fiquei ali, imóvel, apoiado nos braços, esperando enquanto Lila respirava fundo, os olhos fechados, buscando se acalmar.

— Pronto, pode continuar.

Cerrei os dentes, lutando para controlar o impulso de ir mais rápido enquanto me afundava nela, centímetro a centímetro, reivindicando aquele espaço. Meu. Totalmente meu.

Assim que passei mais do que a cabeça, Lila gritou de novo.

— Para, para, para...

— Lila, você vai me matar desse jeito, puta que pariu! — resmunguei, exausto, pausando o movimento e encostando minha testa na dela. — Vou acabar gozando antes mesmo de estar completamente dentro de você. — Mal conseguia respirar.

Ela moldou meu rosto com as mãos, e senti sua respiração pesada contra a minha pele.

— Então vai de uma vez! — pediu, me surpreendendo. Afastei-me para encará-la, tentando entender o que ela queria. — É isso mesmo. Vai de uma vez.

— Tem certeza?

Apenas assentiu.

Então, abri suas pernas um pouco mais e, com um único movimento, me afundei nela até o fim. O grito que escapou de sua boca foi abafado pelo meu beijo, faminto e urgente.

Fiquei parado por alguns segundos, permitindo que ela se acostumasse à invasão. Quando senti que ela começava a relaxar, voltei a me mover, ainda lutando para conter a força que tanto queria liberar.

— Você tem noção de como sua boceta está apertando meu pau? — sibilei, entre dentes, minha respiração se tornando cada vez mais irregular.

Inclinei a cabeça, lambendo suas lágrimas, conforme aumentava o ritmo das investidas, deixando a intensidade crescer. Minha mão deslizou entre nós até seu clitóris, provocando um leve tremor nela, como se tivesse levado um choque. Aproveitei o momento para tentar fazê-la sentir prazer junto com a dor, estimulando-a sem parar.

— Eu sabia que sua boceta seria viciante. Eu sabia, *porra!* — Mordi seu lábio inferior, contendo meu próprio prazer. — Estou lutando para não gozar agora.

— Vai ser sempre assim, dolorido? — quis saber, ofegante, o rosto vermelho e suado, mas já não chorava mais.

Eu ri.

— Já está pensando nas próximas vezes, hein, *baby?* — provoquei, girando o quadril para atingir um novo ponto dentro dela. Seu gemido ecoou junto com o meu. — Está com tanta vontade assim de voltar a me dar sua boceta?

— *Argh!* Cala a boca e me beija!

Puxou minha nuca, e logo nos perdemos em um beijo profundo.

Acelerei os movimentos no seu clitóris e na penetração, abandonando qualquer controle que ainda restava. Para meu espanto, Lila começou a gemer de prazer, não mais de dor. Seus gemidos se misturando aos meus. Quando senti suas paredes pélvicas me apertando, percebi que ela estava gozando, e isso me levou direto ao meu próprio clímax.

Inclinei a cabeça para trás, urrando ao gozar, rendido e saciado por finalmente tê-la daquele jeito.

Ao me retirar de dentro dela, Lila fez uma leve careta e gemeu baixinho. Arranquei a camisinha, dei um nó e joguei na lixeira ao lado. Depois, me joguei no colchão e a puxei para os meus braços.

— A gente não vai mesmo para a escola, né? — perguntou, bocejando e se aninhando em mim como um gatinho.

Sorri, passando os dedos pelos seus cabelos.

— Você só vai sair daqui quando eu quiser que saia.

Deixou escapar uma risadinha.

— Isso é um sequestro, sabe disso, né?

Não respondi.

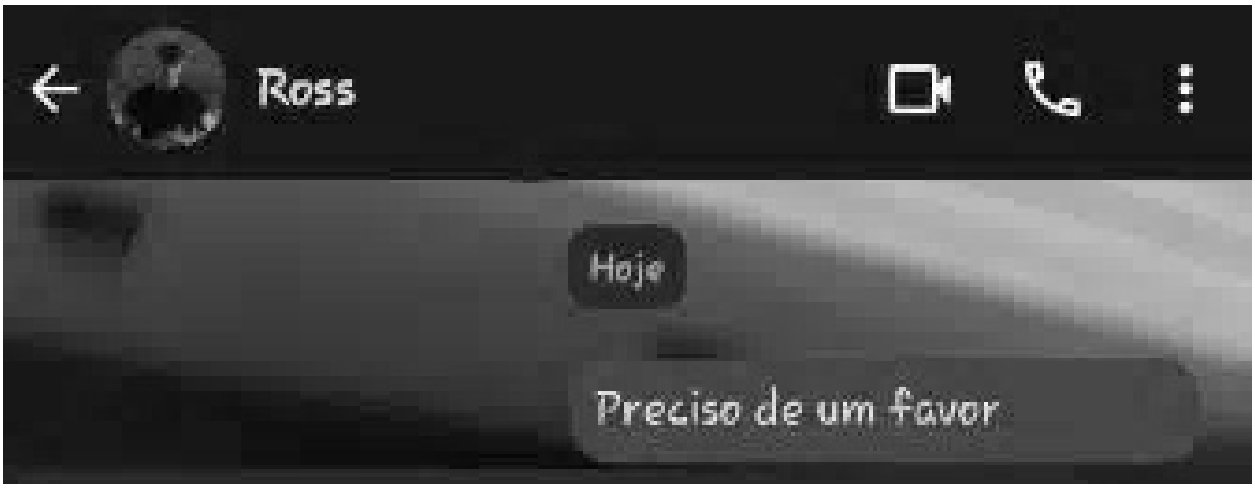
Ela não fazia ideia, mas a cada dia, eu a envolvia mais: seu foco, seus sorrisos, suas lágrimas... e agora, sua pureza.

Já fazia algum tempo que eu estava observando Lila dormir ao meu lado, tranquila. Ela ainda estava nua, e eu era incapaz de desviar os olhos de cada detalhe de seu corpo. Sua pele macia e levemente perfumada estava marcada por leves tons avermelhados, assim como algumas marcas de nascença que eu já havia decorado.

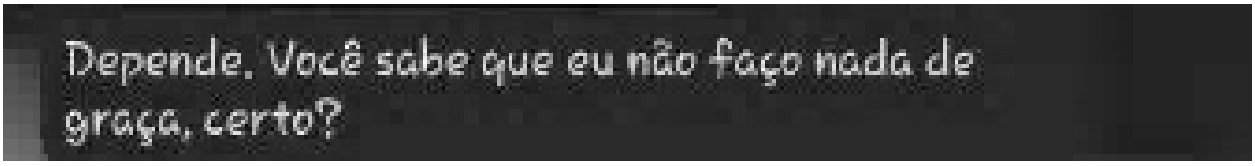
Enquanto ela permanecia dormindo, aproveitei para me concentrar em outros detalhes. Era estranho que, após ter passado por um acidente de carro com a mãe, ela não tivesse cicatrizes visíveis, exceto aquela no pescoço. Isso me fazia pensar que talvez seu pai não estivesse sendo completamente honesto em toda essa história.

Eu precisava descobrir o motivo.

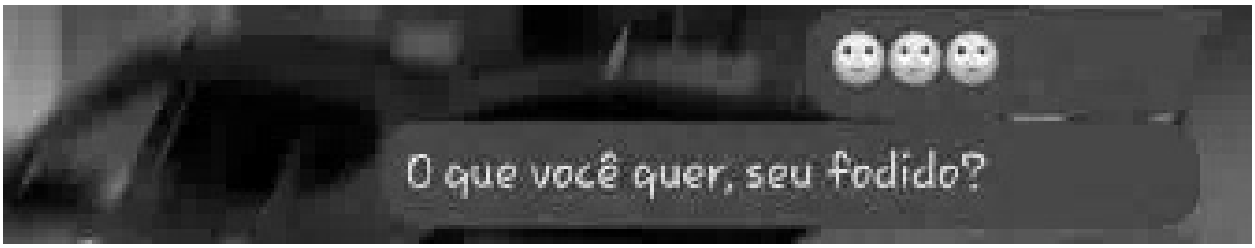
Peguei meu celular e enviei uma mensagem para Ross:



A resposta veio quase instantaneamente:



Revirei os olhos, sentindo uma pontada de irritação. Se ele estivesse na minha frente, eu provavelmente o teria socado.



Assim que apertei "enviar", o celular de Lila começou a tocar. Para não a acordar, estiquei o braço e peguei o aparelho, atendendo sem verificar o identificador de chamadas:

— Alô? — Franzi o cenho, olhando para o lado. Lila parecia tão exausta quanto satisfeita. — Lila não pode atender agora.

— *O que diabos você está fazendo com o celular da minha filha?* — A voz do outro lado da linha esbravejou, alta o suficiente para me fazer afastar o aparelho da orelha.

O som acabou despertando Lila, que arregalou os olhos ao ouvir a voz familiar.

— Meu pai? — murmurou, assustada. — Pelo amor de Deus, Nolan! — Arrancou o telefone da minha mão. — Oi, pai. — Pressionou o aparelho na orelha. Ela ouviu atentamente enquanto se sentava na beira da cama. — Não, eu estou na escola — pigarreou para disfarçar a mentira —, saí apenas para uma atividade de campo. Não, pai, Nolan está aqui com meu grupo, só isso.

Fiquei observando a cena, sem me mover. Ficou óbvio que ela odiava mentir para o pai.

Quando finalmente desligou, me lançou um olhar furioso.

— Por que você atendeu? Não era para ter pegado meu telefone! — disse, ainda um pouco atordoada. — Você só complicou tudo. Acabei de mentir para o meu pai, e eu odeio isso.

Dei de ombros.

— Foi um impulso — respondi, sincero. — Não queria te acordar. Você parecia exausta. O efeito de ter sido bem Fo Dida. — Pisquei, provocando, e vi o rubor subir em seu rosto.

Ela não respondeu, apenas balançou a cabeça, frustrada.

Levantou-se da cama, parecendo lutar contra o impulso de esconder sua nudez de mim, embora eu fizesse questão de seguir cada movimento com meus olhos gulosos. Ao pegar sua calcinha, agora em pedaços, seus olhos se fixaram nos meus com raiva.

— Sério? O que eu vou fazer com isso agora? — reclamou, indignada. — Você é inacreditável!

Um sorriso largo se formou nos meus lábios.

— Não precisa usar nada comigo, porque eu vou rasgar todas.

Sacudiu a cabeça, parecendo atordoada, enquanto terminava de se vestir. Peguei minha cueca e a vesti, mesmo desejando ficar ali com ela pelo resto do dia. A ideia de voltar à realidade, onde ela resistia a ser minha, me incomodava *pra* caralho.

— Nolan?

— Hum?

— Estou andando estranho?

Fiz uma careta, sem entender de imediato o que ela quis dizer. Coloquei minha camisa, mas a deixei aberta.

— Por que está perguntando isso?

Franziu o cenho, as bochechas coradas.

— Porque você... bem, você me rasgou! — disparou, embaraçada. — Tem alguma diferença? Li em algum lugar que meninas andam de pernas abertas depois de perderem a virgindade.

A gargalhada escapou dos meus lábios antes mesmo que eu pudesse me segurar. Ri tanto que acabei caindo de costas na cama.

— Estou falando sério, Nolan! Pare de rir de mim! — exclamou, nervosa, mas também rindo.

Ainda achando graça, me apoiei nos cotovelos, com os olhos brilhando de diversão.

— Tudo bem, então. Anda aí *pra* eu ver — sugeri, apontando para o chão.

Seu rosto ficou vermelho de tanto rir, além do constrangimento, claro. Mas, ainda assim, ela desfilou de um lado para o outro.

Levantei-me e fui até ela, abraçando-a por trás. Lila arquejou quando minha mão deslizou até sua boceta, desnuda sob a roupa.

— Está tudo em ordem, *baby* — soprei ao pé do seu ouvido, observando o arrepio que se espalhou por sua pele. — Só eu sei como você está se sentindo agora.

Inquieta com meus toques, se afastou, livrando-se das minhas mãos possessivas, que insistiam

em explorá-la.

— Meu Deus, você é convencido e insuportável!

Um sorriso arrogante apareceu em meu rosto.

— Claro que sou. Hoje sou o homem mais feliz do mundo!

Ela me olhou, mantendo certa distância, como se estivesse querendo se proteger de mim e das minhas investidas. Percebi que algo diferente passava por seus olhos, um misto de emoções que ela não sabia disfarçar.

— E agora? — perguntou de repente, sua voz mais baixa. — O que acontece a partir daqui?

Não resisti à vontade de me aproximar de novo. Minha mão deslizou até sua cintura enquanto a outra acariciava delicadamente seu rosto.

— Agora, as coisas mudam.

Vi uma sombra de dúvida cruzar seus olhos.

— Mudam como?

Assenti devagar, me inclinando até que nossos lábios quase se tocassem, mas sem tocá-la de fato.

— Agora, você é minha, quando e onde eu quiser.

— Se as coisas ficarem complicadas, promete que vai me ligar? — pedi, desligando o carro. Estávamos parados a poucos metros da casa dela. — Não quero que se meta em problemas por minha causa.

Lila olhou para mim por um momento, e depois voltou o olhar para sua casa.

— Você não devia ter atendido o telefone— repetiu, ainda aflita com o que tinha acontecido.

Ver a preocupação estampada em seu rosto me incomodou profundamente. Aquilo só confirmava minhas suspeitas de que algo muito mais sério estava acontecendo dentro da mente

dela, algo que a estava consumindo.

— Eu sei, foi um erro. — Suspirei. — Na hora, nem pensei direito. Minha cabeça ainda estava... nas nuvens — brinquei, desejando aliviar a tensão em seu semblante.

— Nas nuvens? — Esboçou um sorriso, embora tímido.

Inclinei-me na direção dela, enrolando uma mecha do seu cabelo entre os dedos.

— Algo assim — respondi com um sorriso travesso. — Talvez com unicórnios.

Seu riso suave preencheu o carro, fazendo o aperto que eu sentia no peito diminuir um pouco.

— Você é um bobo! — Ela riu.

Eu ri também.

— O quê? Não gosta de unicórnios? — provoquei, entrando na brincadeira.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, Lila me surpreendeu com um beijo rápido e, sem hesitar, saiu do carro.

Fiquei ali, observando até que ela desaparecesse dentro de casa, sentindo uma avalanche de emoções tomando conta de mim.

Caramba, eu realmente a tinha!

Ela era minha.

Não tinha como esconder o que aconteceu comigo. Cada parte do meu corpo parecia marcada, mesmo que de forma invisível pelas mãos de Nolan. E por mais que eu tentasse, não conseguia encontrar arrependimento em mim.

Eu havia me entregado ao diabo, e não sentia remorso. Pelo contrário, ansiava por mais. Mais da adrenalina que ele me fazia sentir. Mais daquela conexão que nós dois tínhamos, ainda que eu não compreendesse completamente o motivo.

Respirei fundo antes de abrir a porta de casa. Minha intenção era subir direto para o quarto, mas assim que coloquei o pé no primeiro degrau da escada, a voz do meu pai me interrompeu:

— Então é isso, Lila? — rugiu, em tom desapontado. Virei-me devagar e encontrei seu olhar zangado. — Você faz algo errado e acha que pode simplesmente agir como se nada tivesse acontecido?

Ele segurava o paletó dobrado sobre o braço, o que me fez pensar que também acabara de chegar.

Engoli em seco para disfarçar o nervosismo.

— Pai, eu não fiz nada de errado — menti, odiando-me por isso. A mentira parecia estar se tornando rotina. — Já expliquei o que aconteceu. Nolan atendeu meu telefone porque estávamos juntos em uma saída de campo.

Sacudiu a cabeça, parecendo mais irritado.

— Vai mesmo continuar mentindo para mim? — perguntou, seu tom ficando mais duro. — Liguei para a escola. Eles me disseram que não houve nenhuma atividade externa hoje, e que

minha querida filha faltou às aulas. Você tem ideia da influência negativa que esse rapaz está tendo sobre você?

Fiz uma careta, lutando para me acalmar.

— Por que o senhor insiste tanto em me afastar do Nolan? Não consigo entender.

Papai jogou as mãos para o alto, em um gesto exasperado.

— Você não precisa entender, apenas obedecer. Sou seu pai e sei o que é melhor para seu futuro — decretou, com um tom autoritário que raramente usava comigo. — Os Sullivan não são confiáveis, e eu não quero você envolvida com eles.

— Nolan não é assim — respondi, quase sem pensar. — Não o julgue pelos possíveis erros da família dele. O senhor não o conhece como eu.

Minhas palavras soaram estranhas até para mim, considerando o quanto Nolan ainda era um mistério. Mas eu não podia ficar calada enquanto meu pai só o criticava.

— Você matou aula por causa dele. Isso já me diz muito!

Meu coração disparou.

— O que a família dele fez de tão ruim, afinal? — insisti, querendo entender. — São criminosos? Um grupo de serial killers? — Perguntei com ironia, mas o silêncio do meu pai me atingiu como um soco. Arregalei os olhos. — Oh, meu Deus! Eles são assassinos?

Deixou um suspiro escapar, passando a mão pelo rosto, claramente frustrado.

— Filha, eu já disse o que precisava dizer: fique longe desse sujeito.

— Mas por quê? — continuei insistindo. — O senhor não me explica nada, só me dá ordens!

— O dinheiro da família dele é sujo, Lila. Vem de coisas ilícitas, de sangue inocente.

Meus olhos voltaram a se arregalar, minha mente girando com todas essas novas informações. Era muita coisa para processar.

— Como o senhor sabe de tudo isso? — inquiri, organizando os pensamentos. — São acusações graves, pai.

Balançou a cabeça mais uma vez e se aproximou, segurando minhas mãos.

— Querida, eles são assassinos — repetiu, com um timbre grave. — Eu sou advogado, conheço o lado sujo desse mundo. — Meus olhos começaram a se encher de lágrimas ao me lembrar dos momentos que havia compartilhado com Nolan horas antes. — Esse é meu último aviso: fique longe desse rapaz ou eu mesmo vou falar com ele.

Senti a raiva crescer dentro de mim, fazendo-me sentir como uma criança sendo repreendida. Ao escutar as palavras dele, só consegui me afastar.

— Percebe que está agindo como um tirano? — protestei, minha voz tremendo de frustração. — Não sou mais uma garotinha manipulável. Eu também tenho sentimentos e vontades!

— ENTÃO, PODE ENGOLIR ESSAS VONTADES, PORQUE ELAS VÃO TE LEVAR A UM CAMINHO RUIM! — bradou, me assustando. Encolhi-me, incapaz de conter as lágrimas que começaram a escorrer sem parar. Ele exasperou, sentindo o peso de suas palavras. — Filha...

— *O-o* senhor acabou de gritar comigo — balbuciei ao interrompê-lo, minha mágoa transbordando.

— Lila... — quis se aproximar, mas me afastei.

Sem dizer mais nada, subi as escadas a passos rápidos, praticamente correndo. Quando entrei no meu quarto, bati a porta com força, deixando claro o quanto ele havia me magoado e o quanto eu estava chateada.

Joguei a mochila no chão e me atirei na cama, desejando evitar o choro, mas sem sucesso. Então, tudo o que pude fazer foi deixar as lágrimas fluírem.

Era melhor do que sufocar os sentimentos que estavam me esmagando de dentro para fora.

Passei o resto do dia trancada no meu quarto, evitando qualquer contato com meu pai, que tentou falar comigo algumas vezes. Mas eu estava magoada demais para conseguir trocar qualquer palavra com ele.

O problema foi que tudo o que ele disse conseguiu me afetar de um jeito que eu não esperava. Sempre desconfiei que havia algo de sombrio em Nolan, algo perigoso, mas nunca imaginei que sua família pudesse estar envolvida em crimes tão graves. Era perturbador que, mesmo sabendo disso, eu ainda considerasse continuar ao lado dele.

Seu toque queimava minha pele, como se cada parte de mim estivesse marcada por ele, me impedindo de esquecê-lo.

Deitada na cama, me virei e peguei meu celular no armário de cabeceira. Ignorei as notificações de mensagens e cliquei direto no Instagram, querendo dar uma olhada nos perfis dos primos de Nolan. Para minha surpresa, me deparei com uma live no perfil de Tyler.

Curiosa, cliquei para assistir e logo me ajeitei, sentando-me na cama.

Era mais uma das festas na Sede da fraternidade deles. A música alta quase abafava o que Tyler estava dizendo, não que ele tivesse muito a falar, já que estava ocupado com uma garota no seu colo.

Meu coração começou a bater mais rápido, enquanto me perguntava se Nolan também estaria lá. Eu o odiaria se estivesse, especialmente depois do que fizemos mais cedo.

— Ah, se não é a Lila stalkeando minha live — entoou Tyler, notando minha presença na transmissão. *Droga!* — Ei, pessoal, olhem quem está nos espionando.

Prendi a respiração, pensando em sair da live, mas hesitei quando o rosto de Ross e Noah apareceram na tela. O lugar ao redor deles estava um caos completo.

— Você está nos devendo uma festa, *"ursinho"* — zombou Noah, com aquele tom sarcástico de sempre, usando o apelido que Rory costumava me chamar. *Cretino!* — Parece que meu irmão não quer te dividir com ninguém. A propósito, em que quarto ele está mesmo? — Olhou para os primos.

Arregalei os olhos, minha boca se abrindo num "o" mudo. Sem pensar, digitei rapidamente, sentindo os dedos trêmulos:

"Nolan está aí?"

— Por que não vem conferir, querida? — Foi Ross quem respondeu. — Vai ser divertido!

Revoltada, saí da live e apaguei a tela do celular, lutando contra a vontade de atirá-lo contra a parede. Eu não conseguia acreditar que, depois de tudo o que aconteceu entre nós dois, aquele idiota estava em uma festa, cercado por sabe-se lá quantas vadias.

Caramba! Eu entreguei minha virgindade, confiando nele. Como ele podia ser tão canalha?

Levantei-me da cama em um salto, respirando fundo, num esforço para controlar a raiva. Comecei a andar de um lado para o outro, meus punhos se fechando e abrindo enquanto eu buscava me acalmar, mas nada parecia funcionar.

Depois de um tempo, olhei para o meu closet e, em seguida, para a porta do quarto. Eu sabia que não conseguiria dormir ou descansar até esclarecer essa história.

Então, fiz o que meu coração estava mandando.

Infelizmente, tive que esperar mais algumas horas até ter certeza de que meu pai estava dormindo, para poder sair sem ser notada.

Durante todo esse tempo, lutei para afastar os pensamentos sobre a gravidade do que eu estava prestes a fazer. Nunca fui uma filha rebelde ou mentirosa, mas, naquele momento, decidi enterrar essas preocupações em um canto distante da minha mente e lidar com elas mais tarde.

Com o coração acelerado, respirei fundo antes de entrar na Sede da irmandade, quase sendo esmagada pelo som ensurdecedor da música eletrônica. Meu olhar vagou de um lado ao outro, em busca de Nolan, mas tudo o que vi foram adolescentes bebendo, se beijando e dançando como se o mundo fosse acabar. Eu mal conseguia me concentrar.

Meus olhos varreram o lugar, buscando localizar qualquer sinal do Nolan. O cheiro de álcool e suor misturava-se com a luz piscante, tornando tudo ainda mais caótico.

Continuei andando pelo local, me esgueirando. Foi então que, por um breve momento, vi Rory. Ele estava de costas para mim, mas era inconfundível. Seu cabelo loiro espetado, suas roupas, tudo gritava que era ele.

— Rory?! — Chamei, mas minha voz foi engolida pelo som da música e pelas risadas ao meu redor.

Ameacei me aproximar, só que antes que pudesse chegar mais perto dele, uma voz familiar cortou o ar, me puxando bruscamente de volta à realidade:

— Olha quem resolveu aparecer — cantarolou Ross, a poucos metros de mim, com aquele sorriso convencido que eu odiava.

Senti um arrepio subir pela minha espinha quando percebi que ele não estava sozinho. Ao seu lado, estavam Tyler e Noah. Eles pareciam completamente relaxados, encostados na parede como se estivessem apenas esperando por mim.

— A festa ficou muito mais interessante agora — continuou Tyler, com um sorriso malicioso

conforme segurava um copo de bebida e o levava aos lábios.

Respirei fundo, sem querer transparecer o desconforto que estava sentindo. Meus olhos voltaram a procurar Nolan, mas ele não estava em lugar nenhum.

— O que foi, Lila? Veio aqui atrás do Nolan, né? — provocou Ross, arqueando uma sobrancelha. — Ou só quis nos fazer uma visita?

Revirei os olhos, sem mostrar que estava afetada.

— Só estou procurando alguém — respondi, dando de ombros.Não queria admitir que estava ali pelo Nolan. Era patético.

— Ah, então você *veio* por ele. — Noah riu, trocando olhares com os outros. — Mas, querida, o meu irmão está... ocupado agora. Por que não relaxa um pouco com a gente antes de vê-lo?

— Exato! — acrescentou Ross, com um sorriso repleto de segundas intenções. — Vem, toma uma bebida com a gente até aquele idiota aparecer.

Senti meu estômago revirar. A ideia de que Nolan estava "ocupado" entoou como um cântico de terror na minha mente.

— Eu não estou interessada em beber — retruquei, piscando freneticamente.

Tyler deu uma risada curta e sacudiu a cabeça.

— Ah, para com isso, Lila. Só uma bebida. — Ergueu o copo na minha direção, como se isso fosse me convencer. — Qual é, você não confia na gente? — Pressionou a mão no peito com falsa ofensa.

— Não muito — respondi, cruzando os braços.

— Fica tranquila, ninguém aqui vai te fazer mal — garantiu Noah, com um sorriso que não chegava aos olhos. — Só queremos deixar as coisas... mais interessantes. — Ele voltou a sorrir, dessa vez com malícia.

— Exatamente! — acrescentou Tyler, se aproximando um pouco mais. — Beba com a gente, e depois te levamos direto para o Nolan. Promessa.

Estreitei os olhos, desconfiada.

— Por que tudo isso? — indaguei, hesitante. — O que vocês estão planejando? É algum tipo de jogo? — Fiz um gesto vago entre eles, que riram em uníssono.

— Na verdade, o que queremos é irritar o meu irmão — declarou Noah, sem nem piscar. Arqueei as sobrancelhas, espantada com sua franqueza. — Ver ele sair do sério é uma tentação grande demais *pra* resistir. E você... você é a peça-chave.

— O que você quer dizer com isso? — Franzi a testa. — Por que acham que eu seria útil nesse plano maluco?

Ross riu, um som cheio de deboche.

— Ah, querida, se ainda não notou, aquele desgraçado faz qualquer coisa por você desde que você "ressuscitou" — disse, me deixando confusa com sua escolha de palavra. — Além disso, você já faz parte do grupo. Está na nossa família agora.

Tyler finalmente invadiu meu espaço pessoal, e a única característica visível entre ele e seu irmão gêmeo era o sorriso com covinhas que se formou quando ele se aproximou.

— E para fazer parte de verdade, você tem que passar pelo batismo — insinuou, sua voz baixa.

— Batismo? — repeti, sem entender.

— Beber com a gente, cunhada — explicou Noah, lançando outro daqueles sorrisos maquiavélicos.

Hesitei. Aquilo tudo ainda era novo *pra* mim, um território que eu não sabia como navegar. Sabia que, de alguma forma, teria que aprender a lidar com eles, e talvez essa fosse a única maneira de sobreviver naquela selva.

Suspirei, relutante.

— Tudo bem — concordei, lutando para soar mais segura do que estava. — Vou beber um pouco, mas depois eu quero ver o Nolan.

Tyler sorriu, satisfeito, e estendeu o copo para mim.

— Esse é o espírito! — exclamou, com um brilho de diversão nos olhos. — Confia, vai valer a pena.

Peguei o copo, sentindo o peso da decisão, enquanto eles me levavam para uma das salas do lugar.

À medida que o tempo foi passando, eu, contra todas as minhas expectativas, comecei a me soltar. A música pulsava ao meu redor, e o ambiente, antes tão opressor, parecia menos ameaçador conforme os copos iam se esvaziando. Não era difícil entender por que as pessoas gostavam tanto de beber; o álcool tinha o poder de afastar os sentimentos ruins e entorpecer a dor.

— Vamos, Lila, você não vai querer perder *pra* mim, vai? — provocou Tyler, segurando mais um copo de bebida e erguendo-o na minha direção.

Estávamos em uma pequena disputa para ver quem conseguia beber mais. E eu estava determinada a não o deixar vencer.

— Não me subestime — rebati, pegando o copo que ele me oferecia com um sorriso eufórico.

O jogo havia começado há alguns minutos. Um copo depois do outro, e eu mal me aguentava com as piadas deles.

— Vocês sabem que o Nolan vai surtar, né? — provocou Elijah, com um sorriso divertido brilhando nos olhos. — Se preparem! — Ele tinha uma garota sentada em seu colo.

Pisquei, mal processando o que estavam dizendo. Tyler voltou a chamar minha atenção.

— Última rodada, Lila. Se você perder... — ele parou, lançando um olhar significativo para seus primos, que estavam ao nosso lado, assistindo à competição com sorrisos maliciosos.

— O que acontece se eu perder? — perguntei, erguendo uma sobrancelha, já sentindo o efeito da bebida me deixar mais corajosa.

— Simples — respondeu Ross, com uma expressão que eu não gostei nada. — Você sobe na mesa e dança *pra* gente.

Minha testa franziu em surpresa, mas ao mesmo tempo, o álcool já tinha me feito relaxar o bastante para que a ideia não me parecesse tão absurda quanto deveria. Eu ri, balançando a cabeça.

— Vocês estão brincando, né?

— Não estamos — afirmou Noah, braços cruzados. — Vamos, garota. Mostra que você sabe se

divertir.

Eu sabia que estava prestes a perder. Já sentia meu corpo mais leve, minha cabeça flutuando, e minha resistência à bebida estava no limite. Mas, ao mesmo tempo, não queria recuar. Não agora.

— Tudo bem. — Concordei, pegando o último copo. — Se eu perder, eu danço. Mas, se eu ganhar, vocês vão me levar até o Nolan *agora*.

Tyler riu, sacudindo a cabeça como se já soubesse o resultado.

— Fechado.

Nós dois viramos o último copo, e assim que o álcool desceu pela minha garganta, meu corpo finalmente cedeu. Senti a cabeça girar um pouco, e quando coloquei o copo na mesa, sabia que havia perdido. Tyler me olhou com um sorriso vitorioso.

— Acho que temos uma perdedora — declarou ele, enquanto Ross e Noah riam.

Rolei os olhos, mas, de alguma forma, a ideia não parecia tão ruim. O álcool me dava uma sensação de liberdade que eu não sentia há muito tempo.

— *Tá* bom, *tá* bom — falei, levantando as mãos em rendição. — Uma dança. Só uma.

Tyler e os outros abriram espaço, me incentivando enquanto eu subia na mesa com um pouco de dificuldade, rindo da situação. A música parecia mais alta agora, o ritmo pulsante me envolvendo à medida que eu começava a me mover. As pessoas ao redor observavam, algumas rindo, outras incentivando, mas naquele momento, eu nem me importava. Era como se o mundo tivesse ficado mais leve, e eu estivesse, por alguns segundos, simplesmente... me divertindo.

Mas a sensação durou pouco.

Enquanto eu dançava, mal conseguindo manter o equilíbrio na mesa, ouvi um burburinho ao redor. Pessoas começaram a olhar para a entrada da sala, e quando virei a cabeça, meu coração quase parou.

Nolan estava ali, parado na entrada, observando a cena com uma expressão de puro choque. Seus olhos encontraram os meus por um breve segundo, e o que eu vi neles me fez estremecer. Ele estava furioso, mas não apenas comigo. Seu olhar logo se desviou para os primos e o irmão, que estavam rindo e assistindo à cena como se fosse uma brincadeira inofensiva.

— O que diabos vocês estão fazendo? — bradou, sua voz cortando o barulho da música como uma lâmina afiada.

Meu corpo congelou no mesmo instante, e eu desci da mesa sobre tropeços, sentindo o sangue subir para o meu rosto. A diversão se esvaiu completamente quando a realidade me atingiu com força. Eu não deveria estar ali. Não deveria estar dançando em cima de uma mesa, cercada pelos primos de Nolan, enquanto ele me olhava com aquela expressão.

Ross deu de ombros, ainda rindo.

— Relaxa, cara. A Lila só estava se divertindo um pouco.

— *Se divertindo?* — Nolan repetiu, seu timbre repleto de incredulidade e raiva. Ele avançou na direção de Ross, seus punhos cerrados. — Vocês acham que isso é uma brincadeira, *caralho?* Vocês a encheram de bebida e fizeram isso *pra* quê? Para me provocar?

— Quem disse que a gente obrigou Lila a alguma coisa? — Tyler interveio, cruzando os braços com um sorriso de canto. — Ela estava dançando. Só isso.

Nolan ignorou os primos e se aproximou de mim, seus olhos buscando os meus. Eu não sabia o que dizer; sentia a culpa e o arrependimento crescerem dentro do meu peito, mas as palavras não saíam.

— Vem comigo. Agora! — decretou em tom firme. Ele estava irritado comigo, mas parecia preocupado com meu bem-estar também.

Eu o segui sem protestar, sentindo os olhares de seus primos nas minhas costas. O clima havia mudado.

Droga!

De repente, parei no meio do caminho, plantando os pés no chão e cruzando os braços.

— Ei? — balbuciei, minha voz um tanto arrastada. — Por que você está bravo com eles? — Apontei para seus primos e seu irmão. Nolan parou, me encarando com ainda mais irritação. — Você está sendo um idiota, sabia? — Pisquei, focando naquele azul profundo dos olhos dele, que agora parecia uma tempestade. — Eles são... legais. Um pouco — gesticulei com os dedos — loucos, como você, mas ainda assim legais.

Ouvi a risada deles atrás de mim, mas antes que eu pudesse me virar para olhar, Nolan avançou sem qualquer aviso. Num piscar de olhos, me ergueu no ar, jogando-me sobre o ombro como se eu não pesasse nada.

Ele realmente acabou de me levantar com um só braço?

De cabeça para baixo, não consegui resistir à vontade de apertar o traseiro dele. Mordi os lábios, rindo internamente dos meus pensamentos inesperados.

— Você tem uma bunda ótima! — soltei, sem filtro.

Antes que pudesse reagir, levei um tapa na minha própria bunda, fazendo-me ofegar.

— Fica quieta! — retrucou.

Eu estava furioso.

Os tremores percorriam meu corpo inteiro conforme caminhava com Lila, que se debatia no meu ombro. Ela era uma pequena e teimosa força da natureza.

— Nolan, eu vou vomitar se continuar me carregando assim — resmungou, a voz arrastada pela bebida. — Me coloca no chão.

Respirei fundo para manter a calma. Felizmente, nenhum dos meus primos idiotas teve a ousadia de me seguir ou me enfrentar, porque, com a raiva que eu estava, certamente a situação teria terminado muito mal.

Assim que chegamos ao meu carro, a coloquei no chão. Segurei firme seu braço enquanto destravava as portas e abria a do passageiro.

— Entra! — ordenei, e ela fez uma careta.

Por mais irritado que eu estivesse, não pude evitar achar aquilo um pouco engraçado.

— Você está tão mandão, sabia? — Fez um biquinho adorável, agarrando minha camisa, o cheiro de álcool forte ao seu redor. — Está bravo comigo?

Revirei os olhos.

— O que você acha? — rebati com impaciência.— Olha só *pra* você, mal consegue ficar de pé. Nem sei como não caiu daquela mesa. — Empurrei-a suavemente para dentro do carro, prendendo-a com o cinto. — E não pense que gostei de ver você rebolando essa sua bunda linda para todos aqueles imbecis. Acredite, você vai pagar por isso.

Ela ficou boquiaberta, incrédula com minhas palavras de ameaça.

Dei a volta no carro e me acomodei no banco do motorista, ligando o motor sem sequer olhar para ela. Minha irritação ainda fervia nas veias, e o silêncio tomou conta dos primeiros minutos da viagem.

— Você está me encarando — declarei, sentindo o peso de seu olhar. Quando olhei de relance, vi que ela continuava me observando de um jeito estranho.

— Parece que eu já te conheço — disse, de repente.

Por um momento, meu coração disparou. Voltei meus olhos para ela, me esforçando para entender.

— Claro que você me conhece!

Balançou a cabeça com veemência.

— Não, não é isso... parece que eu te conheço há muito mais tempo — insistiu, inclinando-se para me encarar mais de perto.

Desviei do seu toque, tirando a mão do câmbio para segurá-la no banco.

— Lila, pelo amor de Deus, estou dirigindo! — Puxei o ar pelas narinas com força.Estalou os lábios, frustrada, jogando a cabeça para trás no banco.

— Para onde você está me levando? — quis saber. — Para o seu apartamento?

— Não. Estou te levando para sua casa. — Exasperei. — E não aja como se não tivesse feito nada de errado. Estou muito chateado com você, Lila. O que você estava pensando em aparecer na Sede da irmandade durante uma festa? Ficou maluca?

— Ei, para de gritar comigo! — rebateu, aflita. — Já basta meu pai... — esfregou as mãos no rosto.

Apertei o volante com mais força, processando o que ela falou.

— Seu pai gritou com você? — perguntei, odiando o fato de que, de alguma forma, isso era culpa minha.

— Não importa! — Voltou a me olhar. — Eu fui até a festa porque pensei que você estaria lá. Disseram isso na live.

Fiz uma careta, dividido entre prestar atenção nela e na estrada.

— Que live?

— Dos seus primos.

— E por que diabos você estava assistindo à live deles?

— Porque eu queria saber quantas pessoas a sua família já matou.

Sacudi a cabeça, frustrado.

— Você precisa confiar em mim, *porra!* Nunca trairia você. — Respirei fundo, sabendo que ela foi até aquela maldita festa achando que me encontraria com outra. — Eu estava em casa estudando. E, por sinal, seu pai me ligou. Como ele tem o meu número?

— Ele é advogado.

— Mas não o meu! — retruquei, irritado. — E o que é essa história de caçar "pessoas mortas" pelos Sullivan? — Pisquei, finalmente processando suas palavras recentes.

Ela não respondeu de imediato.

— Lila...

— Porque meu pai disse que vocês são assassinos. Tooooodos vocês! — Arrastou as palavras, apontando um dedo para o meu ombro, como se quisesse dar ênfase. — Você é meio psicopata, sabia? — Deu de ombros.

Acabei rindo.

Não era surpresa que o pai idiota dela quisesse afastá-la de mim, principalmente por causa da reputação da minha família. Os Sullivan controlavam a cidade há gerações, e isso nunca mudaria.

— Se você não estivesse bêbada e eu tão bravo com você agora, te comeria no banco de trás deste carro — declarei, lançando-lhe um olhar de canto. — Você está adorável.

— Estou *ado-raaaa-vel!* — Voltou a arrastar as palavras, tentando abrir os braços, enquanto eu a pressionava para baixo, impedindo que bloqueasse minha visão da estrada. — Espera, você ia me comer aqui no carro?

Um sorriso de canto surgiu nos meus lábios.

— *Hmm...* parece que você não está tão bêbada assim, já que entendeu direitinho o que eu disse, hein? Safadinha.

Sua risada ecoou pelo carro, e eu não pude evitar olhar para ela. O vestido havia subido um pouco, revelando suas pernas torneadas. Por um instante, a raiva e o ciúme me consumiram de novo, lembrando a cena dela dançando em cima daquela maldita mesa. *Inferno!* Eu queria arrancar os olhos de cada um daqueles babacas.

— Isso é sexy? — Sua voz me tirou dos pensamentos, e eu pisquei, voltando ao presente.

Lila estava com o dedo na boca, rolando a língua de um lado para o outro, toda atrapalhada. Uma gargalhada escapou de mim antes que eu pudesse conter.

— Por que você está rindo? Eu não sou sexy *pra* você? — Fez um beicinho, com uma expressão de falsa tristeza.

— Lila, para com isso — murmurei, continuando a rir.

— Eu não sou sexy — insistiu, como se falasse consigo mesma, conforme apertava os seios de forma exagerada. — Mas você me comeu hoje, Nolan... — apontou, meio zangada. — E você gostou.

Incapaz de resistir à tentação, deslizei minha mão por sua perna, apertando a coxa de leve.

— Pode apostar que eu gostei, querida.

Alguns minutos depois, parei o carro em frente à casa dela. Puxei o freio de mão, saí do veículo e dei a volta para abrir a porta do passageiro, mas Lila já estava tentando sair sozinha. Seus olhos turvos encontraram os meus quando a segurei pela cintura, mantendo-a firme.

— Você vai me levar até lá? — Sua voz subiu duas oitavas enquanto eu a conduzia em direção à porta de sua casa. — Meu pai vai bater em você, Nolan.

Olhei para ela e dei de ombros.

— Eu não me importo.

— Mas eu me importo! — Bateu os pés, agora frustrada. — Eu não quero isso.

— Por quê?

Vi seu rosto se contorcer um pouco, conforme seus pés tropeçavam. Por sorte, eu a mantinha de pé.

— Porque eu *gosto* de você. E não deveria, porque você é um psicopata. — Ela piscou bem rápido, e eu ri. — Você é um serial killer, como meu pai disse? Promete que não vai me cortar em pedacinhos e me comer?

A gargalhada escapou antes que eu pudesse segurar.

— Prometo que só vou te "comer" do jeito tradicional, *baby* — inclinei-me e sussurrei em seu ouvido: —, fazendo você revirar esses olhinhos atrevidos enquanto meu pau estiver enterrado bem fundo na sua boceta.

Arfou, e o gemido que soltou teve um efeito imediato no meu pau. *Porra!*

Lutei para disfarçar a ereção enquanto nos aproximávamos da porta da sua casa. Com Lila segura em um dos meus braços, bati duas vezes na madeira. Não sabia que horas eram, mas pelo silêncio ao redor, devia ser bem tarde, talvez três da manhã.

Foi o senhor Byrne quem abriu a porta, olhando de mim para a filha, o espanto evidente ao perceber o estado dela.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou, gesticulando entre nós.

Pigarreei para manter a calma.

— Bem, quando o senhor me ligou, eu estava em casa, estudando — comecei a contar, segurando Lila. — O senhor pode não gostar de mim, mas talvez eu não seja a má influência aqui, já que quem estava bebendo em uma festa era sua filha.

Lila ergueu o dedo indicador para o pai, com um sorriso travesso.

— *Uuuuuuuuh,* essa foi dura, papai! — exclamou, rindo.

Ele trincou o maxilar.

— Já *pra* dentro, mocinha! — decretou.

Lila fez um som de descontentamento, antes de se virar para mim. De repente, jogou os braços ao redor dos meus ombros, quase me derrubando.

— Boa *noiiiiite!* — cantou, antes de me puxar para um beijo desajeitado.

Infelizmente, seu pai a arrancou dos meus braços em instantes.

Encarei o homem à minha frente com o maxilar tenso.

— Bem, aqui está ela, entregue e em segurança. — Apontei. — Espero que o senhor entenda que sua filha tem vontade própria. Lila não pode ser controlada.

Riu, mas foi um riso cheio de desprezo.

— E eu espero que você não ache que trazer ela de volta muda alguma coisa. Ainda não gosto de você nem da sua família. Se minha filha está nessa fase de rebeldia, é culpa sua.

Meu maxilar se apertou um pouco mais, conforme minha mente se enchia de xingamentos. Porém, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele se virou e bateu a porta na minha cara.

Reuni todo o autocontrole que me restava para não arrombar e tirar Lila daquela casa.

Inferno!

Assim que atravessei a porta da Sede, meus ouvidos foram invadidos pela maldita música alta. A primeira coisa que fiz foi desligar aquela porcaria, ignorando as reclamações de todo mundo ao redor.

Fiquei em silêncio, focando nos imbecis dos meus primos. Vi apenas Ross e os gêmeos à vista.

— Que diabos foi isso, Nolan? Ficou maluco? — perguntou Elijah. — Só porque agora você está "domado", não significa que a gente tenha que parar de curtir uma festa — zombou, mas preferi ignorar.

Com os dentes cerrados, caminhei até eles.

— Você — apontei para Tyler, que coçava o queixo. Sem hesitar, estiquei o braço e acertei um soco na cara dele. — Isso é por olhar para a bunda da minha garota.

O tumulto foi instantâneo, considerando que o lugar ainda estava cheio.

— Que porra, Nolan! — reclamou ele, pressionando o rosto.

— Onde está o babaca do meu irmão? — inquiri, olhando ao redor em busca de Noah. Não o encontrando, mirei em Cillian. — E você...

Antes que pudesse atingi-lo, Ross me segurou, e minha atenção se voltou para ele. Agarrei-o pela gola da camiseta e o empurrei contra a parede mais próxima.

— Vocês ficaram loucos, *caralho?!* — rugi, alternando o olhar entre ele e os outros que se aproximavam. — Embebedar a Lila?

— Eu sabia que isso ia dar merda — comentou Elijah, sacudindo a cabeça. — E, para deixar bem claro, eu não tive parte nessa bagunça. Mas, devo confessar quesua garota bêbada é bem mais divertida. — Ele riu, e eu travei a mandíbula de ódio.

— Tenho que admitir que o Elijah tem razão — provocou Ross, com aquele sorriso irritante no rosto, as mãos levantadas em rendição, ainda sob meu jugo. — Não adianta negar, primo. Você mesmo viu o quanto sua *namoradinha* estava se divertindo.

— E ela até nos defendeu! — exclamou Tyler, dando de ombros. Se afastou de mim quando notou meu olhar ameaçador. — Qualquer machucado que você me deixar, vou fazer questão de mostrar *pra* ela. — Deu risada, e os outros o acompanharam.

Rangendo os dentes, voltei minha atenção para Ross.

— Você vem comigo, agora!

Puxei-o da parede e o arrastei para as escadas. Logo, a música voltou a tocar, mas eu já estava longe de me importar.

— Caralho! Ela bebeu porque quis — reclamou Ross enquanto eu o arrastava.

— Não quero saber — rosnei, abrindo a porta do meu quarto na Sede. — Preciso que você faça algo *pra* mim.

Finalmente o soltei, batendo a porta atrás de nós.

— Que merda, Nolan! — Bufou, ajeitando a camisa e os cabelos. — Tem certeza de que essa garota não te enfeitiçou? Porque você está completamente fora de controle, primo. — Deixou escapar uma risada debochada.

— Cale a porra da boca.

— O que você quer, afinal? Lila bebeu porque quis, já falei. Ninguém forçou nada.

Levantei a mão, cansado do falatório dele.

— Para de falar — ordenei. — Porque ainda estou pensando se uso você ou se arranco seus dentes para fazer um piano.

Minha ameaça o fez hesitar por um segundo, mas eu conhecia bem aquele desgraçado para saber que ele não tinha medo de nada.

Suspirando, cruzou os braços.

— O que você quer? — indagou, estreitando os olhos. — Tem a ver com aquele favor que você mencionou antes? Porque se for, eu ainda estou investigando.

Cerrei o maxilar, odiando ver o sorriso satisfeito que se formava em seus lábios. Eu amava esse idiota, mas o odiava na mesma medida. E, para o meu azar, ele era o único que podia conseguir as informações que eu precisava, já que era um gênio com tecnologia. Como eu não queria envolver nossos pais nessa confusão, teria que engolir meu orgulho e pedir ajuda ao meu primo.

— Sim, — respondi. — Só que além das informações sobre o passado da Lila, quero que você inclua também, detalhes sobre o acidente de carro que matou a mãe dela.

— Por que não pergunta direto para o pai dela? — ironizou.

Não resisti e acertei um soco direto no seu abdômen, que o fez se curvar na hora. Me deleitei com seu gemido de dor.

— Porque o imbecil odeia a nossa família — retruquei sem paciência.

— Ah... faz sentido — gemeu, endireitando o corpo. — E o que eu ganho com isso?

Revirei os olhos.

— Não ganha nada, cacete. Quem *tá* me devendo é você, por ter colocado a Lila na pilha de vir *pra* essa festa. Na minha percepção, estamos quites agora.

Ele soltou uma risada.

— *Touche*.

Busquei uma respiração ofega.

— Apesar disso, prometo colocar a Tara no seu caminho — declarei, observando um brilho diferente atingir seus olhos.

Por mais que as garotas caíssem aos pés de Ross, ele nunca se interessava por nenhuma, porque era fácil demais. Mas, ironicamente, o idiota estava obcecado pela única que não dava a mínima para ele. Tara Casey.

— Fechado! — exclamou, satisfeito.

— Só mais uma coisa... — acrescentei, aproximando-me dele.

— O quê?

Minha resposta foi um soco direto em seu rosto.

— Caralho, Nolan! — Xingou, segurando o nariz que começou a sangrar. — Você pegou pesado agora, seu doente!

— E vocês embebedaram a Lila, além de fazerem ela dançar na frente de todo mundo. Aposto que isso foi ideia sua, seu merda! — rugi, apontando para ele. — E vá limpar esse sangue... está nojento!

Lancei a ele um sorriso cruel antes de me virar nos calcanhares e sair do quarto, sentindo a maior parte da minha raiva e frustração se dissipando.

Acordei com a cabeça martelando. E o barulho agudo do meu telefone tocando sem parar só piorou a situação.

Ainda de olhos fechados, estiquei o braço para alcançar o aparelho no armário de cabeceira, mas acabei derrubando o celular no chão. Felizmente, isso fez o som infernal cessar.

Enterrei-me debaixo das cobertas, pressionando o rosto contra o travesseiro na esperança de voltar a dormir. Só que o maldito telefone voltou a tocar, me forçando a abrir os olhos e me levantar. Pisquei algumas vezes, esfregando o rosto. Olhei para a janela. Já era dia.

Me abaixei e peguei o celular do chão, vendo o nome de Rory piscando na tela antes de atender:

— *Deus sabe que você pensou em ignorar minha ligação* — provocou, arrancando um sorriso de mim. — *Você, Lila Byrne, quase ignorou a chamada do seu melhor amigo.*

Levei a mão à têmpora, massageando-a.

— *Argh,* Rory, por favor, fala mais baixo — resmunguei, sentindo a dor latejante na cabeça. — Você não faz ideia de como estou acabada.

— *Ah, eu sei sim. Aliás, toda Avondale também* — respondeu, rindo. — *Ontem você deu um pequeno show na festa dos Sullivan. Uma pena que eu não estava lá na hora pra ver sua dança sensual.*

Abri a boca, piscando em choque, conforme as memórias começavam a invadir meus pensamentos.

— Meu Deus, Rory! Tem vídeo de mim? — perguntei, horrorizada. — Qual o problema das pessoas com essa mania de filmar tudo?

— *Ursinho, o problema é que você realmente ligou o "foda-se", né?* — brincou, divertido. — *Aliás, já ouviu o boato que está rolando sobre o Nolan e a Tara?*

Minha testa franziu, e meu coração deu um salto no peito.

— Tara? Quem diabos é Tara?

— *Acho que é aquela garota de cabelos vermelhos* — explicou. — *Ouvi dizer que ela e o Nolan ficaram sozinhos em um dos quartos da Sede. Mas eu já tinha ido embora antes de toda essa confusão.*

Mal consegui processar o que ele disse, lutando para montar as peças do quebra-cabeça. Minha mente ainda estava girando, com dificuldade em lembrar de tudo o que aconteceu.

— *Tá* bom, Rory, nos vemos na escola — avisei. — Vou desligar agora. Ainda preciso me arrumar e enfrentar meu pai, que provavelmente está uma fera comigo.

— *Quer que eu passe aí para te buscar?* — ofereceu. — *Tenho algo pessoal pra te contar* — acrescentou, sua voz ficando mais séria. — *E você é a única pessoa em quem confio para dividir isso.*

Sorri, grata pela confiança dele.

— Não precisa vir, não sei como vai estar o clima por aqui — respondi, nervosa. — Mas

prometo que nos encontramos na escola. Mal posso esperar pela nossa conversa. Te amo, Rory.

— *Também te amo, ursinho.*

Assim que desliguei, larguei o celular na cama e fui direto para o banheiro. Ao me encarar no espelho, vi o desastre completo: a maquiagem borrada, as olheiras profundas. Eu parecia um caco.

Alguns flashes da noite anterior invadiram meus pensamentos de repente. Eu dançando; Nolan me jogando no ombro; e depois eu tentando seduzi-lo no carro. Cobri o rosto com as mãos, mortificada.

— Meu Deus, que constrangedor! O álcool realmente tem o poder de humilhar uma pessoa.

Meu coração batia acelerado quando entrei na sala para tomar café. Papai estava sentado confortavelmente à cabeceira da mesa, com o jornal nas mãos. Embora seus olhos estivessem fixos nas páginas, eu sabia que ele prestava atenção em cada um dos meus passos.

— Senhora Audrey, pode me trazer um analgésico, por favor? — pedi, enquanto ela me servia uma xícara de café depois que me sentei. — Minha cabeça está latejando.

— Claro, querida. — Ela se inclinou e deixou um beijo suave na minha testa. — Já volto.

Sorri, mas só até ela se afastar.

— Dor de cabeça, é? — perguntou papai assim que ficamos a sós. — Bem, esse é um dos efeitos da ressaca. — Ele abaixou o jornal, me lançando um olhar direto. Seu semblante era óbvio: decepção. — A mínima expectativa que eu tenho é que você esteja arrependida e pronta para me pedir desculpas, Lila. Seu comportamento de ontem foi inaceitável.

Senti minhas bochechas queimarem de vergonha quando as lembranças da noite anterior voltaram a encher minha mente, sem que eu pudesse impedir.

— Me perdoe, pai. Sei que agi de forma irresponsável — pigarreei, aflita diante de tudo. — Mas isso não muda o fato de que o senhor gritou comigo horas antes de eu fugir de casa. — Encarei-o, esperando que ele entendesse minha mágoa. — Se vai apontar meus erros, deveria pensar um pouco nos seus também.

— Não se atreva a virar o jogo a seu favor — sibilou entre dentes.

Nesse momento, a senhora Audrey retornou com o analgésico. Agradeci, e ela se afastou novamente.

— Não estou tentando fazer isso, papai — falei em tom baixo, sentindo minha cabeça prestes a explodir. — Não tenho orgulho de ter saído escondida, muito menos de ter voltado para casa bêbada. Mas fiz isso porque me sinto sufocada aqui.

— Sufocada? — repetiu, incrédulo. — Olhe à sua volta, Lila — gesticulou para o ambiente —, eu te dou tudo do bom e do melhor. Desde que sua mãe morreu, minha vida tem sido dedicada a você e ao seu bem-estar.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Ele não tinha o direito de trazer a morte da mamãe para essa conversa.

Diante do meu silêncio, ele suspirou, passando as mãos pelo rosto.

— Filha, não quero brigar com você — disse, com o timbre mais suave. — Só que não posso permitir que continue nesse caminho. Ele não te levará a lugar nenhum.

Um sorriso de escárnio surgiu em meus lábios.

— E esse "caminho" tem nome e sobrenome, não é? Nolan Sullivan. — Cerrei o maxilar, sentindo a irritação tomar conta das minhas células. — Isso já está começando a parecer perseguição.

Tomei o analgésico e me levantei, pronta para sair.

— Sente-se. Ainda não terminamos — disse, com firmeza. — Hoje, eu vou te levar à escola.

O encarei, atônita.

— O senhor está desconfiando de mim? — perguntei, pálida.

Exasperou, balançando a cabeça.

— Você não me deixou outra escolha, deixou? — rebateu, voltando a pegar o jornal. — Além disso, a partir de hoje, você está de castigo.

Minha boca se abriu, processando suas palavras.

— Mas pai...

— Sem "mas"! Use isso como um tempo para refletir sobre seu comportamento. — Ele me encarou por cima das páginas. — E nem preciso dizer que quero você longe daquele delinquente, certo?

Não disfarcei um suspiro resignado e cruzei os braços, optando pelo silêncio. Qualquer palavra naquele momento só serviria para agravar mais minha situação.

Tinha acabado de me despedir do meu pai no estacionamento da escola quando avistei Rory à distância. Sem pensar duas vezes, cobri parcialmente o rosto com a mão e corri até ele, que se assustou com minha chegada repentina.

— *Ursinho*...

— *Shh!* — interrompi, puxando-o para longe, em busca de um lugar discreto, onde não pudéssemos ser vistos nem por Nolan ou por qualquer um dos seus primos.

— O que está acontecendo? — quis saber, se deixando ser arrastado. — Isso é algum tipo de jogo ou uma fuga real? — debochou.

— Estou me escondendo do Nolan — confessei, olhando ao redor com um olhar nervoso, temendo encontrá-lo em qualquer esquina. — Não estou preparada para vê-lo, muito menos para falar com ele.

Nos escondemos na área verde de *Avondale*, atrás de uma árvore grande, longe de olhares curiosos.

— Vocês brigaram por causa daquela fofoca com a Tara? — indagou, sentando-se no gramado.

Neguei com a cabeça.

— Ainda não falei com ele — desabafei, sentando-me ao seu lado. — Na verdade, discuti com meu pai. Agora ele quer me trazer e buscar na escola, todos os dias, como se eu fosse uma criança.

Revirei os olhos, ainda incrédula com isso.

— Mas o que não sai da minha cabeça é a bebedeira de ontem, além desse maldito boato sobre Nolan e essa tal de Tara. — Bufei, esfregando o rosto. — O mais estranho é que lembro dele me

levando para casa.

— Talvez ele tenha voltado à festa depois — sugeriu, segurando minha mão entre as dele. — Sinto muito por tudo isso. Você não merece essa confusão toda... é a garota mais certinha que conheço. — Inclinou a cabeça, com um sorriso malicioso. — Ou pelo menos, era. Depois de ontem, os boatos dizem que você quase fez um strip-tease na frente de todo mundo.

Fiquei boquiaberta, escandalizada.

— Meu Deus! — Dei um beliscão na barriga dele. — Eu não estava *tão* bêbada assim. Para com isso! — Fiz um bico emburrado, enquanto ele ria sem parar. — Mas, enfim, o que você tem para me contar?

Na mesma hora, ele desviou o olhar para nossas mãos entrelaçadas, parecendo um pouco distante.

Por um momento, me lembrei da primeira vez que nos conhecemos, na clínica psiquiátrica, há quase um ano. Rory tinha o mesmo olhar perdido, assustado. Na ocasião, senti uma vontade enorme de abraçá-lo, porque eu também estava perdida. Foi aí que ele começou a me chamar de "ursinho".

— Ontem, eu fiquei com alguém — disse com um timbre baixo, sem me encarar.

Franzi o cenho, confusa por ele estar tão hesitante.

— E isso é novidade por acaso? — balbuciei, atordoada. — Você já ficou com várias garotas numa única festa, Rory. — Rolei os olhos teatralmente. — Mas parece que dessa vez foi especial, né? Quem é ela?

Nesse momento, ele me olhou.

— *Ela?* — repetiu, com um sorriso travesso. — Eu não disse que era uma garota.

Fiquei petrificada por um instante, espanto tomando conta do meu rosto.

— *RORY!* — gritei, mas ele logo cobriu minha boca com a mão.

— Fica quieta, garota! — Olhou ao redor. — Quer que toda *Avondale* descubra que estamos nos escondendo aqui? Daqui a pouco, o “demônio Sullivan” vai aparecer. Porque, com certeza, ele deve estar te procurando por todos os cantos. — Bufou, debochado.

— Espera, você ficou com *um cara*? — questionei, assim que ele tirou a mão da minha boca. — Rory, eu não sabia que você era bissexual.

Ele me lançou um sorriso tímido, um pouco envergonhado.

— Não é algo que eu costumo falar por aí — admitiu, dando de ombros. — Na verdade, achei que tivesse superado isso depois da temporada naquela maldita clínica.

Arregalei os olhos.

— Você foi internado por causa da sua sexualidade? — perguntei, chocada.

— Nem todos os pais são compreensivos, *ursinho* — respondeu, enchendo os pulmões de ar. — Mas não quero me estender nesse assunto. — Seu sorriso travesso voltou. — Só queria compartilhar essa experiência com minha melhor amiga, sabe? Porque, de todas as bocetas que já comi, nada se compara ao pau que toquei ontem.

Cobri a boca com as mãos, incapaz de conter o riso e o rubor que subiu às minhas bochechas. Rory também riu comigo.

— Eu fico bêbada e humilhada, enquanto você fica com um *cara* incrível? — provoquei entre risadas. — Isso significa que você realmente aproveitou, hein?

— Aproveitar? *Ursinho*, você não faz ideia. — O sorriso malicioso se alargou.

Pisquei, absorvendo a informação.

— Certo, e você vai me contar quem é esse "pênis de ouro"? — intimei, sentindo meu rosto queimar de vergonha.

Rory soltou uma gargalhada.

— Você está muito "Grey's Anatomy"— debochou. — Deixa o termo "pênis" para as aulas de anatomia. "Pau" soa muito mais divertido! — Riu ainda mais, e eu o acompanhei. — E não, meu "pau de ouro" vai continuar sendo um segredo.

Fiz um beicinho, frustrada.

— Ah, Rory, sério? — Fiquei chateada. — Vai mesmo me deixar morrendo de curiosidade?

Deu um beliscão no meu nariz.

— Sim, vou te deixar na curiosidade! — Levantou-se. — Nem sei se vou ter a chance de ficar com ele de novo. Só peço que guarde isso entre nós, *tá*?

Fiquei de pé também.

— Claro, pode confiar em mim. — Puxei-o para um abraço apertado. — Eu só quero que você seja feliz, Rory. Sempre vou te apoiar, independentemente das suas escolhas.

Optou por não dizer nada, mas o aperto firme que deu em meus braços falou tudo o que eu precisava saber.

Meu celular não parava de vibrar com mensagens incessantes do Nolan. Felizmente, eu consegui evitar qualquer encontro com ele desde cedo, e estava ignorando suas tentativas de contato. Não tirava da cabeça o vexame da noite anterior, muito menos aquela maldita fofoca de que ele teria ficado com outra garota depois de me deixar bêbada em casa.

— Droga, droga, droga! — Esfreguei o rosto com ambas as mãos antes de largar o celular de lado.

De repente, o som da porta do banheiro se abrindo chamou minha atenção. Eu estava sentada no canto, mais uma vez me escondendo do "psicopata".

— Lugar estranho para almoçar — comentou uma garota ao entrar.

Quando olhei para ela, senti o destino me pregar mais uma peça. O ciúme ferveu no meu peito ao lembrar do boato que Rory me contou: essa era a garota que supostamente ficou com Nolan.

— O que te importa? — rosnei, sentindo meu tom ácido.

Tara piscou, um pouco desconcertada. Ela era bonita. Seus cabelos vermelhos chamavam atenção, e seus traços delicados, junto com as sardas e os olhos verdes, a tornavam mais marcante. No fim, me dei conta de que ela era a garota a qual Ross era obcecado. *A furacão vermelho.*

— Desculpa, não quis ofender — disse, pigarreando. — Eu entendo como é quando a cabeça está cheia. — Ligou a torneira e me ignorou por um momento. Joguei a cabeça para trás, encostando-a na parede, desejando que aquele dia acabasse logo. — Na verdade, eu queria conversar com você, Lila.

Não sabia ao certo quanto tempo fiquei escondida do lado de fora do vestiário masculino, esperando todos saírem para, finalmente, entrar e falar com Nolan. O nervosismo me consumia, e a vergonha de tudo o que aconteceu só piorava a situação. Quando notei que ele estaria sozinho, tomei coragem e entrei.

Nolan estava sem camisa, apenas de bermuda, mexendo em algo dentro do seu armário.

— Cansou de fugir de mim? — perguntou, sem sequer olhar na minha direção. Permaneci estática a poucos metros de distância. Ele girou a cabeça e me encarou. — Passei o dia inteiro te procurando, Lila.

Juntei as mãos para conter o nervosismo que me consumia.

— Eu sei... me desculpa — falei com um suspiro pesado. — Mas, além de estar morrendo de vergonha do que fiz ontem na festa, fiquei furiosa com o boato de que você voltou lá e se trancou num dos quartos com a Tara. — Fiz uma careta. — Eu realmente te odiei por isso.

— Odiou? — Inclinou a cabeça, dando alguns passos na minha direção. — Isso quer dizer que já não odeia mais?

Enchi os pulmões de ar, para não deixar transparecer quão nervosa estava.

— Não — respondi, sincera. — Falei com a Tara, e ela me contou o que realmente aconteceu.

Na verdade, Tara explicou que tudo o que os dois fizeram foi ficar alguns minutos no quarto, apenas se encarando, até que Ross entrou de repente, feito um trator. Aliás, ela mencionou que os dois primos acabaram brigando. Isso explicava o olho roxo de Nolan.

Arqueou as sobrancelhas.

— Você falou com a Tara? Uau. — Esboçou um sorriso impressionado. — Tudo isso por ciúmes, *baby?*

Rolei os olhos diante de sua arrogância.

— Não seja convencido! —Tentei afastar suas mãos que vieram ao meu encontro, mas ele foi mais rápido e dominante. — Tara me encontrou no banheiro, e nós duas conversamos. Só isso.

Ele franziu o cenho e me puxou pela cintura.

— Então, você e a Tara são amigas agora?

— Ela é legal. E, para ser sincera, ela realmente não suporta o Ross — falei, rindo e dando de

ombros.

— Também, depois do que ele fez...

Fiz uma careta, confusa.

— O que ele fez?

— Não é algo que nos diz respeito, querida.

Nolan começou a beijar meu pescoço, e eu lutei para manter a clareza dos pensamentos.

— Nolan, acho que a gente precisa conversar sobre ontem.

— Não tem o que conversar — resmungou, seus lábios ainda pressionando a pele do meu pescoço. — Você estava bêbada, falou umas bobagens. Nada fora do comum. — Ergueu a cabeça para me olhar nos olhos. Seus dedos tocaram meu rosto. — Você precisa aprender a confiar em mim, Lila. — Ele roçou nossos lábios de leve. — Eu senti sua falta.

Enlacei meus braços ao redor do seu pescoço.

— Eu também senti — confessei, decidindo ser honesta sobre meus sentimentos.

Então, ele me beijou de verdade. Um beijo intenso, que fez meu coração disparar. Arfei contra seus lábios, sentindo todo meu autocontrole se esvair.

— Sentiu falta disso? — provocou, apertando minha cintura, me puxando para mais perto, conforme mordia meus lábios. — Ou disso? — Ele pressionou sua ereção contra meu abdômen, e minha respiração falhou.

— Nolan, ainda estamos na escola — consegui dizer, com a voz trêmula.

O atrevido ignorou o aviso, seus lábios continuando a viajar pelo meu pescoço, enquanto sua mão subia até meus seios, onde ele apertou, brincando com meus mamilos. Um arrepio percorreu meu corpo todo.

— E daí?

Tentei respirar, mas o ar parecia escapar.

— *E-e... da-dai* que aqui não é... — gaguejei, incapaz de formar uma frase coerente.

— *Hmm*... então você quer? — provocou, sem parar de me beijar. — Quer ou não quer? —

Apertou minha bunda, fazendo meu corpo reagir instintivamente com um pequeno salto.

De repente, eu o empurrei, vendo a surpresa surgir em seus olhos. Sem desviar o olhar, caminhei até a porta e a tranquei. Nolan permaneceu onde estava, observando cada um dos meus movimentos como um predador atento.

Voltei para ele, já tirando o blazer, seguido da camisa.

— Ah, quer saber? Dane-se! Você está certo, eu quero.

Em um movimento rápido, pulei em seus braços. Ele me segurou, e eu enrosquei minhas pernas ao redor de sua cintura, nossos lábios se encontrando com a mesma intensidade. Mas eu queria mais. Queria mostrar que também sabia como enlouquecê-lo.

Desci de seu colo, mas não interrompi o beijo. Meu toque se tornou mais ousado conforme meus lábios percorriam seu maxilar, pescoço e o lóbulo da sua orelha, onde brinquei com seu brinco. Fui descendo devagar até seu peitoral, me sentindo triunfante ao ouvir seus gemidos roucos.

— Querida, o que você acha que está fazendo? — sua voz soou pesada de desejo. — Não que eu vá reclamar, claro. Mas você tem certeza de que aguenta?

Que arrogante!

— Vamos descobrir! — Puxei sua bermuda e cueca para baixo de uma só vez. Ajoelhei-me diante dele, ficando cara a cara com sua ereção. — Por onde eu começo? — Lancei um olhar provocante para seu rosto.

Eu desejava parecer confiante, mas por dentro, o nervosismo me consumia.

— Por onde você quiser, *baby*. Aproveite...

Com seu sinal verde, envolvi meu punho ao redor de seu pau. Sem pensar muito, levei-o à boca, até onde consegui sem me engasgar. A sensação inicial foi desconfortável, mas os sons que Nolan deixou escapar me animou

— Cuidado com os dentes — avisou, entre dentes. — Dói.

Soltei-o com um estalo suave.

— Desculpa — soprei, antes de voltar a lambê-lo.

Lutei para encontrar um ritmo, focando nos movimentos que o faziam gemer mais. Nolan era grande e espesso, o que tornava difícil colocar tudo na boca sem sentir o reflexo de ânsia me

dominar.

— Aposto que você nunca teve uma garota tão desajeitada quanto eu, né? — brinquei, ainda que a ideia estivesse mexendo com meu ego.

Acariciou meu rosto, seus dedos se embrenhando nos meus cabelos.

— Desde que você queira fazer, pode tropeçar à vontade, eu não me importo. Só quero você, *baby*.

Então, ele me puxou para cima e me beijou,sua língua encontrando a minha com voracidade.

— Mas eu ainda não terminei — protestei, entre um beijo e outro.

— Não quero gozar na sua boca.— Me guiou até o armário e me virou de costas para ele. — Quero gozar dentro de você.

Fiquei quieta quando ele pegou uma camisinha da carteira, cobrindo-se rapidamente antes de voltar a se aproximar de mim, colando seu corpo ao meu.

— Nolan...

— *Shh...* — soprou no meu ouvido, mordendo minha orelha de leve enquanto levantava minha saia e puxava minha calcinha para o lado. — Vai ser rápido, mas eu garanto que você vai gozar.

Deixei um gemido baixo escapar quando ele entrou em mim com uma estocada só.

— *Droga!* — disparei, sentindo uma leve ardência. — Você disse que a partir da segunda transa ficaria melhor — reclamei, e ele segurou meus cabelos, pressionando meu rosto contra o armário.

— E vai ficar! — rugiu, lambendo minha orelha, meu rosto, meu pescoço, sem parar o ritmo intenso das estocadas.

Sua outra mão encontrou meu seio, descendo logo em seguida, até alcançar meu ponto mais sensível. Não demorou até que um calor intenso tomasse conta do meu corpo, subindo dos pés à cabeça, se concentrando entre minhas pernas. Naquele momento, nada mais importava além daquela conexão avassaladora.

Era Nolan e suas loucuras.

Quando finalmente cheguei ao clímax, com um gemido baixo, ele focou no próprio prazer, alcançando o dele logo em seguida.

— Ah, *caralho*, que delícia de boceta. Minha! — Gemeu no meu ouvido, fazendo um arrepio percorrer minha espinha. — Só minha!

Ficamos imóveis por alguns segundos, até que Nolan se retirou de dentro de mim, me arrancando um pequeno resmungo. Ele depositou beijos suaves na minha nuca e ombro.

— Está tudo bem? — quis saber, o tom mais suave. — Te machuquei?

Neguei com a cabeça, ajustando minhas roupas.

— Só ardeu um pouco no começo — admiti, sentindo minhas bochechas ficarem vermelhas. Me virou de frente para ele. — Eu vou sair primeiro — avisei. — Não sabemos quem pode aparecer por aqui.

— Não que eu me importe — disse, acariciando meu rosto com o dorso da mão —, mas sei que você sim.

Me afastei antes que ele pudesse me envolver de novo com seus encantos. Era impressionante como Nolan tinha o poder de me fazer ceder.

Lá fora, eu ainda estava ajeitando meu uniforme amassado e tentando domar meus cabelos bagunçados quando esbarrei em alguém.

— Ai! — exclamou uma voz feminina. Nem precisei olhar para saber quem era. — Mais uma vez, a vadia trepadeira que não olha por onde anda, né?

Semicerrei os olhos, encarando Brigid de cima a baixo. Ela estava sozinha, o que por si só já era um milagre.

— Não tenho culpa se você sempre aparece no meu caminho — grunhi, entre dentes.

Abriu a boca para responder, mas hesitou quando a voz de Nolan soou atrás de mim:

— *Baby*, se você me chupar assim de novo, eu... — ele parou ao perceber Brigid ali, na minha frente. A expressão da vadia se transformou numa máscara de puro choque.

Meu rosto ficou vermelho de vergonha, mas mantive a postura.

— Vocês... — gesticulou entre Nolan e eu, incrédula — é sério, Nolan? Isso realmente está acontecendo?

Olhei para ele, notando seu revirar de olhos. Envolveu minha cintura com um dos braços de maneira possessiva. O orgulho começou a subir em mim.

— Parece que estamos brincando? — ironizou, entediado.

Brigid ficou claramente abalada. Seu rosto adquiriu um tom de vermelho, mas eu sabia que era de raiva.

— Ela te chupou? — Apontou para mim, mas seus olhos estavam nele. — Você nunca me deixou...

Nolan ergueu a mão, interrompendo-a:

— Isso é porque você sempre foi fácil demais. Com você era só sexo. Entrar e sair, e pronto! — decretou, sem rodeios. — Agora, me dá licença, porque *minha* namorada e eu estamos atrasados.

Sem perder tempo, entrelaçou nossos dedos e me puxou para longe. Brigid ficou lá, imóvel, chocada demais para reagir.

No caminho, à medida que tudo o que aconteceu foi se processando na minha mente, olhei para Nolan.

— Eu pensei que você tivesse feito de tudo com ela.

Ele me lançou um olhar divertido, com um sorriso brincando nos lábios.

— Ah, querida, não pense muito nela. Brigid nunca significou nada. E quanto a isso, meu pau é reservado só para sua boquinha.

Pisquei, atordoada, sacudindo a cabeça.

— Mas você transou com ela, isso é inegável.

— *Baby*, sempre com camisinha. E esquece isso. Em nenhuma das vezes, eu estava sóbrio. Seria impossível de outra forma.

Fiquei sem palavras diante daquilo, tão incrédula que demorei a perceber o que estava acontecendo ao nosso redor. Quando chegamos à saída da escola, empurrei Nolan para longe ao avistar meu pai no estacionamento. Por sorte, ele não nos viu.

— O que foi isso? Parece que viu um fantasma. — Nolan se encostou à parede após o meu empurrão.

— Desculpa, meu pai veio me buscar. Esqueci de te contar, mas estou de castigo. — Falei, desapontada.

Seu cenho ganhou alguns vincos.

— Quantos anos você tem? Dez?

— Para ele, acho que cinco. — Bufei, exasperada. — Mas não quero piorar as coisas. O que significa que ele não pode nos ver juntos.

Contrariando minhas expectativas, Nolan sorriu e levantou a mão até meu rosto, puxando-me para um beijo.

— Tudo bem, querida — soprou contra meus lábios. Então, percebeu que o colar que ele me deu estava à mostra e, com um gesto gentil, o escondeu dentro da minha camisa. Sorri com o carinho inesperado. — Quero te levar para conhecer minha família — disse de repente, e meus olhos se arregalaram.

— *Ma-mas...*

— Nada de *"ma-mas"* — me cortou, zombando da minha gagueira. Pegou minhas mãos e as beijou, seus olhos fixos nos meus. — Você precisa entender que não somos os monstros que te fizeram acreditar.

Quase corrigi dizendo que foi *meu pai* quem me fez acreditar. Porém, me contive.

Enchi os pulmões de ar na tentativa de processar tudo.

— Apenas pense sobre isso — pediu.

— Tudo bem — concordei, me soltando do toque dele. Meu telefone começou a tocar. — Agora eu preciso ir. — Mostrei a tela do celular para ele, onde o nome do meu pai piscava. — Meu *general* está me chamando — brinquei, mas ele não achou graça.

Me afastei, nervosa, ainda com as pernas bambas e a cabeça cheia de pensamentos confusos.

Como eu iria sair dessa enrascada?

— E aí? Vai continuar com essa cara de quem comeu e não gostou por quanto tempo, hein? — perguntei a Ross, que mordia seu lanche com uma expressão irritada.

— Ainda estou tentando entender que diabos rolou entre vocês dois naquela festa da semana passada — resmungou Tyler, entediado. — Isso tem a ver com alguma garota?

— O que você acha? — retrucou Noah, revirando os olhos com impaciência.

Notei alguns chupões visíveis no pescoço dele.

— Melhor cobrir isso aí — apontei, com a testa franzida. — A mamãe pode fazer perguntas.

Na mesma hora, ele levou a mão ao pescoço, como se soubesse exatamente onde as marcas estavam. Nós éramos irmãos, mas não tão próximos. Eu buscava ser o irmão mais velho presente, mas Noah sempre me afastava.

— Você ainda tem a coragem de perguntar? — rosnou Ross, os lábios contraídos de raiva. — Fizemos um acordo, Nolan, e você não cumpriu sua parte como deveria.

Pisquei, incrédulo com a cobrança.

— *Tá* falando sobre eu ter levado a Tara para um dos quartos da Sede? — Eu estava me divertindo com o brilho de raiva nos olhos dele. Era engraçado, porque Ross raramente mostrava qualquer emoção assim. — Te falei que levaria a "furacão" até você, mas nunca contei como faria isso. — Dei de ombros, sem remorso algum. — O resto era por sua conta. Não tenho culpa se você não sabe como conquistar uma garota.

A mesa inteira caiu na risada, exceto Ross, claro, que continuou com a mesma expressão

emburrada.

A verdade era que, depois da nossa conversa na festa — em que ele ficou de conseguir informações mais aprofundadas sobre o passado da Lila —, eu acabei esbarrando na Tara sem querer e expliquei o que precisava dela. Para o azar do meu primo idiota, a garota o detestava com todas as forças, então colaborou só para provocá-lo mais.

— Sério, Ross, você precisa ver a sua cara — insinuou Elijah, entre risadas. — Dá *pra* sentir a dor de cotovelo daqui.

— Começo a achar que tem algo errado com ele. — Noah acrescentou, com um sorriso malicioso. — Talvez seja o fato de ele não conseguir conquistar a única garota que o rejeita.

— Vocês são um bando de idiotas. — Ross resmungou, cruzando os braços e se afundando na cadeira, visivelmente incomodado.

— Ei, vamos pegar leve com ele, pessoal — zombei, sem conseguir segurar o riso. — O Ross está passando por uma fase difícil. Não é todo dia que você descobre que a garota dos seus sonhos prefere o primo.

— Garota dos sonhos? — Tyler gargalhou. — Estamos falando da mesma Tara que o chama de "insuportável" toda vez que o vê?

— Ela mesmo! — Noah fingiu uma expressão compreensiva. — Parece que ele não está captando as "dicas sutis" dela.

— Vai se ferrar, Noah! — Ross explodiu, batendo a mão na mesa. — Não preciso que nenhum de vocês me dê lição de moral, muito menos você!

Inclinei-me na mesa, saboreando a raiva dele, mas antes que pudesse continuar com as provocações, vi Lila entrando na lanchonete, acompanhada de Rory. Ela caminhava com a confiança de quem sabia que todos os olhares estavam nela, o que de certa forma, estavam mesmo.

Seus olhos logo encontraram os meus, e um sorriso suave surgiu naqueles lábios que eu amava beijar. Sem hesitar, ela se dirigiu ao nosso grupo.

— Aí vem a minha garota — falei, com um sorriso de canto.

Lila chegou à mesa e, sem dizer uma única palavra, sentou-se no meu colo como se fosse o lugar mais natural para ela. Passei os braços ao redor de sua cintura, sentindo o encaixe perfeito entre nós dois.

— Oi, pessoal! — exclamou, ajeitando o cabelo e me dando um beijo rápido nos lábios. — O

que estão discutindo?

— Nada demais! Só o Ross sendo o Ross. — Tyler respondeu, fazendo um gesto com a cabeça em direção ao primo, que continuava emburrado.

— Ah, claro! — Lila respondeu, lançando um olhar rápido e desinteressado para Ross, antes de voltar a focar em mim. — O de sempre, então.

Rory ficou de pé ao lado da mesa, olhando para os lados, entediado com a conversa.

— Isso aqui já virou uma rotina previsível, né, *"ursinho"?* — disse no fim.O tom de sarcasmo evidente. Lançou um olhar para mim e Lila, revirando os olhos. — Daqui a pouco, vocês dois vão ser denunciados por atentado ao pudor.

— *Tá* com ciúmes? — provoquei, apertando Lila um pouco mais.

— Ah, claro, nada me deixa mais enciumado do que ver vocês dois se agarrando em público — respondeu, cruzando os braços com impaciência. — Realmente, esse é o ponto alto da minha semana.

Lila soltou uma risadinha e virou-se para mim.

— Você precisa parar de provocar o Rory, Nolan — pediu, mas não parecia nem um pouco séria.

— Eu? — rebati, arqueando uma sobrancelha. — Ele que devia parar de te chamar de "ursinho" na minha frente.

— Interessante ver como você se sente ameaçado por mim, Nolan — zombou Rory, com um sorriso de canto. — Acho que sou um adversário à altura, afinal.

Senti meu maxilar se apertar, a irritação crescendo.

— Rory, para com isso! — Lila resmungou com uma bufada.

— Eu? Só estou me defendendo — Voltou a olhar ao redor como se buscasse uma desculpa para sair dali. — Só vim porque você pediu, Lila. Mas, aviso logo: não vou ficar muito tempo. Esses *caras* não são exatamente minha companhia favorita.

— Ei, eu sou uma ótima companhia — Tyler protestou, fingindo estar ofendido. — Acho que quem tem gosto duvidoso por aqui é você, Maguire.

— Claro, claro — Rory replicou, com desdém.

— Engraçado você falar isso, considerando que está sempre nas nossas festas — argumentou Elijah, com uma sobrancelha arqueada. — Talvez devêssemos começar a barrar você, já que não gosta tanto assim da gente.

Rory soltou uma risada curta.

— Não sou obrigado a gostar de nenhum de vocês, imbecis. Meu único motivo para estar por perto é minha amizade com a Lila. Fora isso, vocês podem se foder!

— Rory! — Lila exclamou, surpresa e um pouco nervosa.

— Uau, parece que alguém tem muita raiva reprimida — zombou Noah, com um sorriso no rosto. — Melhor disfarçar um pouco, Maguire, ou meu irmão pode achar que você *tá* tentando roubar a garota dele.

Todos riram, exceto Rory, que apenas bufou.

Enquanto as provocações continuavam, Lila se ajeitou melhor no meu colo, e passei os dedos pelo seu cabelo, sentindo o perfume adocicado. Já Ross, por outro lado, continuava com a cara fechada, incomodado com o que dissemos, ou sei lá o que se passava na cabeça dele.

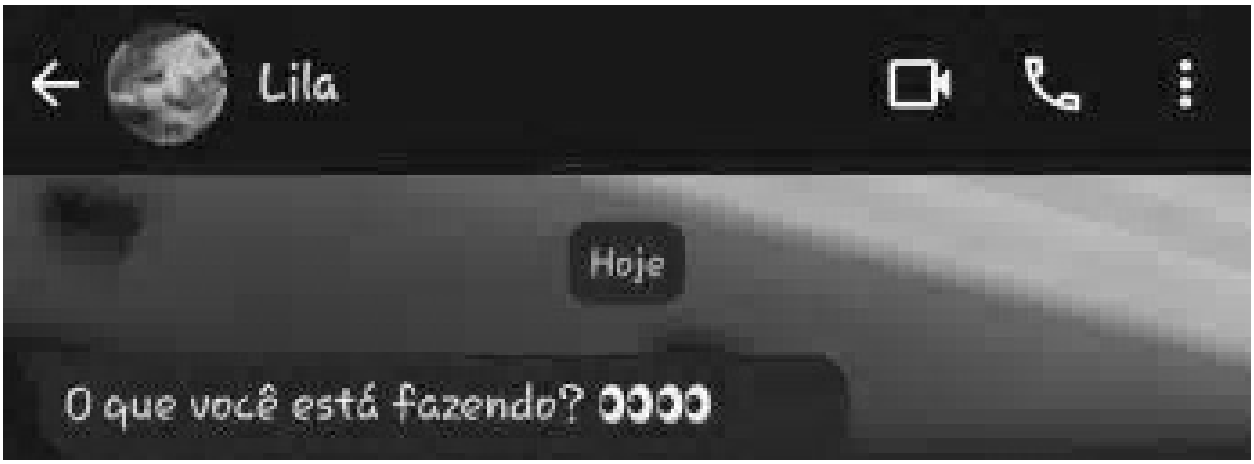
— Relaxa, Ross — falei, sem evitar o sorriso. — Tenho certeza de que, em algum momento, a Tara vai perceber que você existe e te dar uma chance.

Ele me lançou um olhar fulminante, mas permaneceu em silêncio. Tanto eu quanto Lila rimos da situação.

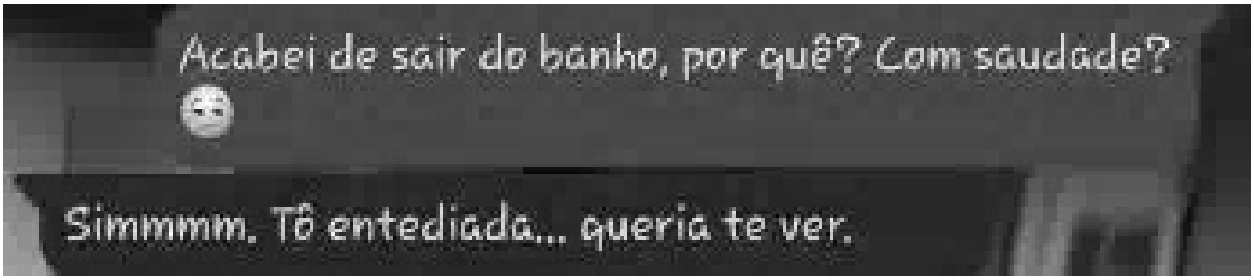
Por um momento, meu foco ficou apenas nela, no seu sorriso lindo. A última semana tinha sido um pouco mais complicada do que o normal para nós, com todas as novas regras impostas pelo seu pai. Mas nada disso me afastou dela. Continuei encontrando maneiras de estar com ela, de beijá-la sempre que possível, de tocá-la e de foder com ela sempre que tínhamos a oportunidade. Lila era minha, e nenhuma proibição ou restrição idiota me manteria longe dela.

Nunca**.**

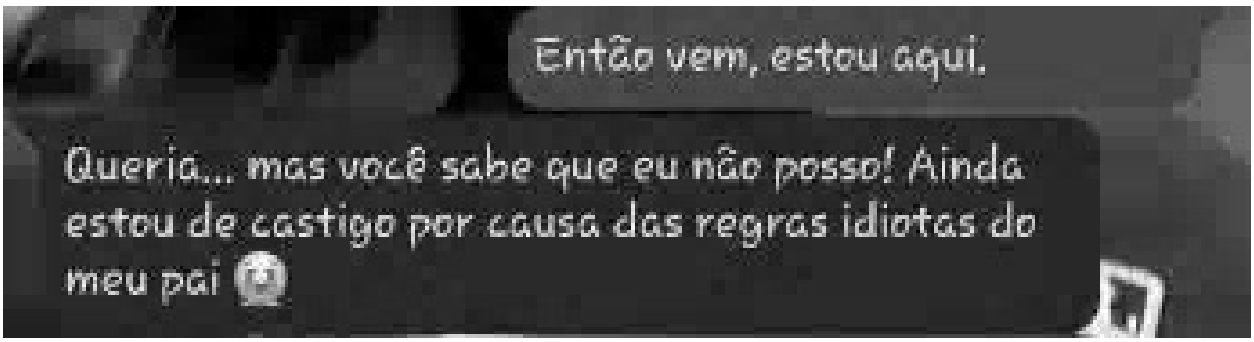
Eu tinha acabado de sair do banho, com uma toalha enrolada na cintura, quando ouvi meu celular vibrar sobre o armário de cabeceira. Me sentei na cama e peguei o aparelho. Um sorriso surgiu no meu rosto ao ver o nome de Lila na tela.



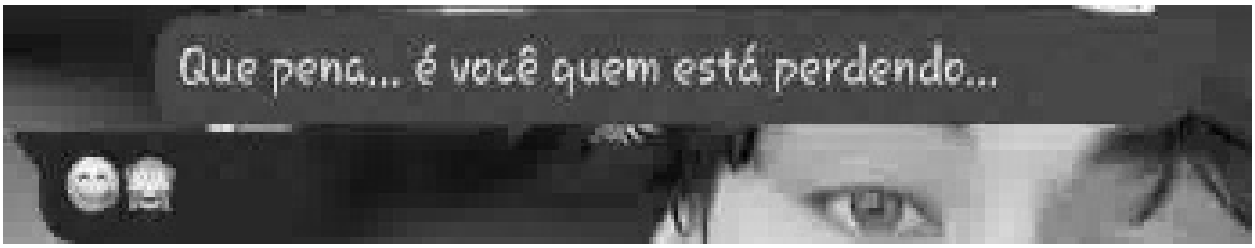
Ainda sorrindo, respondi o mais rápido que pude:



Passei a língua pelos lábios, sem perder o sorriso.

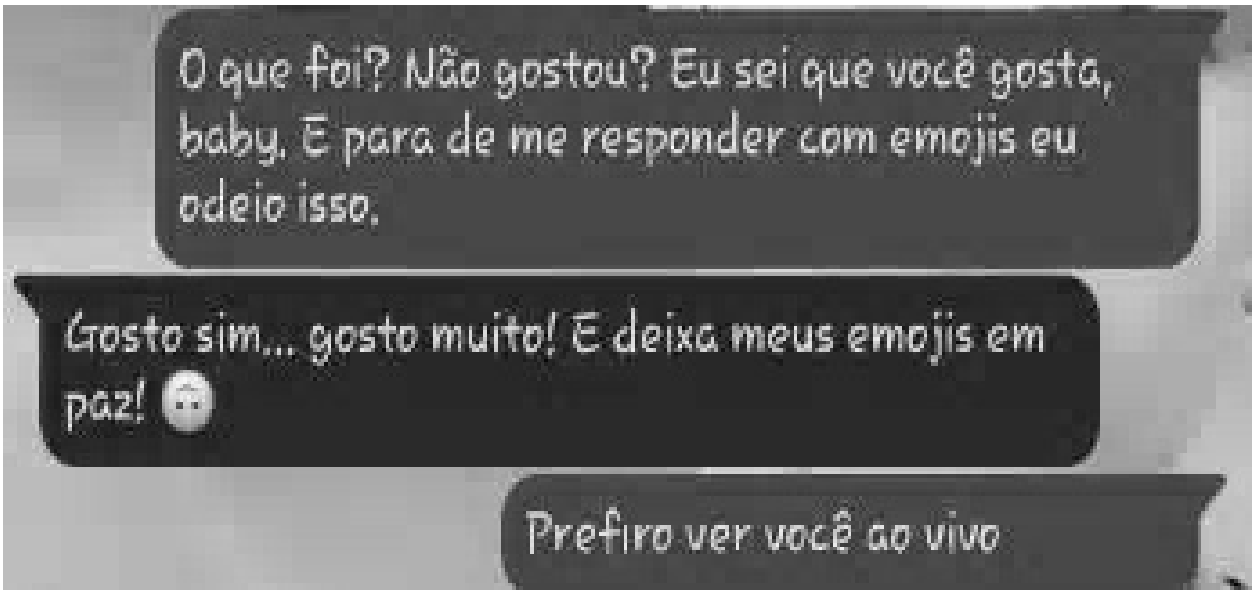


O emoji de choro me irritou, porque me lembrou da situação frustrante em que estávamos. Pensando um pouco, decidi aproveitar a ocasião. Ainda de toalha, tirei uma selfie, exibindo meu abdômen e o “V” visível na cintura.



Ela respondeu com dois emojis?

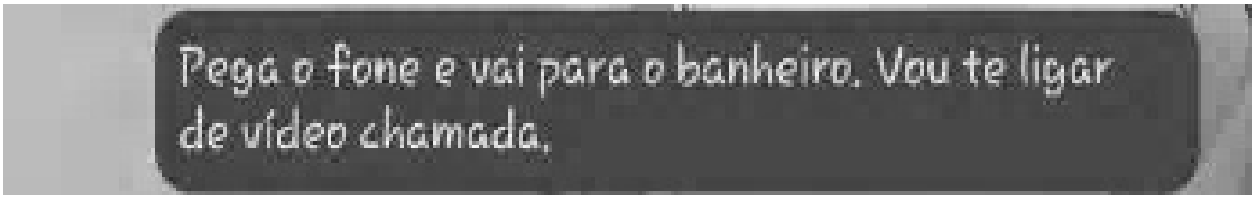
Revirei os olhos.


O que foi? Não gostou? Eu sei que você gosta, baby. E para de me responder com emojis eu odeio isso.
Gosto sim... gosto muito! E deixa meus emojis em paz!
Prefiro ver você ao vivo

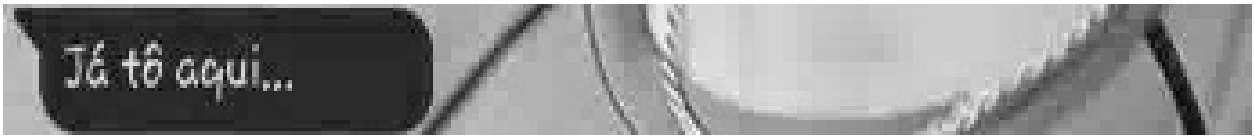
Começou a digitar, parou, e depois voltou a digitar de novo. Ficou nisso por tanto tempo que comecei a ficar zangado. Antes que eu pudesse reclamar, ela me surpreendeu com uma foto. E não era qualquer foto... ela me mandou uma foto dos seios.

Puta merda! Essa garota estava querendo me matar.

Senti meu corpo esquentar enquanto digitava:



Em poucos segundos, a resposta chegou:



Fui incapaz de parar de sorrir. Assim que a chamada de vídeo iniciou, a primeira coisa que notei foi que ela estava com uma blusa.

— Por que está escondendo *meus* peitinhos? — perguntei, notando o rubor em suas bochechas. — Achei que você queria brincar, *baby*... porque eu quero. — Sorri malicioso, enquanto me jogava na cama, deixando a toalha cair. Afastei o celular o suficiente para que ela pudesse me ver tocando em mim mesmo. — Olha só o que você fez comigo.

— Nolan... — murmurou, com a voz abafada.

— Eu preferia que você estivesse aqui, mas depois daquela foto, eu não ia conseguir ficar quieto, querida.

— Você é tão descarado. — Sorriu, tímida, tirando a blusa do pijama.

— Toque-se para mim, *baby* — pedi, excitado. — Aperta os mamilos.

Mesmo com toda a intimidade que tínhamos, dava para notar que Lila ainda ficava um pouco encabulada.

— Isso é tão estranho — reclamou, embora seus dedos já estivessem beliscando os próprios seios. Ela estava sentada na tampa do vaso, provavelmente com o celular apoiado na bancada da pia. — Não é a mesma coisa sem você...

— Mas eu estou aqui, querida — falei, sem parar de me tocar. — Imagina que são minhas mãos, minha boca nos seus peitos, e que meu pau está todo enterrado dentro de você. Sua boceta já *tá* molhada?

— Nolan... — balbuciou, o rubor em seu rosto ficando mais evidente.

— Você que começou, *baby* — brinquei, provocando. — Vou ter que gozar. E quero que seja com você. Tira o short e a calcinha. Me mostra sua bocetinha.

Antes que ela pudesse fazer isso, algo a distraiu. Seus olhos se arregalaram.

— É meu pai! — sussurrou, apressada. — Já volto! — disse, vestindo a blusa de novo compressa. Logo saiu da frente da câmera.

Parei de me tocar, não querendo ir até o fim sem ela. Fiquei curioso sobre o que estava

acontecendo, mas não consegui ouvir nada. Minutos depois, ela voltou, sorrindo.

— Meu pai saiu — anunciou. — Ele só queria avisar que vai me deixar sozinha pelas próximas horas. — Revirou os olhos.

Enchi meus pulmões de ar, focado nela.

— *Baby*, eu já pulei sua janela a semana inteira... vem jantar comigo.

Pareceu pensativa. Eu vivia fazendo esse convite, mas ela nunca aceitava. O medo — ou o constrangimento — de finalmente conhecer minha família a travava.

— Não prefere vir aqui?

— Nem pensar! — respondi. — Vem jantar comigo. Prometo te devolver antes do seu pai voltar.

Hesitou por um momento.

— Ok, ok! Mas preciso tomar um banho primeiro.

Um sorriso largo tomou conta do meu rosto.

— Tá melada, *né?* — provoquei, rindo ao vê-la corar.

— *Argh!* Cala a boca! — exclamou, sem esconder o constrangimento.

Dei uma gargalhada.

— Te espero na esquina da sua casa.

— Estarei pronta em alguns minutos — avisou, ainda um pouco envergonhada.

Lila mal entrou no carro e eu já a puxei para meus braços.

— Vamos para a minha casa. Mas antes disso... te levarei direto para o meu quarto — decretei contra seus lábios. — Você não terminou, e eu só vou sossegar depois que te fizer gozar. Depois disso, aí sim, a gente vai jantar. — Sorri. — Primeiro, eu janto você.

— Nolan, isso é ridículo! — declarou, ainda afetada. Afastou-se para finalmente se ajeitar no banco, inclusive, colocando o cinto.

— Ridículo é você ficar frustrada, com essa bocetinha linda escorrendo — provoquei, cheio de malícia. — Ou não está sentindo nada?

Liguei o carro.

— Não vou me trancar no seu quarto com você. Ficou maluco? O que seus pais vão pensar de mim?

— Vão pensar que eu sou incrível!

Riu, balançando a cabeça, parecendo não acreditar no que eu disse.

— Convencido!

— Você já sabe que eu sou, querida.

Ficou em silêncio, mesmo quando minha mão deslizou pela sua perna durante o curto trajeto até minha casa.

— Seus pais não ligam que você leve meninas para o quarto? — quis saber quando passamos pela porta dos fundos, minutos depois. Eu não estava brincando quando disse que ia devorá-la primeiro.

— Não *meninas*. Só você. Eu nunca trouxe ninguém aqui. — Lancei-lhe um olhar rápido, querendo que ela visse minha sinceridade. — E eles sabem que, se eu trouxe alguém, é porque essa pessoa é importante.

Para minha surpresa, ela não falou nada.

Assim que chegamos ao meu quarto, tranquei a porta e não perdi tempo. Agarrei Lila com fome, antes mesmo de ela ter chance de explorar o ambiente. Ela usava jeans e uma blusa de alças finas.

— Nolan, nem pense em rasgar minha roupa — balbuciou, sem fôlego. — Não quero aparecer toda bagunçada no jantar.

Deixei uma risada divertida escapar.

— Você ficaria linda até de pijama, *baby*. — Deitei-a na cama e puxei sua calça e calcinha de uma vez só, deslizando pela suavidade de suas pernas. Meu olhar se prendeu à sua boceta, brilhando de excitação. — Exatamente como imaginei!

Segurei suas pernas, mantendo-as abertas para mim, e sem hesitar, mergulhei minha boca entre suas coxas. Chupei-a com a fome que me consumia, viciado nos sons que ela fazia, nos gemidos abafados e na maneira como suas mãos puxavam meus cabelos, me pressionando ainda mais contra sua boceta.

— Quero que você grite! — ordenei, olhando para ela. — Não precisa se segurar, *baby*. Meus pais não são retrógrados como o seu.

Ela me beliscou, dando um puxão forte no meu cabelo. Não resisti e subi pelo seu corpo, ficando cara a cara com ela. Já estava nu, com a camisinha colocada, então afastei suas pernas e entrei nela de uma vez. Nossas bocas se encontraram em um beijo intenso, seguindo o ritmo das minhas estocadas.

— *Hmm*... — gemeu, arranhando minhas costas de um jeito que me enlouquecia cada vez mais. — Isso é uma loucura, Nolan. Meu pai me mataria se soubesse onde estou.

— E onde você está, querida? — provoquei, girando o quadril. — Com a boceta no meu pau.

Arqueou o corpo, completamente rendida,conforme envolvia meus ombros com os braços, o suor escorrendo de nós dois. Quando percebi que ela estava prestes a gozar, aumentei a intensidade, buscando também o meu próprio prazer. Gozei com a boca na dela, mordendo seu lábio inferior.

Mesmo depois de termos terminado, continuei dentro dela, mantendo nossos olhares conectados.

— Acho que vou proibir de trocarem os lençóis — falei, ainda ofegante. — Quero sentir o cheiro da sua boceta aqui.

Cobriu o rosto, ruborizada.

— Que nojento, Nolan! — exclamou, rindo.

Eu apenas sorri e afastei suas mãos para beijá-la de novo.

Com os dedos entrelaçados nos de Lila, caminhamos até a sala de jantar, na qual meus pais e Noah já estavam à mesa.

Um tempo atrás, era comum ver alguns dos meus tios circulando pela mansão, mas agora a presença deles estava mais escassa, já que todos tinham suas próprias famílias. Apesar disso, meus primos adoravam dormir ali.

— Que bom que terminaram! — Meu pai disse com entusiasmo, lançando um olhar sugestivo. — Olá, Lila, seja bem-vinda!

Lila ficou toda vermelha, entendendo o duplo sentido nas palavras dele, enquanto eu apenas sorria, arrogante.

— Não precisa ficar envergonhada, querida — mamãe interveio, percebendo o nervosismo da minha garota. Ela a olhou com gentileza. — Já passamos por essa fase também. — Sorriu calorosamente. — Sente-se, por favor. — Indicou uma cadeira. — Nolan me prometeu que, quando trouxesse alguém aqui, seria a única.

— Obrigada pela recepção! — Lila respondeu, se sentando após eu puxar a cadeira para ela. A tensão em seu corpo era evidente.

— O que é isso nas suas bochechas, irmão? — Noah perguntou, semicerrando os olhos e me olhando com um sorriso malicioso. — *Tá* corando?

— Cala a boca! — resmunguei, cerrando os dentes ao me sentar ao lado de Lila, evitando olhar para ela.

— Deixa de ser implicante com seu irmão. — Papai decretou, lançando um olhar sério para Noah, que apenas deu de ombros, mas não conseguiu conter o riso. *Idiota!* — E então, querida — dirigiu-se a Lila com uma expressão suave — sua família é daqui mesmo? Peço desculpas pela falta de formalidade, já que Nolan nos avisou sobre a visita de última hora. — Ele sorriu, simpático. — Nem sei se ele já falou de nós para você. Sou Owen, e esta é minha esposa, Jasmine.

— Lila estava ansiosa para conhecer vocês — falei, com os olhos nela, que me encarou de soslaio, nervosa demais para disfarçar. — Principalmente a mamãe, que é a pessoa mais incrível do mundo.

Mamãe me olhou com os olhos brilhando de amor e emoção.

— Não me faça chorar, filho, isso não é justo — brincou, e eu ri, contagiando Lila, que também sorriu. — Já é emocionante o suficiente receber a namorada do meu filho mais velho. Ninguém nos ensina a lidar com esses momentos. Até ontem, eu estava trocando suas fraldas... como isso mudou tão rápido?

O grande Owen Sullivan olhou para mamãe com um brilho especial, uma conexão a qual sempre desejei compartilhar com alguém.

— Rápido? — repetiu ele, rindo de maneira leve. — Querida, Nolan já tem dezoito anos.

A conversa continuou fluindo, e aos poucos percebi que Lila foi se soltando, rindo e conversando cada vez mais à vontade, principalmente com minha mãe. Isso era importante para mim. Eu queria que ela visse com seus próprios olhos que minha família não era o que as pessoas pintavam lá fora.

Claro, eu sabia o que éramos e o que fazíamos para manter nosso poder e influência, mas ninguém inocente saía ferido por nossas ações.

Já estávamos na sobremesa quando um dos soldados apareceu na porta, pedindo licença.

— Senhor, desculpe a interrupção — disse ele, dirigindo-se ao meu pai. — Mas tem um homem lá fora, bastante alterado, procurando pela filha, Lila. Ele diz ser o pai dela.

Lila largou os talheres na hora e me olhou, pálida.

— É meu pai — declarou, com a voz tremendo.

A tensão dela me deixou nervoso. Quando se levantou de forma repentina, tentei acalmá-la.

— Lila...

— Eu agradeço muito pela hospitalidade de vocês — falou, interrompendo-me, com os olhos voltados para meus pais. — Foi um prazer conhecê-los, mas eu preciso ir.

— O prazer foi todo nosso, querida — minha mãe respondeu com carinho. — Espero que você volte mais vezes, e que tudo fique bem.

Lila forçou um sorriso.

— Sim, vai ficar — respondeu, mal disfarçando o nervosismo. O problema era que eu a conhecia bem demais para saber que aquilo não passava de uma fachada.

Olhei para meu pai, que percebeu minha preocupação.

— Quer que eu vá com você?

Neguei com a cabeça.

— Não, eu resolvo.

— Nossa, se o homem estiver com um cinto na mão, eu quero ver essa cena! — provocou Noah, rindo.

— Fica quieto, garoto! — minha mãe ralhou com ele, irritada.

Ignorei os comentários e me concentrei em Lila, que estava à beira de um ataque de pânico. Por um momento, senti uma onda de raiva pelo pai dela. Ele era o culpado pelo medo que brilhava nos olhos da garota que eu amava.

Porque, sem dúvida, eu amava Lila Byrne.

Estava perdidamente apaixonado por ela.

Mal conseguia entender como minhas pernas ainda se moviam, levando-me em direção à saída, apesar de saber muito bem o que me aguardava do lado de fora.

Mesmo ouvindo Nolan falando comigo, sua mão firme nas minhas costas, tudo o que eu fazia era focar no som ensurdecedor dos meus batimentos cardíacos e no medo de encarar meu pai.

Droga!

Antes que eu pudesse sair, Nolan se colocou à minha frente como uma barreira protetora.

— Sr. Byrne! — cumprimentou, em um tom ligeiramente atrevido. — Que honra recebê-lo em minha casa.

Ouvi meu pai soltar um suspiro baixo.

— Estou aqui para buscar a Lila — foi tudo o que disse, mantendo a voz baixa.

Ameacei sair de trás de Nolan, mas ele continuou bloqueando minha passagem, teimoso.

— E como o senhor tem tanta certeza de que sua filha está aqui? — provocou, zombeteiro. — Da última vez, ambos descobrimos que ela estava numa festa, bebendo.

Cobri o rosto com uma das mãos, odiando o fato de ele estar piorando ainda mais a situação.

— Por favor, apenas chame minha filha! — repetiu meu pai, agora com a voz cansada.

Belisquei a cintura de Nolan, chamando sua atenção. Não adiantava continuar prolongando o

inevitável. Mesmo a contragosto, ele deu um passo para o lado, permitindo que eu visse meu pai.

— Sinto muito, *baby!* — disse Nolan, segurando minha mão e a beijando. — Nunca quis que isso acontecesse.

Fechei os olhos quando ele se inclinou para beijar minha testa.

— Tudo bem, não é culpa sua, eu quis vir — respondi, desejando oferecer um sorriso confiante, mas sem sucesso. — Você não me forçou a nada.

Nos despedimos, e eu finalmente olhei para meu pai, que, ao contrário do que imaginei, não disse uma única palavra. Apenas se virou e começou a caminhar, esperando que eu o seguisse. Com um último olhar para Nolan, fui atrás de meu pai.

Poucos minutos depois, já estávamos no carro, deixando a propriedade dos Sullivan para trás. Um lugar que, sem dúvida, intimidaria qualquer pessoa de fora, especialmente aquelas como eu, acostumadas a ouvir e acreditar em rumores. Senti-me envergonhada por ter julgado os pais de Nolan, considerando quão bem eles me receberam. Essas pessoas eram, afinal, uma família. Uma família diferente, claro, levando em conta a maneira como ganhavam a vida, mas ainda assim, uma família.

Porque, mesmo que nem tudo fosse evidente, eu sabia que sim, os Sullivan estavam envolvidos em atividades ilícitas. Não seriam os donos da cidade se fosse de outra forma.

Respirei fundo, entrelaçando as mãos, lutando para controlar o turbilhão de emoções e os tremores que tomavam conta de mim. O carro estava com o rádio desligado, e o silêncio era preenchido apenas pelo som baixo do motor trabalhando. Pelo canto do olho, percebi o aperto firme do meu pai no volante, os nós dos dedos esbranquiçados de tanta força. Ele estava com raiva.

Mordi os lábios e fechei os olhos, preparando-me mentalmente para pedir desculpas, mesmo sabendo que, no fundo, não acreditava ter feito algo tão errado. Eu deveria me sentir culpada por ter jantado com pessoas gentis? Era um erro querer estar ao lado do meu namorado? Porque, afinal, era isso que Nolan era.

— Pai... — iniciei, mas fui interrompida de imediato.

— Não posso mais confiar em você! — declarou, sem sequer me olhar. — Vou tirá-la de *Avondale*. Na verdade, vamos nos mudar da cidade. Foi um erro ter voltado para a Irlanda.

Minha boca se abriu, incrédula com o que ouvia.

— O quê? — balbuciei. — Mas eu não quero me mudar.

— Ah, você não quer? — retrucou, com sarcasmo, lançando-me um olhar rápido. — Que interessante! Eu também gostaria de muitas coisas, como, por exemplo, ter uma filha obediente que não minta para mim.

Cerrei os dentes, sentindo o gosto amargo da frustração, mas contive a vontade de retrucar. Permaneci encolhida no banco, olhando para a paisagem que passava pela janela.

— Você acha que eu não sei que aquele delinquente anda pulando sua janela? — disparou, me fazendo arregalar os olhos, o rosto corando de vergonha. — Por que acha que comecei a verificar seu quarto no meio da noite? — Respirou fundo, num esforço para se acalmar. — O que está acontecendo com você, Lila? Mal consigo reconhecer minha própria filha.

— Pai, eu...

— Não! — cortou-me novamente, a voz escorrendo ira. — Você perdeu o direito de se explicar quando começou a mentir para mim. Agora você vai apenas me escutar.

Levei as mãos ao rosto, esfregando-o com força. Eu queria gritar, xingar, soltar toda a minha raiva, mas permaneci em silêncio.

Quando chegamos em casa, fui direto para o meu quarto, ansiando por um pouco de paz, já que passei o trajeto todo ouvindo sermão. Só que meu pai tinha outros planos. Ele me seguiu, sem parar de resmungar.

— Como se atreve a me virar as costas depois do que fez? — rosnou, indignado. — Nós ainda não terminamos essa conversa, Lila.

— Eu não quero ouvir mais nada, pai! — resmunguei, balançando a cabeça. — O senhor não quer conversar, só quer brigar. Já decidiu na sua cabeça que eu sou a vilã, que Nolan é um problema, e que a família dele é ainda pior. — Rolei os olhos. — O que mais quer que eu diga? — Me virei para ele, dentro do meu quarto. — Quer que eu admita que, sim, Nolan tem invadido meu quarto à noite? Porque está! E com a minha permissão! — Bati no peito.

Sacudiu a cabeça, mais indignado.

— E você fala isso — gesticulou — com esse ar de orgulho?! — Ele colocou as mãos na cintura. — Como seu pai, estou profundamente decepcionado. Sempre fiz de tudo para te ver feliz, *pra* te preparar para o futuro quando eu não estiver mais aqui. Achei que estava conseguindo, mas vejo que falhei.

— Pai...

— Eu te proibi de se envolver com aquele rapaz, Lila, e você estava dormindo com ele na nossa casa, bem debaixo do meu nariz! — sibilou, entre dentes. — Desde quando você decidiu me

desrespeitar dessa forma? Como espera que eu confie nas suas palavras sobre aquele sujeito, se desde que ele entrou na sua vida, você começou a agir de maneira tão rebelde?

Meu coração estava acelerado.

— O senhor me forçou a ser rebelde com todas essas malditas regras! — explodi, perdendo a paciência.

— Cuidado com o jeito que fala, mocinha! — Apontou o dedo para mim. — Eu ainda sou seu pai, e exijo que me trate com respeito.

Sentei-me na cama, sentindo o peso das emoções me sufocando. Lágrimas começaram a escorrer, descontroladas.

— Eu gosto dele — admiti, trêmula. Levantei os olhos para encarar meu pai. — Estou apaixonada pelo Nolan.

Ele olhou direto *pra* mim, a expressão dura.

— Você é muito jovem para entender o que é amor — alegou no fim, com indiferença. — Quando me casei com sua mãe, também achava que sabia o que era amor, e veja só, acabamos nos separando.

Pisquei, atordoada com suas palavras.

— Como assim, se separaram? — perguntei, confusa, minha cabeça girando. Vi meu pai ficar pálido na hora, como se tivesse dito algo que não deveria. — Quando isso aconteceu? Eu sempre pensei que o acidente que matou minha mãe aconteceu com a *gente* ainda como uma família.

Esfregou o rosto e virou-se de costas, me fazendo notar seus ombros tensos.

— Chega desse assunto! — decretou. — A partir de amanhã, vou começar a organizar nossa mudança. Vamos sair da Irlanda o quanto antes!

Dizendo isso, ele saiu do quarto.

O problema foi que minha mente ficou em frangalhos, e cada palavra dita por ele começou a martelar sem parar na minha cabeça.

Agora, foi minha vez de segui-lo.

— O senhor ainda não respondeu à minha pergunta — resmunguei, enquanto caminhávamos pelo corredor. — O que você quis dizer com separação? Por que nunca me contou nada sobre

isso, pai? Eu sempre perguntei como era nossa vida antes da morte da mamãe, e o senhor nunca disse uma única palavra!

— Porque não acho que isso tenha importância — respondeu com frieza. — Sua mãe se foi, e agora restamos apenas nós dois.

Fiquei atônita com o tom indiferente de sua resposta.

— Como pode ser tão frio? — perguntei, ainda em choque. — Eu tenho o direito de saber a verdade! Tenho o direito de entender como era nossa vida antes de tudo desmoronar. Ou o senhor realmente acha que sou uma garota feliz e satisfeita? — Já estávamos no andar de baixo. — Olhe para mim, pai! — exigi, com os olhos marejados. — Tenho fragmentos de memórias confusas, que não batem com a história que me foi contada. Acha que é fácil não conhecer o próprio passado? EU NÃO SEI NADA SOBRE MINHA PRÓPRIA HISTÓRIA, DROGA! — berrei, deixando a frustração tomar conta.

— Não se atreva a gritar comigo! — respondeu, tenso.

Solucei, passando as mãos pelo rosto.

— Eu não quero me mudar — avisei, exausta emocionalmente. Era como se estivéssemos andando em círculos.

— Não cabe a você decidir isso.

Sentindo o ar me faltar, virei nos calcanhares e fui em direção à porta. Eu precisava respirar. Precisava me livrar daquela sensação sufocante.

Ouvi meu pai me chamar, mas o ignorei. Minha cabeça estava uma bagunça, e a confusão só aumentava à medida que lembranças desconexas tomavam conta dos meus pensamentos, amplificando o caos interno.

Então, comecei a correr para despistar meu pai. Precisava de um momento sozinha para processar tudo o que estava acontecendo.

— LILA! — Ouvi o grito furioso dele atrás de mim.

Passei apressada por um jardim. E no meio da correria, acabei me arranhando nos espinhos e machucando o dedo.

— Droga! — balbuciei entre soluços, levando o dedo à boca para tentar estancar o sangue.

Nesse instante, uma dor intensa latejou minha cabeça, e precisei conter um grito que ameaçou

escapar. A dor foi tão forte que fiquei desorientada por alguns segundos, tropeçando nos próprios pés e caindo no chão com um baque.

Pressionei a mão contra o peito quando minha mente passou a ser invadida por lembranças, todas girando em torno de Nolan.

— LILA! — Meu pai gritou outra vez, agora mais perto.

Pisquei, ainda de joelhos no chão, tentando estabilizar meus pensamentos enquanto minha cabeça parecia prestes a explodir com tantas memórias confusas.

— Nós crescemos juntos — sussurrei para mim mesma, com a imagem de Nolan dominando meus pensamentos. — Ele foi *meu* melhor amigo... meu...

Minha voz falhou, e me levantei com dificuldade.

"Fale meu nome, Lila", "Diga meu nome!" Ele sabia o tempo todo sobre o nosso passado. Sabia, mas nunca me contou. Preferiu me manter no escuro, iludida, manipulada.

Atordoada, mal percebi para onde estava indo, até ouvir o som de pneus freando bruscamente e sentir o impacto lançar-me longe. Meu corpo bateu com força no chão.

Mesmo assim, tudo o que consegui fazer foi me perder nas lembranças do passado.

Pessoas começaram a se reunir ao meu redor, e entre as vozes, reconheci a do meu pai. Mas eu não podia me mover. Meu corpo inteiro doía. Minha cabeça latejava.

Não dava para abrir os olhos. Na verdade, eu nem queria abrir. Queria me esconder na escuridão, onde as mentiras não me alcançassem.

Nolan... eu o conhecia a vida toda. Ele foi meu melhor amigo. Como pude esquecê-lo?

Meu pai mentiu. Todos mentiram!

Senti uma dor intensa no abdômen, como se algo estivesse perfurando. Meu corpo parecia pegajoso. Seria água ou sangue?

Tentei pedir por Nolan, mas minha voz não saiu. Por que as pessoas estavam gritando tanto?

Logo, o som distante de sirenes começou a ecoar. Porém, aos poucos, tudo foi ficando mais abafado, assim como meus pensamentos. A dor, as lembranças, tudo começou a desaparecer. O silêncio tomou conta.

A última coisa que vi foi o sorriso de um menino de oito anos, com olhos incrivelmente azuis. Ele sorriu quando o chamei de *morceguinho*, depois de ter sugado o sangue do meu dedo machucado.

E me advertiu: eu não deveria mais chamá-lo de Nolan, apenas de morceguinho.

"— Nolan? — A voz dela, a única capaz de me fazer sorrir sem que eu quisesse, ecoou pelo local. — Por que está se escondendo de mim?

Estávamos sob a grande árvore à beira do lago, em Avondale. Espiei por entre os galhos, temendo que Lila tivesse ido embora no silêncio que se seguiu. Ela era minha melhor amiga desde o dia em que a vi pela primeira vez, na escola.

— Nolan? — chamou de novo, agora com um toque de frustração. Ela começou a caminhar sobre as raízes enormes da árvore. — Está bravo comigo? Se fiz algo errado, me fala, para que eu possa pedir desculpas.

Um sorriso involuntário surgiu em meus lábios. Não havia nada que Lila pudesse fazer para realmente me irritar. Para mim, ela era perfeita.

Eu passava horas admirando seu sorriso, a forma como falava, seus gestos quando ficava irritada ou frustrada. Mesmo cercado por outros amigos, meus olhos sempre a procuravam.

— Por que acha que estou bravo? — perguntei de repente. Sem querer, a assustei.

— Meu Deus, Nolan! — Pressionou a mão contra o peito. — Que susto! — Fez uma careta fofa quando me aproximei, com as mãos escondidas atrás das costas. — Me chamou até aqui só para me assustar?

Sorri e neguei com a cabeça.

Embora fôssemos melhores amigos, não frequentávamos a casa um do outro. Por causa da minha família, que seguia regras diferentes, nossos encontros aconteciam somente na escola. No fundo, também desconfiava que o pai dela não gostava muito de mim.

— Eu nunca te machucaria de propósito, Lila, você sabe disso. — Encurtei a distância entre nós. Suas bochechas coraram de leve.

— O que você está escondendo aí? — Tentou espiar atrás de mim.

Decidi acabar com o suspense logo e mostrei o que segurava. Era um pequeno buquê de rosas brancas.

— Ah, Nolan! — Seus olhos brilharam de alegria. — Que lindo! — Ela pegou as flores das minhas mãos. — Então era uma surpresa? — O sorriso parecia fixo em seus lábios.

Senti minhas bochechas queimarem de vergonha.

— Sei que meninas gostam de flores — expliquei, dando de ombros. — Meu pai sempre dá flores para minha mãe, e ela sorri toda vez.

Lila piscou devagar, parecendo mergulhar em pensamentos.

— O meu não faz isso com a mamãe — contou, em um tom triste, sentando-se em uma das raízes. Eu me sentei ao seu lado. — Meus pais só brigam, brigam e brigam...

Fiz uma careta.

— Sério? — Assentiu. — Isso é triste.

— Ai! — Gemeu de repente, olhando para o dedo, de onde brotava um pouco de sangue. — Acho que me espetei com um espinho.

Sem pensar, peguei seu dedo e o levei à boca, sugando o sangue. Ela riu.

— Eca, Nolan! Você parece um morceguinho! — brincou, gargalhando.

Meu coração disparou. Estendi a mão e belisquei a ponta do seu nariz.

— A partir de agora, quero que me chame só de morceguinho — declarei. — Não mais Nolan, apenas morceguinho. Promete?

Seu sorriso ficou ainda maior.

— Prometo!"

Alguns minutos se passaram desde que Lila foi embora com o pai, mas eu ainda estava no jardim, com as mãos nos bolsos, observando a fonte à minha frente. Mesmo que meus olhos estivessem fixos no reflexo da Lua na água, os pensamentos estavam a quilômetros de distância.

Semanas atrás, quando reencontrei Lila em Avondale depois de dez anos, a primeira coisa que pensei foi que ela estivesse fingindo não me reconhecer. Como se aquilo fosse algum tipo de brincadeira. Uma parte de mim quis revidar. Quis vê-la sentir, ainda que por um instante, a mesma dor que deixou em mim ao ir embora sem aviso, sem uma explicação. Como se toda a nossa amizade tivesse sido descartável.

Foi aí que comecei a perceber que algo não estava certo com ela — emocionalmente falando. Descobrir que fazia terapia acendeu um alerta silencioso em mim. Lila parecia presa dentro da própria cabeça, como se travasse uma luta interna contra algo que nem ela conseguia entender ou nomear. A possibilidade de que o trauma fosse tão profundo a ponto de sua mente bloquear certas lembranças me deixava inquieto, com uma sensação difícil de colocar em palavras.

Talvez esse fosse motivo para o pai dela querer me manter longe. Sem dúvida, ele conhecia os fantasmas que rondavam a mente da filha e, de algum modo, desejava protegê-la. Não só de mim, mas dela mesma, e de tudo que ele julgasse capaz de reabrir possíveis feridas ainda não cicatrizadas.

Suspirei fundo, levando as mãos ao rosto para esfregá-lo com força. Era uma mistura de raiva e frustração.

O jantar foi perfeito, até aquele idiota estragar tudo.

— *Inferno!* — praguejei, furioso.

Girei nos calcanhares e voltei para dentro de casa. Precisava ligar para Lila, saber se ela estava bem, além de descobrir se seu pai idiota não tinha sido muito duro no sermão.

Assim que passei pelo hall, fui interrompido pela voz do meu pai, que parecia estar me esperando:

— Bem, considerando o tempo que você demorou lá fora e o jeito como a garota saiu daqui de casa, apavorada com o pai, parece que algo sério está acontecendo — foi direto ao ponto. Bufei ao me aproximar dele. — Vai me contar, ou terei que investigar por conta própria?

Revirei os olhos, sabendo que ele não desistiria fácil. Meu pai sempre gostou de ter tudo sob controle, e como o filho mais velho e seu sucessor nos negócios, eu estava no topo da sua lista de preocupações.

— O pai dela não gosta de mim. Ou melhor, não gosta da nossa família — falei sem rodeios.

Ele começou a me guiar em direção ao seu escritório.

— Como assim? — perguntou, intrigado. — Quem são essas pessoas, afinal? Porque, para você ter trazido a garota até nossa casa, ela deve ser importante. Está apaixonado?

Entramos no escritório.

— Pai, ela é a Lila Byrne — contei com simplicidade, me jogando no sofá. Ele preferiu ficar de pé, encostado contra a mesa com os olhos em mim. — A família dela é civil, nada incomum.

— Byrne — repetiu o sobrenome, refletindo. — Aquela sua amiga de infância, certo? — Apenas assenti, sentindo a tensão no ar. — Lembro que você sofreu muito quando ela foi embora. Não sabia que ela tinha voltado a cidade.

— Voltou este ano — comecei a explicar. — Mas descobri que houve algo no passado... algo sério, que fez a mente dela bloquear certas lembranças. Além disso, perdeu a mãe em um acidente. No início, achei que ela estivesse apenas fingindo não se lembrar de mim, mas agora... agora tenho certeza de que tem muito mais por trás disso. Coisas que ela mesma talvez ainda não consiga acessar.

— Acha que o pai dela está envolvido?

Dei de ombros, estalando os lábios.

— Não sei — admiti. — Mas seja o que for, é doloroso o bastante para a mente da Lila bloquear tudo. O senhor Byrne disse a ela que as duas, mãe e filha, sofreram um acidente de carro, e que a mãe não sobreviveu. Lila acredita nisso, mesmo sem ter nenhuma lembrança.

— Quer que eu investigue?

Abanei a cabeça.

— Já pedi ajuda ao Ross — contei, vendo meu pai fazer uma careta de desagrado, o que me fez sorrir. — Não quis envolver vocês nisso, pai. Especialmente porque é algo que eu deveria resolver.

— Mas eu sou seu pai, Nolan — rebateu, chateado. — Quero estar ao seu lado, você sabe disso,

não sabe? Você, seu irmão e sua mãe são minha base. Então, qualquer problema que você tiver, não hesite em me chamar, filho.

Respirei fundo, sentindo gratidão por ele. Abri a boca para dizer algo, mas fui interrompido pelo toque do meu celular. Franzi o cenho ao ver um número desconhecido na tela.

— O que houve? — inquiriu papai, percebendo minha hesitação. — Quem é?

— Vou descobrir agora — respondi, atendendo. — Alô?

— *Nolan?*

— Sim, sou eu — respondi, minha testa franzindo. — Rory? — Reconheci a voz dele. — O que aconteceu? Onde você está?

A ligação estava ruim, com muitos ruídos e vozes ao fundo.

— *PUTA QUE PARIU! PUTA QUE PARIU!* — gritou, me fazendo afastar o telefone da orelha.

— Para de gritar, *porra!* — berrei de volta, levantando-me num pulo. — O que *tá* acontecendo? Fala logo!

— *É a Lila!* — choramingou do outro lado da linha, e eu congelei. — *A Lila... puta merda, Nolan!* — A voz dele estava embargada. — *Tinha muito sangue, muito sangue, eu não sei se ela...*

Minha cabeça girou, e minhas pernas fraquejaram, fazendo-me cair de volta no sofá.

— Nolan? — A voz do meu pai me trouxe de volta à realidade, percebendo o choque estampado no meu rosto.

Não reagi quando ele pegou o telefone da minha mão.

— O que está acontecendo? — perguntou ao Rory,conforme eu lutava para processar tudo. Meu pai ouviu por um momento, em silêncio. — Entendi. — Ele então desligou e colocou o telefone no bolso de seu paletó.

Levantei os olhos para ele, aterrorizado, querendo perguntar o que aconteceu com Lila, mas sem coragem.As palavras não saíam. Eu estava paralisado.

— Vamos. Precisamos sair agora — decretou no fim.

Eu não falei nada, apenas segui seus passos, em choque. Tudo o que passava pela minha cabeça

era: eu não deveria ter levado Lila para jantar com minha família. Será que a culpa era minha? Será que o pai dela fez alguma coisa?

E se o destino, mais uma vez, estivesse arrancando Lila de mim?

Meu pai não precisou de muitas ligações para descobrir em qual hospital Lila estava. Nossa família contribuía com uma quantia considerável todo mês para garantir discrição e acesso aos melhores recursos da cidade.

Desde que saímos de casa, longos minutos atrás, eu não pronunciei uma única palavra. Não que eu não quisesse falar, mas simplesmente não conseguia. As palavras pareciam presas na garganta.

Meu pai tomou a frente de tudo, e eu o segui em silêncio.

Ao chegarmos até a recepção do hospital, uma pequena confusão chamou nossa atenção. O pai da Lila parecia estar discutindo com uma das funcionárias.

— Como assim, meu plano não cobre? —gritou ele, claramente exaltado. — Que absurdo é esse? Minha filha precisa desse atendimento!

Nos aproximamos, e quando o senhor Byrne me viu, seu rosto se contorceu de raiva.

— O que você está fazendo aqui, seu delinquente?! — Avançou na minha direção, mas foi impedido pelo meu pai.

— Se tocar no meu filho, garanto que será a primeira e última vez — ameaçou, com o maxilar tenso. — Acalme-se! — Ele respirou fundo, ajeitando o paletó. — O que está acontecendo aqui, afinal?

Como o senhor Byrne não respondeu, meu pai se voltou para a recepcionista, que explicou que o plano de saúde dele não cobria o tratamento necessário para a filha hospitalizada.

— Lila precisa ser operada — disse meu sogro, derrotado, com os ombros caídos. — Minha garotinha quebrou uma das pernas e sofreu um traumatismo craniano, o que causou um leve inchaço no cérebro. Ela pode não sobreviver se não for tratada com urgência.

Minha mente desligou no instante em que ele falou em cirurgia.

Eu não podia aceitar. Era insuportável pensar que a minha Lila, a mesma que, poucas horas antes, estava comigo, rindo, me abraçando, viva...agora precisava ser levada para uma sala cirúrgica.

Como aquilo pôde acontecer tão de repente?

— Façam o que for necessário para salvar a garota. — Ouvi meu pai dizer sem hesitar. Ele não precisou se apresentar; todos ali o conheciam. — Quero que ela tenha o melhor tratamento disponível.

Senhor Byrne, agora afastado da recepção, estava de costas, mãos na cintura. Vi Rory sentado ao longe, chorando baixinho. Não tive coragem de me aproximar dele. Eu já tinha minhas próprias emoções para lidar.

— Sua filha vai ficar bem — garantiu meu pai, ao senhor Byrne. — Não se preocupe com os custos, cuidaremos de tudo.

O olhar que o sujeito lançou ao meu pai estava cheio de dor e ódio. Seus olhos vermelhos e úmidos refletiam o quanto ele estava sofrendo.

— Tudo isso está acontecendo por causa do seu filho — cuspiu as palavras, e eu senti a culpa me corroer por dentro. — Se ele não tivesse mexido com a cabeça da minha filha, nada disso teria acontecido. — Gesticulou ao redor. — Acha que vir aqui e usar toda sua influência vai mudar os fatos? — Soltou uma risada amarga.

— Estou disposto a conversar com você como dois adultos — disse meu pai, calmo. — Mas, antes de mais nada, exijo que pare de ofender o meu filho.

Senhor Byrne estreitou os olhos.

— Ou o quê? O que você vai fazer?

Papai deixou um suspiro escapar, quase entediado.

— Não vou fazer nada. Mas sua filha está recebendo o melhor tratamento porque *eu* estou garantindo isso. No mínimo, você deveria ser grato.

Engoliu em seco e, para minha surpresa, não disse mais nada. Olhou na minha direção por alguns segundos, depois se afastou.

Meu pai se virou para mim, segurando meu rosto com ambas as mãos.

— Você está bem? — quis saber, preocupado. — Não falou nada desde que saímos de casa. —

Semicerrou os olhos. — Sei que tudo isso é um choque, mas você não pode deixar as emoções te dominarem, meu filho. Lila vai precisar de você quando acordar. — Pisquei, absorvendo as palavras dele. Olhei ao redor, ainda confuso. — Nolan?

Voltei a encará-lo.

— *E-e* se ela me culpar, pai? — minha voz soou estranha, quase irreconhecível.

Nesse momento, ele colocou uma mão na minha nuca.

— Se ela fizer isso, então não merece você, filho. — E, antes que eu pudesse responder, me puxou para um abraço.

Por um instante, me permiti ser consolado. Me permiti voltar a ser o garoto que sempre acreditou que meu pai, meu herói, lutaria todas as minhas batalhas por mim.

Abri os olhos de repente, piscando várias vezes até me situar e reconhecer as vozes conversando ao meu redor. A claridade forte me incomodou, então fechei os olhos de novo para me proteger da luz.

— Já deveria ter acordado, isso não é normal — resmungou uma das vozes, fazendo meu coração disparar. Era Nolan. — Três dias. Três malditos dias.

— E você virou o médico dela desde quando? — retrucou a outra voz. Meu pai. — Lila foi induzida ao coma por causa do inchaço no cérebro, além da cirurgia na perna. Esse procedimento é comum em casos graves para garantir o melhor tratamento.

— Não estou questionando o tratamento, mas sim o tempo que está levando para ela acordar —

insistiu Nolan, frustrado. — Eles já diminuíram a sedação. Por que, *caralho*, ela ainda não acordou?

— Pode parar com os palavrões? — grunhiu papai. — Seu pai não te ensinou boas maneiras?

Nesse momento, virei a cabeça na direção deles, e foi aí que percebi o tubo em minha garganta. O pânico me atingiu de imediato, e instintivamente levei as mãos ao pescoço, desesperada para respirar sem o obstáculo. Minha agitação, claro, chamou a atenção dos dois, que interromperam a discussão e se apressaram até mim.

— Lila!

— Filha!

Falaram ao mesmo tempo.

— Vou chamar o médico — avisou meu pai, saindo rapidamente, enquanto Nolan permaneceu ao meu lado. Uma de suas mãos pousou gentilmente sobre minha cabeça. Seus olhos estavam fixos nos meus, cheios de emoção.

Minha mente começou a me mostrar cenas da nossa infância, o que me deixou bem mais agitada. Tentei falar, mas o que saiu foram meros murmúrios desconexos, conforme eu lutava para me livrar do tubo que me sufocava.

— Calma, *baby*, o médico já está a caminho — disse Nolan, com uma voz suave. — Você vai acabar se machucando assim.

Nossos olhares se encontraram de perto, já que ele estava inclinado sobre mim. Havia um brilho de alívio em sua expressão, como se ele finalmente pudesse respirar junto comigo.

Só que, por dentro, eu estava em pedaços.

Não fazia ideia de quanto tempo se passou desde que recobrei a consciência.

A equipe médica realizou uma série de exames, tentando se certificar de que eu estava fora de perigo. No fim, confirmaram que os danos do acidente se resumiam a uma fratura na tíbia e duas costelas quebradas.Felizmente, o traumatismo craniano não resultou em nenhuma sequela.

Cada parte do meu corpo doía, e não era apenas o físico.

Assim que fui levada para o quarto, a dura realidade me atingiu. Minha perna estava imobilizada por um gesso, e meu tórax, levemente inchado, dificultava a respiração.

Gemi baixinho ao me ajustar na cama, já que a posição estava me incomodando, mas fui interrompida pela entrada abrupta de alguém:

— Por que está se mexendo, filha? — ralhou papai, apressando-se em me ajudar. — Você não pode fazer movimentos bruscos. Vai acabar se machucando assim.

Revirei os olhos, porém deixei que ele me ajudasse.

A verdade é que eu estava furiosa. E essa raiva só aumentava cada vez que meus olhos cruzavam com os de Nolan.

— Está precisando de alguma coisa? — insistiu meu pai, enquanto eu mantinha o olhar fixo em Nolan. Não pude deixar de perceber as olheiras profundas e os sinais da barba. — Lila? — Pisquei com a voz insistente do meu pai. Virei-me para ele. — Está com dor?

— Talvez ela esteja cansada de tanto falatório — resmungou Nolan, impaciente. — O senhor não para de falar.

Para minha surpresa, meu pai não reagiu como imaginei. Em vez de raiva ou frustração, ele apenas sorriu.Nolan se aproximou logo em seguida, com pressa nos passos e um brilho contido nos olhos, ansioso para me tocar, por dizer algo, qualquer coisa.Mas eu não consegui permitir. A mágoa era grande demais para suportar qualquer aproximação dele.

No instante que ele ameaçou segurar minha mão, eu a puxei do seu alcance, vendo seu cenho franzir, espantado, confuso com minha reação.

— O que foi, *baby?* — quis saber, soando quase vulnerável. A dor em seus olhos ficou tão evidente que precisei virar o rosto para o outro lado,porque não desejava encará-la.

O silêncio que tomou conta do quarto se tornou sufocante.

— Lila, meu amor, você quer que ele saia? — indagou papai, quebrando o clima tenso.

Apenas assenti com a cabeça, sem olhar para nenhum dos dois.

Nolan não disse nada, mas ouvi seu suspiro frustrado antes de girar nos calcanhares e sair do quarto. Meu pai puxou uma cadeira e se sentou ao meu lado, segurando minha mão com ternura.

— Querida, eu não sei exatamente o que você está sentindo, mas preciso que saiba que foi a família do Nolan que cobriu todo o seu tratamento — contou ele, respirando fundo e desviando o olhar para nossas mãos entrelaçadas. — Nosso plano de saúde não cobriu todos os procedimentos, então Owen Sullivan fez questão de arcar com tudo. — Seus olhos voltaram para os meus, e as mesmas olheiras profundas que notei em Nolan me encararam de volta; meu pai estava exausto. — Desde que você foi internada, Nolan não saiu do corredor. Aquele rapaz realmente se importa com você, meu bem.

Senti a irritação crescendo no meu peito.

— Ah, agora ele serve *pra* mim? — grunhi, minha voz soando rouca pelos dias sem falar. — Agora a família dele não é mais uma ameaça?

Piscou, claramente surpreso com minha explosão.

— Filha...

— O senhor sempre soube que o Nolan era meu melhor amigo de infância — disparei, sem esconder a mágoa na voz, observando a expressão dele se turvar de espanto ao perceber que eu me lembrava agora.— E mesmo assim, fez de tudo para nos afastar. Por quê? Por que escondeu isso de mim, pai? — Minha respiração começou a ficar pesada, o peito subindo e descendo com dificuldade.

— Por favor, filha, não se esforce tanto — implorou, colocando a mão no meu braço, a preocupação estampada em seu rosto. — Sei que você tem muitas perguntas, e eu prometo responder todas. Mas agora você precisa se recuperar. — Levou minha mão aos lábios, beijando-a com carinho. — Você não imagina o pavor que senti de te perder, Lila — seus olhos ficaram marejados, segurando as lágrimas. — Algo que jamais pensei que teria que encarar de novo.

A culpa me invadiu por completo. Mais uma vez, meu pai estava revivendo o pesadelo de quase me perder, como já havia acontecido quando perdemos a mamãe.

Funguei, limpando as lágrimas que escorriam pelo meu rosto.

— Me desculpa — balbuciei, enquanto ele me puxava para um abraço. — Eu não queria te assustar de novo, papai. Me perdoa.

— Você não tem culpa de nada, meu amor — soprou, enchendo minha cabeça de beijos.

Ficamos assim por um tempo. E apesar da raiva que ainda ardia em minhas veias por tudo o que houve, comecei a sentir uma sensação de segurança nos braços dele.

Fazia alguns minutos desde que papai saiu do quarto, dizendo que precisava comer alguma coisa. Na verdade, foi mais uma insistência minha, pois eu não aguentava mais ver a palidez no rosto dele. Temia vê-lo desabar de exaustão a qualquer momento.

Deitada, fixei os olhos no teto branco, desejando afastar os pensamentos sobre Nolan, mesmo sabendo que era impossível. Ele dominava minha mente, e isso era tão frustrante quanto injusto.

Nas últimas horas, papai e eu trocamos algumas palavras sobre tudo o que me trouxe até ali. Eu ainda tentava montar o quebra-cabeça das memórias do meu passado, mas deixei claro *pra* ele que me lembrava da minha amizade com Nolan. E, inevitavelmente, das constantes brigas entre ele e mamãe. Concluí que o relacionamento dos meus pais sempre foi conturbado, marcado por discussões que pareciam nunca ter fim.

Afastei esses pensamentos da cabeça quando uma batida na porta me tirou do devaneio. Sorri ao ver uma mulher de aparência gentil entrar.

— Boa tarde, querida! Posso entrar? — quis saber, com um tom suave.

— Claro, fique à vontade. — Tentei me ajeitar na cama, mas gemi de dor ao fazer o movimento.

— Oh, por favor, não se mexa — pediu, circulando pelo quarto. Fiz uma careta ao perceber que Nolan aproveitou a oportunidade para entrar atrás dela. — Eu sou sua nutricionista — explicou ela, sorrindo. Fiz o possível para ignorar o incômodo que a presença dele me causou, e foquei na mulher à minha frente. Ela, por sua vez, pareceu surpresa ao notar Nolan ali.

— Você é parente dela? — questionou, gesticulando entre nós dois.

Ele foi mais rápido do que eu para responder:

— Sim, sou o namorado dela!

Minha boca se abriu num “o” mudo, incrédula com a audácia do infeliz. No entanto, o sorriso gentil da nutricionista me impediu de desmenti-lo. Criar uma cena era a última coisa que eu queria lidar.

— Bem, estou aqui para saber do que você gosta de comer, Lila — avisou ela, com simpatia. — Sei que nem sempre o cardápio do hospital é apetitoso — fez uma careta engraçada, arrancando um sorriso meu —, por isso estou disposta a fazer algumas concessões, só para ver esses olhos

brilhando e sua barriga bem cheia, mocinha.

Não consegui evitar uma risada.

— Que gentileza a sua...

— Keira — respondeu, percebendo que eu não sabia como ela se chamava. — Meu nome é Keira. — Sorriu. — Então, Lila, o que você gostaria de comer?

Abri a boca para responder, porém, mais uma vez, Nolan se adiantou:

— Nada com aveia — disse ele, sério. — E ela gosta de sucos de frutas vermelhas. Qualquer uma.

Pisquei, desnorteada com o quanto ele me conhecia. Não deveria me surpreender, aliás, considerando que me lembrei do nosso passado.

Como ele já tinha tomado as rédeas da conversa, optei por me calar. Fiquei apenas observando a troca entre ele e Keira, sem interferir. Quando ela, por fim, deixou o quarto, Nolan se voltou para mim.

Antes que eu pudesse mandá-lo sair também, ele disparou:

— Eu não sei por que você está com raiva de mim, mas não quero discutir. Só me deixa ficar. Passei por um inferno nos últimos dias. Só me deixa ficar aqui e te ver, Lila.

Fiquei o encarando, absorvendo cada palavra dita, o som da voz dele, a maneira como ocupava o espaço todo. Por que ele tinha que ser tão absurdamente irresistível? O pior era quando deixava transparecer aquele lado cuidadoso comigo. Era impossível não notar o cansaço em seu rosto.

— Tudo bem — falei no fim, deixando um arquejo cansado escapar. — Só não me obrigue a falar com você, porque eu não quero!

Assentiu com a cabeça e fez um gesto divertido com os dedos, fechando um zíper nos lábios. Observei quando ele se jogou na poltrona ao lado, soltando um leve gemido, não de dor, mas de alívio, como se o simples fato de estar ali comigo bastasse. Como eu pude esquecê-lo? Pensar nisso parecia absurdo.

O tempo foi passando devagar. Quando minha comida finalmente chegou, percebi o quanto era difícil me mover sozinha: cada tentativa de levantar o braço era interrompida pela dor insistente nas costelas.

— Se precisar de ajuda, é só pedir, *baby* — mencionou Nolan.

Soltei os talheres, sentindo-me inútil.

Não recusei quando ele se aproximou e começou a me alimentar. Cuidadosamente, colocava colheradas na minha boca, sem desviar o olhar.

Quase dei risada ao ver sua expressão concentrada, parecendo estar realizando a tarefa mais importante do mundo. Se eu não estivesse tão zangada com ele, até acharia fofo.

— Beba devagar — pediu, enquanto me oferecia o suco. Nossos olhares se encontraram, e precisei de todo meu autocontrole para não o puxar para um beijo. Ele estava tão perto.

— Chega! — exclamei, nervosa com a proximidade. — Já estou satisfeita.

— Tem certeza? — insistiu.

— Sim, — respondi, com um aceno.

Finalmente se afastou, e eu voltei minha atenção para o pé imobilizado, que agora coçava insuportavelmente. Olhei para Nolan, sabendo que ele era o único ali que poderia me ajudar.

— *Argh!* — resmunguei, alto o suficiente para que ele escutasse.

Nolan arqueou as sobrancelhas, curioso.

— Algum problema?

Rolei os olhos, quase explodindo de frustração.

— Meu pé está coçando — admiti em um pigarro. — Pode coçar para mim, por favor?

— Claro! — respondeu, animado, indo coçar meu pé.

Suspirei de alívio quando a coceira começou a diminuir. Nolan continuava sorrindo, o que me irritou.

— Pode parar com esse sorriso bobo — resmunguei, mal-humorada. — Isso não muda o fato de que você é um manipulador.

Franziu a testa, confuso.

— Do que você está falando? —perguntou, visivelmente confuso. — Isso tem a ver com sua última briga com seu pai? Você está mesmo me culpando por ter te convencido a jantar lá em casa? Eu sei que não te obriguei, mas... *tá* bom, admito que dei uma manipulada *pra* fazer aquilo

acontecer. — Ele deu de ombros e se largou de volta na poltrona.

Respirei fundo para me preparar. Não dava mais para adiar aquela conversa.

— Você tem esse hábito, não é? — provoquei. — Faz tudo girar em torno do que você quer, do que você planejou. Fez isso comigo desde o começo.

Estalou os lábios, contrariado.

— Vai querer discutir agora? —Passou as mãos pelo rosto, frustrado. — Não me culpe por lutar pelo que eu acho que é meu, *baby*. — Tentou sorrir, mas eu não retribuí. Diante da minha expressão azeda, ele soltou um suspiro pesado. — *Tá* bom… me diz o que você quer, e eu faço.

— Não era a canetinha amarela que eu queria, Nolan, era a vermelha. Eu te falei isso várias vezes. Por que você nunca me escuta? Fica sempre me olhando com essa cara de bobo.

— O quê? — Fez uma careta, confuso com minhas palavras desconexas. — De que merda você está falando?

— E quantas vezes eu pedi para você parar de brigar com os outros meninos por minha causa? Eu odeio te ver machucado e de castigo. Você é teimoso, né? Vive entrando em confusão.

Piscou algumas vezes, processando o que eu estava dizendo.

— Lila...

— Eu sei que você tem essa mania de me observar como um maluco, e isso não é legal, sabia? Você precisa se concentrar em outras pessoas também, fazer novos amigos, ou os professores vão acabar chamando seus pais na escola, e eles podem proibir nossa amizade. É isso que você quer?

Nesse momento, ele ficou pálido, os olhos se arregalando tanto que eu quase ri.

— Você... se *lembrou* de *nós*...

— E você *sempre* soube! — rebati, magoada. — Sempre soube quem eu era. Quem nós éramos.

Ele estava tão atordoado que nem percebeu minha raiva. Tentou me beijar, mas o impedi, pressionando a mão contra sua boca.

— Não, Nolan! — declarei, resfolegante. — Eu te amo, mas isso não apaga o que você fez. Você me manipulou o tempo todo.

Olhou-me com uma intensidade nova, quase hipnotizado.

— *Vo-você...* me ama? — balbuciou, feito um bobo.

Estapeei seu braço, irritada com sua lentidão.

— Nolan!

Deu risada, erguendo as mãos.

— *Tá* legal, *tá* legal — murmurou, inspirando fundo. Parecia estar tendo dificuldade para raciocinar. — Olha... no início, eu tentei te manipular, sim. Achei que você estivesse fingindo, que estava me enrolando de propósito ou querendo me enganar de algum jeito — admitiu em tom baixo. — Mas depois, eu percebi que você realmente não se lembrava de mim. Sua mente estava confusa, e eu não queria bagunçar ainda mais as coisas.

Fiquei em silêncio, digerindo suas palavras por longos minutos.

— Eu preciso de tempo — falei, odiando a ideia de ficar longe dele, mas sabendo que era necessário.

A expressão dele se contorceu na hora.

— Um relógio novo? Eu te dou!

Revirei os olhos.

— Não, Nolan, nada de piadinhas agora. Eu preciso de tempo para processar tudo.

— Não, absolutamente não! — protestou. — Nem pensar. — Continuava inclinado sobre mim, mesmo com minhas mãos barrando as dele de me tocar. — Você não pode decidir isso sozinha!

— Claro que posso! — rebati. — Não tem como você impedir!

— Tem, sim! — insistiu, cheio de aflição. — Quer gritar comigo? Eu deixo. Quer me bater? Tudo bem. Mas ficar longe de mim? Nunca!

Quando não respondi, ele finalmente percebeu que sim, eu precisava de espaço. Então, relutante, se afastou, mas ficou de pé, ao lado da cama.

Passei as mãos pelo rosto, lutando para controlar a respiração que começava a pesar, agravando o desconforto no meu tórax.

— Você me enganou... — acusei.

— Não, eu só não disse que já nos conhecíamos porque você claramente não se lembrava. Eu não forcei nada, Lila. Só me aproximei… e fui te conquistando, um dia de cada vez.

— *Uhum*. Isso vindo de quem me prometeu o inferno já no primeiro dia de aula.

— E no fim, eu só te mostrei o céu — retrucou, naquela arrogância que eu conhecia bem.

Mesmo brava, não evitei o sorriso que se formou em meus lábios.

— Pare com essas piadas, não tem graça — aleguei, entre risos.

— Tem graça, sim. Nossa história daria uma série na Netflix.

Minha risada aumentou, mas logo gemi de dor. Instantaneamente, ele se aproximou de novo.

— Podemos conversar sobre isso mais tarde? — perguntou. — Você precisa descansar.

— Tudo bem. Pode ficar aqui comigo. Mas saiba que ainda estou chateada.

Sorriu, satisfeito, inclinando-se um pouco mais. O cheiro dele me envolveu como um bálsamo.

— Eu sei, *baby*. Desde que eu possa ficar com você, eu aceito isso. — Ele me deu um beijo demorado na testa.

Eu já estava quase adormecendo quando ouvi sua voz suave:

— *Diga meu nome*, querida...

Sorri, incapaz de evitar, pois a lembrança brilhou com forma na minha mente.

— Morceguinho — soprei, deixando o cansaço me dominar. — *Meu* morceguinho.

Nolan me beijou na testa outra vez.

— Sim, seu — murmurou. — Sempre seu.

Despertei com o som de vozes ao fundo. Quando percebi que era Nolan conversando com meu pai, fechei os olhos novamente e permaneci imóvel, fingindo ainda estar dormindo, só para poder ouvir o que diziam.

— Estou exausto! — confessou meu pai, e eu me senti culpada por ser a causa disso. — Mal tive tempo de tomar um banho decente nos últimos dias.

— O senhor pode ir para casa, eu fico aqui com a Lila — sugeriu Nolan. — Não queria dizer nada, mas um banho realmente cairia bem... O senhor está precisando — completou com um riso atrevido.

Tive que morder o interior da bochecha para não rir junto, incrédula com o atrevimento dele.

— Você é bem abusado, hein? — resmungou papai, em um tom divertido. — Não vou deixar minha filha sozinha.

— Eu vou cuidar bem dela. Vá para casa, tome um banho e descanse um pouco — insistiu Nolan. — Ou o senhor acha que vou sequestrar a Lila do hospital? Fico até lisonjeado com o que parece pensar no que sou capaz de fazer.

Meu pai riu.

— *Tá* legal, eu vou — disse, ainda rindo. — Quando ela acordar, avise que volto mais tarde.

— Pode deixar, aviso sim — respondeu Nolan.

Esperei alguns minutos antes de abrir os olhos. Nolan estava distraído, mexendo no celular. Notei que ele estava com roupas diferentes, o que me fez supor que também havia passado em casa.

— Quanto tempo eu dormi? Ou melhor, em que realidade paralela estou vivendo? — indaguei, chamando sua atenção.

— Por quê, *baby?*

— Desde quando você e meu pai são amigos? Acho que perdi o desenvolvimento dessa relação. — Ameacei sorrir, mas saiu parecido com uma careta.

— Não pense que sou bonzinho, Lila — insinuou, se aproximando. — Eu só estou me certificando de ter acesso à filha dele.

— Nolan! — Estapeei seu braço, envergonhada com a insinuação maliciosa por trás de suas palavras.

Ele riu.

— Brincadeira. — Inclinou-se para beijar minha testa. — Na verdade, ambos amamos a mesma pessoa. Queremos o melhor para essa pessoa. Acho que seu pai idiota finalmente percebeu isso.

"Amamos a mesma pessoa." Espere, ele disse que me amava?

— Não fale assim do meu pai — ralhei, ainda processando o que ele tinha dito.

— Ok, ok. O meu sogrão entendeu as coisas — corrigiu, com um sorriso largo.

Rolei os olhos, mas acabei rindo junto. Nolan olhou para meus lábios, e meu coração acelerou.

— Será que posso beijar minha namorada agora? Ou você vai continuar me castigando?

— Não sei... Você acha que merece sair do castigo? — Empinei o nariz.

Estalou os lábios, fingindo ponderar.

— Bom, considerando que eu nunca fui de pedir permissão, não vejo por que não pegar o que é meu, né? — Pairou os lábios nos meus. — Seus beijos, seu sorriso, sua boceta... tudo é meu, *baby.*

Arfei, incapaz de processar as sensações que tomaram conta de mim quando ele me beijou, reivindicando o que considerava dele. E, de certa forma, ele estava certo.

Porque eu me senti conectada a ele desde o momento em que o vi pela primeira vez, ainda crianças.

Meu Nolan.

Meu morceguinho.

— Tem certeza disso? — perguntei, lançando um olhar sério para Ross.

— Nem vou te responder para não levar essa sua desconfiança como ofensa pessoal — retrucou, estalando os lábios. — Você me pediu para investigar sobre o passado da Lila, e isso é tudo o que encontrei até agora.

Soltei um longo suspiro e me recostei na cadeira, voltando os olhos para a tela do laptop. Mais de duas semanas atrás, eu havia pedido ao Ross que investigasse o passado dela; agora, as informações que ele encontrou estavam bem diante de mim. E eram tão desconcertantes quanto enigmáticas.

— Isso aqui é uma bagunça... — murmurei, passando a mão pelos cabelos enquanto lia cada detalhe. — O senhor Byrne contou *pra* Lila que a mãe dela morreu em um acidente de trânsito, e que ela estava junto no carro.Mas não é isso que diz aqui.

— Que situação complicada!

Esfreguei o rosto com as mãos, lutando para processar tudo.

— Complicada? — repeti, levantando-me de repente. — Como vou contar *pra* minha garota que o pai dela mentiu esse tempo todo? E que continua mentindo?

Indiferente, Ross começou a girar na cadeira, dando de ombros. Ele era um insensível, completamente alheio ao peso da situação.

— Simples, não conta! — decretou, como se fosse óbvio. — Olha, não que eu me importe, mas talvez o pai dela tenha inventado essa história *pra* poupar a filha de uma dor ainda maior. Nem todo mundo consegue lidar com uma verdade tão cruel, Nolan. — Gesticulou em direção ao

laptop, referindo-se às informações que havia reunido até o momento.

Pensei por um instante, odiando admitir que ele tinha um ponto.

— Você acha que consegue descobrir por que ela foi internada naquela clínica psiquiátrica? — perguntei, tenso.

Assentiu.

— Pode levar um tempo, mas acho que consigo.

— Ótimo! — exclamei, já me dirigindo à porta. Estávamos na Sede da fraternidade.

— Sabe que isso vai ter um preço, né? — perguntou o idiota, me fazendo revirar os olhos.— E esse favor, você vai ficar me devendo. Cobrarei no momento que eu achar mais conveniente.

— Claro que vai! Filho da mãe! — retruquei, levantando o dedo do meio para ele enquanto saía.

— Você não precisava ter vindo — resmungou o senhor Byrne, lançando-me um olhar desconfiado enquanto eu me sentava ao lado dele na sala de espera. — Vou levar minha filha direto para casa, e não vou permitir que você fique com ela no quarto.

Um sorriso cínico curvou meus lábios.

— Achei que já tivéssemos superado essa fase, sogro — brinquei, revirando os olhos. — Lila e eu somos namorados. Isso não vai mudar só porque o senhor quer.

— Sim, já aceitei essa porra! — admitiu, contrariado.

Ergui as sobrancelhas, espantado.

— *Hmm*, palavrões agora? Que feio, hein?! — zombei, provocando, e ele acabou soltando uma risada, embora tentasse manter a expressão séria.

O silêncio se estendeu por alguns instantes, conforme minha mente voltava a girar em torno das revelações do Ross. Pensei na possibilidade de confrontar o senhor Byrne, mas sabia que ele negaria tudo ou, no mínimo, se esconderia atrás de justificativas frágeis. Resolvi manter essa

informação em segredo por enquanto. Era uma carta valiosa, e eu ainda não estava pronto para jogá-la na mesa.

— A propósito, o que descobriram sobre o atropelamento? — perguntei, querendo entender melhor a situação. — Já sabem quem foi o culpado? — Meu maxilar se contraiu ao reviver tudo o que aquele pesadelo havia me feito suportar.

Cada vez que a lembrança voltava: Lila me expulsando do quarto, recusando meu toque, rejeitando minha presença... um nó se formava no meu peito. Era como ser empurrado para fora de um lugar que, até então, chamava de casa.Eu não queria, nunca mais, sentir aquilo de novo. Estar longe dela era sufocante. Como tentar respirar debaixo d'água.

— O motorista fugiu sem prestar socorro. — Suspirou fundo. — E eu estava tão abalado que só consegui ver um borrão do carro. Era vermelho. — Cerrei os dentes, sentindo a raiva crescer dentro de mim ao pensar no culpado. — Mas, naquele momento, minha única preocupação era minha filha caída no chão. O carro simplesmente sumiu.

— Existem milhares de carros vermelhos — aleguei. — Nenhum outro detalhe chamou sua atenção?

— Eu pareço um especialista em carros para você? — Balançou a cabeça com irritação.

— Mas já foi à polícia? — insisti.

Negou com a cabeça.

— Queria esperar a Lila melhorar antes de mexer nesse assunto — disse ele, dando de ombros. — E, sinceramente, não tenho muitos detalhes. Não reparei na placa, só vi que era um carro vermelho. Como já disse: na hora, minha única preocupação era ela.

Respirei fundo, soltando o ar em intervalos curtos.

— Certo. Nesse caso, a polícia não vai conseguir fazer muita coisa mesmo — resmunguei, frustrado.

Pensei em mencionar que poderia pedir ajuda ao meu pai para usar métodos... menos tradicionais e descobrir quem foi. Não achava justo que o desgraçado que quase tirou a Lila de nós continuasse vivendo como se nada tivesse acontecido. Mas, no fim, preferi guardar essa ideia para mim.

Naquele instante, o médico apareceu, informando que Lila finalmente estava pronta para ir *pra* casa.

Logo que entramos no quarto, o primeiro detalhe que me chamou a atenção foi o sorriso radiante

no rosto dela.

— Parece que temos uma mocinha pronta para ir *pra* casa, hein? — comentou o senhor Byrne, sem conseguir esconder a animação.

— Já estou pronta há séculos, pai. Me tira logo daqui, por favor — O rosto dela se transformou em uma careta adorável.

De repente, o celular do senhor Byrne tocou. Ele pediu licença para atender a ligação. Antes de sair do quarto, fez um sinal para que eu ajudasse a Lila.

Me aproximei dela devagar, inclinando o rosto até que meus lábios encontrassem os seus num beijo leve. Seu rosto estava mais corado, um bom sinal de que o tratamento estava funcionando. As costelas ainda se curavam, mas ela já respirava com mais facilidade, sem demonstrar tanta dor. O que mais incomodava agora era a perna, imobilizada no gesso.

— Odeio ser o portador de más notícias, mas vou ter que te carregar no colo, *baby* — soprei contra seus lábios, provocando. — Sei que você mal consegue se controlar quando minhas mãos estão em você, então... — pausei, rindo junto com a gargalhada incrédula dela —, é melhor acalmar esse espírito *faminto* por mim, querida.

— Espírito faminto? — repetiu, entre risos.

— Admita que você adora me devorar, Lila. — Mordisquei seu lábio inferior.

— Seu cretino arrogante!

Soltei uma risada antes de finalmente erguê-la nos braços, sentindo um calor familiar quando ela repousou a cabeça contra meu peito. Seu perfume me envolveu de imediato e, por um momento, fechei os olhos, querendo guardar aquela sensação: o cheiro dela, o toque, a proximidade.

Com Lila aconchegada em meu colo, saímos do quarto. Ela era tão leve que parecia flutuar nos meus braços.

— Você fica irresistível com esse piercing no nariz e o brinco na orelha, sabia? — disse perto do meu ouvido, e um arrepio percorreu meu corpo inteiro ao sentir sua voz tão próxima.

— Fico feliz em saber que te agrado, *baby* — respondi, aproveitando o momento para dar uma leve mordida em seus lábios carnudos.

Assim que a porta se fechou atrás de nós no corredor, vi o senhor Byrne à frente, com o celular encostado ao ouvido, ainda imerso na ligação.Seus olhos pousaram brevemente em Lila, e, mesmo tentando disfarçar, ficou evidente a tensão por trás do olhar: um misto de alívio e preocupação.

Caminhei atrás dele pelo corredor silencioso. Pelo tom da conversa, parecia tratar de um caso relevante na promotoria. Eu não sabia muito sobre sua trajetória como advogado criminal, mas, pelo pouco que ouvi, era notório que ele tinha certo prestígio.

— Seu carro está no estacionamento? — perguntou Lila de repente, sua voz suave, mas curiosa.

— Sim, *baby*, está lá. Mas não se preocupe com isso agora. Eu volto para buscá-lo.

Apenas assentiu, mordendo o lábio de leve.

— Você faltou bastante as aulas nas últimas semanas — comentou, como se só agora se desse conta disso. — E tudo por minha causa. — Pisquei algumas vezes, vendo a preocupação em seu semblante. — Isso pode te prejudicar, Nolan.

Beijei sua testa, desejando dissipar sua ansiedade.

— Relaxa, seu namorado é um gênio — brinquei, para suavizar a tensão. — Além disso, minha família praticamente comanda essa cidade, sabia? — acrescentei, em tom divertido, fazendo-a corar.

— Bobo! — Ela me beliscou de leve na cintura, e eu ri.

Chegamos ao lado de um SUV preto. O senhor Byrne havia terminado a ligação e destravou as portas.

— Aqui estamos! — disse ele, abrindo a porta de trás para que eu pudesse colocar Lila com cuidado no banco.

Com toda a delicadeza, acomodei-a no assento, ajustando o cinto de segurança ao redor dela. Nossos olhares se cruzaram mais uma vez, e antes de me afastar, não resisti em selar seus lábios com um beijo suave.

— Pronto, segura firme! — Pisquei para ela.

Seu pai já estava no volante, pronto para partir.

— Estarei logo atrás de vocês, *tá?* — avisei, oferecendo a ela um sorriso tranquilizador.

Assentiu com um leve sorriso.

Toquei de leve na janela antes de recuar, observando o carro se afastar devagar pelo estacionamento. Ainda que soubesse que seriam apenas alguns minutos longe dela, uma inquietação silenciosa já começava a me corroer por dentro.

Deixei um suspiro escapar e me virei, caminhando em direção ao meu próprio carro.

Quando cheguei à casa da Lila, minha entrada foi liberada sem dificuldades.

— O que está acontecendo? — perguntei assim que entrei na sala, percebendo uma leve preocupação tanto no rosto do senhor Byrne quanto no da senhora Audrey.

Caminhei até Lila, sentada no sofá.

— Está tudo bem? — soprei, enquanto ela apenas assentia com a cabeça.

— Infelizmente, a senhora Audrey vai precisar viajar de última hora — informou Lila, estalando os lábios.

Franzi o cenho, sem entender por que isso era tão problemático.

— E isso é um problema? — questionei, confuso.

— Sim, porque eu estava contando com a senhora Audrey para cuidar da Lila enquanto eu estivesse fora — explicou meu sogro. — Acabei de pegar um grande caso que vai tomar muito mais do meu tempo. E Lila ainda não pode ficar sozinha.

— Também não precisa exagerar, pai — rebateu ela, com um suspiro. — Minhas costelas já estão quase boas, e estou indo bem na fisioterapia.

— Eu sinto muito por não poder ficar e cuidar de você, querida — lamentou a senhora Audrey, visivelmente emocionada. — Fiquei tão feliz com a sua alta. — Fungou, enxugando algumas lágrimas discretas com a mão.

— Gente, não é o fim do mundo! — resmunguei, querendo aliviar o clima. — Eu posso muito bem levar a Lila para a minha casa. — Ofereci, já imaginando o quanto seria bom tê-la comigo o tempo todo.

— Nem pensar! — protestou senhor Byrne, com as mãos na cintura. — Vou contratar alguém.

— Ah, claro! — grunhi, sem conseguir me segurar. — Colocar um completo estranho dentro de casa, para inclusive dar banho na sua filha? Nem fodendo!

— Nolan! — Lila me beliscou, chocada com minha explosão.

Revirei os olhos, sem entender o que eu havia dito de tão errado.

— Tenho que concordar com o menino, senhor — interveio a senhora Audrey. — Não ficarei tranquila sabendo que um desconhecido estará aqui. Deve haver uma solução melhor.

— E tem! — insisti. — *Minha* casa. — Sorri satisfeito, enquanto meu sogro me olhava sério. — O senhor pode conversar com meus pais, se preferir. Escuta — respirei fundo, sem querer parecer desesperado ou desrespeitoso —, sei que ainda existem algumas reservas sobre a minha família, mas eu garanto que jamais colocaria a Lila em risco. Ela é o centro do meu mundo desde que eu tinha seis anos.

Antes que ele pudesse responder, seu celular voltou a tocar. Olhou de mim para Lila, pensativo.

— Ainda não concordei com isso, mas prometo que vou pensar — declarou, apontando o dedo para mim.

Afastou-se para atender a ligação, deixando-me a sós com Lila e a senhora Audrey. A presença dela me lembrava muito minha avó, Amy, que vivia sendo disputada pelos meus primos. Ela acabava passando um tempo na casa de cada um para evitar confusões.

— Estou tão triste por não poder cuidar de você, minha querida — disse ela, chateada com isso.

— Ah, Audrey, não chore, senão vou acabar chorando também — respondeu Lila, levantando os braços para um abraço. — Eu entendo que você precisa cuidar da sua filha. Não quero que se sinta presa a mim. Vou ficar bem, eu prometo. — Beijou o rosto da senhora com carinho.

— Eu sei que vai ficar bem — soprou, olhando de Lila para mim com um brilho nos olhos. — Desde a primeira vez que te vi, meu rapaz, tive a impressão de que você seria um problema.

Pisquei, espantado com o comentário.

— Não entendi. A senhora é minha fã ou minha hater? — brinquei, e Lila soltou uma risada, me cutucando para eu parar.

— Depende — respondeu Audrey, inclinando a cabeça de lado. — Você pretende ser um problema para ela ou *por* ela? — Um sorriso sádico surgiu nos meus lábios, e quando ela o viu, completou: — Que Deus ajude quem atravessar o seu caminho, rapaz!

Finalmente, após muita conversa, naquela mesma tarde, Lila e seu pai chegaram à minha casa. Como eu preparei meus pais sobre o assunto antes, eles fizeram questão de recepcioná-los.

— É um prazer recebê-los! — exclamou meu pai, estendendo a mão para cumprimentar o senhor Byrne. — Fico feliz em saber que confia em deixar sua filha conosco pelos próximos dias.

Keegan esboçou um sorriso discreto, mas sincero.

— Seria injusto não confiar, depois de tudo o que fizeram pelo bem-estar dela — respondeu ele, segurando a mão de Lila para um beijo. Ela usava uma muleta para se apoiar.

— Veja só você, minha querida — disse mamãe, com os olhos brilhando de emoção. — Como se recuperou bem! — Aproximou-se e abraçou Lila antes de lhe beijar a bochecha. — Fiquei tão aflita quando soube do acidente. — Depois, se virou para o senhor Byrne. — Prazer, sou Jasmine, mãe do Nolan.

Meu sogro se inclinou para beijar a mão da minha mãe, tentando retribuir o gesto com elegância, mas meu pai foi mais direto: puxou o braço dela, interrompendo o contato sem o menor esforço para disfarçar. Em seguida, fez um gesto seco com a cabeça, indicando a entrada da casa.

— Por favor, vamos entrar — disse ele, com o maxilar tenso de ciúme. — Assim, pode conhecer o lugar onde sua filha ficará enquanto estiver ocupado.

— Claro! — respondeu Keegan, sorrindo.

Nesse momento, meus tios, Carter e Kael, chegaram.

— Não sabia que estavam com visitas — disse Carter, curioso. — Essa é a namorada? — Apontou para Lila, que ficou visivelmente corada com toda a atenção.

— Sim, é ela! — respondi, orgulhoso.

— Sabia que você ia puxar seu tio aqui — apontou para si mesmo —, e escolher a mais bonita — brincou o tio Kael.

— Dá *pra* parar de se gabar toda vez que tem chance? — resmungou tio Carter, enquanto Lila ria.

— Não ligue para eles, querida — murmurou mamãe, divertida. — Esses *grandalhões* são competitivos até o último fio de cabelo. Vamos, eu te ajudo.

— Eu posso te carregar no colo, *baby* — sugeri, mas Lila recusou com um sorriso.

— Meu fisioterapeuta disse que preciso me exercitar, Nolan. Não vou conseguir fazer isso se você continuar me mimando desse jeito — respondeu, rindo.

Enquanto minha mãe e Lila seguiam devagar para dentro, notei que meu pai se aproximou de mim, deixando meus tios conversando com o senhor Byrne. Aproveitei o momento para puxá-lo de lado.

— O que foi? — perguntou ele em voz baixa, percebendo que eu queria discrição.

— Só queria avisar que planejo levar Lila para o meu apartamento — falei, direto. — Eu posso cuidar dela, pai.

Estreitou os olhos, avaliando minhas palavras.

— Você sabe que sou um homem de palavra, certo? — começou ele. — E se dei minha palavra ao Keegan Byrne de que vou cuidar da filha dele, é o que vou fazer.

Suspirei, frustrado.

— Então me deixe tirá-la daqui durante o dia.

— Você tem aula — rebateu. — Já faltou o suficiente, e isso pode comprometer seu desempenho. Agora que Lila não está mais em risco, não vejo razão para você continuar faltando.

Passei a mão pelo rosto, buscando conter a frustração.

— Ok, então, quando eu voltar das aulas — concedi. — Só quero passar um tempo a sós com minha namorada. Lila finalmente se lembrou de nós, entende? — Ele assentiu, um leve sorriso surgindo em seus lábios.

— Está bem, posso permitir isso.

Antes que ele se afastasse, segurei seu braço.

— Mais uma coisa, pai — pedi, com o maxilar tensionado. — O senhor consegue acessar as câmeras da rua da casa dela na noite do acidente? — Franziu o cenho, e eu acrescentei: — Quero descobrir quem foi o desgraçado que a atropelou e fugiu sem prestar socorro.

Sacudiu a cabeça, ponderando.

— Posso conseguir sim, — respondeu. — Vai querer lidar com isso sozinho quando tiver um nome?

Trinquei o maxilar, ciente do que ele estava realmente perguntando. No nosso mundo, os problemas eram resolvidos de uma única forma: eliminação.

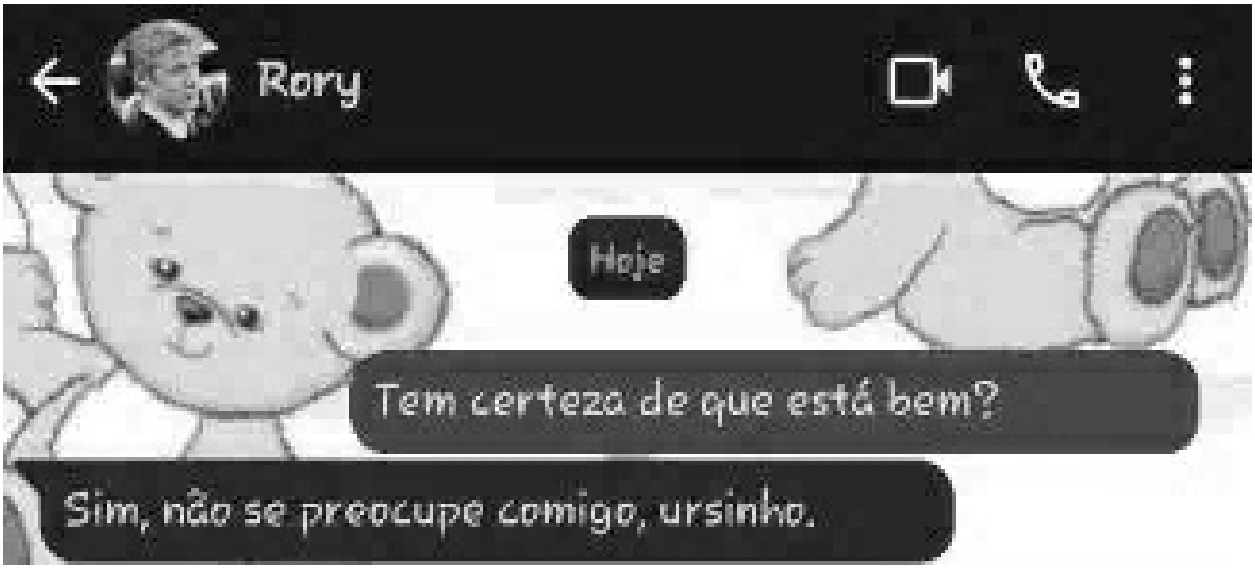
— Farei o que for necessário — respondi, sem hesitar.

Não tinha dúvida de que o responsável pelo que aconteceu com Lila teria que pagar — e de uma maneira que ele jamais esquecesse.

CAPÍTULO 23

Lila Byrne

Eu não conseguia desgrudar os olhos do celular. Uma sensação incômoda no peito que eu não sabia explicar. Algo estava errado, eu sentia isso.



Franzi o cenho, tomada por uma inquietação silenciosa. Desde meu acidente, Rory vinha agindo de forma mais reservada.Até mesmo nas visitas ao hospital, eu o senti distante. Era como se, pouco a pouco, ele estivesse se afastando de mim, e eu não sabia o que fazer para impedir isso. No fundo, algo me dizia que ele estava enfrentando problemas com o pai.

A resposta veio quase de imediato:

— O que tanto você olha nesse celular, *baby?* — Nolan, desviou minha atenção. Olhei para ele, que dirigia concentrado. — Você sabe que detesto dividir você com outra pessoa, ainda mais com alguém que te deixa assim, preocupada. — Gesticulou com o queixo, um toque de ciúme evidente.

Deixei um suspiro escapar. Apaguei a tela do celular.

— É o Rory.

Nolan franziu o cenho.Nem fazia questão de disfarçar o quanto meu amigo o incomodava.

— O que tem ele?

Respirei fundo, na tentativa de afastar a sensação ruim que me perseguia.

— Não sei, mas ele está agindo estranho comigo — confessei. — Acho que tem algo acontecendo com o pai dele. Os dois nunca se deram bem. O pai do Rory é um homem controlador, difícil de lidar.

— Mas vocês não são grandes amigos? — retrucou, o tom cheio de ironia, deixando seu ciúme à mostra. — Se fosse algo realmente grave, ele já teria te contado.

Estreitei os olhos.

— Talvez ele só não queira me preocupar, considerando tudo o que aconteceu comigo recentemente — expliquei, observando a tensão visível nos ombros dele. Mordi o lábio para conter o riso. —Não acredito que você está com ciúmes, Nolan!

— Não me provoca — rosnou, tirando a mão do câmbio e pousando-a na minha coxa. Apertou de um jeito que fez meu corpo inteiro reagir.

Arfei, sentindo um calor percorrer todo meu corpo. As últimas semanas tinham sido complicadas, com altos e baixos. Minha recuperação não estava fácil, e aceitar as mudanças era um desafio diário. Mas Nolan ficou ao meu lado o tempo todo, sem sair por um minuto sequer.

— E afinal, para onde você está me levando? — perguntei, em um pigarro nervoso. — Meu pai não vai ficar nada feliz em saber que você me tirou do "castelo assombrado" da sua família.

Riu de maneira espontânea.

— Castelo assombrado? — repetiu entre risos, se divertindo.

Ri também.

— Você já reparou no tamanho daquela mansão? — rebati, ainda rindo. — Eu facilmente me perderia por lá.

Girou o rosto um pouco na minha direção, os olhos brilhando em um misto de diversão e algo mais.

— É por isso que estou te levando para o meu apartamento — declarou, cheio de segundas intenções. — Quero você só para mim, *baby*.

Um arrepio percorreu minha espinha diante da promessa não dita.

Durante todo o processo da minha recuperação, Nolan se manteve distante, sexualmente falando, e cuidadoso. Pelo menos, não da maneira que eu realmente desejava.

— Você é um pervertido! — exclamei, me esforçando para soar indignada, já que não queria admitir que gostava da ideia.

Ouvi uma nova risada vindo dele.

— Não finja que não gostou da ideia, *baby*.

Eu não precisei dizer nada; minha risada já me traía e entregava tudo o que eu tentava esconder.

— Vamos dormir aqui? — perguntei assim que chegamos ao apartamento e Nolan me levou para o quarto. — Se meu pai descobrir...

— Ele não vai descobrir — interrompeu, pressionando os lábios na curva do meu pescoço. — Ainda não percebeu que agora eu sou o favorito dele?

Dei uma risada involuntária.

— Você é tão convencido, sabia? — respondi de olhos fechados enquanto ele me carregava para a cama. Mesmo com o gesso na perna, isso não parecia ser um problema.

— Confiança não deveria ser vista como um defeito — argumentou, me deitando no colchão. Mordi os lábios conforme observava Nolan tirar meus sapatos, seguido pela calcinha. — E pare de fingir que não adora saber o quanto eu sou obcecado por você. — O ajudei a tirar meu vestido por cima da cabeça.

Arfei quando seus olhos se fixaram nos meus seios livres. Com um joelho na cama e a outra perna firme no chão, Nolan se inclinou sobre mim, o rosto pairando acima do meu.

— Será que você já está pronta para me receber? — questionou em tom baixo, fazendo meu corpo se arrepiar por completo. — Será que você consegue lidar com o meu tesão? — Gemi baixinho quando seus dedos desceram, encontrando o caminho entre minhas pernas.

— *Hmm...* —um gemido escapou, e eu me remexi na tentativa de lidar com os movimentos limitados. — Sim, eu consigo — declarei, ansiosa por mais.

Ele riu, parecendo se divertir com meu desejo evidente.

— Está com saudade, é? — soprou a pergunta próximo ao meu ouvido, enquanto sua língua deslizava pela minha pele e seus dedos não paravam de trabalhar nas minhas dobras molhadas. — Eu mal podia esperar para estar com você de novo — mordiscou o lóbulo da minha orelha. — Estava contando os segundos para voltar a sentir você. — Seus lábios se moveram até meus mamilos, sugando e mordendo com uma intensidade que me deixava louca.

Arqueei as costas, me esforçando para me abrir mais para ele. Nolan continuou focado nos meus seios, lambendo e mordendo com uma fome voraz, sem desviar o olhar do meu.

— Diga meu nome — pediu, hipnotizado. — Quero ouvir você dizer a quem pertence, Lila.

Seus dedos se afundaram em mim de um jeito que só ele sabia fazer. Meus olhos reviraram, completamente imersa no prazer que ele estava me proporcionando.

— A você! — declarei, sem fôlego. — Eu pertenço a você, meu morceguinho...

Um sorriso satisfeito surgiu em sua boca antes de ele descer a cabeça e me beijar, prendendo meu clitóris entre os lábios, arrancando uma série de gemidos incoerentes de mim. Mesmo com toda a excitação entre nós dois, Nolan se movia com cuidado, atento para não me machucar, considerando minha condição física.

— *Porra...* veja como você está pronta para mim. — Espantou-se, afundando dois dedos com

uma velocidade que me deixava à beira do desespero. — Você está me deixando louco, sabia? Sua boceta está pingando, *baby!*

Subiu uma mão para apertar meus seios, brincando com os mamilos endurecidos e sensíveis.

— Oh, Nolan... — remexi-me no colchão, me perdendo nas sensações que ele provocava.

O problema foi que o som de algo se movendo no andar de baixo nos interrompeu. Me assustei, apoiando os cotovelos no colchão para tentar me levantar. Nolan manteve os olhos em mim, passando o dorso da mão pela boca.

— O que foi isso? — perguntei, sem fôlego.

Revirou os olhos, claramente irritado.

— Provavelmente são meus primos intrometidos — resmungou, sem entusiasmo. — Fique aqui. — Ele se levantou, vestindo a calça que nem percebi quando havia tirado. — Vou chutá-los de volta para o lugar de onde vieram. E já retorno aqui para terminar o que comecei — prometeu, tocando entre minhas pernas e beliscando meu clitóris de leve.

Encolhi-me com o toque, sensível demais para resistir.

Ainda na cama, observei conforme ele se afastava em direção à porta do quarto. Sentindo meu corpo fervendo, me joguei para trás, desejando me acalmar, mas o tesão só aumentava.

Um minuto, dois, três, cinco...

Inquieta com a demora de Nolan, decidi sair da cama.

Claro, eu não sairia do quarto, considerando que estava nua e sem saber quem poderia estar lá embaixo. Só que eu estava agitada demais para continuar deitada. Mancando, cheguei até a porta, apenas para espiar.

Nesse momento, Nolan apareceu e, ao me ver ali, se assustou.

— *Baby*...

Não o deixei terminar de falar. Avancei nele, colando nossos lábios com toda a intensidade do tesão que estava me consumindo.

— Você demorou *pra* voltar — reclamei, agarrada a ele, sem interromper nossos beijos.

Passeou os lábios pelos meus até chegar ao meu pescoço.

— Infelizmente, eu estava certo — resmungou, desgostoso. — Os indesejados são meus primos, e eles não vão embora tão cedo.

Pisquei, irritada com isso.

— Mas por quê?

Ele soltou uma risada.

— Porque disseram que vieram te ver, querida — respondeu, sorrindo. — É o jeito deles de te dar boas-vindas. — Deu de ombros, enquanto eu arregalava os olhos, incrédula. — O que foi? Por que essa cara de espanto? Aqueles idiotas gostam de você. — Piscou, brincalhão.

Mordi os lábios assim que seus dedos voltaram a explorar o espaço sensível entre minhas pernas.

— Droga... você está tão molhada... — gemi, completamente entregue. — Mas, infelizmente, não posso continuar agora. Prometo que mais tarde cuido de você. — Beijou meus lábios. — A menos que não se importe se meus primos ouvirem seus gemidos, *baby*. — Sorriu de forma provocante.

Agarrei seu rosto com as mãos desesperadas.

— *E-eu* não me importo — sussurrei, minha voz mal reconhecível. — Prometo que vou me comportar. — Continuou me olhando com aquele ar arrogante. — Por favor, Nolan...

Com um movimento firme, ele segurou meu cabelo, puxando minha cabeça para trás.

— Ok, ok. Vou cuidar dessa sua bocetinha carente. — Passou a língua lentamente pelos meus lábios. — Mas depois, *baby*, vou te comer de verdade.

Meu coração disparou no peito.

— É uma promessa?

Arqueou uma sobrancelha, surpreso com minha ousadia.

— Onde está a Lila tímida, e o que você fez com ela? — provocou, divertido.

Mordi o lábio inferior, sentindo minhas bochechas corarem.

— Talvez porque agora não estamos mais escondidos. — Dei de ombros, mantendo o olhar fixo nele.

Nolan apertou minhas bochechas com uma das mãos, selando nossos lábios mais uma vez.

— Não, *baby*, não estamos — decretou.

Apesar de ter praticamente implorado para Nolan aliviar meu desconforto lá no quarto, agora, enquanto descíamos as escadas para encontrar os primos dele, meu rosto estava em chamas. Ok, talvez eu tenha agido por impulso, movida pela excitação, e no momento só queria me esconder de tanta vergonha. Porque não havia dúvida de que todos eles escutaram meus gritos.

— Ah, olha só quem apareceu... — comentou Elijah, levantando uma garrafa de cerveja. — Confesso que por um momento achei que o Nolan estivesse te torturando, querida. Seus gemidos só aumentavam! Fiquei com medo de que ele tivesse dado outro motivo para você não conseguir andar direito.

Todos riram, menos eu, claro, que estava mais vermelha que um tomate.

— Idiota! — Nolan deu um tapa na cabeça de Elijah, embora estivesse rindo também.

— Não liga *pra* esse imbecil do meu irmão— pediu Tyler, beliscando meu nariz com um sorriso doce, aquele jeito carismático que só ele tinha. — Ele adora constranger as pessoas. — Fez uma careta engraçada. — Como você está?

— Vem, sente-se aqui, Lila. — Ross sugeriu, batendo no sofá ao lado dele. — Não precisa ter medo de ser mordida, a gente deixa essas coisas para o nosso primo psicopata ali. — Apontou para Nolan, que respondeu com o dedo do meio.

Aceitei o convite e me sentei com eles.

— Sério que vocês vieram me ver? — perguntei, ainda meio incrédula. — Pensei que vocês não gostassem de mim.

— Por que pensou isso? — Tyler ergueu as sobrancelhas. — Você foi a única garota que conseguiu mexer com a cabeça desse idiota aqui — gesticulou para Nolan —, e isso já nos impressiona bastante. — Piscou, brincalhão.

Minha timidez só aumentou.

— Ganhou pontos comigo depois que ficou do nosso lado naquela festa — afirmou Ross,

sorrindo. — Gosto de garotas corajosas. E, claro, você é a escolhida do Nolan. Somos uma família, e protegemos quem faz parte dela.

Senti um alívio enorme ao ouvir isso.

— Até que você sabe ser fofo quando quer, né? — provoquei Ross, que revirou os olhos.

— Não estraga as coisas, querida, não estrague as coisas — resmungou, me arrancando uma risada.

A conversa seguiu de forma descontraída, com Nolan proibindo qualquer um deles de me oferecer bebida alcoólica, já que eu ainda estava tomando remédios fortes. Em determinado momento, não consegui me segurar e perguntei:

— Vocês não chamaram o Rory?

Tyler revirou os olhos.

— Chamamos, mas o bastardo inventou um monte de desculpas para não vir — contou, tomando um gole de sua cerveja. — Ele anda meio estranho ultimamente.

Meu coração apertou.

— Ouvi por aí que o pai dele quer tirá-lo da *Avondale* — comentou Ross, e eu quase me engasguei com o suco. — Não sei se é verdade, mas foi o que disseram. — Deu de ombros, alheio à minha preocupação.

Olhei para Nolan, que estava me observando, percebendo minha aflição. Eu sabia que tinha algo errado com Rory, sempre soube.

— Bom, já que isso aqui não vai ser uma "festa de garotas" — começou Elijah, mas Tyler deu um tapa na sua cabeça. — Caralho, para com isso! — xingou, irritado. — Ok, ok, já entendi! — Rolou os olhos antes de continuar: — Vamos jogar alguma coisa, então.

— Que tal um jogo onde vocês todos pegam esses traseiros feios e saem do meu apartamento? — grunhiu Nolan, impaciente.

Eu ri.

— Podemos jogar cartas — sugeri, dando de ombros. — Só aviso que sou boa nisso. — Sorri, com um toque de arrogância.

— Olha só, parece que temos uma desafiante — brincou Tyler, os olhos brilhando.

Os outros resmungaram, mas eu apenas ri.

No entanto, por mais que eu tentasse me distrair, minha mente continuava focada em Rory, sozinho, lidando com sabe-se lá o quê.

Por que ele estava me afastando? *Droga!*

— Ainda me custa acreditar que te esqueci, sabia? — A voz suave de Lila rompeu o silêncio do quarto. Estávamos deitados na cama, ambos nus. Ela repousava a cabeça no meu peito, os dedos brincavam com os pelos ali. Fazia algumas horas desde que meus primos foram embora. — Como pude apagar você da minha memória? — complementou. — Você era meu melhor amigo, Nolan.

— Do que você se lembra? — perguntei, curioso para entender até onde iam suas lembranças. Afundei minhas mãos em seus cabelos. — E quanto tempo faz que você perdeu a memória?

Exasperou de leve.

— Eu me lembro de acordar no hospital há dois anos, sozinha — disse com a voz trêmula. — Estava com muita dor, e tinha esse corte horrível no pescoço — fez uma pausa, buscando fôlego. — Quando meu pai apareceu, ele me deu a pior notícia da minha vida: que mamãe e eu tínhamos sofrido um acidente de carro, mas que ela não sobreviveu.

Senti meu maxilar se contrair, odiando vê-la tão vulnerável, especialmente por algo que eu sabia ser uma grande farsa.

— Você nunca se perguntou por que tem só uma cicatriz no pescoço? — indaguei. — Veja bem, querida, geralmente, quem sofre um acidente de carro tem marcas em várias partes do corpo.

Ela afastou a cabeça do meu peito, me encarando com um olhar confuso.

— O que você está querendo dizer?

— Não estou insinuando nada, *baby*. Só fiz uma pergunta — respondi, mantendo a calma.

Vi sua testa ganhar alguns vincos.

— Bem, meu pai nunca entrou em detalhes sobre o acidente, e eu também não perguntei. — Voltou a se aconchegar no meu peito. — A verdade é que eu não estava bem emocionalmente, Nolan. Tanto que ele acabou me internando numa clínica psiquiátrica. Eu não conseguia aceitar a morte da mamãe.

Apertei-a com mais força contra mim, querendo protegê-la do mundo. Só de pensar em tudo o que ela enfrentou sem que eu soubesse, uma raiva crua crescia no meu peito.

— Sinto muito por tudo isso.— Beijei sua cabeça repetidamente. — Então... — pigarreei, para manter a calma — seu pai te internou naquela clínica por medo de que você... se machucasse?

Demorou a responder.

— Não sei, eu realmente não sei.— Aconchegou-se mais nos meus braços. — Recuperei as lembranças sobre você e alguns fragmentos do relacionamento dos meus pais apenas há algumas semanas. Eles brigavam muito.

— Sim, eu lembro de você reclamando disso quando éramos crianças — argumentei. — Mas você se lembra do motivo de ir embora da cidade sem se despedir de mim?

Nesse instante, ela se encolheu nos meus braços, parecendo reviver algum momento doloroso.

— Porque eu não queria te perder — respondeu tão baixinho que quase não ouvi. — Se eu me despedisse, tudo pareceria real, Nolan.

Eu não disse nada, mas deixei que meus beijos em sua cabeça perfumada falassem por mim. Eu a compreendia. E, a cada dia, meu amor por ela só aumentava.

— Tem certeza de que consegue andar sozinha? — perguntei, nervoso com a ideia de deixar Lila caminhar sem ajuda, mesmo tendo se passado uma semana desde que ela teve alta do hospital. — Se dependesse de mim, eu te carregaria para todos os lados, sem problema algum.

— Sou pesada, Nolan.

Fiz uma careta de desdém.

— Pesada é a minha mesada, querida — retruquei com um sorriso arrogante. — No máximo, você serve de aquecimento. — Pisquei para ela, que balançou a cabeça, incrédula com minhas palavras.

— *Argh!* Deixa de ser convencido e anda aqui do meu lado — resmungou, com um tom mandão, apoiada nas muletas. Agora, ela usava uma botinha para manter a perna imobilizada. — Não quero depender de você o tempo todo.

Um sorriso se formou em meus lábios. Era gratificante vê-la resistir, sem se deixar abater ou intimidar.

— Mas eu gosto, *baby.* — Enlacei sua cintura. Inclinei-me para falar baixinho em seu ouvido: — Especialmente quando você revira esses olhinhos atrevidos enquanto goza.

Ouvi seu arquejo escandalizado conforme olhava ao redor, no estacionamento da escola.

— Pelo amor de Deus, Nolan! Para com isso. — Tentou me acertar com o cotovelo, mas eu apenas ri da sua tentativa frustrada.

Nesse momento, vimos Ross, Noah e os gêmeos se aproximando, com sorrisos estampados nos rostos. A felicidade deles em ver Lila de volta à escola era evidente. E, eu amava ainda mais esses idiotas por aceitá-la tão bem.

— Olha só quem voltou! — exclamou Ross, abrindo os braços como se estivesse prestes a abraçar Lila. — Achei que você começaria a ter aulas em casa.

— É sério que o Nolan não teve nem a decência de te carregar até aqui, cunhada? — perguntou Noah, com uma falsa expressão de indignação. — Típico.

— É, né? — complementou Tyler, surgindo ao lado do meu irmão. — Saiba que se você fosse minha, Lila, já estaria confortável nos meus braços desde o estacionamento.

— E eu ainda teria feito isso com estilo — completou Elijah, piscando para ela. — Até teria dado umas voltas extras, só para te deixar feliz.

Lila soltou uma risada, divertida com a situação, enquanto eu apertava a mandíbula, lutando para não explodir de ciúmes. Esses idiotas sabiam exatamente como mexer comigo.

— Vocês estão cheios de piadinhas hoje, hein? — rosnei, lançando um olhar de advertência para eles.

— Só estamos dizendo o que qualquer cavalheiro faria. — Ross provocou, abrindo um sorriso exagerado. — Mas a gente entende, Nolan. Se você está cansado, é só falar. Aposto que Lila ficaria muito mais confortável nos braços de alguém que não esteja com preguiça.

Lila olhou para mim, mordendo o lábio para tentar conter o riso. Obviamente, ela adorava ver essa troca de provocações entre mim e meus primos.

— Querida, se quiser, eu posso muito bem carregar você — insinuou Noah, com um sorrisinho no canto da boca. — É só dizer a palavra.

— Ei, ei, ei! — interrompi, dando um passo entre eles e Lila. — Ninguém aqui vai carregar a minha garota, beleza? — Cruzei os braços, sentindo o sangue ferver ao ver todos eles rindo da minha reação. — Eu a carrego quando for necessário. E, por enquanto, ela está muito bem com as muletas, *porra!*

— Poxa, Nolan — começou Tyler. — A gente só queria ajudar, sabe? Já que você não parece estar com muita pressa de mostrar serviço...

— Quem não parece estar com pressa são vocês de dar o fora daqui — retruquei, estreitando os olhos. — E se continuarem com essas gracinhas, vão acabar precisando de muletas também.

Lila não conseguiu mais segurar a risada e finalmente deixou escapar uma gargalhada alta, apoiando-se nas muletas para não perder o equilíbrio.

— Vocês são uns bobos! — Olhou para meus primos com um sorriso. — E, para deixar claro, eu estou muito bem andando sozinha. Mas obrigada pelas ofertas cavalheirescas.

Elijah deu de ombros, ainda com um sorriso provocador.

— Tudo bem, a oferta continua de pé caso mude de ideia.

— Nolan, o grande herói que não carrega a namorada quando ela está mancando... — insinuou Ross, exalando aquele ar debochado dele.

— Ross, eu juro que vou te socar — ameacei, mas ele apenas riu, levantando as mãos em rendição.

A essa altura, Lila estava rindo tanto que quase perdeu o equilíbrio nas muletas. Eu, apesar de irritado, não pude evitar sorrir também.

— Vocês são insuportáveis — rosnei, balançando a cabeça. — Agora, vão embora e deixem a gente em paz.

Antes que pudéssemos dar mais alguns passos, mais duas figuras familiares surgiram ao longe, caminhando em nossa direção. Maeve e Tara.

— Lila! — exclamou Maeve, apressando o passo assim que nos avistou. — Não acredito que

você finalmente conseguiu tirá-la daquele apartamento! — alfinetou, lançando um olhar direto para mim. — Planejei tantas coisas legais para fazermos juntas, mas quase não vi a Lila em casa — completou, com uma leve reprimenda. — Você monopolizou a minha amiga!

— Acho que você está se esquecendo de que, talvez, a Lila prefira a minha companhia, prima — provoquei, dando de ombros. Lila me cutucou, nervosa.

— Não seja grosseiro! — disse Lila, enquanto aceitava o abraço de Maeve.

Tara acenou um pouco sem jeito.

— É tão bom te ver de volta! — disse, com um sorriso sincero, se aproximando para dar um abraço cuidadoso em Lila. — Fiquei torcendo por você, pela sua recuperação.

Minha garota sorriu, feliz com as boas-vindas calorosas.

— Obrigada, meninas. Eu também senti falta de vocês duas.

Maeve então se virou para o restante do grupo, cumprimentando cada um com um abraço rápido. Tara ofereceu um sorriso amigável a todos, exceto para Ross, que endureceu o maxilar com a evidente rejeição.

— Ei, Tara, o que foi isso? Vai mesmo continuar ignorando o *melhor* Sullivan de todos? — perguntou, fingindo ofensa.

A garota parou, encarando-o por um segundo com uma expressão séria, e sem dizer uma única palavra, levantou a mão e mostrou o dedo do meio para ele.

Todos ao redor explodiram em risadas.

— Sério? Até quando pretende continuar me tratando desse jeito? — perguntou ele, incrédulo, com as mãos erguidas em rendição. — Que porra eu te fiz, garota?

Tara cruzou os braços, um sorriso sarcástico brincando nos lábios.

— Você sabe muito bem o que fez. — Ela olhou para ele com desprezo. — Só estou devolvendo o favor.

Meu primo piscou, confuso por um momento, e então Maeve deu um tapinha no ombro dele.

— Não tenta entender, Ross — aconselhou ela, rindo. — Eu também não sei o que você fez, mas te conhecendo como conheço, imagino que foi uma merda das grandes.

— É isso que acontece quando você age como um idiota — comentei, rindo ao ver o desconforto dele.

Ross deu de ombros, mantendo aquele sorriso irritante.

— Ah, que se dane! — resmungou, mas eu sabia que Tara só estava atiçando o lado competitivo dele.

E ele não ia sossegar até fazê-la ceder.

— Encontrou tudo? — perguntei a Ross enquanto ele me entregava uma pasta parda contendo informações sobre o passado de Lila. Eu dei uma olhada rápida, ainda no corredor, enquanto esperava por ela para almoçarmos.

— Tudo o que havia para ser encontrado — respondeu, mordendo uma maçã. — E já te adianto, é um pesadelo. Não me surpreende que a mente da coitada tenha bloqueado tudo, Nolan.

Fiquei surpreso com o tom dele. Ross não era exatamente o tipo de pessoa que demonstrava empatia. Na maior parte do tempo, ele só se preocupava com o que lhe interessava.

— Você acha que o pai dela tem conhecimento de tudo isso? — indaguei, sentindo um aperto no peito.

— Provavelmente — respondeu, sem rodeios. — Talvez, quando ela acordou sem memória, ele tenha aproveitado a chance para inventar uma história menos dolorosa. — Fiquei em silêncio, refletindo sobre aquilo. — E o que você pretende fazer com essas informações? — Gesticulou para a pasta em minhas mãos. — Vai ser o portador da notícia triste?

Respirei fundo, sem saber exatamente o que fazer.

— Ainda não tenho certeza — respondi, enquanto via Lila se aproximar. Mais do que depressa, enfiei a pasta na mochila.

— Só saiba que agora você continua me devendo um favor — disse Ross, com aquele sorriso irritante. — E sim, vou cobrar quando for mais conveniente.

Ignorei o comentário, concentrando-me em Lila, que finalmente chegou até nós dois. Ela se apoiava nas muletas e me pediu um beijo.

— Está tudo bem? — quis saber, com uma expressão confusa. — Que pasta era aquela que você guardou na mochila? — Franziu o cenho, desconfiada.

— Só um trabalho, *baby* — menti, forçando um sorriso que esperava ser convincente. — Acredite ou não, Ross resolveu colaborar e fez a parte dele.

Meu primo revirou os olhos.

— *Ha, ha, ha...* — afastou-se de nós com um sorriso sarcástico. — Se não fosse por mim, você não teria nada, seu otário! — Disse, apontando os dedos na minha direção antes de se virar. *Idiota*.

Respondi mostrando o dedo do meio.

— Tem certeza de que está tudo bem? — Lila voltou a perguntar, envolvendo meu rosto com a mão. — Você parece um pouco tenso.

Esforcei-me para parecer despreocupado.

— Talvez seja porque estou com fome de você, *baby* — brinquei, escondendo o rosto na curva do pescoço dela. — Que tal uma rapidinha em algum canto da escola?

Arfou, me beliscando, e olhou ao redor, preocupada que alguém escutasse minhas sacanagens.

— Para com isso! — exclamou, nervosa. — Eu não vou ser o seu lanche de almoço, seu pervertido! — Suas bochechas ficaram adoravelmente coradas.

— Por que não? — perguntei, fingindo estar magoado.

Revirou os olhos.

— Por acaso você viu o Rory? — indagou, mudando abruptamente de assunto. — Tentei ligar *pra* ele mais cedo, só que o telefone estava desligado. Hoje é meu primeiro dia de aula desde que saí do hospital, e ele não apareceu.

Neguei com a cabeça.

— Talvez você o veja no treino mais tarde — falei em tom neutro, embora o apego dela por Rory me incomodasse pra caralho. Eu entendia sua preocupação com ele, mas isso não tornava as coisas mais fáceis.

Assentiu.

— Tem razão!

— Agora, chega de falar dos outros e vem cá me dar uns beijos. — Puxei-a pela cintura e capturei seus lábios com toda a intensidade do desejo que eu sentia.

O treino já tinha acabado, e o treinador deu o dia por encerrado quando fui surpreendido pela chegada repentina de alguém. Brigid entrou no meu caminho, e eu ergui as sobrancelhas, completamente pego de surpresa.

— Algum problema? — rugi, sem esconder a impaciência. — Caso não tenha notado, você está bloqueando meu caminho.

Franzi o cenho ao perceber que seus olhos estavam marejados, mas as lágrimas ainda não tinham caído.

— Podemos conversar? — respondeu, com a voz trêmula.

Eu poderia simplesmente ignorá-la, mas algo em sua expressão me desarmou. Então, sem dizer mais nada, caminhei até um dos bancos próximos, e ela me seguiu. Ross e Noah passaram por nós dois, trocando olhares curiosos, mas preferiram não comentar.

— Bom, Brigid, seja breve. — Eu estava rígido no banco, incomodado com a ideia de estar conversando com alguém que minha garota odiava. — Lila vai me encontrar aqui e eu não estou com disposição para complicações.

Esboçou um sorriso fraco.

— Você parece gostar muito dela. — Sentou-se ao meu lado. — Eu invejo isso, sabe? Invejo o que vocês dois têm, porque você nunca quis me assumir desse jeito.

— Porque você não é a Lila, Brigid — respondi sem hesitar, mesmo não tendo sido uma pergunta. — Nunca foi. — Deixei um suspiro cansado escapar. — É só isso que você tem para dizer? Porque, se for, eu prefiro não ouvir mais nada.

Antes que eu pudesse me levantar por completo, ela agarrou minha mão, e seus olhos, agora assustados, encontraram os meus.

— Eu estou grávida.

Pisquei, incrédulo, mal conseguindo processar o que acabei de ouvir. O choque foi tanto, que meus ouvidos zuniram por alguns instantes.Mal percebi quando voltei a me sentar de novo, atordoado demais.

— Nolan...

— Se você está insinuando que esse filho é meu, eu juro que vou te enterrar tão fundo que ninguém vai te achar — ameacei, sem um pingo de remorso. — Já faz meses que estou com a Lila, e não toquei em mais ninguém depois dela.

A garota diante de mim fungou, passando a mão debaixo dos olhos.

— Não, eu não ia dizer que é o bebê é seu — soou com a voz fraca. — Só queria pedir sua ajuda, Nolan. Eu não tenho mais ninguém, e isso não pode vir a público. Meu pai me mataria.

Franzi o cenho.

— E quem é o pai? — inquiri, cauteloso. — Por que você não pede ajuda a ele?

Abriu a boca para responder, mas hesitou ao ver Lila se aproximar.

Lila parou na nossa frente, com uma expressão enciumada.

— Que diabos está acontecendo aqui? — grunhiu, levantando uma das muletas como se fosse usá-la como arma. — Estou interrompendo a conversa de vocês dois?

Brigid tentou disfarçar, enxugando rapidamente as lágrimas. Em seguida, levantou-se, ajeitando a mochila no ombro. O sorriso sarcástico voltou aos lábios, como se ela não tivesse acabado de se abrir para mim.

— Nossa, Lila, eu não sabia que você era tão insegura — provocou, olhando-a de cima a baixo. — Está com medo de algo, querida?

Lila abriu um sorriso largo.

— Medo de uma vadia como você? — retrucou, gesticulando com a muleta. — Pelo menos, eu nunca passei de cama em cama — rugiu. — Sabe quantas vezes eu corri atrás do Nolan? Nenhuma. O que será que isso diz sobre você, hein? — Brigid trincou o maxilar. O comentário a atingiu em cheio. — E da próxima vez que eu te pegar perto dele, juro que não vou ser legal, sua vadia — decretou, cheia de raiva. — Eu vou acabar com você.

Um sorriso orgulhoso escapou antes que eu pudesse conter. Observei a cena de braços cruzados, me deliciando com o desfecho.

Brigid saiu às pressas. Lila ameaçou ir atrás, quase tropeçando nos próprios passos mancos. Por pouco não foi uma cena digna de aplausos.

— *Baby*, você com muletas é assustadoramente ameaçadora!

Lila se virou para mim, ainda furiosa.

— Não vem com gracinhas. Eu não gostei nem um pouco de te ver com ela — resmungou, com raiva. — O que foi isso? Eu pensei que você me respeitasse, que nós dois estávamos juntos.

Franzi o cenho e me levantei em um salto.

— E nós estamos juntos. Por que essa dúvida? Só porque me viu conversando com ela? — Apontei para a direção onde Brigid tinha desaparecido.

— Eu não quero você perto dela, *droga!* — sibilou, com o queixo empinado, dominada pelo ciúme. Eu precisei me segurar para não rir. Ela estava tomada pela possessividade. Sua mão agarrou minhas bochechas, puxando meu rosto para perto do seu. — Você não pertence a ela, Nolan. Ela não tem o direito de olhar, de falar ou de sequer sorrir *pra* você. Você é meu, só meu!

Nesse instante, meu corpo inteiro reagiu. Meu pau duro feito rocha.

— Puta que pariu, Lila! — Envolvi sua cintura com meu braço. — Você vai me matar desse jeito, *baby*. — Aproximei minha boca da dela, tomando seus lábios com fome. — Agora, eu preciso estar dentro de você.

Nos beijamos com urgência, e eu a ergui nos braços, com ela se agarrando ao meu pescoço.

— E as muletas? — balbuciou, entre um beijo e outro.

— Depois pegamos— respondi, sem me importar com nada além dela.

Precisando de privacidade, caminhei rapidamente até uma área mais isolada, onde ninguém nos encontraria ou nos interromperia.

— Que lugar é esse? — quis saber, olhando ao redor assim que entramos em uma sala vazia.

Sorri, já planejando o que viria a seguir.

— A sala do treinador — respondi, rindo baixinho.

— *Nolan!* — exclamou, indignada.

— Relaxa — pedi, colocando-a sentada na mesa. — Ele já foi embora. — Sem perder tempo, puxei sua saia para cima e enrolei o tecido delicado da calcinha no dedo, rasgando-a sem hesitação.

Lila olhou ao redor, ainda desconfiada.

— E tem certeza de que aqui não tem câmeras? — seu tom soou meio divertido. — Não quero acordar amanhã e ver um novo vídeo nosso circulando por aí.

Foi minha vez de rir, me inclinando até sua boca para um beijo.

— Confia em mim— soprei contra seus lábios.

Devolveu o sorriso, segurando meu rosto com carinho.

— Eu confio.

Aquele era o sinal que eu precisava. Com cuidado, puxei-a um pouco mais para a beirada da mesa, atento à sua perna machucada.

— Não vamos perder tempo com preliminares, mas prometo que você vai gozar — avisei, antes de penetrá-la de uma vez só. Lila jogou a cabeça para trás, gemendo de prazer. — Essa boceta é só minha, tão deliciosa...

— *Hmm*... não para, por favor...

— Nunca, *baby!* — Acelerei o ritmo. A mesa rangeu no chão, mas eu não parei. — Esse é o melhor lugar do mundo — falei, a voz rouca de tesão.

Ela me lançou um olhar atrevido.

— A sala do treinador? — provocou.

Inclinei a cabeça e mordisquei seu lábio inferior, arrancando mais um gemido dela.

— Não seja atrevida — resmunguei, girando meus quadris para alcançar o ponto mais profundo dentro dela. O grito que ela soltou foi música para meus ouvidos.

Desci os lábios pelo seu pescoço, saboreando sua pele antes de me focar nos seus seios, mordiscando-os por cima da camisa. Quando percebi que ela estava prestes a gozar, intensifiquei os movimentos.

— Olha *pra* mim! — exigi, e ela obedeceu. — Quero seus olhos em mim.

Peguei o exato momento em que ela gozou, seus olhos revirando conforme o corpo tremia com espasmos incontroláveis. Isso me levou ao limite; o aperto dela ao redor do meu pau foi o suficiente para me fazer perder o controle. Soltei um rosnado, dominado pela sensação.

Com nossas testas encostadas, dei-lhe um beijo suave.

— Você me deixou com fome — brincou, rindo, o que me aliviou. Por um segundo, achei que ela poderia ter se arrependido.

Deixei uma risada escapar.

— Que tal sushi? — sugeri.

— No seu apartamento?

— Onde mais seria? — retruquei, fazendo uma careta divertida.

Ela riu, sacudindo a cabeça.

— Boa sorte em convencer meu pai.

Desde que ela voltou para casa com o pai, nossos encontros eram sempre supervisionados. Uma verdadeira dor de cabeça.

Abri um sorriso confiante.

— Você já sabe que quando eu quero algo, eu sempre consigo, *baby*. — Dei-lhe mais um beijo, e ela revirou os olhos.

— Arrogante!

Por mais que tentasse, eu não conseguia afastar a sensação incômoda de que algo estava errado com Nolan, como se ele estivesse escondendo alguma coisa de mim. Era frustrante, porque isso me impedia de relaxar por completo.

Mais cedo, na escola, a adrenalina do que aconteceu na sala do treinador ainda pulsava em mim, aliviando — ao menos por um tempo — o peso daquela desconfiança que insistia em crescer. Mas assim que cruzamos a porta do apartamento dele, a sensação retornou com força total, como uma onda gelada.

Os sinais estavam todos lá, me assombrando: os cochichos entre ele e Ross nas últimas semanas, os olhares trocados, e aquele jeito quase imperceptível como Nolan mudava quando eu me aproximava dos dois.

O mais difícil era sentir essa desconfiança minar, pouco a pouco, a confiança que construímos com tanto esforço. E isso me deixava inquieta, pressentindo que algo estava prestes a se romper.

— Você está tão séria. Aconteceu alguma coisa? — ele interrompeu meus pensamentos. — Alguém te incomodou na escola? — Acabei sorrindo com sua preocupação. — Sabe que pode me contar qualquer coisa, né?

Semicerrei os olhos, aproveitando a deixa.

— Faço das suas palavras as minhas — argumentei. — Tem algo que você queira me contar?

Ele parou, franzindo o cenho, sem esconder a confusão.

— Isso tem a ver com a minha conversa com a Brigid? — perguntou, e eu senti a irritação ferver no mesmo instante. O simples fato de reviver aquela cena me incomodava. Vê-lo ao lado daquela

vadia me embrulhava o estômago, mesmo sabendo que, tecnicamente, nada havia acontecido. — Amor, eu juro que não teve nada entre a *gente*.

— Não é só por isso… embora sim, eu tenha detestado te ver com ela — respondi, sentindo a raiva ferver por dentro.

A expressão dele ficou ainda mais confusa.

— Não estou entendendo aonde você quer chegar, Lila.

Respirei fundo e passei as mãos pelo rosto, buscando me acalmar.

— Você jura que não está tramando algo pelas minhas costas? — fui direto ao ponto.

Nolan ficou me encarando por alguns segundos, até que soltou uma risada.

— Querida, você está bem? — Tentou soar despreocupado, mas eu conseguia notar o nervosismo por trás de seu tom de voz. Ele olhou rapidamente para o celular e se levantou. — Ah, nosso sushi chegou — mudou de assunto. — Vou descer para pegar. — Inclinou-se e deu um beijo na minha testa. — Já volto!

Fiquei em silêncio, observando-o se afastar, sem dizer uma palavra.

Por alguns segundos, permaneci sentada, a mente girando em meio a pensamentos inquietos. Se eu fosse o Nolan, onde esconderia um segredo? Considerando o quanto ele era reservado, quase paranoico, provavelmente não confiaria em ninguém. Guardaria tudo consigo, o tempo todo.

Soltei o ar com força, ainda imersa nas minhas dúvidas, conforme meus olhos percorriam o ambiente em busca de qualquer pista. Foi aí que vi: sua mochila, largada num canto da sala, meio esquecida. Mordi o lábio, tomada por um desconforto imediato. Só de pensar em vasculhar as coisas dele, já me sentia péssima. Mas se não encontrasse nenhuma prova concreta… teria que arrancar a verdade dele de outro jeito.

Com esforço, apoiei-me nas muletas e fui até a mochila. Voltei com ela até o sofá, sentindo o coração acelerar devido a mistura de esforço físico e adrenalina. O suor começou a brotar na minha pele, e a culpa já pesava nos ombros antes mesmo de eu abrir o zíper.

Vasculhei o conteúdo com cuidado, até que algo familiar chamou minha atenção: uma pasta parda, a mesma que eu o vi esconder mais cedo. Imediatamente, deixei a mochila de lado e peguei a pasta, o coração batendo cada vez mais rápido com a expectativa do que poderia encontrar ali.

Ao folhear os papéis, meus olhos congelaram em uma ficha. Meu nome estava no topo. Todos os meus dados, organizados e ali, diante de mim.

Senti o estômago revirar.

— Mas o que... — minha voz se perdeu, enquanto eu tentava controlar a respiração descompassada.

Continuei folheando os papéis, atônita, como se meus olhos se recusassem a acreditar no que estavam vendo. As lágrimas começaram a se acumular rapidamente, borrando minha visão e dificultando a leitura. Esfreguei o rosto com força, numa tentativa desesperada de afastar a umidade e o desespero.

Cada folha revelava algo que, até então, me era desconhecido. Ou talvez não. Talvez, em algum momento, minha mente tenha escolhido apagar tudo, esconder nas profundezas da memória para que a dor não me consumisse.

Minha cabeça latejou com violência, uma pressão aguda que me fez estremecer. Um tremor atravessou meu corpo, e por pouco não deixei a pasta cair das mãos.

Ali, diante de mim, estava a verdade. Crua. Impiedosa.

Exames. Relatórios médicos. Meu histórico completo na clínica psiquiátrica onde estive internada por meses. E, no meio de tudo, o atestado de óbito da minha mãe.

Não havia como fugir daquilo.

— Meu Deus... — soprei, quase sem voz. — Foi tudo uma mentira, uma maldita mentira... — balbuciei, pressionando a mão contra minha cabeça, que latejava sem parar.

Nesse momento, a porta se abriu de repente com o retorno de Nolan.

— Ei, *baby?* Você acredita que o entregador mexeu em todas as nossas comidas? Que filho da puta! — reclamou, carregando várias sacolas enquanto fechava a porta com o pé. Mas quando ele me viu, parou no meio do caminho, seus olhos se arregalaram e seu rosto ficou pálido ao notar o que eu tinha em mãos. — Eu... posso explicar.

Fungando, apertei a mão contra a cabeça.

— Me leve embora — pedi, chorando. — Só me leve embora, eu quero sair daqui.

— Lila, por favor, eu posso explicar, eu...

— EU NÃO QUERO OUVIR! — berrei, com as emoções à flor da pele. — Você teve todas as chances de me contar, de me explicar que estava investigando a minha vida, mas preferiu fazer isso pelas minhas costas!

Me levantei, desajeitada, tentando pegar minhas muletas.

— *Baby*, eu ia te contar... — disse, ameaçando se aproximar.

— NÃO CHEGA PERTO DE MIM, NOLAN! — Meu rosto estava encharcado de lágrimas, mas a raiva brilhava nos meus olhos. — Eu vou embora.

As sacolas caíram das mãos dele enquanto passava os dedos pelos cabelos, completamente perdido, sem saber como consertar aquilo. Mas era tarde demais.

— Então, me deixa pelo menos te levar — pediu, seu tom pesado pela vulnerabilidade. — No caminho, eu te explico tudo. — Ele deu mais um passo em minha direção enquanto eu me dirigia à porta.

— NÃO SE APROXIMA, DROGA! — Voltei a berrar, tremendo da cabeça aos pés. — Você sabia de tudo e me escondeu. — Meu rosto se contorceu com novas lágrimas. — Eu preciso falar com meu pai.

Fechei os olhos, desejando amenizar a dor que latejava minha cabeça.

— Eu te levo até ele — insistiu.

— Eu. não. quero. ficar. perto. de. você — articulei cada palavra com cuidado, para que ele entendesse exatamente meu desejo. — Você me enganou, Nolan. Me manipulou. — Comecei a rir, um riso amargo e cheio de auto desprezo. — E por que isso me surpreende? Esse sempre foi o seu plano, não é? Me destruir, me arrastar para o inferno que você preparou para mim.

— Lila, não… — ele começou, conforme eu me apressava em direção ao elevador. — Por que mexeu nas minhas coisas? Eu ia te contar. Na verdade, eu ia falar com o seu pai primeiro. Você precisa confiar e acreditar em mim.

Me virei para ele, tomada de indignação.

— Confiar? — repeti, cheia de amargura. — Como posso confiar em você, quando tudo o que faz é pelas minhas costas? Você acha que pode controlar tudo, mas a minha vida não está nas suas mãos!

— Lila, eu só quero o seu bem.

— Não, você quer me controlar! — rebati, furiosa. — E por mais que eu te ame, nunca vou aceitar isso.

— *Baby*, por favor, não faz isso. Vamos conversar, resolver isso juntos.

Finalmente cheguei ao elevador, mesmo com dificuldade.

— Não há mais o que conversar. O tempo para isso era quando você descobriu tudo, mas você preferiu esconder. Porque, no fim das contas, tudo tem que ser do seu jeito.

As portas do elevador se abriram e eu entrei, quase em desespero para fugir dali.

— Lila… — apressou-se para chegar perto, mas levantei a muleta, impedindo sua tentativa.

— Se você der mais um passo, eu juro que vou te odiar ainda mais — avisei, fervendo de raiva e revolta.

— Você me odeia? — perguntou, sua voz mal passando de um sussurro.

Fechei os lábios com força, lutando contra as novas lágrimas que ameaçavam cair.

— Neste momento, mais do que tudo!

Então, ele parou, apenas me observando conforme as portas do elevador finalmente se fechavam.

Quase desabei no chão, mas me forcei a encostar na parede fria para me manter de pé. Tremendo, enfiei a mão na bolsa e peguei o celular. Disquei o número da primeira pessoa que veio à minha mente.

Ele não atendeu na primeira tentativa, mas na segunda, respondeu no primeiro toque.

— *Lila?*

A simples menção ao meu nome fez uma nova onda de lágrimas encher meus olhos.

— Rory, eu preciso de você — sussurrei, mal reconhecendo minha própria voz.

— *Pelo amor de Deus, ursinho, onde você está?*

Saí do elevador de forma desajeitada, quase deixando o celular cair no chão. Eu sabia que Nolan não ficaria parado, ele viria atrás de mim.

— *Lila?* — Rory continuava me chamando, mas minha cabeça estava prestes a explodir. — *Que diabos está acontecendo? Você está me deixando apavorado.*

— Só um segundo, Rory — pedi, enquanto tentava, toda atrapalhada, chamar um táxi. Assim que entrei no carro, me virei para o motorista, um senhor calvo. — Por favor, me leve até Rathmines, rua StLotts Rd — pedi, embargada pelo nervosismo. — Vou até sua casa.

— *Não, na minha casa não!* — respondeu de imediato. — *Me encontre na sua.*

— Eu não posso ir *pra* casa — avisei, fungando. — Não consigo encarar meu pai agora.

— *Merda! Então a coisa é séria.* — Ele suspirou fundo. — *Encontre-me na nossa cafeteria preferida. Estarei lá em alguns minutos, ursinho.*

— *Tá* bom! — respondi, antes de desligar.

Olhei pela janela, vendo as ruas passarem como um borrão conforme os pensamentos se avolumavam na minha mente. As informações que acabei de descobrir sobre o meu passado estavam me assombrando. Tudo parecia um pesadelo. E por mais magoada que estivesse, a única lembrança boa da minha infância era... *Nolan*.

Quando o táxi parou em frente à cafeteria, Rory já estava lá, me esperando. Paguei a corrida e saí com a ajuda dele. O taxista gentilmente deu a volta no carro para me entregar as muletas.

— Fiquei tão preocupado — disse Rory, me abraçando com cuidado. — Vamos pegar uma mesa mais reservada. Consegue andar?

— Sim, consigo — respondi, em tom fraco, buscando manter as emoções sob controle.

Felizmente, o lugar estava calmo, e só o fato de estar ali, em um ambiente conhecido, com cheiros e sons familiares, trouxe um pequeno alívio à confusão que fervilhava na minha cabeça.

Enquanto eu me acomodava no assento, vi Rory no balcão, fazendo nossos pedidos. Ele sabia exatamente o que eu costumava pedir. Mesmo assim, eu não tinha certeza se conseguiria engolir qualquer coisa naquele estado.

Assim que ele voltou e nos vimos a sós à mesa, estendeu a mão e entrelaçou os dedos nos meus. Olhei para ele com mais atenção: as olheiras fundas sob os olhos claros denunciavam o cansaço. Rory parecia exausto. Até a pele, sempre bem cuidada, agora exibia uma sombra de barba por fazer, como se ele tivesse esquecido de se olhar no espelho por dias.

— Agora, me conta tudo — pediu, apertando minha mão. — Estou morrendo de preocupação. Você está péssima.

Funguei, mordendo o lábio para conter o choro.

— Lila —insistiu, mais angustiado, puxando minha mão para beijar meus dedos. — Se você não me contar o que está acontecendo, eu não vou conseguir te ajudar, meu bem.

Olhei para ele, seu foco em mim. Por um instante, me perdi na profundidade do seu olhar, um vazio que antes não existia.

— Acabei de descobrir a verdade sobre o meu passado — confessei num engasgo trêmulo.

Rory arregalou os olhos, quase em choque.

— Como assim? Se lembrou de tudo?

Neguei com a cabeça.

— Nolan — comecei contando, sentindo meus lábios se contorcerem de raiva. — Ele nunca consegue parar de se intrometer na vida das pessoas. O bastardo investigou meu passado, descobriu tudo o que minha mente bloqueou. — Minhas mãos tremeram ao lembrar do conteúdo daqueles papéis. — Nunca houve um acidente de trânsito que matou minha mãe, Rory — admiti, e dizer isso em voz alta só fazia a dor aumentar. — Meu pai mentiu para mim. Todos mentiram para mim.

Rory abaixou a cabeça, sem saber o que dizer.

Usei a mão livre para enxugar as lágrimas que não paravam de cair.

— Você sabe o que é sentir como se estivesse afundando em areia movediça? — perguntei, e ele levantou o olhar para mim. — É exatamente assim que me sinto agora. Perdida, sem direção, sem saber em quem confiar. É desesperador! — Cobri o rosto com as mãos, desejando controlar o choro incontrolável. — Tudo o que descobri… — meus soluços ficaram mais fortes —, eu não consigo acreditar que meu pai inventou toda uma história só para me esconder a verdade.

— Quer me contar? — indagou, me encarando com um olhar pesado.

Encarei suas mãos repousadas sobre a mesa e, as segurei. Nesse instante, nossos pedidos foram servidos. Aguardei o funcionário se afastar antes de responder:

— Primeiro, eu preciso falar com meu pai sobre tudo. — Meu coração estava apertado. — Porque, no fim das contas, eu ainda não me lembro de nada. Mesmo depois de ler todas aquelas informações e ver os documentos, minhas memórias continuam vazias.

— Porque sua mente ainda está tentando te proteger da dor — argumentou.

Analisei-o com mais atenção, notando como seus ombros estavam tensos. Embora estivesse

sentado bem na minha frente, parecia distante, perdido em seus próprios pensamentos.

— O que foi? — perguntei de repente, por impulso. — O que está acontecendo com você, Rory? — Apertei suas mãos nas minhas. — Eu estou aqui, falando dos meus problemas, mas sinto que tem algo de errado com você, e já faz um tempo. — Ele me olhou nos olhos. — Me conta o que está acontecendo. Você não é o mesmo de antes, está diferente, meio distante.

Vi quando ele respirou fundo, desviando o olhar.

— Ah, Lila, nada além do que você já conhece — desabafou, dando de ombros. — Meu pai e suas exigências.

Assenti, compreensiva.

— É verdade que ele está ameaçando te tirar da *Avondale?* — perguntei, e quando ele assentiu com a cabeça, eu gemi de frustração. — Meu Deus, Rory! Por que você não me contou? Não acredito nisso!

Forçou um sorriso fraco.

— Você já estava cheia de problemas, Lila, e eu não queria te sobrecarregar com os meus — explicou. — Além disso, estou lidando com situações que saíram do meu controle, e honestamente, não sei o que fazer para consertar tudo. — A angústia em seus olhos me deixou preocupada.

— Sabe que pode contar comigo, né? — insisti. — Você é meu melhor amigo, e isso não mudou por causa do meu relacionamento com o Nolan.

Seus olhos brilharam por um instante, como se lágrimas quisessem cair, mas ele desviou o olhar antes que eu pudesse ter certeza.

— Eu te amo, Lila — disse de repente. — Espero que nunca se esqueça disso.

Pisquei, espantada com a intensidade de suas palavras, mas continuei segurando suas mãos.

— Jamais vou me esquecer — prometi. — E espero que você também não se esqueça do quanto é importante para mim. — Levei suas mãos aos meus lábios e as beijei com carinho. — Ei, por que não mudamos de assunto? — Tentei sorrir um pouco. — Alguma novidade sobre o… — pausei, olhando ao redor e depois sussurrei: — "pau de ouro"?

Pela primeira vez naquela conversa, vi um leve sorriso surgir em seus lábios. Mas foi um sorriso triste.

— Desisti dele — admitiu. — Já tenho problemas demais *pra* resolver, não preciso de mais confusão.

Fiz um biquinho de desapontamento.

— Então ele era encrenca? — perguntei, e ele assentiu com a cabeça. — Poxa, sinto muito.

— Eu também, *ursinho*, eu também.

Coincidentemente, mal o táxi me deixou em frente à minha casa, vi o carro de Nolan parar com uma freada brusca. Ele abriu a porta e veio em minha direção como um touro enfurecido.

— Onde você estava, Lila? — rugiu, ofegante. — Procurei você por toda a cidade! Sei que está tentando me punir, mas me deixou preocupado *pra caralho!*

Ignorei suas palavras enquanto destrancava a porta.

— Senhora Audrey, por favor, não permita que esse indivíduo entre — pedi ao passar por ela, que parecia confusa com a situação.

Mesmo com minha dificuldade para andar, me afastei da porta, ouvindo Nolan resmungar atrás de mim.

— Senhora, eu respeito você, mas não vai conseguir me impedir. — O ouvi dizer, irredutível.

Continuei meu caminho, sabendo que encontraria meu pai à mesa de jantar. Ao passar pela entrada, meus olhos se fixaram nele, sentado confortavelmente, com o rosto oculto atrás de um jornal. Claro que abaixou as folhas assim que notou me notou.

— Filha! — exclamou, sorrindo, mas o sorriso logo desapareceu ao perceber meu estado. — Querida, o que aconteceu?

Ameaçou se levantar, mas eu o interrompi:

— Não precisa, pai — declarei, minha voz trêmula.

— Lila... — Nolan apareceu ao meu lado, tão perturbado quanto.

Mantive o olhar focado no meu pai, que começava a ficar cada vez mais pálido de preocupação.

— É verdade que, quando eu era criança e a gente deixou a Irlanda, eu fui morar só com a mamãe, porque vocês dois tinham se divorciado?

Ele piscou, mal conseguindo processar minha pergunta.

— Lila...

— Só me responda, pai — cortei, rangendo os dentes.

Notando minha impaciência, ele apenas assentiu com a cabeça. Engoli em seco, começando a juntar as peças na minha mente sobrecarregada.

— Ela morreu em um acidente de trânsito?

— Filha, eu...

— RESPONDA! — berrei, já desesperada. — Pare de mentir para mim. Estou cansada de mentiras. — Olhei de meu pai para Nolan, que abaixou a cabeça em silêncio.

Meu pai respirou fundo, enchendo os pulmões de ar.

— Não, ela não morreu assim — admitiu, hesitante.

Inclinei a cabeça para o lado, enquanto os soluços saíam de forma incontrolável.

— Então é verdade… ela tentou me matar e depois tirou a própria vida — murmurei, quase sem voz, mais para mim do que para eles.

Dizer aquilo em voz alta foi tão apavorante quanto ler as palavras pela primeira vez.

— Você se lembrou... — meu pai balbuciou, seu rosto pálido, como uma folha de papel.

Funguei, virando-me de costas para os dois.

— Não, eu não me lembrei — respondi, sem forças. — Mas, infelizmente, encontrei outro controlador na minha vida, tão bom quanto o senhor. — Gesticulei em direção a Nolan.

— Lila, por favor, vamos conversar...

Fechei os olhos ao sentir a mão do Nolan segurar meu braço.

— Não me toque! — exigi, entre dentes. — E é melhor não tentar invadir meu quarto de madrugada, porque eu vou fazer um escândalo tão grande que até o FBI vai aparecer aqui.

Me afastei da sala, desligando minha mente e meus ouvidos conforme Nolan e meu pai começavam a discutir.

Tudo o que eu queria naquele momento era apagar as últimas horas da minha memória, assim como apaguei meu passado.

Maldito seja!

Eu estava furioso!

Não havia expressão melhor para descrever meu estado de espírito nos últimos dois dias. Foi, sem dúvida, o pior fim de semana de todos, e eu nem conseguia disfarçar meu mau humor.

Minha mente não parava de voltar ao momento em que o chão pareceu se abrir sob meus pés ao ver Lila lendo a pasta com todas as informações que Ross reuniu sobre sua vida. Não foi daquele jeito que planejei contar a verdade.

Parado diante do espelho do meu banheiro, fechei o punho e acertei a parede, sem me importar com a dor que percorreu meus dedos. Tudo o que eu via refletido era a minha própria estupidez.

Naquela noite, quando ela me afastou, não só da sua casa, mas da sua vida também, o senhor Byrne veio logo atrás, despejando uma série de acusações contra mim, como se toda a culpa fosse minha. Ele parecia ter se esquecido que foi ele quem começou com as mentiras, não eu. A única coisa que fiz foi desenterrar o que estava escondido.

Aproveitei a raiva que me consumia para descarregar minhas frustrações nele, sem permitir que o idiota saísse ileso. A culpa não era só minha, *caralho*. Sim, nós dois escondemos coisas da pessoa que amávamos.

Depois disso, meu único alívio foi passar horas parado em frente à casa deles, na esperança de ver a Lila, nem que fosse por um breve instante, já que a teimosa ignorava todas as minhas ligações e mensagens.

Com um suspiro de frustração, saí do banheiro, peguei minha mochila que estava sobre a cama e finalmente deixei o quarto. Minha intenção era chegar cedo à escola, porque não queria perder a chance de encontrá-la. Se Lila achava que eu a deixaria em paz, estava redondamente enganada.

Ela era minha, e isso nunca mudaria.

Minutos depois, já no andar de baixo, fui interrompido pela voz do meu pai:

— Já está de saída? — perguntou, se aproximando. — Nem tomou café.

Respirei fundo.

— Sim, quero chegar mais cedo hoje — respondi, evitando entrar em detalhes. — Por quê? Algo errado?

Ele se posicionou ao meu lado enquanto caminhávamos para fora.

— É sobre aquilo que você pediu para eu investigar — respondeu. — Recebi as imagens das câmeras ontem à noite.

Senti meu coração acelerar no peito.

— E aí?

Estalou os lábios, parecendo um pouco frustrado.

— Infelizmente, nenhuma das câmeras da rua dela estava funcionando na noite do acidente — explicou, visivelmente contrariado. — Mas, com a descrição do carro que o pai da garota deu, conseguimos analisar as imagens das ruas próximas. — Enfiou a mão no bolso interno do paletó e tirou um papel. — Chegamos a esse nome e endereço. — Entregou-me a folha com as informações. — Já investiguei a família. São civis. O carro pertence a um estudante de outra escola e o pai trabalha no setor de engenharia.

Enquanto ele falava, mantive os olhos fixos no papel, encarando o nome do filho da puta que quase tirou Lila de mim.

— Obrigado, pai — falei no fim, lutando para engolir a raiva que me consumia.

— Já decidiu o que vai fazer? — indagou. — Espero que seja discreto, como sempre ensinamos.

Cerrei o maxilar.

— Vou ser, não se preocupe. — Apertei seu ombro antes de continuar em direção ao meu carro. — Ah, diga à mamãe que mandei um beijo.

— Direi — respondeu, mas eu já me afastava.

Eu não tinha ideia de quanto tempo estava parado perto da entrada da *Avondale*, escutando Brigid falar sem parar. Na verdade, eu mal prestava atenção no que ela dizia. Sua tagarelice incessante girava em torno de como o pai havia descoberto sobre sua gravidez e a obrigou a se casar com algum francês. Pelo que entendi, ela sairia da escola e se mudaria para a França.

— Claro que esse nunca foi o futuro que sonhei pra mim, mas pelo menos meu noivo é muito rico, e sei que ele vai me dar uma vida de princesa — ela continuava tagarelando, enquanto eu esfregava o rosto em frustração. — Espero que não sinta minha falta, Nolan, porque não vou voltar para a Irlanda tão cedo.

Nesse momento, me desencostei da parede e me virei para ela, ficando de costas para a entrada. Brigid parecia menos abatida do que da última vez que veio falar comigo.

— Você ainda está falando? — ironizei, já sem paciência alguma.

Seu rosto ficou vermelho, embora ela tentasse manter a compostura diante da minha grosseria. Com o nariz empinado, pigarreou:

— Eu só queria me despedir, Nolan, não precisa ser tão estúpido! — exclamou. — Afinal, nós somos amigos. — Revirei os olhos, sem me importar. — Enfim, adeus! Ou melhor, *aurevoir.*

Uma risada debochada quase escapou de mim, mas a engoli no instante em que avistei Lila. Acelerei o passo e agarrei Brigid pelo braço, assustando-a um pouco.

— Escuta, desculpa — falei, enquanto sentia Lila se aproximar por trás de mim. Meu corpo inteiro reagia à saudade. — Quer uma mamadeira? Uma chupeta?

Brigid me olhou, confusa.

— Eu realmente só queria me despedir, Nolan — respondeu, gesticulando como se eu estivesse maluco.

— *Hmm...* — resmunguei quando vi Lila passar, irritada ao me ver conversando com Brigid. — Ok, *aurevoir.* Boa sorte!

Me afastei, decidido a seguir Lila, que estava visivelmente enciumada. No entanto, mal virei o corredor e fui atingido por uma muleta no braço.

— Puta merda! — xinguei, surpreso. — *Tá* tentando me matar? — ironizei, sabendo que, de algum modo, havia conseguido sua atenção.

Não era o jeito que eu queria, mas dane-se, eu usaria as armas que tivesse.

— Então quer dizer que a gente briga e você já sai por aí falando de mamadeira e chupeta com aquela vadia? — rosnou, os olhos brilhando de raiva. — Espero que não seja isso, porque foi o que eu entendi.

— Nós não brigamos, *baby*. Você está brigando sozinha — retruquei, com um sorriso malicioso.

— Você a engravidou? — perguntou, ignorando o que eu acabei de dizer. *Atrevida!*

Demorei alguns segundos para olhá-la de verdade. Foram dois dias infernais sem vê-la, sem tocá-la, sem sentir seu cheiro...

— Sim, Brigid está grávida!

— O QUÊ? — berrou, tapando a boca ao se dar conta do tom histérico que usou.

Pisquei devagar.

— Mas não é meu, ficou maluca? — rebati, balançando a cabeça e esfregando o rosto para me acalmar. Tudo o que eu queria era puxá-la para meus braços, *caralho!* — Lila, para com isso e fala comigo direito.

Ela pareceu um pouco desconcertada.

— Poxa...

Encostei-me à parede ao seu lado, desesperado para me aproximar e sentir seu perfume.

— Pois é — soprei, observando cada detalhe dela. Não gostei das manchas escuras sob seus olhos. — Ela só veio se despedir. *Tá* indo embora *pra* França.

— Ah, claro! E você sugeriu uma mamada? — Uma risada escapou antes que eu pudesse impedir. — Pare de rir, porque não estou contando piadas!

— Estou tentando conversar com você, *baby*, mas você não para de ser engraçada.

Revirou os olhos.

— Quem é o pai?

Fiz uma careta.

— Dane-se o pai, não me interessa. O que importa é a *gente* — gesticulei entre nós dois. — Você me deixou no inferno o fim de semana inteiro, Lila.

Ela ainda parecia confusa.

— Você ofereceu ajuda *pra* ela? — insistiu no assunto. — Brigid pensou em interromper a gravidez?

Voltei a passar a mão pelo rosto, exasperado.

— Lila, pelo amor de Deus! *NÓS*, eu e você — apontei para nós dois. — Esquece a Brigid.

Suspirou, os ombros caindo, parecendo finalmente se desarmar.

— É que por um momento pensei que eu fosse a única com a vida ferrada — desabafou, virando-se para mim e fixando o olhar no meu rosto. — Ainda estou com raiva de você — declarou.

— Eu sei.

— Você me escondeu a verdade.

— Eu sei.

— *Argh!* Você deveria ter conversado comigo!

— Eu sei.

— *Tá* falando sério? Pediu para conversar e agora só repete a mesma coisa, como um disco arranhado?

Ergui a mão e toquei seu rosto, não resistindo ao desejo de senti-la. Felizmente, ela não me afastou.

— Eu disse que queria conversar, mas quero ouvir você primeiro. Diga tudo o que sente, *baby*. Depois eu falo o que preciso — enquanto falava, meu olhar foi involuntariamente atraído pelo movimento dos seus seios, que subiam e desciam com sua respiração acelerada.

Mordi o lábio ao notar seus mamilos endurecendo sob a minha atenção.

— Para de olhar para os meus peitos!

Respirei fundo, voltando a olhar para o rosto dela.

— Seus peitinhos são difíceis de ignorar numa conversa dessas. — Passei a língua pelos lábios.

— Você é impossível! — ralhou, virando-se para sair.

Segurei seu braço antes que ela pudesse se afastar.

— Desculpa, querida. Mas você é irresistível, e eu *tô* morrendo de saudades..., mas vou me controlar. Agora fala.

Encarou-me por alguns segundos antes de começar a falar:

— Não precisa ser um gênio para entender por que estou tão irritada com você — alegou, sacudindo a cabeça. — Estou brava porque você investigou a minha vida, Nolan. Isso é invasão da minha privacidade, é estranho e errado! Você descobriu coisas sobre mim que eu nem me lembro, e não me contou.

Assenti, compreensivo.

— Só isso? — perguntei quando ela fez uma pausa.

Arqueou as sobrancelhas.

— Acha pouco?

— Considerando tudo, sim. Agora, vem cá — puxei-a para mais perto, querendo senti-la nos meus braços. — Primeiro: fiz isso porque sua cabeça estava uma bagunça. Segundo: eu precisava entender seu pai. Terceiro: meu plano era falar com ele antes de falar com você, justamente porque sabia que você não estava em condições. Eu não quero que você me esqueça de novo. Não sei até onde sua mente está machucada — apontei para sua cabeça. — Jamais esconderia algo tão sério de você, Lila. Mas você precisa entender que eu tinha medo de...

— De eu surtar? — completou, captando meu raciocínio. — Medo de que se eu surtasse, meu pai me internasse em uma clínica psiquiátrica de novo?

— Essa era uma das possibilidades.

Balançou a cabeça, deixando um suspiro baixo escapar. Ergui seu rosto, mantendo meus dedos sob seu queixo.

— O quanto você ainda está chateada comigo?

Olhou-me, mordendo os lábios.

— Um pouquinho assim... — gesticulou com os dedos, um espaço bem pequeno.

Sorri e, sem pensar duas vezes, segurei sua nuca e a beijei. A sensação do seu gosto, seu cheiro... inferno!

— Porra, Lila! — soprei contra seus lábios. — Eu achava que era o temperamental, mas ultimamente, você está me superando, *baby*.

Sua risada suave encheu o ar. Voltei a beijá-la, com as mãos em seu rosto.

— Prometo que não vai haver mais segredos entre nós. — Levantei o mindinho como fazíamos quando éramos crianças. — Nunca mais vou esconder nada de você.

Abriu um sorriso emocionado e uniu o dedo ao meu.

— E, para provar, quero que saiba que estou investigando seu atropelamento — soltei de uma vez. Ela piscou, meio atordoada. — Antes que pergunte o motivo, eu não consigo dormir em paz sabendo que o desgraçado que quase te tirou de mim continua à solta.

— Ah, Nolan, não precisa se envolver nisso, é perigoso.

Sorri com a ingenuidade dela.

— Espero que você esteja considerando o perigo da minha parte, *baby*, ou vou ficar ofendido. — Fiz uma careta.

Riu, e eu aproveitei para puxá-la mais perto e beijá-la com mais vontade.

— E já descobriu alguma coisa?

Respirei fundo, lembrando das informações que meu pai me passou.

— Sim, foi um adolescente. Mas ele não é aluno daqui.

— Não? — Piscou, absorvendo minha resposta. — Então isso quer dizer que você já tem um nome. — Não era uma pergunta.

Sem aviso, a ergui no meu colo.

— Ei! — protestou, visivelmente envergonhada. — O que você está fazendo? Minhas muletas ficaram no chão, Nolan!

— Dane-se! — respondi. — Se desaparecerem, eu compro outras.

— Para onde estamos indo? Temos aula!

— Hoje a aula vai ser no meu apartamento, com sua boceta engolindo meu pau, *baby!*

Na mesma hora, ela escondeu o rosto na curva do meu pescoço, embaraçada com o meu jeito direto de falar.

— Você foi cruel comigo, sabia? — sussurrei, deitando Lila na minha cama, no apartamento. — Me deixou num limbo infernal nos últimos dias.

Ela riu.

— Só porque você começou sendo cruel — respondeu ofegante, enquanto lutava para arrancar minhas roupas. — Mas eu senti sua falta também. E odiei te ver com a Brigid. Fez de propósito, né?

Sorri de canto, malicioso.

— Eu precisava chamar sua atenção, já que você insistia em me ignorar.

Tirei sua saia e calcinha; ela se livrou do blazer e da camisa cheia de botões. Aproveitei o momento para me despir também, sem desviar o olhar dela, deitada, totalmente exposta para mim.

Como estava perto da beirada da cama, me ajoelhei no chão, puxando suas pernas em minha direção, abrindo-a como uma flor. Minhas mãos subiram até seus seios ao mesmo tempo que minha boca encontrou sua boceta, saboreando o que senti tanta falta nos últimos dias.

Lila arqueou o corpo, gemendo daquele jeito que sempre me deixava louco. Capturei seu clitóris entre os dentes, fazendo seu corpo tremer sob mim, enquanto palavras desconexas escapavam de sua boca.

— Sempre tão pronta para mim... — deslizei dois dedos dentro dela, perdendo-me no som da sua umidade a cada movimento. — Tão deliciosamente molhada.

— Ah, Nolan... — gemeu, em desespero. — Por favor, não para...

Continuei sugando-a, conforme meus dedos iam e vinham em sua abertura escorregadia. Minhas mãos massageavam seus seios, beliscando os mamilos, alternando entre suave e intenso, apenas para que ela sentisse o contraste entre prazer e dor. Quando percebi que ela estava prestes a gozar, me afastei.

Antes que pudesse protestar, a penetrei de uma só vez. Já tinha colocado a camisinha, facilitando o movimento. Apoiado na cama com um joelho, ergui sua perna boa, mantendo-a no alto, enquanto a outra — imobilizada — permanecia no colchão. A nova posição me permitiu ir mais fundo, preenchê-la por completo.

— Porra! — xinguei, jogando a cabeça para trás, em êxtase. — Eu nunca vou me cansar disso! Sua boceta foi feita para o meu pau, Lila, só *pra* ele. Você foi feita para mim, para estar comigo.

— *Argh*, você é tão convencido! — resmungou, a voz falhando. Vi seus dedos se apertarem nos lençóis, tentando se segurar a cada estocada mais firme que eu dava.

— Sou mesmo, e você adora! — retruquei, sorrindo. — Admita!

Ergueu-se, agarrando meu rosto.

— Sim, eu amo — sussurrou contra minha boca. — Agora me beija.

Pressionei sua perna contra a cama, garantindo que ela não se fechasse. Desci beijos pelo seu queixo, passando pela cicatriz no pescoço, até chegar aos seus seios, onde mordi os mamilos. Lila gozou no exato momento que meus dentes a tocaram, eu senti.

— Merda, Nolan! — Voltou a arquear as costas na cama, perdida no prazer.

Dei mais algumas estocadas até me derramar dentro dela, soltando um rosnado profundo. Exausto, desabei ao seu lado, com meu rosto afundado em sua pele quente e suada.

— Acho que precisamos de um banho — soprou, quebrando o silêncio.

Balancei a cabeça, erguendo os olhos para ela.

— Ainda não terminei com você, *baby* — avisei, com um sorriso travesso. — Esqueceu que me deve 48 horas de você?

Piscou, fingindo espanto.

— Você é algum tipo de máquina sexual, é isso? — brincou, sem esconder o divertimento.

Inclinei-me sobre seu corpo febril.

— Algo assim, algo assim, querida — provoquei, antes de voltar a beijá-la.

— Então, como foi seu final de semana? — indaguei, acariciando seus cabelos, com ela deitada no meu peito. — Você e seu pai estão bem?

— A nossa relação se distanciou um pouco…, mas ele ainda é meu pai, e isso nunca vai mudar — falou, com sinceridade. — Não vou mentir, fiquei magoada. Com você, sim, mas principalmente com ele. Ele deveria ter sido honesto desde o início.

— Entendo, querida — soprei, beijando sua cabeça. — Mas entendo o lado do seu pai também. Talvez, eu teria agido da mesma forma.

Ergueu a cabeça para me encarar.

— Sério? — inquiriu em espanto. — Você está do lado do meu pai agora? Porque eu lembro da briga feia que tiveram na sexta.

Fiz uma careta.

— Não se trata de lados, Lila — expliquei, calmo. — São apenas acontecimentos dolorosos entre um pai e sua filha. Imagino que Keegan tenha feito o que achou melhor na época, tentando te poupar ao máximo.

Suspirou de modo pesado.

— Sim, eu sei disso — balbuciou. — Tivemos uma conversa longa, e dessa vez, ele me contou tudo. É uma pena que eu ainda não consiga me lembrar.

Levantei sua cabeça para olhar em seus olhos.

— E você quer se lembrar?

— Sim, eu quero — confessou. — Pelo menos saberia de tudo pela minha própria perspectiva, entende? Papai me contou que a polícia concluiu que minha mãe foi quem causou essa cicatriz no meu pescoço, e depois se suicidou com remédios — ela se calou, o corpo se encolhendo aos poucos. — Quando acordei no hospital, minha mente já estava em branco. Então ele aproveitou a chance para inventar uma história menos dolorosa sobre a morte dela. Mesmo assim, não aceitei bem a perda e acabei surtando.

— Foi quando ele teve que te internar na ala psiquiátrica — conclui.

Assentiu, voltando a deitar a cabeça no meu peito.

— Você me acha fraca? — quis saber, em um sussurro.

Ajeitei-me, segurando seu rosto com ambas as mãos.

— Nunca! — Puxei-a para um beijo. — Pelo contrário, você é uma das pessoas mais fortes que conheço. — Passei os dedos pelos seus cabelos. — Nunca mais pense o contrário. Se existe alguém que te admira e faria qualquer coisa por você, sou eu, *baby*.

Seus olhos se encheram de lágrimas, e ela se jogou sobre mim, me beijando.

— Eu te amo, *morceguinho*, eu te amo — soprou contra meus lábios.

Em seus braços, eu me sentia em casa.

— A senhora está me destruindo, mamãe, pouco a pouco. Será que não percebe? Olhe para a senhora...

— Você sempre preferiu seu pai, não é, sua ingrata? Sempre foi ele! Mas olha só quem está aqui com você agora: sou eu, não ele. Sabe por quê? Porque ele não te quer, Lila. Ninguém te quer!

— Mamãe, por favor, pare com isso...

— Você nem conseguiu segurá-lo, nem foi capaz de mantê-lo com a gente. Uma inútil, é isso que você é!

— A senhora está me machucando...

— A verdade nem sempre serve para curar, filha. Às vezes, ela é feita para ferir.

Despertei com um sobressalto, sentindo meu coração disparado. Pisquei várias vezes, apenas para garantir que estava segura, no meu quarto. Olhei rapidamente para a janela e vi que o sol já havia nascido.

Meu telefone começou a tocar, intensificando ainda mais o meu nervosismo. O pesadelo parecia tão real que meu corpo ainda estava imerso nos efeitos dele. Estiquei a mão e peguei o celular, que não parava de tocar. Atendi:

— Já estou aqui na frente. Vai descer ou quer que eu suba até o seu quarto? — A voz de Nolan soou pelo telefone.

Minhas bochechas esquentaram diante das palavras dele. Mesmo com o peso do pesadelo pairando sobre mim, foi impossível evitar o calor que invadiu meu corpo ao lembrar das mãos de

Nolan na minha pele.

Fazia apenas dois dias que havíamos reatado, e ele não perdia uma oportunidade de me tocar. A desculpa era sempre a mesma: eu o havia "castigado" durante todo o final de semana.

Mas ele tinha errado comigo, e precisava pagar de alguma forma.

— Nem pense nisso! — respondi, saindo da cama. — Estarei aí em alguns minutos.

— *Tem certeza?* — insistiu, enquanto eu corria para o banheiro. — *Eu não me importaria de subir até o seu quarto, baby, especialmente se você me disser que dormiu só de calcinha. Aliás, o que você está vestindo?*

Revirei os olhos, meio divertida. Aos poucos, papai tinha voltado a me contar histórias antes de dormir. Não era toda noite, como antigamente, mas estávamos retomando a nossa rotina, passo a passo. Então, é claro que eu tomava cuidado com as roupas — por respeito a ele, acima de tudo.

— Você quer calar a boca e parar de ser um tarado?

— *Por que está tão ofegante?* — ignorou minha resposta. — *Não me diga que já acordou se masturbando pensando em mim, querida...*

Sacudi a cabeça, incrédula.

— Inacreditável como sua mente só pensa em sacanagem, né? — argumentei, chocada. — Não se atreva a subir. Fique no carro, eu já vou descer.

Desliguei na cara dele antes que pudesse continuar tagarelando. Soltei um suspiro exasperado e deixei o telefone sobre a bancada.

Encostei as mãos na pia e encarei meu reflexo no espelho. Nos últimos dias, minha mente parecia um campo de batalha: dores de cabeça constantes, lembranças soltas que surgiam sem aviso, fragmentadas, como pedaços de um pesadelo sem fim.

Aceitar a verdade sobre meu passado era como engolir cacos de vidro.

Como aceitar que minha mãe, a mulher que me embalava nas noites de febre, havia se transformado em um monstro? Em alguém capaz de tentar acabar com a própria vida... e levar a minha junto?Será que eu falhei com ela? Será que, de alguma forma, não fui uma boa filha?

Abri a torneira e deixei a água correr fria sobre meu rosto. Ela escorreu até o pescoço, trazendo um breve alívio. A cicatriz, agora úmida, refletiu a luz do banheiro por um instante e, como se fosse um lembrete cruel, minha cabeça latejou ainda mais forte.

Saí do banheiro e voltei ao quarto, indo direto ao closet, onde peguei meu uniforme. Eu precisava de respostas. Talvez, a terapia fosse o caminho para encontrá-las.

— Querida, vai sair sem tomar café? — perguntou a senhora Audrey, que havia voltado na semana passada. — Seu pai ainda está à mesa.

Desviei o olhar para além dela, em direção à sala de jantar, e permiti que um suspiro escapasse.

— Quero sair mais cedo hoje, Audrey, tenho uma sessão de terapia marcada — expliquei, respirando fundo. — Prometo que como algo no caminho, tudo bem? — Acariciei seu rosto. — Por favor, avise ao papai sobre meus planos.

— Fica tranquila, menina. — Sorriu, afetuosa. — Vou avisá-lo.

Balancei a cabeça em negação e me inclinei para beijar sua testa.

— Nos vemos mais tarde, Audrey. Amo você.

Afastei-me e saí de casa. Com a ajuda das muletas, me dirigi ao carro de Nolan, estacionado do outro lado da rua.

Por um breve momento, parei para admirar o homem que eu tinha comigo. Ele estava de braços cruzados, recostado na lataria do carro. Sem o blazer do uniforme, sua camisa destacava os músculos dos braços, e a calça ajustada deixava visível as formas das coxas fortes. *Céus!* Nolan era lindo, irresistível... e meu.

Completamente meu.

— Se continuar me olhando desse jeito, saiba que vamos cometer um atentado ao pudor aqui mesmo, *baby* — disse, com aquele sorriso travesso que sempre me enlouquecia.

Com as bochechas ruborizadas, continuei andando, mas evitando encará-lo diretamente.

— Você sempre dá um jeito de me deixar sem graça, não é? Impressionante! — resmunguei, enquanto ele abria a porta para mim, rindo.

— Foi você quem começou, praticamente me devorando com esses olhinhos gulosos. — Aproximou o rosto da minha nuca, assim que fui ao encontro dele. — Só estou alimentando sua

imaginação, *baby*...

Dei uma cotovelada leve em suas costelas.

— Se comporta! — ralhei, embora não conseguisse evitar o riso.

Em poucos minutos, já estávamos na estrada.

— Vou à terapia primeiro — avisei de repente, enquanto olhava para a paisagem fora da janela. — Você se importa de me levar até lá? — Olhei para ele, que soltou a mão do câmbio para segurar a minha.

— Claro que não! — respondeu, alternando o olhar entre a estrada e meu rosto. — Está tudo bem? Você parece tensa.

Respirei fundo.

— Acho que tive um pesadelo... — confessei, fazendo uma careta. — Desde que tudo veio à tona, minha mente está mais agitada do que o normal. Parece que minhas memórias estão prestes a emergir.

Nolan apertou minha mão com mais força.

— E é isso que você quer, certo?

Assenti devagar.

— Sim, mas admito que estou com medo.

— Estou aqui com você — garantiu, me fazendo desviar o olhar para ele. — Sempre estarei, mesmo que você me mande embora.

Soltei uma risada.

— Tão dramático! — exclamei, sacudindo a cabeça.

A viagem foi curta, e logo chegamos à clínica da minha terapeuta. A doutora Fiona estava disponível todos os dias, apesar de eu não ser tão frequente nas sessões quanto deveria.

— Vou esperar por você aqui — avisou Nolan, assim que chamaram meu nome. Apenas sorri em resposta, ainda nervosa.

Eu estava mais inquieta do que o normal, e tinha certeza de que isso tinha a ver com o pesadelo

que tive.

— Que alegria te ver, querida! — exclamou Fiona com um sorriso acolhedor logo que entrei na sala. — Sinto muito pelo que aconteceu. Seu pai me contou sobre o acidente, motivo da sua ausência nas últimas sessões.

Assenti, me acomodando na poltrona.

— Sim, foi um susto grande — respondi, desejando esconder o nervosismo. — Mas estou bem melhor agora. Só minha perna ainda me atrapalha um pouco. Porém, logo estarei livre disso. — Apontei para a bota imobilizadora e forcei um sorriso.

— Tenho certeza de que sim! — disse em tom gentil. — E então? Quais são as novidades?

Respirei fundo antes de começar a contar tudo: desde as descobertas que Nolan fez, até as memórias fragmentadas que vinham surgindo nos últimos dias.

— No fundo do seu coração, o que você realmente sente a respeito da sua mãe, Lila? — perguntou, após alguns minutos de silêncio.

Pisquei algumas vezes, absorvendo a pergunta. Fechei os olhos por um instante, sentindo uma leve dor de cabeça. Pressionei as têmporas com cuidado.

— Eu sinto que a amava muito. Ela era meu ponto de referência.

Essa era uma verdade inegável.

— Acho que você precisa esvaziar a mente, Lila, para aliviar a pressão — sugeriu. — Tente criar experiências novas no seu dia a dia. Quem sabe assim você retome o controle mais rápido.

Mordi os lábios, inquieta.

— E se eu não conseguir, Fiona? E se minhas lembranças nunca voltarem?

— Elas vão voltar, querida — garantiu, apertando minha mão. — Confie em mim, você vai conseguir.

— VAI, TYLER! — gritou Tara ao meu lado, os olhos fixos no campo de futebol, em que os garotos treinavam.

Olhei a tempo de ver Tyler, todo sorridente, parar em direção a Tara, lhe mandando um beijo no ar, apenas para ser atropelado por Ross, que quase o derrubou no chão.

— PRESTA ATENÇÃO, SEU IMBECIL! — berrou Ross, antes de lançar um olhar na nossa direção. Mas eu sabia que sua atenção estava em outra pessoa: a garota de cabelos vermelhos e língua afiada ao meu lado.

— Que idiota! — resmungou ela, irritada com isso. — Ele não pode fazer isso!

Maeve riu com gosto.

— Acho que você ainda não entendeu como meus primos funcionam, Tara — comentou, sarcástica. — Nunca diga a eles o que não podem fazer. — Balançou a cabeça, achando graça.

— Confia em mim — toquei no braço de Tara, rindo junto —, não adianta fugir ou resistir. De um jeito ou de outro, eles sempre conseguem o que querem.

Tara arregalou os olhos, espantada.

— Nossa! Vocês estão me assustando agora.

Maeve e eu soltamos uma gargalhada, jogando a cabeça para trás.

Chegamos à arquibancada há poucos minutos, prontas para assistir ao treino. Rory também estava por lá, mas saiu antes do previsto. Eu não conseguia entender o motivo, mas ele continuava se afastando de mim, e eu não fazia ideia de como ajudá-lo.

Meus olhos brilharam quando vi Nolan pegando a bola e se aproximando da arquibancada.

— Ei, *gostosão!* Não tome banho depois do treino — berrei, chamando sua atenção. — Quero você assim... todo suado!

A risada foi geral. Nolan chutou a bola e parou para me encarar, um sorriso travesso nos lábios.

— *Baby*, desse jeito você me mata! — exclamou, fazendo um gesto dramático, passando o dedo no pescoço.

Naquele instante, meu sorriso se desfez por completo, engolido por uma onda repentina de lembranças que invadiram minha mente sem piedade. Instintivamente, levei a mão até a cicatriz no pescoço.

Fechei os olhos e pressionei as têmporas com força, mas foi inútil. As imagens vinham em sequência, caóticas e implacáveis, atropelando-se umas às outras. Um grito escapou da minha garganta, rasgado pela dor que agora explodia em minha cabeça, reabrindo feridas que eu nunca pude fechar.

Mal conseguia ouvir as vozes de Maeve e Tara, preocupadas ao meu lado. Tudo o que eu sentia era a enxurrada de imagens invadindo meus pensamentos, me sufocando.

— SULLIVAN, VOLTE PARA O TREINO! — Ouvi o treinador gritar ao longe.

— Dane-se o treino! — gritou Nolan em resposta, sem se importar. — Minha garota precisa de mim.

O ar me escapou do peito, e, num instante, meu corpo inteiro começou a tremer. A verdade me invadia sem pedir licença, cortante como espinhos. Uma dor crua, insuportável, como se algo dentro de mim estivesse se despedaçando, centímetro por centímetro. Minhas lágrimas turvaram a visão, e tudo ao redor ficou turvo. Mal consegui distinguir o rosto de Nolan, embora soubesse que ele já estava ali, segurando meu rosto, tentando me ancorar no presente.

— Fui eu, Nolan... fui eu — contei, entre soluços, a voz embargada pelo choro.

Ele piscou, confuso, concentrando-se em mim.

— O quê, *baby?* Do que você está falando? Não estou entendendo.

Ameacei me afastar de seus braços, balançando a cabeça com força.

— A culpa foi minha... toda minha. — Gemi, interrompida por gritos de dor que escapavam entre minhas palavras.

— Mas o que diabos está acontecendo? — rugiu Nolan, olhando de mim para Maeve e Tara, desesperado.

— Não sabemos! — respondeu Maeve, tão aflita quanto ele. — Ela estava bem e, de repente, começou a surtar.

Num esforço para me desvencilhar de Nolan, acabei caindo no chão, minha perna ferida incapaz de me sustentar.

"— Por que a senhora não pode ser uma mãe normal, hein? Eu tenho vergonha de você, vergonha!"

— Lila, pelo amor de Deus! — exclamou Nolan, me levantando do chão. — Você está me

assustando. — Segurou meu rosto mais uma vez, seu tom repleto de pavor. — O que está sentindo? Está com dor? Por favor, me diga o que fazer!

Meu rosto voltou a se contorcer, e novas lembranças explodiram na minha mente.

"— Todos os dias, eu acordo desejando ter ficado com meu pai, porque essa não é a vida que eu sonhei, mãe, não é!"

— Fui eu, Nolan... fui eu — bati no peito, desesperada. — Eu fiz aquilo com ela... eu... — solucei, jogando-me contra o peito dele, conforme o choro tomava conta de mim.

— Acho que o melhor seria levá-la para a terapeuta dela — sugeriu alguém, mas eu não consegui identificar quem foi.

Nolan me ergueu nos braços sem dizer uma palavra. Logo depois, saiu quase em disparada, enquanto meus soluços ressoavam. Eu não fazia nada além de chorar, um pranto desgovernado, que escapava sem freios, me deixando entregue à dor que parecia maior do que eu.

— Mamãe! — Corri até ela, caída no chão da sala. Cacos de vidro estavam espalhados por toda parte, como se ela tivesse desabado sobre a mesa de centro. — Mamãe, por favor, fala comigo! — Desesperada, comecei a bater suavemente em seu rosto, querendo acordá-la.

As lágrimas espessas embaçavam minha visão, e minha mente mal acompanhava a brutalidade do que estava a minha frente. Uma realidade fria e irrefutável. Com os dedos trêmulos, levei a mão até sua jugular, desesperada por um sinal, por qualquer batida que desmentisse o que eu já temia. Mas não havia nada.

Nada além do silêncio.

— Mamãe! — implorei, em meio aos soluços, agarrando sua blusa com força. — Por favor, não vá, não me deixe... — segurei seu rosto entre minhas mãos trêmulas. — Me perdoa, me perdoa... — desabei, deitando minha cabeça em seu peito, o choro se intensificando. — MAMÃÃÃÃE! AAAAAAH!

Os soluços me estremeciam com tanta violência que, por um momento, achei que o ar fosse me faltar de vez.A culpa era minha. Fui eu quem a pressionou. Eu a sobrecarreguei todos os dias, acusando-a de não ser boa o suficiente como mãe.

"Se é para ter uma mãe inútil como você, eu preferia nem ter!"— A frase que eu disse mais cedo, antes de sair para a escola, ecoou na minha cabeça como um golpe certeiro. Senti a bile subir pela minha garganta.

— E-eu não... — minha voz falhou, enquanto a dor me dilacerava aos poucos. — Por favor, me perdoa... — voltei a segurar sua cabeça, beijando seu rosto repetidamente. — E-eu não quis dizer aquilo, mamãe, e-eu... — os soluços vieram com mais força —, eu só estava com raiva... — chorei mais alto, sem controle. — Mamãe, acorda! — Sacudi seu corpo sem vida. — Acorda!

Acorda! ACOOORDAAA!

Finalmente, o peso da realidade desabou sobre mim. Pisquei várias vezes, olhando ao redor, mal processando o pesadelo em que estava mergulhada. Dois frascos de remédios jogados no chão, vazios, chamaram minha atenção.

Foi minha culpa. — Minha mente repetia isso a cada segundo.

O que papai pensaria de mim quando soubesse? Ele também me culparia, eu sabia disso. Mamãe estava certa ao afirmar que ele não me amou o suficiente para ficar. Talvez fosse o motivo pra ela não ter conseguido ser a mãe que eu precisava.

Deslizei pelo chão até me encostar contra o sofá, abraçando minhas pernas e escondendo o rosto entre os joelhos. O choro não cessava, e minha cabeça latejava de tanta dor. De repente, meus dedos tocaram algo no chão. Ao olhar, percebi que era um pedaço de vidro. Lentamente, levantei-o, e o segurei diante dos meus olhos.

Fiquei um tempo olhando para ele, até que, finalmente, entendi o que precisava ser feito.

— Lila, querida? Consegue nos contar o que está acontecendo? — A voz suave de Fiona me trouxe de volta à realidade.

Eu estava sentada, a perna boa dobrada, com a cabeça apoiada no joelho. Os soluços vinham incontroláveis, e eu não sabia ao certo há quanto tempo estava ali, no consultório. Tudo o que sentia era a dor esmagadora me sufocando.

— *Baby*, eu chamei seu pai — avisou Nolan, inclinando-se ao meu lado. Uma de suas mãos tocou meu rosto, afastando delicadamente meu cabelo para trás da orelha. — Estou muito preocupado com você.

Olhei para ele, fixando-me em seu rosto familiar. Nolan sempre foi meu porto seguro, meu refúgio. Mas quando meus pais se separaram, eu o perdi também.

Uma batida suave na porta chamou minha atenção, e vi meu pai enfiar a cabeça para dentro da sala. Seu rosto ficou pálido ao ver meu estado deplorável. Uma nova onda de lágrimas tomou conta de mim.

— Papai... — gemi, erguendo os braços para ele, que correu até mim e me envolveu em um

abraço apertado. — *E-eu* me lembrei de tudo, pai... de tudo. — Escondi o rosto contra seu peito, incapaz de conter o choro.

— Oh, minha princesa, papai está aqui. — Encheu minha cabeça de beijos, ajoelhando-se ao meu lado. — Vai ficar tudo bem. — Afastou-se apenas o suficiente para enxugar minhas lágrimas.

Balancei a cabeça, descrente.

— Fui eu — confessei, presa nas lembranças que me atormentavam. — Fui eu quem a matou.

O ar na sala ficou pesado, e um arquejo coletivo preencheu o ambiente. Papai arregalou os olhos, incrédulo.

— Do que você está falando, Lila? — A voz de Nolan soou repleta de choque.

Meus lábios tremeram, e eu abaixei a cabeça, encarando minhas mãos trêmulas. Respirei fundo, buscando encontrar as palavras certas.

— *E-eu* me lembro que a relação de vocês sempre foi complicada. — Olhei para o papai, lutando para manter a voz estável. — Mas depois do divórcio, o psicológico da mamãe piorou. — Permiti que ele enxergasse o terror em meus olhos. — Ela nunca aceitou, pai, nunca aceitou o fim da nossa família. E, de certa forma, ela me culpava por tudo.

— Droga, Lila! —praguejou, ficando de pé e virando-se de costas, os ombros tensos.

— Eu fui forçada a deixar a cidade, a abandonar meu melhor amigo e a conviver com uma mãe que não me dava afeto — continuei dizendo. — Ela estava presa na própria depressão. *E-eu* cresci tendo de ser a mãe da mulher que deveria ser a minha base. — Minha voz falhou, e meu rosto se contorceu com uma nova onda de lágrimas. — E o senhor... o senhor não estava tão presente quanto deveria.

— Lila...

— Naquele dia, eu perdi o controle — segui narrando, sem parar de chorar. — Eu a mandei sumir, disse que seria mais fácil do que continuar tendo uma mãe inútil. — Cobri o rosto com as mãos, sufocada pela culpa. — Quando voltei da escola, ela já tinha tomado os remédios, e eu não pude fazer nada para impedir.

— Você não tem culpa alguma, querida. Áine tomou suas próprias decisões — disse papai, o timbre calmo, apesar de tudo. — Sua mãe sempre teve os problemas dela: depressão, controle excessivo... É por isso que nosso casamento não funcionou, filha. Nunca teve nada a ver com você, meu bem.

— Lila, você não pode carregar a responsabilidade pelas escolhas de sua mãe — acrescentou Fiona, com um tom gentil. — Se ela decidiu partir deste mundo, essa foi uma decisão exclusivamente dela. Você precisa reconhecer sua própria dor, suas mágoas e frustrações. Não as ignore.

As palavras dela ecoaram em mim. Funguei, processando tudo.

— Mas... se eu não tivesse dito aquilo... — balbuciei, interrompendo-me ao pressionar a mão contra o peito, onde a dor parecia insuportável.

Papai voltou a se aproximar, ajoelhando-se à minha frente.

— Você só estava procurando a mãe que precisava— segurou minhas mãos com ternura. — Não há culpa nisso, entende? Áine era quem deveria ter te protegido, te guiado..., mas, infelizmente, ela não conseguiu fazer isso.

O silêncio dominou o ambiente, quebrado apenas pelos meus soluços e pela respiração pesada de Nolan e meu pai.

— Mas... — começou Nolan, cauteloso — e a cicatriz?

A pergunta pairou no ar como um peso. Senti meu corpo afundar na cadeira ao mesmo tempo em que meu coração descia com ele, pesado, silencioso.

— Lila, minha querida... como você conseguiu essa cicatriz no pescoço? — insistiu papai, a voz vacilante. Ele parecia ainda mais pálido, com os olhos vermelhos pelo choro mal contido.

O silêncio que seguiu foi mais sufocante do que qualquer palavra.

Mordi o lábio inferior, lutando para conter os soluços.

— Quando... quando eu achei que ela já estava morta... — minha voz falhou, e eu abaixei o olhar, encarando o chão como se ele pudesse me proteger do que vinha a seguir. — Eu... eu pensei que a única saída era ir com ela.

Fechei os olhos com força, querendo afastar as lembranças. Mas elas estavam ali agora: vívidas, cruas, latejando em cada uma das minhas células.

— Então... eu achei um pedaço de vidro no chão e...

Não precisei concluir a frase para que Nolan soltasse um palavrão, virando-se de costas com um gesto brusco. Ele levou as mãos ao rosto, parecendo querer apagar a imagem que acabou de formar em sua mente. Já papai me puxou de volta para seus braços, como se quisesse me

proteger de algo que já havia acontecido.

Logo, comecei a ouvir seus soluços misturados aos meus.

— Oh, minha querida, me perdoe... sinto muito, sinto tanto — balbuciou, apertando-me com força contra seu peito. — Me perdoe por não ter sido o pai que você precisava, por não ter percebido a tempo, por não ter estado lá para impedir que você pensasse que a única saída para você seria a morte.

Continuamos chorando juntos, conforme eu me perdia em seu abraço.

— Você consegue me perdoar? — Afastou meu rosto, enxugando minhas lágrimas. — Consegue?

Entre soluços, apenas assenti com a cabeça.

— *E-eu* amo o senhor, pai — soprei com dificuldade, devido a voz embargada.

Nos abraçamos novamente, e meu olhar se voltou para a doutora Fiona. Apesar da serenidade que mantinha no rosto, era impossível ignorar o peso contido em seus olhos. Ainda assim, havia algo nela que indicava estar satisfeita por eu finalmente ter aberto espaço na minha mente para aquilo que, por tanto tempo, escondi de mim mesma. Eu sabia que a jornada estava longe de terminar, mas aquele era um começo.

Foi então que meus olhos encontraram os de Nolan. Ele estava ali, parado, me observando com uma intensidade que falava mais do que qualquer palavra. Havia dor, ternura...

Estendi a mão, e ele a segurou de imediato, seus dedos envolvendo os meus com uma suavidade cuidadosa. Ainda aninhada nos braços do meu pai, vi seus lábios se moverem, formando um sussurro que só eu poderia decifrar: *"Eu amo você."*

Um sorriso atravessado pelas lágrimas se formou em meus lábios. E, com a voz entrecortada pela emoção, deixei que meus lábios respondessem:

— Eu também te amo, *morceguinho*. Eu também.

CAPÍTULO 29

Nolan Sullivan

Eu me esforçava para não demonstrar, não queria agravar ainda mais o que já era insuportável. Mas por dentro, algo em mim se despedaçava. Saber que Lila tentou tirar a própria vida me consumia. A ideia de quase tê-la perdido — e pior, por causa dela mesma — gerava uma tempestade emocional tão intensa que, às vezes, respirar parecia uma tarefa impossível.

Muita coisa mudou nos últimos dias, desde que toda a verdade veio à tona. A relação entre ela e o pai se fortaleceu consideravelmente. Tê-lo por perto era essencial para que Lila encontrasse forças e avançasse em seu processo de cura. Assim como eu, o senhor Byrne só desejava vê-la bem, e faria o que fosse preciso para isso.

— Você está fazendo de novo, Nolan.

Um sorriso se formou nos meus lábios.

— Fazendo o quê?

Ela abriu os olhos, encontrando meu rosto bem próximo ao seu. Estávamos no quarto dela, em sua casa.

— Me olhando como um psicopata! — respondeu, em tom brincalhão. — Já conversamos que isso é bem estranho. — Fez uma careta adorável.

— Eu não me lembro de ter conversado nada sobre isso. — Franzi o cenho, fingindo pensar. — E você não pode tirar de mim meu passatempo favorito, *baby*. — Inclinei-me e toquei seus lábios com os meus.

De repente, um som brusco nos fez pular. A porta se abriu com força, e vimos o Keegan parado na entrada.

— Porta. Aberta — rugiu pausadamente, fazendo um gesto estranho com os dedos em direção aos próprios olhos.

Lila caiu na risada, escondendo o rosto no travesseiro.

— O senhor sabe que isso não vai me impedir de tocar na sua filha, né? — provoquei, recebendo um beliscão de Lila.

— Não abuse da minha paciência, Sullivan, não abuse — resmungou ele, batendo a mão na porta ao se afastar.

— Qualquer dia desses, ele vai te proibir de subir ao meu quarto, sabia? — insinuou ela, rindo.
— Pare de ser assim! — Me deu um tapa.

Aproveitei o momento para puxá-la aos meus braços, enchendo seu rosto de beijos.

— Ninguém pode me impedir de estar com você, Lila — murmurei contra seus lábios. — Nem mesmo você! — Segurei seu rosto.

Ficamos nos olhando, nossos lábios quase se tocando.

— Está pronta para voltar à escola hoje? — perguntei, depois de um tempo.

Ela vinha se recusando a ir; alegando que estava muito abalada com tudo o que aconteceu, o que era compreensível.

— Não..., mas prometo que na próxima semana, eu vou. — Suspirou. — Rory disse que vai passar o dia comigo hoje.

Minha expressão endureceu no instante em que ouvi o nome do imbecil, e precisei engolir os palavrões que quase escaparam. Meu ciúme queimava em silêncio, mas não deixei transparecer. O sorriso no rosto dela me desarmou por completo.

Por mais que a presença de Rory me incomodasse, eu sabia que ele tinha um lugar importante na vida de Lila. E, se eu a amava de verdade, precisava aprender a conviver com isso.

Filho da mãe!

— Ah, que ótimo! — resmunguei, com uma careta.

Lila ergueu a cabeça e me encarou.

— Ótimo? — repetiu, desconfiada. — Com essa cara?

— E eu tenho outra? — retruquei, balançando a cabeça. — Fico feliz que você e seu "melhor amiguinho" vão passar o dia juntos. — Entortei os lábios.

A atrevida explodiu em gargalhadas.

— Você é impossível, Nolan! — disse, rindo. — Não consegue nem disfarçar o ciúme.

Coloquei as mãos em sua cintura e comecei a fazer cócegas.

— Não, eu realmente não consigo disfarçar, *safadinha* — brinquei, me deliciando com o som da sua risada. Era melhor vê-la rindo, do que chorando. — Você deveria ser só minha, minha, minha... — escondi meu rosto na curva de seu pescoço.

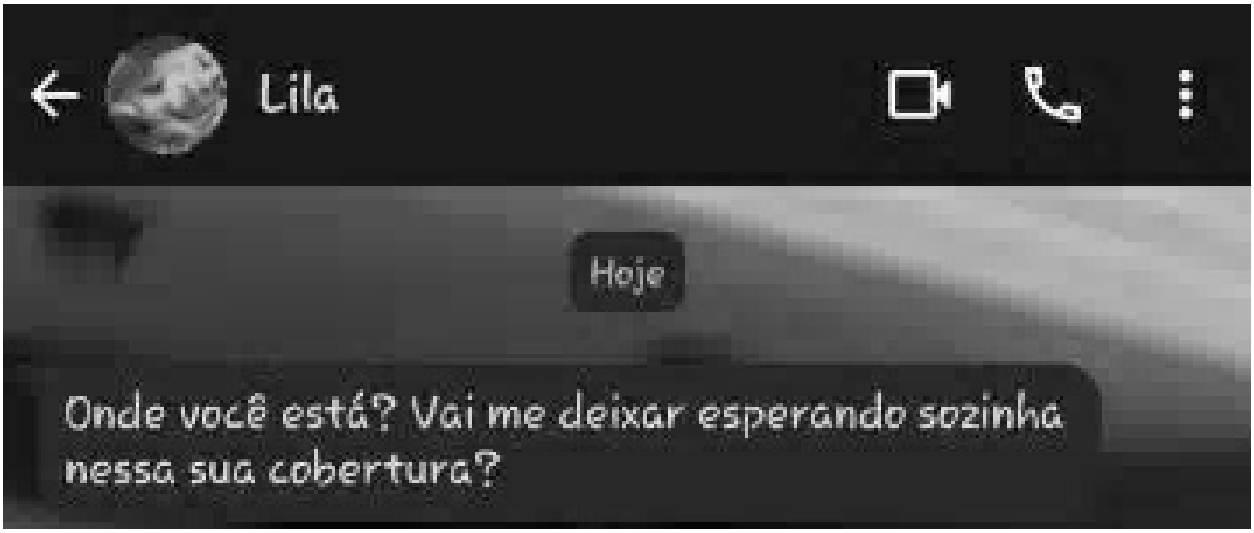
Lila misturava risadas com pequenos gemidos, sua pele toda arrepiada.

— E eu sou, seu bobão, eu sou — balbuciou, entre risos e suspiros, conforme tentava se esquivar das minhas cócegas.

Parei e olhei em seus olhos, nossos rostos bem próximos.

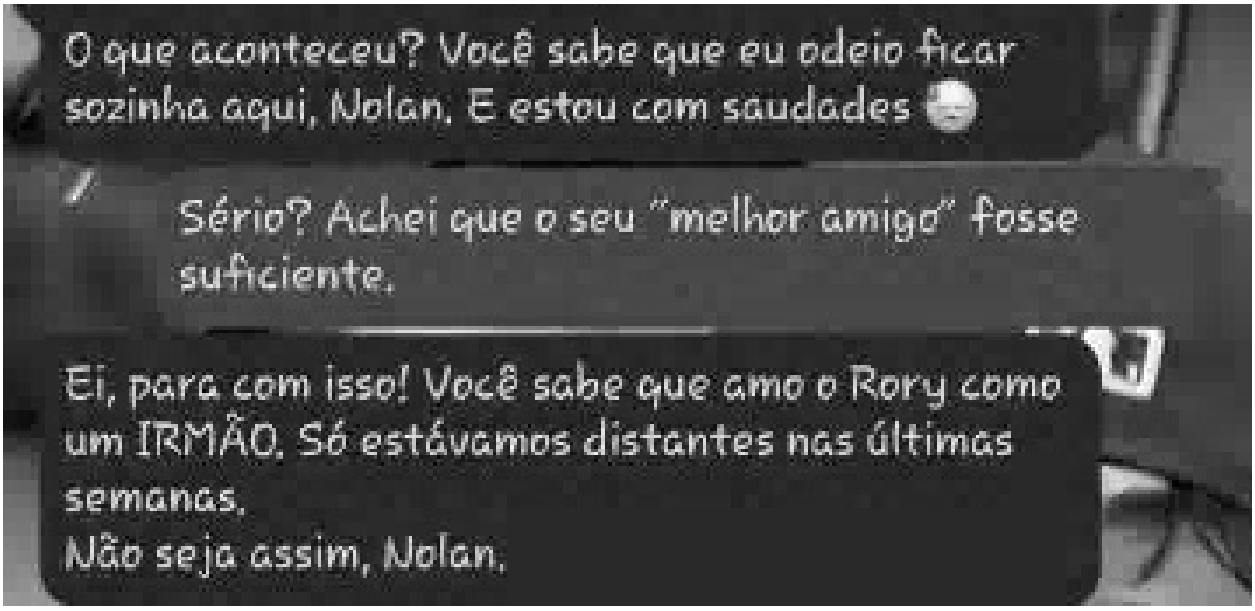
— Eu sei. — Beijei-a suavemente. — Só preciso convencer meu lado possessivo.

Voltou a rir, mas eu interrompi sua risada com mais beijos.



Um sorriso apareceu nos meus lábios.

A resposta dela veio quase instantaneamente:


O que aconteceu? Você sabe que eu odeio ficar sozinha aqui, Nolan. E estou com saudades
Sério? Achei que o seu "melhor amigo" fosse suficiente.
Ei, para com isso! Você sabe que amo o Rory como um IRMÃO. Só estávamos distantes nas últimas semanas.
Não seja assim, Nolan.

Deixei escapar um suspiro pesado, enquanto o ciúme me corroía por dentro. Bastava pensar que eles haviam passado o dia inteiro juntos para que tudo ao meu redor perdesse o foco, de tanta raiva.

Fiquei com os olhos grudados na tela, esperando ansiosamente pela resposta.

Antes que eu pudesse responder, a foto apareceu, e precisei respirar fundo ao vê-la com os seios à mostra, mordendo os lábios de forma provocante.

Droga! Essa garota realmente sabia como me deixar maluco.

A pressão em minha calça aumentou com meu pau duro feito rocha, e eu considerei seriamente voltar direto para o apartamento. Mas, sabia que precisava resolver o que tinha em mente primeiro, ou não teria paz.

Respirei fundo e digitei a resposta:

Desliguei a tela do celular e saí do carro, focando na casa à minha frente. Ajeitei o blazer conforme me aproximava da portaria. Ainda usava o uniforme da escola. O porteiro fez algumas perguntas, e, claro, inventei uma desculpa qualquer para conseguir entrar no condomínio.

Depois que meu pai obteve as informações sobre o atropelamento, decidi seguir algumas pistas por conta própria. No entanto, diante de tudo o que Lila já estava enfrentando, hesitei. Não sabia se valia a pena acrescentar mais esse peso à sua recuperação. Minha garota ainda estava se reconstruindo por dentro, e talvez essa verdade pudesse derrubá-la de novo.

Só que deixar isso de lado não era uma opção. Não quando eu sabia que o culpado continuava vivendo sua vida normalmente, sem sofrer as consequências do que fez.

Assim que uma funcionária abriu a porta, entrei, exibindo um dos meus melhores sorrisos. Ela parecia ter por volta de cinquenta anos.

— O jovem Lochlann já vai descer — informou, com simpatia. — Gostaria de beber algo?

— Não, obrigado.

Ela se afastou, deixando-me sozinho no hall. Era uma casa luxuosa. Caminhei pelo espaço, observando os detalhes, as mãos enfiadas nos bolsos, desejando aparentar uma calma que estava

longe de sentir.

Por dentro, eu estava fervendo de raiva.

— Ah, olá! — Uma voz me pegou de surpresa. Virei-me a tempo de ver um rapaz de estatura média descendo as escadas. Seus cabelos eram escuros e cacheados. — Eu conheço você? — Estreitou os olhos, confuso.

Mantive uma das mãos no bolso, enquanto estendi a outra para ele.

— Não, você não me conhece. E, sinceramente, não sei se vai gostar de me conhecer — respondi, notando a expressão dele se transformar em confusão e, talvez, um pouco de medo, embora tenha aceitado meu aperto firme. — Vamos lá fora conversar. Prefiro fazer a bagunça lá para não estragar esse piso impecável — completei, sorrindo de forma ameaçadora.

Os olhos dele se arregalaram.

— Quem é você, cara? — quis saber, ficando desconfortável. — Acho que você está me confundindo com outra pessoa...

— Não, não estou — interrompi, aproximando-me em um rompante e agarrando seu braço, nossos rostos quase se tocando. — Sem fugas. — Sorri ainda mais. — Meu nome é Nolan Sullivan, e nós vamos ter uma conversa civilizada. Fique tranquilo.

Ao ouvir meu sobrenome, ele ficou em silêncio, ainda atordoado, e deixou-se ser guiado para fora. Paramos no jardim, onde finalmente o soltei, mal controlando minha raiva antes de ir direto ao ponto:

— Algumas semanas atrás, você atropelou alguém. E esse alguém era minha namorada — falei entre dentes, sentindo a mandíbula tensa. — E você foi tão covarde que fugiu sem prestar socorro. — Me aproximei mais, e ele recuou ao perceber minha fúria. — Você a deixou lá... para morrer!

Piscou rapidamente, confuso.

— *O-o* quê? Do que você está falando? Eu não atropelei ninguém, ficou maluco?

Sorri, já esperando que ele fosse negar. Peguei meu celular e mostrei a foto do carro dele naquela noite, de vários ângulos, correndo em alta velocidade.

— Reconhece? — Aproximei a tela do rosto dele. — Vê a data e a hora? — Apontei para os detalhes na imagem. — Esse carro é seu. Está no seu nome. Eu conferi.

— Sim, é o meu carro! — confirmou, a voz tremendo. — Mas eu juro que não atropelei ninguém!

Parecia à beira do pânico.

— Vai continuar mentindo? — grunhi em um timbre baixo e ameaçador.

Notei sua respiração acelerar.

— Calma... estou tentando pensar, mas você me pressionando não ajuda! — Passou as mãos pelo rosto de forma agitada. — Ah, claro! — exclamou, instantes depois, piscando rapidamente. — Eu me lembro dessa noite. Mas eu não estava dirigindo.

Franzi o cenho.

— Como assim? — Guardei o telefone.

— Eu não estava no volante... porque estava chupando o *cara* que dirigia — contou, e eu congelei, surpreso com a revelação. Isso era a última coisa que eu esperava ouvir. — Mas eu não o vi atropelar ninguém. Achei que ele só estava dirigindo mal. Bom, eu estava ocupado com o pau dele, então...

— Ok, sem detalhes íntimos! — interrompi, fazendo uma careta ao sentir a bile subir na garganta. — Como você não percebeu que ele atropelou alguém? Você acha que sou idiota?

Sacudiu a cabeça freneticamente.

— Eu juro que não percebi! — Levantou as mãos em rendição. — Eu só senti um impacto, mas pensei que fosse um buraco ou uma lombada. Porra, cara, eu estava bêbado *pra caralho* também.

Respirei fundo, absorvendo tudo aquilo.

— Certo. E quem era ele, afinal? — perguntei, cruzando os braços. — Me diga o nome do *cara* com quem você estava... bom, você sabe... colocando a boca. — Gesticulei de forma impaciente, sem jeito para completar a frase.

Ele riu da minha tentativa desajeitada de perguntar.

— Não sei o nome dele. Era só sexo casual. Não pergunto nomes, isso cria intimidade. — Coloquei as mãos na cintura, sentindo minha paciência se esgotando. — Espera, tenho uma foto dele aqui. — Pegou o celular. — Sorte sua ter chegado agora, porque eu estava prestes a apagá-la. — Sorriu, mas eu permaneci sério. — Aqui está o gostosão. — Quando vi a foto, senti o chão sumir sob meus pés. Eu o reconheci na hora. — Que pau!

A ânsia se tornou quase insuportável!

— Já disse para não entrar nesses detalhes! — sibilei, agarrando-o pela camisa e o prensando contra a parede. — Enquanto sua boca estava no pau dele, ele atropelou minha namorada!

Voltou a erguer as mãos em rendição, consciente de que não aguentaria uma briga comigo.

— Ei, calma aí, *grandão*. A menos que você esteja pensando em tirar minha roupa, sugiro que dê um passo para trás. Isso está me animando! — Lambeu os lábios de forma provocadora.

Soltei-o quase instintivamente. Pela primeira vez, recuei numa briga, mais por desconforto do que por medo. Nem se eu gostasse de caras, escolheria alguém tão podre.

— Da próxima vez que quiser fazer suas festinhas, faça fora da estrada, *inferno!* — grunhi. — Não sabe o que é motel?

Percebi que ele estava um tanto perdido.

— Sua namorada está bem? — quis saber, com um tom de culpa na voz. — Por favor, me diz que eu não fui, indiretamente, responsável pela morte de alguém.

Abri um sorriso sombrio.

— Acredite, se eu a tivesse perdido, eu não seria o único a sofrer. Seus pais também estariam chorando agora — rosnei, deixando a ameaça no ar, me deliciando ao ver o pavor tomando conta do rosto dele antes de me virar e sair dali.

Meu coração martelava no peito enquanto eu esperava diante da porta. Aquele lugar — justamente aquele — era o último em que imaginei estar para resolver algo tão sério. Em nenhuma das possibilidades que minha mente já havia criado, por mais absurdas que fossem, essa cena faria sentido. Mas o destino, como sempre, parecia se divertir às custas da nossa dor.

Desde que descobri que o atropelador de Lila havia fugido sem prestar socorro, fiz uma promessa silenciosa a mim mesmo: ele enfrentaria as consequências. Ninguém feria alguém que eu amava e simplesmente seguia em frente como se nada tivesse acontecido.

Nem que eu tivesse que ir até o inferno para isso.

Agora, com as mãos apoiadas na moldura da porta, sentia como se o chão sob meus pés estivesse prestes a ceder. Estava perdido, sem saber se avançava, recuava ou simplesmente desabava ali mesmo. Eu não estava pronto para o que vinha a seguir.

E, talvez, nunca estivesse.

Quando a porta finalmente se abriu, meu olhar encontrou o dele. Lutei contra o impulso de agir por instinto, algo que minha consciência, ainda que abalada, tentava conter.

Um sorriso amargo se formou, quase involuntário, enquanto minha voz saía entre os dentes cerrados:

— Olá, Rory.

CAPÍTULO 30

Lila Byrne

Enviei a mensagem e fiquei encarando a tela do celular, ansiosa pela resposta.

Mais cedo, quando meu pai me deixou no prédio onde o Nolan tinha um apartamento, eu não imaginava que encontraria o imóvel vazio. Como tinha uma cópia da chave, entrei, mas logo fiquei inquieta ao não o ver.

O celular vibrou na minha mão com uma resposta:

Assim que terminei a leitura, ergui os olhos na direção da porta entreaberta do quarto. Um sorriso suave surgiu em meus lábios ao vê-lo ali, encostado no batente, observando-me em silêncio. Seus olhos estavam fixos em mim, aquele azul intenso que sempre mexia comigo.

— Onde você estava? — Larguei o celular na cama. — Demorou para chegar.

Ele caminhou até mim, e eu não pude deixar de admirar como o uniforme da escola destacava os músculos definidos do seu corpo. Nolan tinha o dom de me fazer amá-lo e desejá-lo todos os dias, a cada momento. Nas últimas semanas, essa vontade só aumentou. Saber que ele ficou ao meu lado, mesmo depois de descobrir toda a verdade sobre mim e meu passado, só reforçava o que eu sentia por ele.

— Tive que resolver um problema. — Inclinou-se para selar meus lábios com os dele. — Sentiu saudades, né? — murmurou contra minha boca, com os olhos fixos nos meus. Sua mão deslizou entre minhas pernas, arrancando de mim um arfar constrangedor. — Aposto que sua bocetinha ficou ansiosa pela minha chegada, não é? — Passou os dedos por cima da minha calcinha, provocando ainda mais.

Eu usava um vestido de alças, e isso facilitou suas investidas.

Levei a mão ao seu pescoço, na intenção de puxá-lo para mais perto, mas ele riu de forma presunçosa e se afastou.

— Infelizmente, ainda não posso te dar toda a atenção que você merece, *baby* — avisou, acariciando meu rosto com delicadeza. — Temos uma visita lá embaixo. Ou melhor, *você* tem uma visita.

Pisquei, sem entender o que ele dizia. Estava difícil afastar a névoa de desejo que ele havia despertado em mim.

— Quem é? — perguntei, um pouco ofegante. — Aliás, você não me explicou que problema foi esse que precisou resolver. — Olhei para ele com desconfiança.

Manteve a mão no meu rosto, me observando de uma maneira intensa, como se quisesse gravar cada traço meu em sua mente. Nolan tinha essa mania de me olhar assim.

— Alguém que precisa te contar algo — respondeu, sem dar mais detalhes.

Antes que eu pudesse protestar, ele me pegou nos braços e, de repente, eu estava em seu colo. Olhei para ele, notando uma preocupação sutil em sua expressão.

— Você está estranho — comentei, sentindo uma leve inquietação. — O que aconteceu?

Sua resposta foi tocar meus lábios com os seus.

Eu estava tão envolvida nos beijos dele que demorei a perceber que já estávamos andando pelo corredor. Quando finalmente chegamos às escadas, meus olhos automaticamente foram para o hall, mas não havia ninguém. Nolan me conduziu até a sala e me colocou sentada no sofá.

Antes que eu pudesse perguntar sobre a tal visita, ouvi um soluço vindo da porta. Virei a cabeça e fiquei atordoada ao ver Rory ali, em lágrimas, o rosto tão vermelho quanto um tomate.

— Meu Deus, Rory! O que aconteceu? — perguntei, misturando susto e preocupação. Olhei de Rory para Nolan, que se afastou em silêncio conforme meu amigo se aproximava. — O que houve? — insisti, assustada.

Rory continuou chorando enquanto se jogava ao meu lado no sofá, envolvendo-me em um abraço apertado. Nós havíamos passado o dia juntos, e ele parecia estar bem.

— Rory, você está me assustando — avisei, com a voz embargada. Eu odiava vê-lo daquele jeito. — Foi seu pai? — Passei as mãos em suas costas, desejando acalmá-lo de alguma forma.

— *U-ursinho...* — gaguejou, entre soluços.

Aflita com seu choro, o empurrei delicadamente e me levantei, tremendo da cabeça aos pés. A situação ficou mais esquisita quando Rory segurou minhas mãos entre as dele.

— Eu estou aqui, estou aqui — soprei, lutando para não chorar junto com ele. Sua angústia estava me sufocando. — Me conta o que aconteceu.

Vi quando ele tentou secar as lágrimas com a barra da camiseta, mas elas continuavam a cair sem parar. De repente, senti Nolan segurar meu ombro, me afastando um pouco.

Pisquei, confusa, virando a cabeça para ele.

— O que está fazendo? — rosnei, sem entender a atitude defensiva. Se ele estivesse com ciúmes numa hora dessas, eu o mataria.

— Te dando apoio, *baby* — respondeu, o que só aumentou minha confusão.

Apoio? Como assim? Notei, então, que Nolan fixou o olhar em Rory.

— Já está na hora de contar, não acha? Chega de enrolar!

Franzi o rosto, olhando de um para o outro. Rory fungou, abaixou os olhos para suas mãos e, de repente, soltou as palavras que mudariam tudo:

— Fui eu, Lila — confessou, a voz trêmula. — Eu... eu que te atropelei e fugi.

Naquele momento, foi como se o chão tivesse desaparecido sob meus pés. Minhas pernas fraquejaram, e eu teria realmente desabado se Nolan não estivesse ali, me amparando.

Meu coração disparava descontrolado, um zumbido agudo preencheu meus ouvidos, e um gosto amargo subiu pela garganta.

Com o apoio de Nolan, consegui me sentar de novo, embora ainda atordoada. Ao meu lado, os soluços de Rory se misturavam com palavras desconexas, tentativas desesperadas de se explicar:

— Naquela noite... eu... eu não estava bem. Tinha tido várias brigas em casa, além de um monte de problemas pessoais acumulados.

Fez uma pausa, buscando recuperar o fôlego, e passou as mãos pelo rosto molhado de lágrimas.

— Conheci o dono do carro em um bar... ele bebeu demais, estava completamente fora de si. Então... eu decidi assumir o volante por ele. — Seu olhar vacilou, e por um momento ele engoliu em seco.— Quando percebi o que tinha acontecido, parei o carro e corri de volta *pra* ver... *pra* ver quem eu tinha atropelado. Eu não sabia... eu juro, Lila, eu não sabia que era você.

O choro tomou ele por completo, descontrolado, rasgando suas palavras.

— *E-eu* nunca me senti tão horrível em toda a minha vida. Fiquei apavorado com a ideia de te perder... de ter sido o responsável por isso.

Eu estava em choque, sem saber o que dizer ou como reagir.

— Para de inventar desculpas, *porra!* — grunhiu Nolan ao meu lado, ainda em pé, com uma das mãos no meu ombro.

Rory se jogou de joelhos aos meus pés, ameaçando pegar minha mão, mas eu estava desnorteada demais. Nunca, nem em um milhão de anos, eu imaginaria que ele pudesse me machucar, mesmo que sem intenção.

— Você deveria ter ficado — sussurrei, os sentimentos confusos dentro de mim. — Eu sei que você nunca faria isso de propósito, mas... você fugiu.

Afastei minhas mãos dele, sem conseguir tocá-lo naquele momento. Levantei-me, precisando de espaço... e de ar. Tudo estava uma bagunça na minha cabeça.

— Por favor, Lila, me perdoa. Me perdoa, *ursinho*.

Não aguentei mais e permiti que as lágrimas começassem a cair, conforme eu permanecia de costas para ele. Ver Rory naquele estado me destruía, mas... *droga!*

— Você pretendia me contar, algum dia? — Finalmente me virei para ele, que continuava ajoelhado no mesmo lugar.

Sacudiu a cabeça, com um suspiro pesado.

— Não sei — respondeu, abatido. — Estou sendo sincero, Lila. O que eu mais temia era encarar esse seu olhar agora. — Apontou para mim.

Passei as mãos pelo rosto, enxugando as lágrimas. Nolan se aproximou, segurando meu braço.

— Vamos subir, *baby* — sugeriu. — Você já está muito abalada. E não pode colocar peso na perna ferida.

Me desvencilhei dele, com o foco no Rory.

— Foi por isso que você se afastou de mim nas últimas semanas, não foi? — Não era uma pergunta. Agora, tudo começava a fazer sentido.

— Eu me afastei porque não conseguia encarar você. Como eu poderia? — sua voz soou embargada. — Você é tudo para mim, Lila. A irmã que eu nunca tive. A pessoa em quem mais confio no mundo, minha melhor amiga.

— Lila... — Nolan insistiu, ameaçando me puxar de novo.

— ESPERA, NOLAN! — gritei, irritada, e ele suspirou, contrariado.

Me aproximei de Rory, que continuava chorando descontroladamente. Segurei o rosto dele, mesmo sentindo uma leve hesitação. Levantei seu olhar para o meu.

—Eu sinto muito, *ursinho*. Sinto muito mesmo. *E-eu...*

— Eu te perdoo — interrompi, dizendo o que ele jamais esperava ouvir.

Piscou, incrédulo.

— Não, não... você não pode me perdoar. Vou entender se nunca mais quiser olhar na minha cara, eu...

— Rory, eu te perdoo — repeti, com um sorriso fraco. — Ainda estou em choque com tudo o que ouvi, mas isso vai passar. Tire esse peso do seu coração, porque eu ainda te amo.

Sua expressão de espanto ficou evidente conforme secava as lágrimas.

— Você... ainda me ama?

Meu sorriso se tornou mais genuíno.

— Claro que sim! Você cometeu um erro, um grande erro, mas não posso te condenar para sempre e deixar que você carregue isso pelo resto da vida.

— Eu deixaria! — resmungou Nolan, e eu o cutuquei nas costelas, brava com sua falta de sensibilidade.

— Você é meu melhor amigo, e não estaria daquele jeito, evitando estar na própria casa, se seu pai não fosse tão horrível.

Sentei-me novamente no sofá, e Rory se aproximou, envolvendo-me em um abraço apertado. O choro dele retornou com ainda mais força, sacudindo seu corpo contra o meu. Por instinto, passei a mão por suas costas, num gesto calmo e repetido.

— *Shh,* já passou. Eu estou bem agora, e estou aqui com você. — Beijei seu ombro. — Mas vou precisar de um tempo para processar tudo isso. Isso não quer dizer que eu não te ame.

Afastou-se do meu abraço, fungando e limpando o nariz.

— Claro, claro — tentou sorrir, parecendo um pouco mais aliviado. — Obrigado, *ursinho.* — Beijou minhas mãos. — Eu te amo tanto. Sinto muito, de verdade.

—*Tá* bom, *tá* bom, já chega dessas declarações de amor na minha frente, *caralho!* Já estou aturando demais — resmungou Nolan, e não pude evitar rir, enquanto Rory se levantava. — Só para constar, ela te perdoou, mas eu não! — grunhiu, olhando diretamente para Rory.

— Nolan!

— Não, tudo bem, Lila. — Rory interveio com um sorriso. — Eu entendo. Só o fato de ter seu perdão, já é mais do que eu poderia pedir.

Levantei-me para abraçá-lo mais uma vez.

— Por favor, fique bem — pedi em seu ouvido.

Não respondeu com palavras, apenas sorriu. Logo depois, pegou o casaco e o celular que estavam no sofá e caminhou em direção à saída.

Sentei-me mais uma vez, permitindo que o peso daquela revelação se espalhasse por cada fibra do meu corpo. Sempre carreguei uma mágoa pela pessoa que me atropelou ter fugido sem sequer olhar para trás. Não era algo em que eu pensava todos os dias, mas, agora, essa ferida parecia ter sido aberta de novo, mais crua do que nunca.

— Você está bem? — quis saber Nolan, se aproximando.

Neguei com a cabeça.

— Foi você quem descobriu, ou ele te contou?

Sentou-se ao meu lado.

— Eu descobri — respondeu, e eu nem me surpreendi. — Você viu o estado dele, Lila. Acha mesmo que ele teria coragem de te contar algum dia? — Revirou os olhos, impaciente. — Fui atrás do dono do carro, e o *cuzão* me contou que não era ele quem estava dirigindo naquela noite. Foi assim que cheguei ao Rory. — Estalou os lábios. — Dei a ele duas opções: ou ele contava, ou *eu* contava. E, honestamente, minha versão talvez não fosse tão gentil.

Assenti, absorvendo suas palavras. Ficou claro que Nolan estava ressentido. Ele nunca gostou da minha amizade com Rory, e isso só piorou as coisas.

Apertei sua mão.

— Por favor, não conte isso para ninguém — pedi, sem esconder a aflição. — Vamos deixar essa história morrer aqui.

Ficou me olhando por alguns segundos, em silêncio.

— *Baby*, eu não posso...

— Se você me ama, você pode sim! — interrompi, com firmeza. — Rory já está pagando o suficiente por erros que ele nem mesmo tinha a intenção de cometer. Eu estou bem, e isso é o que importa. Se isso vier à tona, Rory será preso, e a vida dele vai acabar. Eu não quero isso. Quero que ele tenha a chance de ser feliz.

Nolan levou as mãos ao rosto, esfregando-o e deixando escapar um gemido de pura frustração.

— Ninguém me avisou que amar alguém significava estar sempre à beira de renunciar às próprias vontades. — Puxou-me para seus braços, parcialmente. — Faço isso por você. Não por ele.

Sorri contra seus lábios, beijando-o com carinho.

— Para mim, isso já basta.

Num movimento rápido, ele me empurrou para trás, deitando-me no sofá.

— Agora, vamos voltar ao que tínhamos deixado inacabado. — Mordeu meu lábio inferior e desceu para o queixo. — Estou maluco por esses peitinhos. — Apertou meus seios com ambas as

mãos.

Cravei os dentes nos lábios, contendo um sorriso.

— Você é tão sem vergonha!

Abaixou a alça do meu vestido, expondo meus seios.

— E você adora isso! — zombou, piscando para mim de forma provocante.

Eu nem me dei ao trabalho de negar, porque seria pura hipocrisia.

Quase soltei uma risada ao ver Lila morder a própria mão, lutando para abafar os gemidos enquanto eu alternava entre chupar sua boceta suculenta e movimentar meus dedos dentro dela. Suas pernas estavam sobre meus ombros, e, de vez em quando, ela envolvia meu pescoço com elas, na ânsia de acelerar o êxtase que eu insistentemente prolongava. Eu amava vê-la sob meu controle, enlouquecida por mim, na mesma intensidade que eu me perdia por ela.

A cada dia, mais intensamente.

— Nolan, por favor... — implorou, entre respirações entrecortadas.

O pedido dela foi minha ruína. Acelerei os movimentos dos dedos em sua boceta, apreciando o som da sucção. Ela estava completamente molhada, seu cheiro me tirando o controle.

— Então deixa que todos ouçam — exigi, saboreando cada instante. — Que todos saibam o quanto você é minha.

Vi seu rosto corar um pouco mais.

— *Argh!* Cretino! — xingou, tirando a mão da boca e puxando meus cabelos. — Me faça gritar, então.

Um rosnado escapou de mim; adorava essa faceta mais ousada dela. Mordi a parte interna de sua coxa e subi com beijos, pausando em seus mamilos para provocá-la, até nossos lábios se encontrarem. Eu já estava nu, e só precisei afastar suas pernas, que logo se enroscaram ao redor da minha cintura.

— Espero que esteja pronta para gritar, *baby* — sussurrei.

Seu corpo respondeu prontamente, facilitando minha entrada. Mergulhei fundo em sua boceta, e Lila agarrou minhas costas, os gemidos dela se misturando aos meus. Ver seu descontrole, mesmo que tentasse se conter, era fascinante.

Observei cada movimento, cada gemido em resposta ao meu ritmo ficando mais intenso. No instante que a senti gozando, gritando como uma desesperada, eu diminuí a velocidade, até me afastar, rolando seu corpo de costas. Ela entendeu imediatamente, posicionando-se de quatro, o rosto voltado para me observar.

Eu estava à beira da cama, em pé, quando voltei a penetrá-la.

— Nunca me canso disso, Lila, nunca. — Gemi, a visão do meu pau entrando e saindo da sua boceta me deixando ainda mais excitado. Massageei seu quadril, dando um tapa que a fez gritar de novo.

Enquanto me movia, introduzi um dedo lentamente em seu buraquinho enrugado, explorando novas sensações que já vínhamos testando nas últimas semanas. Não era novidade que eu desejava tê-la de todas as formas.

— *Hmm*... Nolan... — gemeu, se movendo para mais do meu toque ousado.

— Seu cuzinho está praticamente esmagando meus dedos, *baby* — soprei, me inclinando e mordendo seu ombro. — O que acha de tentarmos com meu pau, hein? — perguntei. — Se doer muito, eu paro.

Hesitou um segundo, totalmente entregue ao prazer.

— Está bem — respondeu no fim.

Sorri, passando minha língua em seu pescoço e orelha antes de me afastar. Focando-me, ajustei sua posição com cuidado. Cuspi na minha mão, deslizando-a em sua entrada traseira e iniciei um movimento lento. Lila se manteve quieta, um pouco tensa à medida que eu ia a reivindicando.

— Precisa relaxar— avisei, tocando seu clitóris para ajudá-la. — Ou acabará sendo desconfortável.

— Estou tentando, mas você parece um cavalo — retrucou, nervosa, e não consegui segurar o riso. — Não me admiraria se me dissesse que tem vinte centímetros.

— Vinte e dois, *baby* — corrigi, arrogante, e ela só grunhiu em resposta.

Comecei a penetrá-la devagar, entre beijos e toques carinhosos. Ao me sentir completamente dentro, tive que respirar fundo para me conter; o aperto ao redor do meu pau era uma tortura deliciosa.

— *Caralho!* — xinguei, prendendo meu peito em suas costas. — Estou à beira de perder o controle.

Lila soltou uma risada suave.

— Vocês homens são tão estranhos... nunca vou entender essa fixação por sexo anal.

Sorri, controlando o ritmo ao iniciar os movimentos.

— Não é apenas isso, *baby*. É mais sobre saber que agora você é minha em todos os sentidos.

Ela tentou responder, mas logo sua voz foi engolida pelos gemidos que aumentavam junto com a intensidade dos meus movimentos.

— Oh meu Deus! — gritou, atordoada. — Nolan, o que é isso? Parece que estou levando um choque...

Não consegui segurar a risada conforme continuava investindo em seu cuzinho. Quando Lila alcançou o êxtase de novo, finalmente me permiti liberar também.

— Lila, *porra!* — grunhi, perdido na sensação única.

Retirei-me dela devagar e, exausta, ela caiu de lado na cama, tendo espasmos descontroláveis. Seu rosto, marcado pelo prazer, era uma visão hipnotizante.

— *Nã-não* me toca! — sibilou, tremendo inteira.

— *Caralho,* isso é tão lindo! — Não escondi o sorriso. — Olha só para você, *baby*, toda melada e se tremendo toda... — deslizei a mão até ela de novo.

— NOLAN! — berrou, meio rindo, meio chorando. — Para, por favor...

Ri enquanto a puxava para um beijo suave. Puta merda, ela era perfeita. Perfeita e minha.

Depois de um tempo, já de banho tomado, Lila e eu saímos do quarto. Como a noite estava agradável, eu queria levar minha garota para uma caminhada na praia.

A casa onde estávamos era da minha família, um lugar que eu frequentava muito durante minha infância, junto com meus pais e meu irmão. Convencer Keelan a deixar Lila vir comigo, meus primos e alguns amigos nossos, não foi fácil, mas o homem acabou cedendo. Ele sabia que, eventualmente, não conseguiria me manter longe de sua filha.

Se fosse por mim, estaríamos celebrando o fim do ano letivo ali, sozinhos, para que eu pudesse fodê-la em cada canto daquela casa imensa. Mas Lila adorava socializar, então meus primos estavam por toda parte, bebendo e fazendo bagunça, como de costume. Até Tara e Rory apareceram. Claro, Rory não foi convidado por mim.

Jamais o perdoaria pelo que ele fez. Nunca.

— O que eles estão fazendo? — Lila perguntou, enquanto terminávamos de descer os últimos degraus da escada.

Olhei para a sala e vi a confusão.

— Parece que estão jogando "Verdade ou Consequência" — respondi, notando Tara e Ross participando. Óbvio que o idiota não perderia a chance.

— Ei, vocês dois, venham jogar com a gente! — Tyler gritou, levantando seu copo.

Entrelaçando meus dedos aos de Lila, recusei com um sorriso.

— Para nós dois, a única verdade que importa é o que sentimos um pelo outro — falei, olhando para Lila, que sorriu timidamente. — A menos que a consequência seja ela em cima de mim ou eu em cima dela.

A sala explodiu em gargalhadas, e Lila ficou vermelha de vergonha, me dando tapas no braço.

Rindo, peguei-a no colo e a joguei sobre meu ombro, saindo para o lado de fora, sem me importar com os socos que ela desferia nas minhas costas.

Quando senti a areia nos meus pés, coloquei Lila no chão. Ela ainda estava brava.

— Você precisa parar de me deixar envergonhada desse jeito, Nolan! — reclamou, batendo o pé. Meu coração se enchia de alegria ao vê-la com a perna completamente recuperada, sem o uso da bota imobilizadora. — Agora eles vão achar que a única coisa que fazemos é sexo!

Franzi a testa, fingindo confusão.

— Mas não é isso que fazemos na maior parte do tempo? — retruquei, colocando a mão no peito. — Porque, sinceramente, eu vivo *pra* te comer, *baby*.

Revoltada, ela tentou me bater de novo, mas me esquivei e comecei a correr, provocando-a.

Ficamos assim por alguns minutos, rindo e nos molhando com as ondas que chegavam à areia. Em um momento, a puxei para o chão, comigo debaixo dela, ambos encharcados.

Interrompi minha risada só para escutar a dela. Levei a mão ao seu rosto, encantado com o sorriso bonito que se abriu. Meus dedos seguiram um caminho suave até tocar a cicatriz. Ainda era difícil encarar aquela marca sem lembrar do quanto estive perto de perdê-la para sempre.

— Enquanto depender de mim, vou fazer de tudo para que você seja a garota mais feliz do mundo — prometi, com sinceridade. — Eu sou completamente apaixonado por você, Lila.

Acariciou meu rosto, ainda deitada sobre mim.

— Eu sei, *morceguinho*, eu sei — disse, inclinando-se para me beijar. Depois, deitou-se ao meu lado, olhando para o céu. — Lembra quando éramos crianças e prometemos ver as estrelas juntos?

— Claro que lembro — respondi, beijando a ponta do seu nariz. — Mas se você quiser, posso te mostrar outro tipo de estrela também...

Voltou a rir, o som doce ecoando aos meus ouvidos.

— Para com isso, Nolan! Ainda nem me recuperei do último orgasmo — resmungou, entre risadas.

Ri junto.

— Vou te dar duas opções, o que acha? Serei generoso.

— Ah, não... Sério? — fingiu desânimo, embora seus olhos brilhando de euforia a entregassem.

Me sentei, abraçando minhas pernas, e olhei para Lila, ainda deitada ao meu lado.

— Você fica e eu te fodo aqui mesmo — falei, estalando a língua. — Ou, você corre, eu te alcanço, e te fodo do mesmo jeito.

Sentou-se também, franzindo o cenho.

— Mas nas duas opções você me fode — comentou, confusa.

Meu sorriso se alargou.

— As opções são minhas. Eu crio as regras.

Semicerrou os olhos.

— Isso não parece justo.

Toquei sua perna, acariciando sua pele macia.

— Justo é você se perder e gemer tão alto que até as estrelas possam escutar, *baby* — lambi os lábios, só de imaginar. — Agora corre... E eu prometo que farei você gozar gostoso.

Não precisei repetir.

Um sorriso malicioso se formou nos meus lábios enquanto a via correr, sabendo que eu a pegaria logo.

Minha. Apenas minha.

FIM

Eu me esforçava para segurar as lágrimas, mesmo sabendo que seria impossível. Não era um momento triste, era um recomeço. Ainda assim, eu não conseguia evitar a sensação de perda.

Pouco mais de dois meses atrás, meu pai recebeu uma proposta de trabalho irrecusável. Não era surpresa para mim o quanto ele era um advogado excepcional, e eu sempre torci para que ele fosse reconhecido por isso. E foi o que aconteceu.

Mas a oportunidade surgiu em Los Angeles.

Quando ele me deu a notícia, foi como se o chão tivesse desmoronado sob meus pés outra vez, e em um curto espaço de tempo. Eu ainda estava lutando para me reerguer depois de tudo o que aconteceu; aprendendo a lidar com meus traumas e demônios. Como eu poderia ir embora? Como deixaria Nolan para trás?

A notícia o atingiu também, e, pela primeira vez, eu o vi vulnerável. Ele ficou tão abalado quanto eu.

— Pode chorar, *baby*, não tem problema — comentou ao meu lado, interrompendo meus pensamentos. Virei o rosto para ele, e o sorriso que me lançou aqueceu meu coração. — Mas saiba que a distância entre a Irlanda e Los Angeles é de apenas sete horas. É só um pulo.

Soltei um riso leve, enxugando as lágrimas que insistiam em aparecer.

— Um pulo? Você está exagerando, Nolan. Fazer parecer fácil não muda nada.

Ele riu também e me puxou para seus braços.

— Não sou eu que estou facilitando, é o jatinho particular da minha família — disse no tom

arrogante de sempre. — Você namora um filhinho de papai, lembra?

Dei risada.

— Ah, você é muito exibido!

Nesse momento, meu pai se aproximou de nós dois, guardando o celular no bolso do paletó. O grande Keegan Byrne parecia um pouco agitado, checando o relógio.

— Está na hora de ir, minha princesa — avisou, me envolvendo em seus braços. Senti seus beijos suaves na minha cabeça. — E você sabe que basta uma palavra sua e eu estarei aqui no próximo voo, certo? — Afastou meu rosto para olhar nos meus olhos. Sua expressão estava aflita.

No fim, ficou decidido que eu permaneceria na Irlanda, sob a tutela dos Sullivan, mesmo já tendo completado dezoito anos. Meu pai tomou essa decisão porque, depois de tudo que aconteceu, ele não queria partir meu coração me separando do Nolan. Ele entendia o quanto meu *morceguinho* era importante para mim.

Com tudo resolvido, a senhora Audrey se despediu de nós na semana passada, dizendo que iria para outra cidade cuidar da mãe. Chorei o dia todo com a despedida dela.

— Vou sentir tanta saudade, pai — soprei, ainda em seus braços. — Promete me ligar todos os dias?

— Prometo, querida. — Ele beijou minha testa com carinho. — Você é a melhor parte de mim. Sabe disso, não sabe? — Vi seus olhos levemente vermelhos, embora ele não estivesse chorando.

— Sei, pai. Eu sei sim. — Me joguei em seus braços outra vez.

Nos afastamos quando anunciaram o voo dele. Nolan se aproximou para apertar a mão do meu pai, e o aperto foi firme.

— Estou confiando minha filha a você, rapaz — disse, com seriedade. — Cuide dela como se fosse o seu bem mais precioso.

— Mas é exatamente isso que ela é, senhor Byrne — respondeu, passando o braço possessivamente pela minha cintura. — Sua filha é tudo para mim.

Com o coração apertado, olhei para Nolan, e nossos olhares se encontraram.

Papai pigarreou, inclinando-se para me dar mais um beijo na testa.

— Amo você, querida — declarou. — Nos falamos mais tarde, certo? — Acariciou minha bochecha antes de finalmente se afastar.

As lágrimas que eu havia segurado começaram a cair, deslizando pelo meu rosto, conforme assistia meu pai caminhar em direção ao portão de embarque.

Ao mesmo tempo em que sentia aquela sensação de perda, também sentia uma de liberdade. Era um novo capítulo na minha vida, uma nova realidade. E uma realidade na qual Nolan e eu estaríamos juntos, construindo nosso próprio futuro.

Meus olhos estavam fixos na pilha de caixas espalhadas no meio da sala do apartamento de Nolan. Era tanta coisa para organizar que eu não fazia ideia de por onde começar.

De repente, senti braços me envolverem por trás, apertando minha cintura.

— A partir de agora, vou te comer dia e noite. — Nolan sussurrou no meu ouvido, fazendo meu corpo inteiro se arrepiar.

Dei um sorriso e mordi os lábios, virando-me para ficar de frente para ele. Enlacei meus braços ao redor do seu pescoço.

— Foi só por isso que você insistiu para eu vir morar aqui? — provoquei, oferecendo meu pescoço para ele beijar. — Estou começando a me sentir um pedaço de carne.

Sua risada ecoou pelo ambiente e me fez arrepiar ainda mais.

— Nem acredito que vamos morar juntos. — Mordiscou o lóbulo da minha orelha.

— Nem eu. — Soltei um leve gemido. — Até porque meu pai acha que estou vivendo com seus pais.

— E você está, querida. Afinal, onde vamos comer? Na casa deles, claro. — Achou graça.

Não pude evitar rir com ele.

— Eu sei fazer macarrão com queijo. — Declarei, empinando o nariz, que ele não hesitou em morder de leve.

— Ótimo! — respondeu, rindo. — Café com macarrão, almoço com macarrão, e o jantar… bem, vai ser só o queijo. Ou talvez, seja você? — Um sorriso malicioso se formou no canto de sua boca.

Revirei os olhos e o empurrei, fingindo estar irritada.

— Eu posso tentar, *tá?*

Antes que eu pudesse sequer pensar em me afastar, suas mãos me alcançaram de novo, e eu não tive a menor vontade de escapar. Estar nos braços dele era como estar em casa.

— No momento, tudo o que eu quero é comer você em cada canto deste apartamento — declarou com a voz pesada de tesão. — O resto a gente vê depois.

Soltei uma gargalhada. Como ele podia ser tão descarado?

Eu estava prestes a retrucar, mas qualquer palavra se perdeu quando sua língua invadiu minha boca, me silenciando automaticamente. Suas mãos desceram para o meu quadril, apertando com firmeza, enquanto ele aproveitava o fato de eu estar só de vestido.

Empurrei-o contra o sofá, provocando um sorriso satisfeito no rosto dele.

— Alguém aqui está com fome… — brincou, com aquele sorriso de canto que me fazia perder o controle.

— A culpa é sua! — Me sentei em seu colo, as pernas abertas, prendendo-o ali. — Você me deixa louca. — E antes que ele pudesse responder, capturei seus lábios nos meus.

Claro que ele não me deixaria no comando por muito tempo. Uma de suas mãos deslizou para a minha cintura, enquanto a outra segurava minha nuca, guiando o ritmo do nosso beijo. Comecei a me mover, sentindo sua ereção pressionada contra mim, pulsando com intensidade.

— Você nem imagina o que me faz sentir, *baby* — soprou, puxando meu lábio inferior com os dentes.

Quando menos esperei, ele abriu o zíper da calça, abaixou a cueca e, com um movimento rápido, afastou minha calcinha para o lado, me fazendo sentar sobre sua ereção. Já fazia pouco mais de um mês que eu havia começado a tomar anticoncepcional, então nos sentíamos à vontade em não usar camisinha.

— Ah, merda! — Gemeu, apertando meus quadris quando me senti preenchida por completo. — Nunca vou me cansar disso. — Ele jogou a cabeça para trás. — Ainda não acredito na sensação de estar dentro de você sem nada entre a *gente*.

— Eu também não — balbuciei, sentindo o rosto queimar. — É tão… bom.

Aos poucos, eu estava me acostumando a ser mais aberta com ele sobre o que sentia.

Nolan segurou minhas coxas, acelerando os movimentos conforme eu rebolava sobre ele, intensificando o prazer que se acumulava no meu ventre.

— Você é deliciosa demais, *baby.* — Abaixou a alça do meu vestido, sugando um dos meus mamilos. — Tão gostosa…

Assim que o prazer explodiu dentro de mim, me entreguei por completo, envolvendo seu pescoço com os braços enquanto ele continuava a impulsionar contra mim. Pouco depois, Nolan também atingiu o ápice, mordendo meu ombro, suas mãos possessivas apertando minhas nádegas.

Ofegante, encostei minha testa na dele, nossos lábios quase se tocando.

— Eu amo você — soprei, emocionada. — Amo nossa história. Amo o fato de termos nos reencontrado.

Ele sorriu, seus lábios inchados pelos meus beijos. Soltei um gemido baixo quando ele se mexeu, ainda dentro de mim.

— Diga meu nome, *baby.* — Mordiscou meu queixo.

Sorri de volta.

— Morceguinho — sussurrei. — Meu morceguinho.

Nolan puxou minha nuca, reivindicando meus lábios outra vez, com aquela possessividade que era tão característica dele.

— Não vai passar um único dia sem que eu me esforce *pra* te fazer a mulher mais feliz e amada que existe, Lila — prometeu, entre beijos. — Eu te amo, meu amor... te amo tanto que às vezes parece que esse sentimento não cabe no peito.

— Eu sei — respondi no mesmo tom suave. — Eu sei.

Voltamos a nos beijar, ainda presos naquela névoa de desejo e carinho, enquanto minha mente e meu coração me diziam que nosso futuro, juntos, estava apenas começando.

E eu mal podia esperar para viver o meu "felizes para sempre" ao lado do único e grande amor da minha vida.

FIM

@ANYART.SX

Se você ficou curioso para conhecer melhor os casais que apareceram ao longo desta história, aqui vão as dicas de onde encontrá-los:

📖 *Owen e Jasmine* — acompanhe sua história em **Minha para cuidar**

É o livro 2 da série MÁFIA IRLANDESA, mas cada livro pode ser lido separadamente.

Boas leituras!

Quero deixar aqui meu sincero agradecimento a você, leitor(a), por ter dedicado seu tempo e coração a essa história. Nolan e Lila — nosso casal NOLI — ocupam um cantinho muito especial dentro de mim, e poder dividi-los com você foi uma experiência inesquecível.

Se essa leitura te tocou de alguma forma, não deixe de deixar sua avaliação. Ela tem um valor enorme para quem escreve, e ajuda outras pessoas a encontrarem essa história também. Ah, e se tiver aquela amiga apaixonada por romances, compartilha com ela! Amor de livro também é *pra* ser espalhado hahaha.

Com carinho,

Um beijo, e até a próxima história! 💕